



## Índice

Texto 01: Os dois espíões, junho de 1865 .....	3
Texto 02: Uma reconciliação pelo Espiritismo - Setembro/1862 .....	9
Texto 03: Férias da sociedade espírita de Paris - Mensagem de Santo Agostinho - Setembro/1862 .....	10
Texto 04: Pode um Espírito recuar ante a prova? - Outubro/1862 .....	11
Texto 05: Remédio dado pelos Espíritos - Novembro/1862.....	12
Texto 06: Obsessão: causas e meios de combate (reprodução parcial) - Dezembro/1862 .....	13
Texto 07: O caso de um criado - Janeiro/1863 .....	16
Texto 08: François-Simon Louvet, do Havre - Março/1863 .....	18
Texto 09: Fotografia dos Espíritos - Março/1863 .....	20
Texto 10: Exame das comunicações mediúnicas que nos enviam - Maio/1863.....	22
Texto 11: Espíritos incrédulos e materialistas - maio/1863.....	24
Texto 12: Do princípio da não retrogradação do Espírito - Junho/1863 .....	26
Texto 13: Poder da vontade sobre as paixões - julho/1863 .....	29
Texto 14: Senhorita Júlia - Dezembro/1863 .....	31
Texto 15: Período de luta - dezembro/1863.....	34
Texto 16: Médiuns curadores (reprodução parcial) - Janeiro/1864 .....	36
Texto 17: Progresso nas primeiras encarnações - janeiro/1864 .....	38
Texto 18: Primeiras lições de moral da infância - fevereiro/1864.....	39
Texto 19: Um drama íntimo - fevereiro/1864 .....	41
Texto 20: O Espiritismo nas prisões - Fevereiro/1864 .....	43
Texto 21: Da perfeição dos seres criados (reprodução parcial) - março/1864.....	45
Texto 22: Uma tentação - Março/1864 .....	47
Texto 23: A escola espírita americana - Maio/1864 .....	49
Texto 24: Influência da música sobre os criminosos, os loucos e os idiotas (reprodução parcial) - Setembro/1864....	51
Texto 25: Um Espírito que se julga médium - setembro/1864.....	53
Texto 26: Uma família de monstros - Setembro/1864 .....	54
Texto 27: O sexto sentido (reprodução parcial) - outubro/1864 .....	56
Texto 28: O Espiritismo na Bélgica - Outubro/1864 .....	58
Texto 29: Uma volta da fortuna - Outubro/1864.....	60
Texto 30: Uma vingança - Outubro/1864 .....	62
Texto 31: Evocação de um surdo-mudo encarnado - Janeiro/1865.....	63



## Estudo: Revista Espírita de Allan Kardec – Textos Selecionados (parte III)

Texto 32: Criança afetada de mutismo - fevereiro/1865.....	65
Texto 33: Obras primas por via mediúnica - Fevereiro/1865 .....	67
Texto 34: Destruição recíproca dos seres vivos - abril/1865.....	69
Texto 35: Estudo mediúnico - abril/1865.....	71
Texto 36: Manifestação do Espírito dos animais - maio/1865 .....	74
Texto 37: Cura de uma obsedada em Barcelona (reprodução parcial) - junho/1865 .....	76
Texto 38: Teoria dos sonhos - julho/1865 .....	78
Texto 39: Dois irmãos idiotas - agosto/1865 .....	80
Texto 40: A chave do céu - agosto/1865 .....	82
Texto 41: Da mediunidade curadora (reprodução parcial) - agosto/1865 .....	85
Texto 42: Vossos filhos e vossas filhas profetizarão - outubro/1865 .....	88
Texto 43: As mulheres têm alma? - janeiro/1866 .....	90
Texto 44: Considerações sobre a prece no Espiritismo - janeiro/1866 .....	93
Texto 45: Curas de obsessões - fevereiro/1866.....	96
Texto 46: Uma ressurreição - maio/1866 .....	99
Texto 47: Um sonho instrutivo - junho/1866 .....	101
Texto 48: Visão retrospectiva das várias encarnações de um Espírito - junho/1866.....	103
Texto 49: Ocupações dos Espíritos - junho/1866 .....	105
Texto 50 : Pensamentos diversos .....	107

## Texto 01: Os dois espiões, junho de 1865

Um dos nossos correspondentes de São Petersburgo nos envia a tradução de um artigo publicado contra o Espiritismo, num jornal religioso daquela cidade: *Doukhownaïa Beceda* (Práticas religiosas).

É um relato feito por dois jovens de Moscou, os senhores XX..., que se apresentaram a nós em novembro último, sob a aparência de gente da melhor sociedade, dizendo-se muito simpáticos ao Espiritismo e que foram recebidos com as atenções devidas à sua qualidade de estrangeiros.

Nada, absolutamente, em suas palavras e maneiras, traía a intenção que os movia. Era preciso que assim fosse para representarem seu papel e realizarem a missão de que estavam encarregados.

Certamente nossos adversários da França nos habituaram a relatos que não primam pela exatidão, em matéria de Espiritismo, mas, justiça seja feita, nenhum deles, que saibamos, levou tão longe a calúnia. Isto teria sido difícil num jornal francês, pois a lei protege contra tais abusos, mas também porque muitas testemunhas oculares viriam constatar a verdade. Mas, a seiscentas léguas, num país estrangeiro e numa língua aqui desconhecida, a coisa era mais fácil.

Devemos aos numerosos adeptos da Rússia uma refutação desse ignóbil panfleto, cujos autores são tanto mais repreensíveis quanto abusaram da confiança que tinham buscado inspirar. Introduzindo-se sob falsas aparências, como emissários de um partido, numa casa particular e numa reunião privada que jamais é aberta ao público e onde só se é admitido mediante recomendação, para dar publicidade a um relatório desfigurado e ultrajante, colocam-se abaixo dos espiões, porque os espiões ao menos dão exata conta do que viram.

É lamentável, ainda, que semelhantes coisas sejam feitas em nome da religião que elas sejam consideradas necessárias como seu sustentáculo. Não é por tais meios que arruinarão o Espiritismo. Pelo ódio que lhe votam, auxiliam no seu crescimento.

Assim foi com o Cristianismo no seu início. Perseguido-o, os adversários trabalharam para a sua consolidação. Mas, naquela época não havia publicidade, e a calúnia poderia chocar por muito tempo. Hoje a verdade se revela prontamente e quando maldosamente dizem que uma coisa é preta, cada um pode achar, por sua vez, que é branca, e o odioso da calúnia cai sobre seus autores.

As reflexões do jornal são as de todos os detratores, que têm a mesma opinião. Foram refutadas tantas vezes que seria inútil a elas voltar. Contudo, citaremos a seguinte passagem:

*“Os espíritas estarão, com efeito, em comunicação direta com o mundo dos Espíritos, a tal ponto que as mais altas personagens e as mais sagradas venham ao seu apelo ad libitum, à vontade dos médiuns, como ao toque de uma sineta? Não há nisso charlatanismo e grosseira trapaça, não da parte dos Espíritos que Allan Kardec tão bem ensina a distinguir, mas da parte do próprio chefe dessa nova seita, tão sedutora para a imaginação de seus adeptos inexperientes? As duas cartas anexas, de Paris, vindas de pessoas dignas de fé, mas que não quiseram identificar-se, podem dar uma resposta suficiente a essa delicada questão.”*

O Espiritismo jamais disse que os Espíritos, sejam quais forem, vêm à vontade de um médium qualquer. Ao contrário, diz que eles não estão às ordens de ninguém; que eles vêm quando querem e quando podem. Ele faz mais, pois revela as causas materiais que se opõem a que um Espírito se manifeste pelo primeiro que aparecer.

Se a comunicação dos Espíritos não passa de uma ideia sem fundamento e de uma encenação, apenas uma pessoa deveria ter o seu monopólio. Como é que a realidade é constatada há anos por milhares de indivíduos de todas as classes e idades, em todos os países? Então todo mundo representa a comédia, dos príncipes aos

peões, e isso em proveito de quem? O que é ainda mais original é que essa comédia reconduz os incrédulos a Deus e faz que orem os que riam da prece. Jamais se viu uma escamoteação produzir resultados tão sérios.

Quanto às cartas dos dois emissários, seria supérfluo responder às tolas e grosseiras injúrias que encerram; basta citar alguns erros materiais para mostrar o crédito que merece seu relatório sobre o resto.

*“À hora convencionada, fomos encontrar-nos com Allan Kardec. Ele reside numa passagem sempre tomada por uma por multidão. Um grande cartaz anuncia que é lá que se realizam os mistérios do Espiritismo.”*

Ao pé da escada há um pequeno aviso com estas palavras: *Revista Espírita, no 2º andar*, porque lá está a redação do jornal, e sendo todo jornal sujeito ao público, deve indicar a sua sede. Abaixo está escrito: *Sala de cursos*, porque a sala das sessões era primitivamente destinada a cursos diversos que jamais se realizaram desde que residimos nesse local. Eis uma primeira invenção desses senhores tão dignos de fé.

*“Eram cinco horas da tarde. Estava escuro e o espírita não tinha lume. Por corredores tortuosos fomos introduzidos em seu gabinete.”*

Os visitantes jamais foram levados ao meu gabinete, mas a um salão de recepção, que por certo não é o de um palácio, mas onde os que não o acham dignos de si estão perfeitamente livres para não voltar.

*“Depois de nos ter convidado para nos sentarmos, continuou a conversar com um moço desconhecido para nós. As palavras desse último nos permitiram compreender que era um médium novato, e que ele se encontrava obsidiado, pela força impura que lhe dava respostas sob a máscara de puros Espíritos; que a princípio as respostas são veladas por uma inocência perfeita, mas em seguida o diabo se traía pouco a pouco. A voz, o ar espantado do moço, tudo denotava uma violenta agitação. O espírita respondeu que uma pureza moral da vida e a moderação eram necessárias para se comunicar com os Espíritos, e ainda mais: que no começo o médium é ordinariamente perseguido pelos maus Espíritos, mas que depois chegam os bons. O tom desse discurso era o de um mestre ou preceptor. Não há dúvida que tudo isto não passava de uma comédia representada em nossa frente.”*

Esse moço, nós nos lembramos, era um simples operário que nos vinha pedir conselhos, como acontece muitas vezes. Nós *continuamos* nossa conversa com ele, porque aos nossos olhos um operário honesto tem direito a tanto mais consideração quanto mais humilde a sua posição. É possível que esta não fosse a ideia daqueles senhores, mas eles lá chegarão quando, em outra existência, se acharem nas condições daqueles a quem hoje olham com altivez. Quanto à comédia que, *não há dúvida*, era representada por eles, é muito singular que tivesse sido por eles preparada, porque não os esperávamos. À sua chegada, o moço estava só; se nós *continuamos* a conversa, é porque a tínhamos começado. Então nós dois representamos a comédia. Em todo o caso, ela nada tinha de muito interessante, e quando se faz tanto, faz-se algo melhor.

*“Graças a uma obscuridade interessante, o mestre não era visível. Ele dirigiu-se a nós com uma pergunta que sondava nossa crença no Espiritismo, seu desenvolvimento em Moscou e assim por diante. Ele procedia com muita reserva, até que soube do nosso desejo. Trouxeram uma lâmpada. Então vimos à nossa frente um senhor muito corpulento, idoso, a fisionomia bastante agradável, olhos singulares; dir-se-ia que varavam o indivíduo: é o primeiro olhar, e em segundo lugar eram marcados por uma certa nostalgia. Fitei muito tempo seus olhos admiráveis no mais alto grau, sobre sua fisionomia comum.*

*“Não sei por que atraí sua atenção, de sorte que várias vezes me perguntou se eu não era médium. Provando nossa conversa os nossos conhecimentos de Espiritismo, ele começou a tornar-se mais comunicativo.”*

Vê-se qual era o conhecimento deles sobre Espiritismo e sobretudo sua sinceridade. Se, por uma linguagem astuciosa, pensaram nos enganar, eles é que representavam a comédia.

*“Ele pôs-se a falar, em termos obscuros, da alma e dos Espíritos. A princípio sua voz era calma, mas terminou seu discurso com uma ênfase singular. Tendo-lhe perguntado como distingue os bons Espíritos dos maus, ele respondeu que previamente submetiam cada Espírito à prova: Se o Espírito não contradissesse as opiniões morais e religiosas dos espíritas, consideravam-no como puro Espírito. À minha pergunta: Por que só se ocupava da solução de questões morais e nem tocava nas científicas nem nas políticas, pergunta que visivelmente lhe desagradou, respondeu algo neste gênero: Os Espíritos não se metem nisto.”*

Geralmente a política é o terreno perigoso ao qual os falsos irmãos procuram trazer os espíritas. Segundo eles, a moral é coisa muito banal e muito vulgar; isto é muito repisado; é necessário o positivo. Um indivíduo condecorado, que sob falsa aparência se introduziu num meio operário, em Lyon, onde se encontravam também alguns militares, propôs esta questão: “O que os Espíritos pensam de Henrique V?” A resposta dos Espíritos e dos assistentes não lhe deu vontade de continuar nem de voltar.

*“Depois de certa hesitação, ele nos permitiu assistir à reunião dos espíritas na sexta-feira. Eles pretendiam interrogar um coronel da guarda, médium há pouco falecido. Dissemos-lhe adeus. A noite de sexta-feira me interessa, e vos darei conta de tudo o que vir e ouvir. Entretanto, dizem que ele cobra cem francos por sessão. Se for verdade, fica bem entendido que não poderei ver nem ouvir. Sacrificarei dez francos, no máximo. “Paris, 2/14 de novembro de 1864.”*

\*\*\*\*\*

Independentemente de nossos bem conhecidos princípios, claramente formulados em nossas obras, em relação à exploração do Espiritismo sob qualquer forma, mais de seis mil ouvintes que foram admitidos às sessões da Sociedade Espírita de Paris, desde a sua fundação, a 1º de janeiro de 1858, podem dizer se alguma vez um só pagou alguma coisa como contribuição obrigatória ou *facultativa*, e mesmo se lhe foi imposto o que quer que fosse, como condição de admissão, como a compra de um só livro ou a assinatura da *Revista*. Quando se explora o público, a escolha não é difícil; visa-se a quantidade. Não seria concebível, portanto, a *hesitação* para admitir esses senhores; em vez de *permitir* que viessem, teríamos solicitado. Só por estas palavras eles se traem; mas não pensam em tudo.

A partir do momento que, como dizem, tinham ouvido falar que eram cobrados cem francos por pessoa, e que eles concordariam em dar apenas dez, como é que não confirmaram com antecedência? Era muito natural, necessário mesmo no-lo perguntar para não se verem apanhados desprevenidos. Há aqui uma insinuação pífida, mas desajeitada. No relato que a seguir fazem da sessão a que assistiram, eles não falam de pagamento. Ora, tendo dito que *sacrificariam* dez francos, dão a entender que nada lhes custou. Eles recuaram diante de uma afirmação, mas disseram para si mesmos:

Lancemos a ideia; sempre restará alguma coisa.” Mas quando não há nada, nada pode restar. Sim, resta alguma coisa: a vergonha para o mentiroso.

Aliás, não é a primeira vez que a malevolência e a inveja empregam tal meio para buscar desacreditar a Sociedade na opinião pública. Ultimamente, em Nantes, um indivíduo afirmava que as entradas aí custavam cinco francos por pessoa. Seria singular que depois de oito anos que a Sociedade existe ainda não se saiba se ela cobra 100 francos ou 5 francos. Na verdade, é preciso estar muito enceguecido pela vontade de prejudicar para tentar ludibriar o público sobre um fato tão material que diariamente recebe o desmentido,

quer pelas pessoas que aí vão, quer pelos princípios que ela professa e que são formulados sem equívoco em nossos escritos.

Contudo, dessa calúnia ressalta um ensino. A partir do momento em que nossos adversários pensam desacreditar a Sociedade, dizendo que ela exige uma contribuição dos visitantes, é que eles consideram mais honroso nada cobrar. Ora, considerando-se que ela nada exige; que, em vez de visar à quantidade de frequentadores, ela a restringe tanto quanto possível, é que não especula com eles; assim, corta cerce toda suspeita de charlatanice.

A circunstância do coronel que devia ser evocado nos forneceu a pista para descobrirmos a sessão a que aqueles senhores assistiram. Não se achando na lista desse dia os seus verdadeiros nomes, temos assim a prova de que se apresentaram com nomes falsos. Isto foi muito fácil de verificar, pois naquele dia a sessão era particular, reservada aos membros da Sociedade, à qual só tinham sido excepcionalmente admitidos quatro ou cinco estrangeiros, de passagem por Paris. Enviando-nos os seus nomes verdadeiros, nosso correspondente nos revela que são filhos de um alto funcionário eclesiástico russo.

*“Sexta-feira passada, às oito horas da noite, fomos à sessão da Sociedade espírita. Chegamos cedo; os membros ainda não eram numerosos, de sorte que pudemos examinar minuciosamente o ambiente. Um salão muito grande continha numerosas filas de cadeiras. Ao lado de uma das paredes achava-se uma mesa coberta com uma toalha verde, em redor da qual estavam cadeiras para os principais membros da Sociedade. Sobre a mesa encontrava-se uma pilha de papel branco e uma porção de lápis apontados. Nada mais. Acima da mesa pendia a imagem do Salvador abençoando.”*

Uma investigação tão minuciosa e levada até ao exame dos papéis é bastante indiscreta da parte de pessoas que se dizem gentis-homens admitidos por favor numa casa particular e a uma reunião que nada tem de pública.

Não há absolutamente nada suspenso acima da mesa. Perto da parede há uma estatueta de São Luís, presidente espiritual da Sociedade, em trajes de rei, e que aqueles senhores, ao que parece, tomaram pelo Cristo.

*“As paredes eram ocupadas por quadros singulares. Examinei-os detalhadamente. O maior, pintado a óleo, representa um esquife com correntes caídas em volta; um sítio original, com plantas fantásticas, rodeava o esquife. Uma inscrição explica que o quadro foi pintado por Allan Kardec.”*

Esse quadro alegórico é o de que falamos na Revista de 1862. Não há correntes nem plantas de qualquer espécie. Em baixo há uma legenda explicativa com esta inscrição aposta no próprio quadro, e em evidência: “Pintura mediúnica. Quadro alegórico do surgimento e da vitória do Espiritismo; pintado pelo Sr. V..., jovem aluno de farmácia, sem qualquer conhecimento de pintura e de desenho. Lyon.” Não sabemos como esses senhores puderam ver nestas palavras que o quadro foi pintado por Allan Kardec. Isto dá a medida da exatidão de seu relatório e da confiança que o resto merece.

*“Mais longe, toda uma série de quadros ou desenhos, não sei bem como denominá-los, feitos por diversas pessoas, sob a influência dos Espíritos. Não vos posso dizer a impressão que sobre mim produziram todos esses quadros. Examinei-me severamente, e achei que a disposição de meu espírito naquele momento era perfeitamente tranquila, cheia de sangue-frio, de sorte que a impressão que experimentei, à vista daqueles quadros, era independente de minha imaginação. Os quadros ou desenhos representam uma insólita reunião de linhas, pontos, círculos, uma reunião original, sem qualquer semelhança com o que quer que seja. Todos têm um certo gênero particular, que lhes pertence em comum, mas inteiramente indefinível. Dir-se-ia que nada há de particular nesses pontos e linhas e, contudo, a impressão que deixam é uma das mais desagradáveis, semelhante a um litigante pesado. Numa palavra, aqueles desenhos não se parecem com nada do que jamais tendeis visto, e para mim são desagradáveis.”*

Nessa coleção de desenhos mediúnicos acham-se: a casa de Mozart, publicada na Revista de agosto de 1858, e que todos conhecem; uma cabeça do Cristo, feita no México, de um tipo admirado por todos os conhecedores; um outro Cristo, coroado de espinhos, moldado em barro, na Sociedade Espírita de Madrid, e de uma execução notável; duas soberbas cabeças de mulher, de perfil grego, desenhadas na Sociedade Espírita de Constantinopla; uma paisagem desenhada a bico de pena pelo Sr. Jaubert, vice-presidente do Tribunal de Carcassone e que qualquer artista consumado assinaria, etc. Eis as linhas e os pontos que perturbaram os olhos daqueles senhores de maneira tão desagradável e tão repugnante. Seríamos realmente tentados a crer que um Espírito maligno os fascinou de maneira a fazê-los ver tudo pelo avesso, a fim de tornar seu relato mais pitoresco.

*“Enfim, os membros da Sociedade se reúnem em número de cerca de setenta. Como nas sociedades verdadeiras, também havia secretários. A princípio leram um capítulo do Evangelho; a seguir o protocolo da sessão precedente. Confesso que não havia meio de escutar sem riso as diversas informações. Por exemplo, em Lyon um Espírito dizia tolices, porque o haviam excluído do número dos Espíritos de boa conduta.*

*“Em seguida leram o necrológio do coronel espírita que devia ser evocado durante essa sessão. Anteriormente ele havia sido sansimonista. Allan Kardec disse à Sociedade que lhe faria perguntas sobre as relações entre o Espiritismo e o Sansimonismo. Um dos assistentes queria fazer algumas perguntas, mas o mestre declarou que os outros não deviam intrometer-se naquilo que não lhes compete.*

*“Eu esperava que trouxessem o aparelho que devia escrever, mas enganavame. Allan Kardec tocou a campainha e veio da antecâmara um jovem com cara de trapaceiro, numa palavra, pronto, por um quarto de rublo, a dizer de cor pelo menos meia libra de toda sorte de absurdos. Disseram-nos que era um médium.”*

Aqui já não se trata de simples inexatidões. É o cinismo da injúria e do ultraje. Basta citar tais palavras para desacreditá-las. Na França seus autores teriam sido levados aos tribunais. Em termos de inexatidões, diremos apenas que, desde que a Sociedade existe, *jamais* houve campainha em seu escritório e que, por consequência, não podíamos tocá-la. Os ouvidos desses senhores tiniram, como seus olhos se enviesaram ao observar os desenhos e a estatueta de São Luís.

*“O público, na maioria velhos, era característico; quase metade deles eram meio loucos. A gente moça, extasiada e desgrenhada, seguia atentamente os movimentos do médium. Lá havia criaturas tão cegamente crentes, que até era pecado rir delas. Só se podia lamentá-las.”*

Parece que mentir é um pecado menor. É verdade que certas pessoas pensam que é escusável toda mentira dita com boa intenção. Ora, denegrir o Espiritismo para alguns é excelente motivo.

*“O que respondeu o Espírito? Respondeu pela tagarelice de Allan Kardec, que se pode admirar em suas obras.”*

O Espírito de que se trata aqui é o do Sr. Bruneau, membro da Sociedade Espírita, antigo aluno da Escola Politécnica e coronel de artilharia, falecido recentemente. Pode-se ver a ata de sua evocação na Revista de dezembro de 1864.

*“Allan Kardec propôs evocar um menino sansimonista.”*

Naquele dia havia oito médiuns à mesa, e não um. Como acabáramos de evocar o Sr. Bruneau, que tinha sido sansimonista, e tínhamos falado dessa doutrina, seu antigo chefe, *Père Enfantin*, comunicou-se espontaneamente e sem evocação, por um dos médiuns, e participou da discussão. Foi, pois, *Père Enfantin* que o fiel narrador tomou por um menino sansimonista.



## Estudo: Revista Espírita de Allan Kardec – Textos Seleccionados (parte III)

*“Quanto a nós, ficamos tão aborrecidos quanto desgostosos com o aspecto de toda essa gente. Levantamo-nos e saímos. Assim terminou nossa visita espírita. Entretanto, não me posso dar conta se é velhacaria ou loucura. Mas, chega!  
“Paris, 9/21 de novembro de 1864.”*

O redator do jornal acrescenta:

*“A pessoa que nos forneceu essas duas cartas interessantes as termina com a seguinte observação: ‘O relato consciencioso da testemunha ocular é muito importante, embora nem tudo explique. É por essa razão que pensamos que o presente resumo não é desprovido de utilidade para as pessoas muito crédulas em matéria de comunicação com os Espíritos.’”*

As reflexões a que dão lugar os fatos desta natureza estão resumidas no artigo seguinte.

## Texto 02: Uma reconciliação pelo Espiritismo - Setembro/1862

Muitas vezes o Espiritismo tem provado a sua benéfica influência, ao restabelecer a boa harmonia nas famílias ou entre os indivíduos. Disso temos numerosos exemplos, na maioria casos íntimos que nos foram confiados, por assim dizer, sob o selo da confissão, não nos cabendo, pois, revelá-los. Já não temos o mesmo escrúpulo para o fato seguinte, de extraordinário interesse:

Um capitão de navio mercante do Havre, que conhecemos pessoalmente, é, ao mesmo tempo, excelente espírita e bom médium. Havia iniciado vários homens de sua tripulação na Doutrina Espírita e só tinha motivos para se felicitar pela ordem, disciplina e bom comportamento. Tinha a bordo seu irmão de dezoito anos e um aprendiz de piloto de dezenove, ambos bons médiuns, animados de uma fé viva e que recebiam com fervor e reconhecimento os sábios conselhos de seus Espíritos protetores. Uma noite, porém, entraram em contenda; das palavras foram às vias de fato, de sorte que marcaram um encontro para a manhã seguinte, a fim de se baterem num canto qualquer da embarcação. Tomada a decisão, separaram-se. À noite sentiram vontade de escrever e, de seu lado, cada qual recebeu dos guias invisíveis uma severa admoestação sobre a futilidade de sua discussão e conselhos sobre a felicidade da amizade, com um convite para se reconciliarem, sem preconceitos. Movidos pelo mesmo sentimento, os dois jovens deixaram simultaneamente seu lugar e vieram chorando lançar-se nos braços um do outro. A partir daí, nenhuma nuvem veio turvar a harmonia entre eles.

Foi o próprio capitão que fez o relato. Vimos o seu caderno de comunicações espíritas, bem como a caderneta dos dois jovens, de onde extraímos aquela de que acabamos de falar.

O fato seguinte ocorreu com o mesmo capitão, numa de suas travessias. Temos o prazer de transcrevê-lo, não obstante estranho ao assunto. – Ele estava em alto mar, com o melhor tempo do mundo, quando recebeu a seguinte comunicação:

“Toma todas as precauções; amanhã às duas horas desabará uma borrasca e teu navio correrá grande perigo.” Como nada fazia prever mau tempo, o capitão logo pensou numa mistificação. Entretanto, para não se censurar, caso a tempestade rebentasse, tomou medidas que se revelaram acertadas, porquanto à hora predita desencadeou-se violenta tempestade. Durante três dias o navio enfrentou os maiores perigos, pelos quais jamais havia passado; graças, porém, às precauções tomadas, escapou sem acidentes.

O caso da reconciliação sugeriu-nos as seguintes reflexões.

Um dos resultados do Espiritismo em compreendido – chamamos a atenção para a expressão: bem compreendido – é desenvolver o sentimento de caridade. Mas, como se sabe, a própria caridade tem uma acepção muito ampla, desde a simples esmola até o amor aos inimigos, que é o suprassumo da caridade. Pode-se dizer que ela resume todos os nobres impulsos da alma para com o próximo. O verdadeiro espírita, como o verdadeiro cristão, pode ter inimigos – não os teve o Cristo? – mas não é inimigo de ninguém, pois está sempre disposto a perdoar e a pagar o mal com o bem. Se dois espíritas verdadeiros outrora tiverem tido motivos para recíproca animosidade, sua reconciliação será fácil, porque o ofendido esquece a ofensa e o ofensor reconhece a falta. Desde então não mais querelas, porquanto serão indulgentes entre si e farão mútuas concessões. Nenhum deles procurará impor ao outro um perdão humilhante, que irrita e fere em vez de acalmar.

Se, em tais condições, dois indivíduos podem viver em boa harmonia, o maior número também o pode. E, então, serão tão felizes quanto é possível sê-lo na Terra, porque a maior parte de nossas tribulações surge do contato com os maus. Suponhamos uma nação inteira imbuída de tais princípios: não será a mais feliz do mundo? Aquilo que apenas é possível para os indivíduos – dirão uns – é utopia para as massas, a não ser que ocorra um milagre. Pois bem! O Espiritismo já operou esse milagre, várias vezes, em escala menor, nas famílias desunidas, onde restabeleceu a paz e a concórdia. O futuro provará que o pode fazer em grande escala.

## Texto 03: Férias da sociedade espírita de Paris - Mensagem de Santo Agostinho - Setembro/1862

Ides separar-vos por algum tempo, mas os Espíritos bons estarão sempre com os que lhes pedirem auxílio e apoio.

Se cada um de vós deixa a mesa do mestre, não é apenas para exercício ou repouso, mas ainda para servir, onde quer que vos espalheis, à grande causa humanitária, sob cuja bandeira viestes vos abrigar.

Bem compreendeis que para o espírita fervoroso não há horas determinadas para o estudo; toda a sua vida não é mais que uma hora, curta demais para o trabalho a que se dedica: o desenvolvimento intelectual das raças humanas!...

Os galhos não se destacam do tronco porque deste se afastem; ao contrário, dão lugar a novos brotos que os unem e os tornam solidários.

Aproveitai estas férias que vão espalhar-vos, para vos tornardes ainda mais fervorosos, a exemplo dos apóstolos do Cristo; saí deste cenáculo fortes e corajosos; que vossa fé e vossa boas obras liguem em torno de vós milhares de crentes, que bendirão a luz que espalhareis em vosso redor.

Coragem! Coragem! no dia do encontro, quando a auriflama do Espiritismo vos chamar ao combate e se desdobrar sobre vossas cabeças, que cada um tenha em torno de si os adeptos que houver formado sob sua bandeira, e os Espíritos bons contarão o seu número e o levarão a Deus!

Não durmais, pois, espíritas, à hora da sesta; vigiai e orai! já vos disse e outras vezes vo-lo repetirão, soa o relógio dos séculos, uma vibração retine, chamando os que se acham na noite. Infelizes dos que não quiserem apurar o ouvido para escutá-la!

Ó, espíritas, ide despertar os dorminhocos e dizei-lhes que vão ser surpreendidos pelas vagas do mar que sobe em rugidos surdos e terríveis; ide dizer-lhes que escolham um lugar mais iluminado e mais sólido, porque eis que os astros declinam e a Natureza inteira se move, treme e se agita!...

Mas após as trevas eis a luz; aqueles que não tiverem querido ver e nem ouvir imigrarão naquela hora para mundos inferiores para expiar e esperar muito tempo, mui longamente os novos astros que devem elevar-se e os esclarecer! O tempo lhes parecerá uma eternidade, porquanto não entreverão o termo de suas penas até o dia em que começarem a crer e compreender.

Espíritas, não mais vos chamarei crianças, mas homens, homens valentes e corajosos! Soldados da nova fé: combatei valentemente; armai o braço com a lança da caridade e cobri o corpo com o escudo do amor. Entrai na liça! alerta! desprezai o erro e a mentira e estendei a mão aos que vos perguntarem: “Onde está a luz?” Dizei-lhes que os que caminham guiados pela estrela do Espiritismo não são pusilânimes, não temem miragens e não aceitam como leis senão aquilo que ordena a fria e sã razão; que a caridade é a sua divisa e que só se despojam por seus irmãos em nome da solidariedade universal e jamais para ganharem um paraíso, que sabem muito bem não poderem possuir senão quando tiverem expiado bastante!... que conheçam a Deus e que, antes de tudo, saibam que ele é imutável em sua justiça e, conseqüentemente, não pode perdoar uma vida de faltas acumuladas por um segundo de arrependimento, como não pode punir uma hora de sacrilégio por uma eternidade de suplício!...

Sim, espíritas, contai os anos de arrependimento pelo número de estrelas; a idade de ouro virá para aquele que tiver sabido contá-las!...

Ide, pois, trabalhadores e soldados e que cada um volte com a pedra ou o calhau que deve auxiliar a construção do novo edifício. Em verdade vos digo: desta vez não tereis mais de temer a confusão, embora querendo elevar até o céu a torre que o coroará; ao contrário, Deus estenderá a sua mão no vosso caminho, a fim de vos pôr ao abrigo dos furacões.

Eis a segunda hora do dia, eis os servidores que vêm de novo da parte do Mestre procurar trabalhadores; vós, que estais desocupados, vinde! não espereis a última hora!...

## Texto 04: Pode um Espírito recuar ante a prova? - Outubro/1862

Uma senhora de nossa amizade escreve-nos o seguinte:

“Certo dia minha filha recebeu a seguinte comunicação espontânea de um Espírito, que começou assinando Euphrosine Bretel. Como tal nome não nos lembrasse ninguém, perguntamos: Quem és? – Sou um pobre Espírito em sofrimento; necessito de preces. Dirijo-me a ti porque me conhecestes quando eu não passava de uma criança.

Fizemos um esforço para recordar e julguei lembrar que aquele nome de família era o de uma menina de nove a dez anos, que se achava no mesmo internato que minha filha e que adoecera pouco depois da chegada desta. Seu pai veio buscá-la de carro, e as crianças guardaram a lembrança daquela doente, toda embrulhada e lamentosa; morreu em casa. Desesperada, sua mãe logo a seguiu. O pai ficou cego de tanto chorar e morreu no mesmo ano.

Tão logo imaginamos haver reconhecido o nome, o Espírito escreveu:

Sou eu. Minha última existência devia ser uma prova terrível, mas recuei covardemente e desde então sofro sempre. Peço-te rogares a Deus que me conceda a graça de uma nova prova, à qual me submeterei, por mais dura que seja. Sou tão infeliz! Amo a meu pai e a minha mãe e eles me têm horror; fogem de mim e o meu castigo é o de os buscar incessantemente, para me ver repelida. Vim a ti porque minha lembrança não se apagou inteiramente de tua memória e, dos que podem orar por mim, és a única que conhece o Espiritismo. Adeus! não me esqueças; em breve nos veremos.

Minha filha então lhe perguntou, brincando: “Devo, pois, morrer dentro de pouco tempo?” A isto o Espírito respondeu: “Longo para vós, o tempo não tem medida para nós.”

Verificamos depois que o prenome e o nome da família eram perfeitamente exatos. Pergunto, agora, se é possível a um Espírito encarnado recuar diante de uma prova já começada.”

A esta pergunta respondemos: Sim. Os Espíritos recuam muitas vezes ante as provas que escolheram; não têm coragem de as suportar e, até mesmo, de as enfrentar, quando chegado o momento. Aí está a causa da maioria dos suicídios. Recuam ainda quando se lastimam e se desesperam, perdendo, assim, os benefícios da prova. Eis por que o Espiritismo, dando a conhecer a causa, o objetivo e as consequências das tribulações da vida, dá, ao mesmo tempo, tantas consolações e tanta coragem, desviando o pensamento de abreviar os dias. Qual a filosofia que produziu tal resultado sobre os homens?

## Texto 05: Remédio dado pelos Espíritos - Novembro/1862

Este título fará sorrir os incrédulos. Que importa! Eles riram de muitas outras coisas, o que não as impediu de serem reconhecidas como verdades. Os Espíritos bons se interessam pelos sofrimentos da Humanidade. Não é, pois, de admirar que busquem aliviá-los e, em muitas ocasiões, provaram que o podem, quando bastante elevados para disporem dos necessários conhecimentos, porquanto veem o que não podem ver os olhos do corpo; preveem o que o homem não pode prever.

O remédio de que se cuida foi dado nas circunstâncias seguintes à Srta. Hermance Dufaux, a qual nos remeteu a fórmula com autorização de publicá-la, em benefício dos que dela necessitassem. Um de seus parentes, falecido há muito tempo, havia trazido da América a receita de um unguento, ou, melhor, de uma pomada, de maravilhosa eficácia para toda sorte de chagas ou feridas. Com sua morte, perdeu-se a receita, cujo conhecimento não foi dado a ninguém. A Srta. Dufaux estava afetada de um mal na perna, muito grave e muito antigo, e que havia resistido a todos os tratamentos. Cansada de ter empregado inutilmente tantos remédios, um dia perguntou ao seu Espírito protetor se para ela não haveria cura possível. “Sim”, respondeu ele. “Usa a pomada de teu tio.” – Mas sabeis perfeitamente que a receita se perdeu. – “Eu vou ta dar”, disse o Espírito.

Depois ditou o seguinte:

Açafrão.....	20 centigramas
Cominho.....	4 gramas
Cera amarela.....	31 a 32 gramas
Óleo de amêndoas doces.....	1 colher

Derreter a cera e pôr em seguida o óleo de amêndoas doces; juntar o cominho e o açafrão acondicionados num saquinho de pano e ferver, em fogo brando, durante dez minutos. Para usar, deita-se a pomada num pedaço de pano, aplicando-a sobre a parte doente. Repetir diariamente.

Tendo seguido a prescrição, em poucos dias a perna da Srta. Dufaux estava cicatrizada e a pele restaurada. Desde então se sente bem, não lhe sobrevindo nenhum acidente. Felizmente a sua lavadeira também foi curada de mal idêntico.

Um operário se ferira com um fragmento de foice, o qual penetrou profundamente na ferida, produzindo inchaço e supuração. Falavam em amputar-lhe a perna. Com o emprego daquela pomada o edema desapareceu, cessou a supuração e o pedaço de ferro saiu da ferida. Em oito dias aquele homem pôde caminhar e retornou ao trabalho.

Aplicada sobre furúnculos, abscessos, panarícios, ela os faz irromper em pouco tempo e logo cicatrizar. Atua extraíndo da chaga os princípios mórbidos, saneando-a e provocando, se for o caso, a saída de corpos estranhos, como lascas de ossos, de madeira, etc.

Parece que é também muito eficaz para os dartros e, em geral, para todas as afecções da pele. Como se vê sua composição é muito simples, fácil e, em todo o caso, inofensiva. Pode-se, pois, experimentá-la sem receio.

## Texto 06: Obsessão: causas e meios de combate (reprodução parcial) - Dezembro/1862

Sabemos que os Espíritos são revestidos de um envoltório vaporoso, formando para eles um verdadeiro corpo fluídico, ao qual damos o nome de perispírito, e cujos elementos são colhidos do fluido universal ou cósmico, princípio de todas as coisas. Quando o Espírito se une a um corpo, aí vive com seu perispírito, que serve de ligação entre o Espírito propriamente dito e a matéria corporal; é o intermediário das sensações percebidas pelo Espírito. Mas o perispírito não está confinado no corpo, como numa caixa; por sua natureza fluídica, ele irradia para o exterior e forma em torno do corpo uma espécie de atmosfera, como o vapor que dele se desprende. Mas o vapor liberado de um corpo enfermo é igualmente insalubre, acre e nauseabundo, o que infecta o ar dos lugares onde se reúnem muitas pessoas doentes. Assim como esse vapor é impregnado das qualidades do corpo, o perispírito é impregnado de qualidades, isto é, do pensamento do Espírito, e irradia tais qualidades em torno do corpo.

Isto bem compreendido, chegamos sem dificuldade à ação material dos Espíritos errantes sobre os encarnados e, daí, à explicação da mediunidade.

Quando um Espírito quer agir sobre uma pessoa, dela se aproxima e a envolve, por assim dizer, com o seu perispírito, como num manto; os fluidos se interpenetram, os dois pensamentos e as duas vontades se confundem e, então, o Espírito pode servir-se daquele corpo como se fora o seu próprio, fazê-lo agir à sua vontade, falar, escrever, desenhar, etc. Tais são os médiuns. Se o Espírito for bom, sua ação será suave, benéfica, e só fará boas coisas; caso seja mau, fará maldades; se for perverso e mau, ele o constrange como se o imobilizasse numa camisa-de-força, até paralisar a vontade e a própria razão, que abafa com seus fluidos, como se apaga o fogo sob um lençol d'água. Faz com que pense, fale e aja por ele, induzindo-o contra a vontade a praticar atos extravagantes ou ridículos; numa palavra, magnetiza-o e o faz entrar numa espécie de catalepsia moral, de modo que o indivíduo se torna um instrumento cego de sua vontade. Tal é a causa da obsessão, da fascinação e da subjugação, que se apresentam em diversos graus de intensidade. O paroxismo da subjugação é vulgarmente chamado possessão. É de notar-se que, neste estado, muitas vezes o indivíduo tem consciência do ridículo daquilo que faz, mas é constrangido a fazê-lo, como se um homem mais vigoroso que ele fizesse com que movesse, contra a vontade, os braços, as pernas, a língua. Eis um curioso exemplo.

Numa pequena reunião em Bordeaux, em meio a uma evocação, o médium, um jovem de caráter suave e de perfeita urbanidade, de repente começa a bater na mesa, levanta-se com olhar ameaçador, mostrando os punhos aos assistentes, proferindo as mais grosseiras injúrias e querendo atirar-lhes um tinteiro. A cena, tanto mais chocante quanto inesperada, durou cerca de dez minutos, depois do que o moço retomou sua calma habitual, desculpou-se do que se havia passado, dizendo saber perfeitamente que fizera e dissera coisas inconvenientes, mas que não pudera impedir. Tomando conhecimento do fato, pedimos explicação numa sessão da Sociedade de Paris, sendo-nos respondido que o Espírito que o havia provocado era mais leviano do que mau e que simplesmente quisera divertir-se com o pavor dos assistentes. O fato não mais se repetiu e o médium continuou a receber excelentes comunicações, o que vem provar a veracidade da explicação. É bom dizer o que provavelmente tenha excitado à verve daquele Espírito farsista.

Um antigo maestro do teatro de Bordeaux, o Sr. Beck, tinha experimentado, durante vários anos antes de morrer, um fenômeno singular. Todas as noites, ao sair do teatro, parecia-lhe que um homem lhe saltava às costas, escarranchava-se nas suas espáduas e se mantinha agarrado até que chegasse à porta de sua casa. Aí o suposto indivíduo descia e o Sr. Beck se via livre. Nessa reunião quiseram evocar o Sr. Beck e pedir-lhe uma explicação. Foi então que o Espírito intrusão julgou por bem substituí-lo, fazendo o médium representar uma cena diabólica, certamente por nele ter encontrado as necessárias disposições fluídicas para secundá-lo.

O que não passou de accidental naquela circunstância, por vezes toma um caráter permanente, quando o Espírito é mau, porque para ele o indivíduo se torna uma verdadeira vítima, à qual ele pode dar a aparência de verdadeira loucura. Dizemos aparência, porquanto a loucura propriamente dita sempre resulta de uma

alteração dos órgãos cerebrais, ao passo que, neste caso, os órgãos estão de tal modo intactos quanto os do rapaz de quem acabamos de falar. Não há, pois, loucura real, mas aparente, contra a qual os recursos da terapêutica são impotentes, como o prova a experiência. Ainda mais: eles podem produzir o que não existe. As casas de alienados contam muitos doentes desse gênero, aos qual o contato com outros alienados só poderá ser muito prejudicial, porque este estado denota sempre uma certa fraqueza moral. Ao lado de todas as variedades de loucura patológica, convém, pois, acrescentar a loucura obsessiva, que requer meios especiais. Mas como poderá um médico materialista estabelecer essa diferença, ou mesmo admiti-la?

\*\*\*

É possível que certas pessoas preferissem uma receita mais fácil para expulsar os Espíritos maus: algumas palavras a dizer, ou sinais a fazer, por exemplo, o que seria mais cômodo do que corrigir os próprios defeitos. Lamentamos bastante, mas não conhecemos processo mais eficaz para vencer um inimigo do que ser mais forte que ele. Quando estamos doentes, temos de nos resignar a tomar remédios, por mais amargos que sejam. Mas, também, quando tivemos a coragem de tomá-los, como nos sentimos bem e ficamos fortes! Devemos, pois, persuadir-nos de que, para alcançar tal objetivo, não há palavras sacramentais, nem fórmulas, nem talismãs, nem sinais materiais quaisquer. Os Espíritos maus se riem e muitas vezes se deleitam em indicar alguns, cuidando sempre de dizer que são infalíveis, para melhor captar a confiança daqueles de que querem abusar, porque estes, então, confiantes na virtude do processo, se entregam sem temor.

Antes de esperar dominar o Espírito mau, é preciso dominar-se a si mesmo. De todos os meios para adquirir a força de consegui-lo, o mais eficaz é à vontade, secundada pela prece, entendida a prece de coração e não de palavras, nas quais a boca participa mais que o pensamento. É necessário pedir ao seu anjo-da-guarda e aos Espíritos bons que o assistam na luta. Mas não basta lhes pedir que expulsem o Espírito mau; é preciso lembrar-se da máxima: Ajuda-te, e o céu te ajudará e, sobretudo, pedir-lhes a força que nos falta para vencer nossas más inclinações.

Para nós tais inclinações são piores que os Espíritos maus, pois são elas que os atraem como a corrupção atrai as aves de rapina. Orando também pelo Espírito obsessivo estamos lhe retribuindo o mal com o bem e nos mostrando melhor que ele, o que já é uma superioridade. Com perseverança, na maioria dos casos acabamos por conduzi-lo a melhores sentimentos e, de perseguidor que era, o transformamos num ser reconhecido.

Em resumo, a prece fervorosa e os esforços sérios por melhorar-se são os únicos meios de afastar os Espíritos maus, que reconhecem como senhores aqueles que praticam o bem, ao passo que as fórmulas os fazem rir. A cólera e a impaciência os excitam. É preciso cansá-los, mostrando mais paciência que eles.

Acontece, porém, que em alguns casos a subjugação chega a ponto de paralisar a vontade do obsidiado, não se lhe podendo esperar nenhum concurso sério. É principalmente então que a intervenção de um terceiro se torna necessária, seja pela prece, seja pela ação magnética. Mas o poder dessa intervenção também depende do ascendente moral que o interventor possa ter sobre os Espíritos, porquanto, se não valerem mais, sua ação será estéril. Neste caso a ação magnética terá por efeito penetrar o fluido do obsidiado por um fluido melhor e liberar o fluido do Espírito mau. Ao operar, deve o magnetizador ter o duplo objetivo de opor uma força moral a outra força moral e produzir sobre o paciente uma espécie de reação química, para nos servirmos de uma comparação material, expulsando um fluido por outro fluido. Por aí, não só opera um desprendimento salutar, mas dá força aos órgãos enfraquecidos por uma longa e por vezes vigorosa opressão. Aliás, compreende-se que o poder da ação fluídica não só está na razão da energia da vontade, mas, sobretudo, da qualidade do fluido introduzido e, conforme dissemos, tal qualidade depende da instrução e das qualidades morais do magnetizador. Daí se segue que um magnetizador comum, que agisse maquinalmente para magnetizar pura e simplesmente, produziria pouco ou nenhum efeito. É absolutamente necessário um magnetizador espírita, que age com conhecimento de causa, com a intenção de produzir, não o sonambulismo ou uma cura orgânica, mas os efeitos que acabamos de descrever. Além disso, é evidente que uma ação magnética dirigida nesse sentido não deixa de ser útil nos casos de obsessão



ordinária, porque, então, se o magnetizador for secundado pela vontade do obsidiado, em vez de um só o Espírito será combatido por dois adversários.

É preciso dizer, também, que muitas vezes responsabilizamos os Espíritos estranhos por malefícios de que não são responsáveis. Certos estados mórbidos e certas aberrações, atribuídos a uma causa oculta, em geral são devidos exclusivamente ao Espírito do indivíduo. As contrariedades que ordinariamente concentramos em nós mesmos, sobretudo as decepções amorosas, têm levado ao cometimento de muitos atos excêntricos, atribuídos por engano à obsessão. Muitas vezes a criatura é o seu próprio obsessor.

Acrescentemos, enfim, que certas obsessões tenazes, principalmente de pessoas de mérito, por vezes fazem parte das provas a que se acham submetidas. Por vezes, acontece mesmo que a obsessão, quando simples, seja uma tarefa imposta ao obsidiado, que deve trabalhar pela melhoria do obsessor, como um pai por um filho vicioso.

## Texto 07: O caso de um criado - Janeiro/1863

O caso relatado no número precedente, sob o título de A cabana e o salão (dezembro de 1862) lembra-nos um outro, um tanto pessoal. Numa viagem que fizemos há dois anos, vimos, numa família da alta sociedade, um criado muito jovem, cujo rosto, fino e inteligente, nos impressionou pelo seu ar de distinção. Nada em suas maneiras denotava inferioridade; sua dedicação ao serviço dos patrões não tinha essa obsequiosidade servil, própria das pessoas de tal condição. Voltando àquela família no ano seguinte, e não mais vendo o rapaz, perguntamos se o haviam despedido.

“Não, responderam-me; “foi passar alguns dias em sua terra e lá morreu. Lamentamos muito, pois era um excelente sujeito e tinha sentimentos realmente acima de sua posição. Era muito ligado a nós, tendo nos dado provas do maior devotamento.”

Mais tarde veio-nos a ideia de evocar o rapaz. Eis o que ele nos disse:

“Em minha última encarnação eu era, como se diz na Terra, de boa família, embora arruinada pela prodigalidade de meu pai. Fiquei órfão e sem recursos ainda muito jovem. O Sr. G... foi o meu benfeitor; educou-me como filho e deu-me uma boa instrução, que muito me enaideceu. Na última existência quis expiar meu orgulho, nascendo em condição servil e aqui encontrei ocasião de provar dedicação ao meu benfeitor. Até lhe salvei a vida, sem que ele jamais desconfiasse. Era ao mesmo tempo uma prova, da qual tirei partido, pois tive bastante força para não me deixar corromper pelo contato com um meio quase sempre vicioso. Apesar dos maus exemplos, fiquei puro, pelo que dou graças a Deus por ter sido recompensado pela felicidade que desfruto.”

P. – Em que circunstâncias salvastes a vida do Sr. G...?

Resp. – Num passeio a cavalo, em que eu o seguia só, percebi uma grande árvore que caía ao seu lado, sem que ele a visse. Adverti-o com um grito terrível; ele recuou bruscamente, enquanto a árvore tombava aos seus pés. Sem o movimento que provoquei, ele teria sido esmagado.

Observação de Kardec: O fato foi relatado ao Sr. G..., que dele se lembrou perfeitamente.

P. – Por que morrestes tão jovem?

Resp. – Deus tinha julgado minha prova suficiente.

P. – Como pudestes aproveitar a prova, se não guardáveis lembrança de vossa precedente existência e da causa que a motivara?

Resp. – Em minha humilde posição, restava-me um instinto de orgulho, que tive a felicidade de dominar. Isto tornou a prova muito proveitosa, sem o que teria de recomeçá-la. Em seus momentos de liberdade, o meu Espírito se lembrava e, ao despertar, ficava um desejo intuitivo de resistir às minhas tendências, que eu sentia serem más. Assim, tive mais mérito em lutar do que se me recordasse claramente do passado. A lembrança perturbadora de minha antiga posição teria exaltado o meu orgulho, enquanto tive apenas de combater os arrastamentos da nova posição.

P. – Recebestes uma educação brilhante. Para que vos serviu na última existência, uma vez que não vos recordáveis dos conhecimentos adquiridos?

Resp. – Esses conhecimentos teriam sido inúteis, mesmo um contrassenso em minha nova situação. Ficaram latentes e hoje os recupero. Contudo, não me foram inúteis, pois me desenvolveram a inteligência; instintivamente eu tinha gosto pelas coisas elevadas, o que me inspirava repulsa pelos exemplos baixos e ignóbeis que tinha sob os olhos. Sem tal educação eu não teria passado de um simples criado.

P. – Os exemplos de domésticos que se dedicam aos patrões até a abnegação têm por causa relações anteriores?

Resp. – Não o duvideis; é, pelo menos, o caso mais comum. Por vezes tais criados são membros da família ou, como eu, seres agradecidos que pagam uma dívida de reconhecimento e cuja dedicação lhes auxilia o progresso. Não sabeis de todos os efeitos das simpatias e antipatias que essas relações anteriores produzem no mundo. Não, a morte não interrompe tais relações, que muitas vezes se perpetuam de um século a outro.

P. – Por que tais exemplos de dedicação dos domésticos são hoje tão raros?



Resp. – Deve-se incriminar o espírito de egoísmo e de orgulho do vosso século, desenvolvido pela incredulidade e pelas ideias materialistas. A verdadeira fé desaparece pela cupidez e pelo desejo de ganho e, com ela, a dedicação. Reconduzindo os homens ao sentimento da verdade, o Espiritismo fará renascer as virtudes esquecidas.

Observação de Kardec: Nada melhor que este exemplo para ressaltar o benefício do esquecimento das existências anteriores. Se o Sr. G... se tivesse lembrado de quem tinha sido seu jovem criado, ficaria muito constrangido e nem mesmo o teria conservado naquela condição, entretendo, assim, a prova, que a ambos foi proveitosa.

## Texto 08: François-Simon Louvet, do Havre - Março/1863

A seguinte comunicação foi dada espontaneamente, em uma reunião espírita no Havre, em 12 de fevereiro de 1863:

“Tereis piedade de um pobre miserável que passa há muito por cruéis torturas? Oh! o vácuo... o espaço... despenho-me... caio...! Acudam-me! Meu Deus, eu tive uma existência tão miserável!... Pobre diabo, sofri fome muitas vezes na velhice; e foi por isso que me habituei a beber, a ter vergonha e desgosto de tudo... Quis morrer e atirei-me... Oh! meu Deus, que momento!... E para que tal desejo, quando o termo estava tão próximo? Ora! para que eu não veja incessantemente este vácuo debaixo de mim... Vou despedaçar-me de encontro a essas pedras! Eu vo-lo suplico, a vós que conheceis as misérias dos que não pertencem a esse mundo. Não me conheceis, mas eu sofro tanto... Para que mais provas? Sofro! Não será isso o bastante? Se eu tivera fome, em vez deste sofrimento mais terrível e, aliás, imperceptível para vós, não vacilaríeis em aliviar-me com uma migalha de pão. Pois eu vos peço que oreis por mim. Não posso permanecer por mais tempo neste estado. Perguntai a qualquer desses felizes que aqui estão, e Sabereis quem fui. Ora! por mim.”

*François-Simon Louvet*

Logo depois o Espírito protetor do médium disse: “Esse que acaba de se dirigir a ti, minha filha, foi um pobre infeliz que teve na Terra a prova da miséria; vencido pelo desgosto, faltou-lhe a coragem, e o desventurado, em vez de olhar para o céu como devia, entregou-se à embriaguez; desceu aos extremos últimos do desespero, pondo termo à sua triste provação: atirou-se da torre Francisco I, no dia 22 de julho de 1857. Tende piedade de sua pobre alma, que não é adiantada, mas que lobriga da vida futura o bastante para sofrer e desejar uma reparação. Rogai a Deus lhe conceda essa graça, e com isso tereis feito obra meritória. Estou feliz por vos ver reunidos, meus caros filhos; estou convosco quando vos reunis assim. Estou sempre pronto a vos dar os meus ensinamentos. Se um Espírito bom não pudesse comunicar-se convosco por falta de condições físicas, eu seria seu intermediário; mas estais cercados de Espíritos bons e eu deixo que vos instruem. Perseverai nos caminhos do Senhor e sereis abençoados. Tende paciência nas provas, não vos recuseis a fazer o bem pela ingratidão dos homens. Em breve os homens serão melhores e os tempos estão próximos. Adeus, meus bem-amados; eu vos acompanho nas vossas tristezas como nas vossas alegrias. A paz esteja convosco.”

*Teu Espírito protetor*

Buscando-se informes a respeito, encontrou-se no Journal du Havre, de 23 de julho de 1857, a seguinte notícia local:

“Ontem, às 4 horas da tarde, os transeuntes do cais foram dolorosamente impressionados por um horrível acidente: – um homem atirou-se da torre, vindo despedaçar-se sobre as pedras. Era um velho puxador de sirga, cujo pendor à embriaguez o arrastara ao suicídio. Chamava-se François-Victor-Simon Louvet. O corpo foi transportado para casa de uma das suas filhas, na rua da Corderie. Tinha 67 anos de idade.”

Observação de Kardec: Um incrédulo, a quem foi relatado o fato mediúnico, como prova das comunicações de além-túmulo, respondeu: “Mas quem sabe se o médium não tinha conhecimento do Journal du Havre e se não construiu o romance com a notícia?” Como se vê, a trapaça é sempre o último reduto dos negadores, quando não se podem dar conta de um fato cuja evidência material não deve ser posta em dúvida. Com eles nem mesmo basta mostrar que não se tem nada nas mãos nem nos bolsos, porque, dizem, os escamoteadores fazem o mesmo e, entretanto, desafiam a argúcia do observador.

A isto perguntamos, por nossa vez, que interesse teria o médium em representar a comédia? Aqui nem se pode supor um interesse de amor-próprio numa coisa que se passa na intimidade da família, quando não se enganaria a si mesmo e aos seus. Aliás, quando a gente quer divertir-se, não se escolhem assuntos desta natureza, pouco recreativos, e não é admissível que uma moça piedosa misture o nome de Deus a uma brincadeira grosseira. O desinteresse absoluto e a honorabilidade da pessoa são as melhores garantias de sinceridade e a resposta mais preempatória a dar em casos que tais.



Além disso, faremos notar o castigo infligido ao suicida. Morto há seis anos, ele se vê sempre caindo da torre e indo quebrar-se nas pedras; espanta-se com o vazio que há em sua frente; e isto há seis anos! Quanto tempo durará? Ele não o sabe e a incerteza lhe aumenta a angústia. Isto não equivale ao inferno e suas labaredas? Quem nos revelou tais castigos? Nós os inventamos? São os próprios que os sofrem que nos os vêm descrever, como outros descrevem as suas alegrias.

## Texto 09: Fotografia dos Espíritos - Março/1863

O Courrier du Bas-Rhin de sábado, 3 de janeiro de 1863 (seção alemã) contém o seguinte artigo, sob o título de Fotografia Espectral:

“Os americanos, que nos precedem em muitas coisas, certamente nos ultrapassam na arte da fotografia e na evocação dos Espíritos. Hoje, em Boston, não só os defuntos são evocados pelos médiuns, mas, ainda, fotografados. Deve-se essa descoberta maravilhosa a um tal William Mumler, de Boston.

Há algum tempo – é ele próprio que conta – eu experimentava em meu laboratório um novo aparelho fotográfico, fazendo a minha própria fotografia. De repente senti uma certa pressão que se exercia sobre o meu braço direito e uma lassidão geral em todo o corpo. Mas quem descreveria o meu espanto quando vi meu retrato reproduzido e, à direita, a imagem de uma segunda pessoa, que não era outra senão minha falecida prima? A semelhança do retrato, no dizer dos que conheceram aquela senhora, nada deixa a desejar.

Em consequência, desde essa época o Sr. Mumler não dá aos clientes apenas sessões espiritualistas, mas ainda executa fotografias dos defuntos evocados. São ordinariamente um pouco pálidas e embaçadas e os traços muito difíceis de reconhecer, o que não impede os habitantes de Boston, esclarecidos, declará-los verdadeiros, autênticos. Quem daria atenção a imagens espectrais!”

Semelhante descoberta, caso fosse real, por certo teria imensas consequências e seria um dos fatos de manifestações mais notáveis. Não obstante, exortamos a sua acolhida com prudente reserva. Os americanos que, no dizer do articulista, nos ultrapassam em tantas coisas, ensinaram que também nos distanciaram na invenção de mentiras.

Para quem quer que conheça as propriedades do perispírito, à primeira vista a coisa não parece materialmente impossível. Hão surgido tantas coisas extraordinárias que de nada nos deveríamos admirar. Os Espíritos anunciaram manifestações de uma nova ordem, ainda mais surpreendentes que as já vistas; a de que se cuida estaria, incontestavelmente, neste número. Mas, ainda uma vez, até uma constatação mais autêntica que o relato de um jornal, é prudente ficar em dúvida. Se a coisa for verdadeira, será vulgarizada. Seja como for, devemos nos guardar de dar credibilidade a todas as histórias maravilhosas, que os inimigos do Espiritismo se comprazem em espalhar para o tornar ridículo, bem como os que as aceitam muito facilmente. Além disso, é preciso pensar maduramente antes de atribuir aos Espíritos todos os fenômenos insólitos que se não podem explicar. Um exame atento mostra, na maioria das vezes, uma causa inteiramente material, que não tinha sido percebida. É uma recomendação expressa que fazemos em O Livro dos Médiuns.

Em apoio ao que acabamos de dizer e a propósito da fotografia espírita, citaremos o artigo seguinte, extraído da Patrie, de 23 de fevereiro de 1863. Ele nos põe em guarda contra os julgamentos precipitados.

“Um jovem lorde, portador de um dos nomes mais antigos e mais ilustres da câmara alta, cujo gosto apaixonado pela fotografia vale grandes e felizes sucessos a essa arte que, talvez, seja ainda mais uma ciência que uma arte, acaba de perder sua irmã, que amava com extrema ternura. Ferido no coração e lançado no mais profundo desânimo, que muitas vezes a mágoa produz, deixou seus aparelhos fotográficos e a Inglaterra, fez uma longa viagem pelo continente e só retornou à sua residência quase real de Lancashire depois de uma ausência de quase quatro anos. Como acontece geralmente, seu desespero havia passado do estado agudo ao crônico, isto é, sem ter perdido a intensidade, havia perdido a violência e pouco a pouco se transformava em sombria resignação.

Quando os que sofrem buscam consolo, dirigem-se primeiramente a Deus, depois ao trabalho. Assim, pouco a pouco o jovem lorde retomou o caminho do seu laboratório e voltou aos seus aparelhos de fotografia. Por uma espécie de transação com sua dor, a primeira imagem que pensou em fotografar Foi o interior da capela onde repousavam os restos mortais de sua irmã. Obtido o negativo, entrou no laboratório e, para obter uma prova, submeteu a placa de vidro às preparações ordinárias e expôs o clichê à luz. Lançando os olhos sobre a prova, quase caiu desmaiado. O interior da capela surgia com grande nitidez, mas a cabeça da jovem defunta aparecia vagamente na parte menos iluminada da fotografia. Distinguiam-se



perfeitamente seus traços suaves e encantadores e até as longas ondulações de sua indumentária. Contudo, através destas, os menores detalhes da capela acentuavam-se claramente.

A primeira reação do lorde foi crer numa aparição, mas logo sorriu tristemente abanando a cabeça. Com efeito, lembrou-se de que alguns anos antes, sobre aquela mesma placa de vidro, havia feito uma fotografia da irmã. Não tendo obtido resultado satisfatório, apagou o retrato e provavelmente apagou mal, pois seus vagos contornos hoje se confundem com a nova imagem impressa na chapa.

Na Inglaterra, alguns artistas exploram essa bizarra aplicação da fotografia; fabricam e vendem imagens duplas, cujas combinações produzem efeitos estranhos ou engraçados. Entre outros nos mostraram um castelo em ruínas, abaixo do qual transpareciam seu parque, suas fachadas e torreões, tais como deveriam existir antes de sua destruição. Fazem ainda retratos de velhos, através dos quais seus rostos aparecem como nos mais belos tempos da juventude.”

## Texto 10: Exame das comunicações mediúnicas que nos enviam - Maio/1863

Muitas comunicações nos foram enviadas por diferentes grupos, quer nos pedindo conselho e julgamento de suas tendências, quer, da parte de alguns, na esperança de as verem publicadas na Revista. Todas nos foram entregues com a faculdade de delas dispor como melhor entendêssemos para o bem da causa. Fizemos o seu exame e classificação e esperamos que ninguém haja de se surpreender ante a impossibilidade de inseri-las todas, considerando-se que, além das já publicadas, há mais de três mil e seiscentas que, sozinhas, teriam absorvido cinco anos completos da Revista, sem contar um certo número de manuscritos mais ou menos volumosos, dos quais falaremos adiante. A apreciação crítica deste exame nos fornecerá matéria para algumas reflexões, que cada um poderá tirar proveito.

Em grande número encontramos-las notoriamente más, no fundo e na forma, evidente produto de Espíritos ignorantes, obsessores ou mistificadores e que juram pelos nomes mais ou menos pomposos com que se revestem. Publicá-las teria sido dar armas à crítica. Circunstância digna de nota é que a quase totalidade das comunicações dessa categoria emana de indivíduos isolados, e não de grupos. Só a fascinação os poderia levar a tomá-las a sério e impedir que vissem o lado ridículo. Como se sabe, o isolamento favorece a fascinação, ao passo que as reuniões encontram controle na pluralidade das opiniões.

Todavia, reconhecemos com prazer que as comunicações dessa natureza formam, na massa, uma pequena minoria. A maioria das outras encerra bons pensamentos e excelentes conselhos, sem significar que todas devam ser publicadas, e isto pelos motivos que vamos expor.

Os Espíritos bons ensinam mais ou menos a mesma coisa em toda parte, porque em toda parte há os mesmos vícios a reformar e as mesmas virtudes a pregar. Eis um dos caracteres distintivos do Espiritismo; muitas vezes a diferença está apenas na correção e elegância do estilo. Para apreciar as comunicações, tendo em conta a publicidade, não se deve considerá-las de seu ponto de vista, mas do público. Compreendemos a satisfação que se experimenta ao obter algo de bom, sobretudo quando se começa, mas além do fato de que certas pessoas podem ter ilusão sobre o mérito intrínseco, não se pensa que em cem outros lugares se obtêm coisas semelhantes, e o que é de poderoso interesse individual pode ser banalidade para a massa.

Além disso, é preciso considerar que, de algum tempo para cá as comunicações adquiriram, em todos os aspectos, proporções e qualidades que deixam muito para trás as que eram obtidas há alguns anos. Aquilo que então era admirado parece pálido e mesquinho junto ao que se obtém hoje. Na maioria dos centros realmente sérios, o ensino dos Espíritos cresceu com a compreensão do Espiritismo. Desde que por toda parte são recebidas instruções mais ou menos idênticas, sua publicação poderá interessar apenas sob a condição de apresentar qualidades adicionais, como forma ou como alcance instrutivo. Seria, pois, ilusão crer que toda mensagem deve encontrar leitores numerosos e entusiastas. Outrora, a menor conversa espírita era uma novidade que atraía a atenção; hoje, que os espíritas e os médiuns não se contam mais, o que era uma raridade é um fato quase banal e habitual, e que foi distanciado pela vastidão e pelo alcance das comunicações atuais, assim como os deveres do escolar o são pelo trabalho do adulto.

Temos à vista a coleção de um jornal publicado no princípio das manifestações sob o título de A Mesa Falante, característico da época. Diz-se que o jornal tinha de 1.500 a 1.800 assinantes, cifra enorme para a época. Continha uma porção de pequenas conversas familiares e fatos mediúnicos que, então, atraíam profundamente a curiosidade. Aí procuramos em vão alguma coisa para reproduzir em nossa Revista; tudo quanto tivéssemos colhido seria hoje pueril e sem interesse. Se o jornal não tivesse desaparecido, por circunstâncias que não vêm ao caso, só poderia ter vivido com a condição de acompanhar o progresso da ciência e, se reaparecesse agora nas mesmas condições, não teria cinquenta assinantes. Os espíritas são imensamente mais numerosos do que então, é verdade; mas são mais esclarecidos e querem um ensinamento mais substancial.

Se as comunicações não emanassem senão de um único centro, sem dúvida os leitores se multiplicariam em razão do número de adeptos. Mas não se deve perder de vista que os focos que as produzem se contam aos milhares e que por toda parte onde são obtidas coisas superiores não pode haver interesse pelo que é fraco ou medíocre.

Não falamos assim para desencorajar as publicações; longe disso. Mas para mostrar a necessidade de uma escolha rigorosa, condição SINE qua non do sucesso. Aprofundando os seus ensinamentos, os Espíritos nos tornaram mais difíceis e mesmo exigentes. As publicações locais podem ter imensa utilidade, sob duplo aspecto: espalhar nas massas o ensino dado na intimidade e mostrar a concordância que existe nesse ensino sobre diversos pontos.

Aplaudiremos isto sempre e os encorajaremos toda vez que forem feitas em boas condições. Antes de mais, convém dela afastar tudo quanto, sendo de interesse privado, só interessa àquele que lhe concerne; depois, tudo quanto é vulgar no estilo e nas ideias, ou pueril pelo assunto. Uma coisa pode ser excelente em si mesma, muito boa para servir de instrução pessoal, mas o que deve ser entregue ao público exige condições especiais. Infelizmente o homem é propenso a imaginar que tudo o que lhe agrada deve agradar aos outros. O mais hábil pode enganar-se; o importante é enganar-se o menos possível. Há Espíritos que se comprazem em fomentar essa ilusão em certos médiuns; por isso nunca seria demais recomendar a estes últimos que não confiassem em seu próprio julgamento. É nisto que os grupos são úteis: pela multiplicidade de opiniões que eles permitem colher. Aquele que, neste caso, recusasse a opinião da maioria, julgando-se mais iluminado que todos, provaria sobejamente a má influência sob a qual se acha.

Aplicando esses princípios de ecletismo às comunicações que nos são enviadas, diremos que em 3.600 há mais de 3.000 que são de moralidade irreprochável, e excelentes como fundo; mas que desse número nem 300 merecem publicidade e apenas 100 têm mérito fora do comum. Como essas comunicações vieram de muitos pontos diferentes, inferimos que a proporção deve ser mais ou menos geral. Por aí pode julgar-se da necessidade de não publicar inconsideradamente tudo quanto vem dos Espíritos, se quisermos atingir o objetivo a que nos propomos, tanto do ponto de vista material quanto do efeito moral e da opinião que os indiferentes possam fazer do Espiritismo.

Resta-nos dizer algumas palavras sobre manuscritos ou trabalhos de fôlego que nos remeteram, entre os quais não encontramos, em trinta, mais que cinco ou seis de real valor. No mundo invisível, como na Terra, não faltam escritores, mas os bons são raros. Tal Espírito é apto a ditar uma boa comunicação isolada, a dar excelente conselho particular, mas incapaz de produzir um trabalho de conjunto completo, passível de suportar um exame, sejam quais forem suas pretensões e o nome com que se disfarce como garantia. Quanto mais alto o nome, maior o cuidado. Ora, é mais fácil tomar um nome que justificá-lo; eis por que, ao lado de alguns bons pensamentos, encontram-se, muitas vezes, ideias excêntricas e traços inequívocos da mais profunda ignorância. É nessas modalidades de trabalhos mediúnicos que temos notado mais sinais de obsessão, dos quais um dos mais frequentes é a injunção por parte do Espírito de os mandar imprimir; e alguns pensam erradamente que tal recomendação é suficiente para encontrar um editor atencioso que se encarregue da tarefa.

É principalmente em semelhante caso que um exame escrupuloso é necessário, se não nos quisermos expor a fazer discípulos à nossa custa. É, ainda, o melhor meio de afastar os Espíritos presunçosos e pseudo-sábios, que se retiram inevitavelmente quando não encontram instrumentos dóceis a quem façam aceitar suas palavras como artigos de fé. A intromissão desses Espíritos nas comunicações é, fato conhecido, o maior escolho do Espiritismo. Toda precaução é pouca para evitar as publicações lamentáveis. Em tais casos, mais vale pecar por excesso de prudência, no interesse da causa.

Em suma, publicando comunicações dignas de interesse, faz-se uma coisa útil. Publicando as que são fracas, insignificantes ou más, faz-se mais mal do que bem. Uma consideração não menos importante é a da oportunidade. Algumas há cuja publicação seria intempestiva e, por isso mesmo, prejudicial. Cada coisa deve vir a seu tempo. Várias das que nos são dirigidas estão neste caso e, conquanto muito boas, devem ser adiadas. Quanto às outras, acharão seu lugar conforme as circunstâncias e o seu objetivo.

## Texto 11: Espíritos incrédulos e materialistas - maio/1863

Pergunta – Na evocação do Sr. Viennois, feita na última sessão, encontra-se esta frase: “Vossa prece comoveu muitos Espíritos levianos e incrédulos.” Como podem os Espíritos ser incrédulos? O meio em que se acham não é, para eles, a negação da incredulidade?

Pedimos aos Espíritos que quiserem comunicar-se, que tratem dessa questão, caso julguem conveniente.

Resposta

– (Médium: Sr. d’Ambel). A explicação que me pedis não está escrita minuciosamente em vossas obras? Perguntais por que os Espíritos incrédulos ficaram comovidos. Mas vós mesmos não tendes dito que os Espíritos que se acham na erraticidade aí haviam entrado com suas aptidões, conhecimentos e maneira de ver passados? Meu Deus! Sou ainda muito incipiente para resolver a contento as questões espinhosas da doutrina. Não obstante posso, por experiência, a bem dizer recentemente adquirida, responder às questões de fatos. No mundo em que habitais, acreditava-se geralmente que a morte vem de repente modificar a opinião dos que se foram e que a venda da incredulidade é violentamente arrancada aos que na Terra negavam Deus. Aí está o erro, porque, para estes, a punição começa justamente em permanecerem na mesma incerteza relativamente ao Senhor de todas as coisas e a conservarem a mesma dúvida da Terra. Não, crede-me; a vista obscurecida da inteligência humana não percebe instantaneamente a luz. Proceda-se na erraticidade ao menos com tanta prudência quanto na Terra; assim, não se deve projetar os raios de luz elétrica sobre os olhos dos doentes que se queira curar. A passagem da vida terrestre à espiritual oferece, é certo, um período de confusão, de perturbação para a maioria dos que desencarnam. Alguns há, no entanto, que, desprendidos dos bens terrenos ainda em vida, realizam essa transição tão facilmente quanto uma pomba que se eleva no ar. É fácil perceberdes essa diferença examinando os hábitos dos viajantes que embarcam para atravessar os oceanos. Para alguns a viagem é um prazer; para a maioria um sofrimento, uma aflição que durará até o desembarque. Pois bem! Ocorre o mesmo com quem viaja da Terra ao mundo dos Espíritos. Alguns se desprendem rapidamente, sem sofrimento e sem perturbação, ao passo que outros são submetidos ao mal da travessia etérea. Mas acontece isto: assim como os viajantes que tocam a terra, ao sair do navio, recuperam o equilíbrio e a saúde, também o Espírito que transpõe os obstáculos da morte acaba por se achar, como no ponto de partida, com a consciência limpa e clara de sua individualidade.

É, pois, certo, meu caro Sr. Kardec, que os incrédulos e os materialistas absolutos conservam sua opinião além do túmulo, até a hora em que a razão ou a graça tiver despertado em seu coração o pensamento verdadeiro, ali escondido. Por isso essa difusão de ideias nas manifestações e essa divergência nas comunicações dos Espíritos de além-túmulo; por isso alguns ditados impregnados de ateísmo ou de panteísmo.

Permiti-me, ao terminar, voltar às questões que me são pessoais. Agradeço-vos porque me evocastes; isto ajudou a me reconhecer. Agradeço também as consolações que dirigistes à minha mulher e vos peço continueis vossas boas exortações, a fim de sustentá-la nas provas que a esperam. Quanto a mim, estarei sempre junto a ela e a inspirarei.

*Viennois*

Pergunta – Compreende-se a incredulidade em certos Espíritos, mas não se compreenderia o materialismo, pois seu estado é um protesto contra o reino absoluto da matéria e o nada depois da morte.

Resposta– (Médium: Sr. d’Ambel). Apenas uma palavra: todos os corpos sólidos ou fluídicos pertencem à substância material; isto está bem demonstrado. Ora, os que em vida só admitiam um princípio na Natureza – a matéria – muitas vezes não percebem ainda, depois da morte, senão esse princípio único, absoluto. Se refletísseis nos pensamentos que os dominaram toda a vida, achá-los-íeis certos, ainda hoje, sob a inteira subjugação desses mesmos pensamentos. Outrora se consideravam como corpos sólidos; hoje se olham como corpos fluídicos: eis tudo.

Notai bem que eles se apercebem sob uma forma claramente circunscrita, conquanto vaporosa, idêntica à que tinham na Terra, em estado sólido ou humano, de tal sorte que não veem em seu novo estado senão uma transformação de seu ser, no qual não haviam pensado. Mas ficam convencidos de que é um encaminhamento para o fim a que chegarão, quando estiverem suficientemente desprendidos, para se diluírem no todo universal. Nada mais obstinado do que um sábio; e eles persistem em pensar que, nem por ser demorado, esse fim é menos inevitável. Uma das condições de sua cegueira moral é de aprisionar mais violentamente nos laços da materialidade e, conseqüentemente, de os impedir que se afastem das regiões terrestres ou similares à Terra. E, assim como a maioria dos desencarnados, cativos na carne, não pode perceber as formas vaporosas dos Espíritos que os cercam, também a opacidade do envoltório dos materialistas lhes impede a contemplação das entidades espirituais que se movem, tão belas e tão radiosas, nas altas esferas do império celeste.

*Erasto*

Outra comunicação – (Médium: Sr. A. Didier).

A dúvida é a causa das penas e, muitas vezes, dos erros deste mundo. Ao contrário, o conhecimento do Espiritualismo causa as penas e os erros dos Espíritos. Onde estaria o castigo se os Espíritos não reconhecessem seus erros senão como consequência da realidade penitenciária da outra vida? Onde estaria o seu castigo se sua alma e seu coração não sentissem todo o erro do cepticismo terreno e o nada da matéria? O Espírito vê o Espírito como a carne vê a carne; o erro do Espírito não é o erro da carne e o homem materialista que aqui duvidou não mais duvida lá em cima. O suplício dos materialistas é lamentar as alegrias e satisfações terrestres, eles que ainda não podem compreender nem sentir as alegrias e as perfeições da alma. E vede o rebaixamento moral desses Espíritos que vivem completamente na esterilidade moral e física, lamentando esses bens que, momentaneamente, constituíram a sua alegria e atualmente constituem o seu suplício. Agora, é verdade que sem ser materialista pela satisfação de suas paixões terrenas, pode-se sê-lo mais no campo das ideias e do espírito que nos atos da vida. É o que se chama de livres-pensadores e os que não ousam aprofundar as causas de sua existência. No outro mundo estes também serão punidos; nadam na verdade, mas não são por ela penetrados; seu orgulho abatido os faz sofrer e lamentam aqueles dias terrenos em que, ao menos, tinham liberdade de duvidar.

*Lammenais*

Observação de Kardec: À primeira vista esta apreciação parece em contradição com a de Erasto. Este admite que certos Espíritos podem conservar as ideias materialistas, enquanto Lammenais pensa que essas ideias são apenas o pesar dos prazeres materiais, mas que tais Espíritos estão perfeitamente esclarecidos quanto ao seu estado espiritual. Os fatos parecem vir em apoio da opinião de Erasto. Desde que vemos Espíritos que, mesmo muito tempo depois da morte, ainda se julgam vivos, dedicam-se ou creem dedicar-se às ocupações terrenas, é que têm completa ilusão quanto à sua posição e não se dão conta absolutamente de seu estado espiritual. Já que não se julgam mortos, não seria de admirar que tivessem conservado a ideia do nada após a morte, que para eles ainda não veio. Foi sem dúvida neste sentido que quis falar Erasto.

Resposta– Evidentemente eles têm a ideia do nada; mas é uma questão de tempo. Chega o momento em que no alto se rompe o véu e as ideias materialistas se tornam inaceitáveis. A resposta de Erasto assenta sobre fatos particulares e momentâneos; eu não falava senão de fatos gerais e definitivos. *Lammenais*

Observação de Kardec: A divergência era apenas aparente e só resultava do ponto de vista sob o qual cada um encarava a questão. É bastante evidente que um Espírito não pode ficar perpetuamente materialista. Perguntava-se tão-somente se essa ideia seria necessariamente destruída logo após a morte. Ora, ambos os Espíritos estão de acordo quanto a este ponto e se pronunciam pela negativa. Acrescentemos que a persistência da dúvida sobre o futuro é um castigo para o Espírito incrédulo; é para ele uma tortura tanto mais pungente porque não tem as preocupações terrenas para o distrair.

## Texto 12: Do princípio da não retrogradação do Espírito - Junho/1863

Tendo sido levantadas várias vezes questões sobre o princípio da não retrogradação dos Espíritos, princípio diversamente interpretado, vamos tentar resolvê-las. O Espiritismo quer ser claro para todos e não deixar aos seus futuros adeptos nenhum motivo para discussão de palavras. Por isso todos os pontos susceptíveis de interpretação serão elucidados sucessivamente.

Os Espíritos não retrogradam, no sentido de que nada perdem do progresso realizado. Podem ficar momentaneamente estacionários, mas de bons não podem tornar-se maus, nem de sábios, ignorantes. Tal o princípio geral, que só se aplica ao estado moral e não à situação material, que de boa pode tornar-se má se o Espírito a tiver merecido.

Façamos uma comparação. Suponhamos um homem do mundo, instruído, mas culpado de um crime que o conduz às galés. Certamente há para ele uma grande descida como posição social e como bem-estar material. À estima e à consideração sucederam o desprezo e a abjeção. E, contudo, ele nada perdeu quanto ao desenvolvimento da inteligência; levará à prisão as suas faculdades, os seus talentos, os seus conhecimentos. É um homem decaído e é assim que devem ser compreendidos os Espíritos decaídos. Pode Deus, pois, ao cabo de um certo tempo de prova, retirar de um mundo onde não terão progredido moralmente aqueles que o tiverem desconhecido, que se houverem rebelado contra as suas leis, para mandar que expiem os seus erros e o seu endurecimento num mundo inferior, entre seres ainda menos adiantados. Aí serão o que antes eram, moral e intelectualmente, mas numa condição infinitamente mais penosa, pela própria natureza do globo e, sobretudo, pelo meio no qual se acharão. Numa palavra, estarão na posição de um homem civilizado, forçado a viver entre os selvagens, ou de um homem muito distinto, condenado à sociedade dos degredados. Perderam a posição e as vantagens, mas não regrediram ao estado primitivo. De homens adultos não se tornaram crianças. Eis o que se deve entender pela não retrogradação. Não tendo aproveitado o tempo, é para eles um trabalho a recomençar. Em sua bondade, Deus não os quer deixar por mais tempo entre os bons, cuja paz perturbam. Eis por que os envia entre homens que terão por missão fazer estes últimos progredirem, ensinando-lhes o que sabem. Por esse trabalho poderão eles próprios se adiantarem e resgatarem suas dívidas, expiando as faltas passadas, como o escravo que pouco a pouco economiza para um dia comprar a liberdade. Mas como o escravo, muitos só economizam dinheiro, em vez de entesourar virtudes, as únicas que podem pagar o resgate.

Esta a situação, até agora, de nossa Terra, mundo de expiação e de prova, onde a raça adâmica, raça inteligente, foi exilada entre as raças primitivas inferiores, que a habitavam antes. Esta a razão pela qual há tantas amarguras aqui, amarguras que estão longe de sentir no mesmo grau os povos selvagens. Certamente há retrogradação do Espírito no sentido de que retarda seu progresso, mas não do ponto de vista das aquisições, em razão das quais e do desenvolvimento de sua inteligência, sua decadência social é mais penosa. É assim que o homem do mundo sofre mais num meio abjeto do que aquele que sempre viveu na lama.

Conforme um sistema que tem algo de especioso à primeira vista, os Espíritos não teriam sido criados para encarnarem e a encarnação seria tão-somente o resultado de sua falta. Tal sistema cai pela mera consideração de que se nenhum Espírito tivesse falido, não haveria homens na Terra, nem em outros mundos. Ora, como a presença do homem é necessária para o melhoramento material dos mundos; como ele concorre por sua inteligência e atividade para a obra geral, ele é uma das engrenagens essenciais da Criação. Deus não poderia subordinar a realização desta parte de sua obra à queda eventual de suas criaturas, a menos que contasse para tanto com um número sempre suficiente de culpados, de modo a alimentar de operários os mundos criados e por criar. O bom-senso repele tal ideia.

A encarnação é, pois, uma necessidade para o Espírito que, realizando a sua missão providencial, trabalha seu próprio adiantamento pela atividade e pela inteligência, que deve desenvolver, a fim de prover à sua vida e ao seu bem-estar. Mas a encarnação torna-se uma punição quando o Espírito, não tendo feito o que devia, é constrangido a recomençar sua tarefa, multiplicando penosas existências corporais por sua própria culpa. Um estudante não é graduado senão depois de ter passado por todas as classes. Essas classes

são um castigo? Não: são uma necessidade, uma condição indispensável de seu progresso. Mas se, pela preguiça, for obrigado a repeti-las, aí está a punição. Poder passar em algumas é um mérito. O que, pois, é certo é que a encarnação na Terra é uma punição para muitos dos que a habitam, porque poderiam tê-la evitado, ao passo que talvez tenham dobrado, triplicado e centuplicado a existência por sua própria culpa, assim retardando sua entrada em mundos melhores. O que é errado é admitir em princípio a encarnação como um castigo.

Outra questão muitas vezes aventada é esta: Como o Espírito foi criado simples e ignorante, com a liberdade de fazer o bem ou o mal, não haveria queda moral para aquele que tomasse o mau caminho, desde que chega a fazer o mal que antes não fazia?

Esta proposição não é mais sustentável que a precedente. Só há queda na passagem de um estado relativamente bom a um pior. Ora, criado simples e ignorante, o Espírito está, em sua origem, num estado de nulidade moral e intelectual como a criança que acaba de nascer. Se não fez o mal, também não fez o bem. Nem é feliz, nem infeliz. Age sem consciência e sem responsabilidade. Desde que nada tem, nada pode perder, como não pode retrogradar. Sua responsabilidade não começa senão no momento em que se desenvolve o seu livre-arbítrio. Seu estado primitivo não é, pois, um estado de inocência inteligente e raciocinada. Conseqüentemente, o mal que fizer mais tarde, infringindo as leis de Deus, abusando das faculdades que lhe foram dadas, não é um retorno do bem ao mal, mas a consequência do mau caminho por onde se embrenhou.

Isto nos conduz a outra questão. Por exemplo: É possível que Nero, na sua encarnação como Nero, possa ter feito mais mal que na sua precedente existência? A isto respondemos sim, o que não implica que na existência em que tivesse feito menos mal fosse melhor. Antes de tudo, o mal pode mudar de forma sem ser pior ou menos mal. A posição de Nero, como imperador, tendo-o posto em evidência, o que ele fez ficou mais notado; numa existência obscura pôde ter cometido atos igualmente repreensíveis, conquanto em menor escala, e que passaram despercebidos. Como soberano, pôde mandar incendiar uma cidade; como particular pôde queimar uma casa e fazer perecer a família. Tal assassino vulgar, que mata alguns viandantes para os despojar, se estivesse no trono seria um tirano sanguinário, fazendo em grande escala o que sua posição só lhe permite fazer em escala reduzida.

Considerando a questão de outro ponto de vista, diremos que um homem pode fazer mais mal numa existência que na precedente, mostrar vícios que não tinha, sem que isto implique uma degenerescência moral. Muitas vezes são as ocasiões que faltam para fazer o mal, quando o princípio existe latente; surge a ocasião e os maus instintos se descobrem. A vida ordinária nos oferece numerosos exemplos: tal homem, que era tido como bom, de repente exhibe vícios que ninguém suspeitava, e que causam admiração; é simplesmente porque soube dissimular ou porque uma causa provocou o desenvolvimento do mau germe. É indubitável que aquele em que os bons sentimentos estão fortemente arraigados nem mesmo tem o pensamento do mal; quando tal pensamento existe, é que o germe existe: muitas vezes só falta a execução.

Depois, como dissemos, embora sob diferentes formas o mal não deixa de ser o mal. O mesmo princípio vicioso pode ser a fonte de uma imensidade de atos diversos, provenientes de uma mesma causa. O orgulho, por exemplo, pode fazer cometer grande número de faltas, às quais se está exposto, enquanto o princípio radical não for extirpado. Pode, pois, o homem, numa existência, ter defeitos que não se tinham manifestado numa outra e que não passam de consequências variadas de um mesmo princípio vicioso. Para nós, Nero é um monstro, porque cometeu atrocidades. Mas acreditais que esses homens – pérfidos, hipócritas, verdadeiras víboras que semeiam o veneno da calúnia, despojam as famílias pela astúcia e pelo abuso de confiança, que cobrem suas torpezas com a máscara da virtude para chegarem com mais segurança a seus fins e receberem elogios, quando só merecem a execração – valham mais do que Nero? Com certeza, não. Serem reencarnados num Nero para eles não seria um retrocesso, mas uma ocasião para se mostrarem sob nova face. Como tais, exhibirão os vícios que ocultavam; ousarão fazer pela força o que faziam pela astúcia, eis toda a diferença. Mas essa nova prova lhes tornará o castigo ainda mais terrível se, em vez de aproveitar os meios que lhes são dados para reparar, deles se servirem para o mal. E, entretanto, por pior que seja, cada existência é uma oportunidade de progresso para o



## Estudo: Revista Espírita de Allan Kardec – Textos Seleccionados (parte III)

Espírito: ele desenvolve a inteligência, adquire experiência e conhecimentos que, mais tarde, o ajudarão a progredir moralmente.

## Texto 13: Poder da vontade sobre as paixões - julho/1863

Um rapaz de vinte e três anos, o Sr. A..., de Paris, que se iniciou no Espiritismo há apenas dois meses, captou o seu alcance com tal rapidez que, sem nada ter visto, o aceitou em todas as suas consequências morais. Dirão que isto não é de admirar da parte de um jovem, e não prova senão uma coisa: a leviandade e um entusiasmo irrefletido. Seja. Mas prossigamos. Esse moço irrefletido, como ele próprio reconhece, tinha um grande número de defeitos, dos quais o mais saliente era uma irresistível predisposição para a cólera, desde a infância. Pela menor contrariedade, pelas causas mais fúteis, quando entrava em casa e não encontrava imediatamente o que queria; se uma coisa não estivesse no seu lugar habitual; se o que tivesse pedido não estivesse pronto em um minuto, enfurecia-se e tudo quebrava. Era a tal ponto que um dia, num paroxismo de cólera, explodindo contra a mãe, disse-lhe: “Vai-te embora, ou eu te mato!” Depois, esgotado pela superexcitação, caía sem consciência. Acrescenta-se que nem os conselhos dos pais, nem as exortações da religião tinham podido vencer esse caráter indomável, compensado, aliás, por uma grande inteligência, uma instrução cuidadosa e os mais nobres sentimentos.

Dir-se-á que é o efeito de um temperamento bilioso-sanguíneo-nervoso; resultado do organismo e, por conseguinte, arrastamento irresistível. Resulta desse sistema que se, em seus desvarios, tivesse cometido um assassinato, seria perfeitamente desculpável, porque teria resultado de um excesso de bile. Resulta ainda que, a menos que modificasse o temperamento, que mudasse o estado normal do fígado e dos nervos, esse rapaz estaria predestinado a todas as funestas consequências da cólera.

– Conheceis um remédio para tal estado patológico? Não, nenhum, a não ser que, com o tempo, a idade possa atenuar a abundância de secreções mórbidas. – Pois bem! o que não pode a Ciência, o Espiritismo o faz, não pela ação do tempo e em consequência de um esforço contínuo, mas instantaneamente.

Bastaram alguns dias para fazer desse jovem um ser meigo e paciente. A certeza adquirida da vida futura, o conhecimento do objetivo da vida terrestre, o sentimento da dignidade do homem, revelada pelo livre-arbítrio, que o coloca acima do animal, a responsabilidade daí decorrente, o pensamento de que a maior parte dos males terrenos são a consequência de nossos atos, todas essas ideias, hauridas num estudo sério do Espiritismo, produziram em seu cérebro uma súbita revolução; pareceu-lhe que um véu foi retirado de seus olhos; a vida se lhe apresentou sob outra face.

Então, certo de que tinha em si um ser inteligente, independente da matéria, disse de si para si: “Este ser deve ter uma vontade, ao passo que a matéria não a tem; portanto, ele pode dominar a matéria.” Daí este outro raciocínio: “O resultado de minha cólera foi tornar-me doente e infeliz, e ela não me dá o que me falta; logo é inútil, já que não estou mais adiantado. Ela me produz mal e nenhum bem me dá em compensação; mais ainda: poderia impelir-me a atos repreensíveis, criminosos talvez.” – Ele quis vencer, e venceu. Desde então, mil ocasiões se apresentaram que, antes, o teriam enfurecido e ante as quais ele ficou impassível e indiferente, para grande estupefação de sua mãe. Sentia o sangue ferver e subir à cabeça, mas, por sua vontade, o fazia refluir, forçando-o a descer.

Um milagre não teria feito melhor. Mas o Espiritismo fez muitos outros, que nossa revista não bastaria para registrar, se quiséssemos relatar todos os que são do nosso conhecimento pessoal, atinentes a reformas morais dos mais inveterados hábitos.

Citamos este como um exemplo notável do poder da vontade e, também, porque levanta um importante problema, que só o Espiritismo pode resolver.

O Sr. A... nos perguntava a respeito se seu Espírito era responsável por sua violência, ou se apenas sofria a influência da matéria. Eis a nossa resposta:

Vosso Espírito é de tal modo responsável que, quando o quisestes seriamente, controlastes o movimento sanguíneo. Assim, se o tivésseis querido antes, os acessos teriam cessado mais cedo e não teríeis ameaçado vossa mãe. Além disso, quem é que se encoleriza? O corpo ou o Espírito? Se os acessos viessem sem motivo, poder-se-ia crer que eram provocados pelo afluxo sanguíneo; mas, fútil ou não, tinham por causa uma contrariedade. Ora, evidentemente não era o corpo que estava contrariado, mas o



Espírito, muito susceptível. Contrariado, o Espírito reagia sobre um sistema orgânico irritável, que não teria sido provocado se tivesse ficado em repouso. Façamos uma comparação. Tendes um cavalo fioso; se souberdes governá-lo, ele se submete; se o maltratardes, ele se enfurece e vos derruba. De quem a falta: vossa ou do cavalo?

Para mim, é evidente que vosso Espírito é naturalmente irascível; mas como cada um traz consigo o seu pecado original, isto é, um resto das antigas inclinações, não é menos evidente que, em vossa precedente existência, tivésseis sido um homem de extrema violência, e que provavelmente teríeis pago muito caro, talvez com a própria vida. Na erraticidade, vossas outras boas qualidades vos ajudaram a compreender vossos erros; tomastes a resolução de vos vencer e, para isto, lutar em uma nova existência. Mas se tivésseis escolhido um corpo débil e linfático, vosso Espírito, não encontrando nenhuma dificuldade, nada teria ganhado, o que para vós significaria ter de recomeçar. Eis por que escolhestes um corpo bilioso, a fim de ter o mérito da luta. Agora a vitória está alcançada. Vencestes o inimigo do vosso repouso e nada pode entrar o livre exercício de vossas boas qualidades. Quanto à facilidade com a qual aceitastes e compreendestes o Espiritismo, ela se explica pela mesma causa: éreis espírita há muito tempo; esta crença era inata em vós e o materialismo foi apenas o resultado da falsa direção dada às vossas ideias. Abafada inicialmente, a ideia espírita permaneceu em estado latente e bastou uma centelha para a despertar. Bendizei, pois, a Providência que permitiu que esta centelha chegasse em boa hora para deter uma inclinação que talvez vos tivesse causado amargos desgostos, ao passo que vos resta uma longa carreira a percorrer na estrada do bem.

Todas as filosofias se chocaram contra esses mistérios da vida humana, que pareciam insondáveis até que o Espiritismo lhes trouxe o seu facho. Em presença de tais fatos, ainda se pode perguntar para que serve ele? Estamos no direito de bem augurar o futuro moral da Humanidade quando ele for compreendido e praticado por todo o mundo.

## Texto 14: Senhorita Júlia - Dezembro/1863

Dissemos que não havia possessos no sentido vulgar do termo, mas subjugados. Queremos reconsiderar esta asserção, posta de maneira um tanto absoluta, já que agora nos é demonstrado que pode haver verdadeira possessão, isto é, substituição, embora parcial, de um Espírito encarnado por um Espírito errante. Eis um primeiro fato que o prova, apresentando o fenômeno em toda a sua simplicidade.

Várias pessoas se achavam um dia na casa de uma senhora, médium sonâmbula. De repente esta assumiu atitudes francamente masculinas, mudou a voz e, dirigindo-se a um dos assistentes, exclamou: “Ah! meu caro amigo, como estou contente por te ver!” Surpresos, perguntam o que isto significa. A senhora continua: “Como! meu caro, não me reconheces? Ah! é verdade; estou coberto de lama! Sou Carlos Z...” A este nome os assistentes se lembraram de um senhor, morto alguns meses antes, vitimado por um ataque de apoplexia, à beira de uma estrada; tinha caído num fosso, de onde lhe retiraram o corpo coberto de lama. Declarou que, querendo conversar com seu velho amigo, aproveitou o momento em que o Espírito da senhora A..., a sonâmbula, estava afastado de seu corpo, para tomar-lhe o lugar. Com efeito, tendo-se repetido a cena vários dias seguidos, a Sra. A... de cada vez tomava as poses e maneiras habituais do Sr. Charles, apoiando-se no encosto da poltrona, cruzando as pernas, torcendo o bigode, passando os dedos pelos cabelos, de sorte que, salvo as roupas femininas, poder-se-ia crer estar diante do Sr. Charles. Contudo, não havia transfiguração, como vimos em outras circunstâncias. Eis algumas de suas respostas:

P. – Já que tomastes posse do corpo da Sra. A..., poderíeis nele permanecer?

Resp. – Não, mas vontade não me falta.

P. – Por que não o podeis?

Resp. – Porque seu Espírito está sempre ligado ao seu corpo. Ah! se eu pudesse romper esse laço, eu lhe pregaria uma peça.

P. – Que faz durante este tempo o Espírito da Sra. A...?

Resp. – Está aqui ao lado, olhando para mim e rindo por me ver em suas vestes.

Estas conversas eram muito divertidas. O Sr. Charles tinha sido um bon vivant e não desmentia seu caráter. Entregue à vida material, era pouco adiantado como Espírito, mas bom por natureza e benevolente.

Apoderando-se do corpo da Sra. A..., não tinha qualquer intenção má, de sorte que aquela senhora nada sofria com a situação, a que se prestava de bom grado. É bom que se diga que ela não conhecera o Sr. Charles e não podia estar a par de suas maneiras. É ainda de notar que os assistentes não pensavam nele, a cena não foi provocada e ele veio espontaneamente.

Aqui a possessão é evidente e ressalta ainda melhor dos detalhes, cuja enumeração seria demasiado longa; mas é uma possessão inocente e sem inconvenientes. Já o mesmo não ocorre quando se trata de um Espírito maléfico e mal-intencionado. Pode ter consequências tanto mais graves quanto mais tenazes são esses Espíritos, o que muitas vezes se torna difícil livrar o paciente, do qual fazem sua vítima. Eis um exemplo recente, que nós mesmos tivemos oportunidade de observar e que se constituiu em sério objeto de estudo para a Sociedade de Paris:

A senhorita Júlia, doméstica, nascida na Saboia, com vinte e três anos, caráter muito afável, sem qualquer instrução, desde algum tempo era susceptível a acessos de sonambulismo natural, que duravam semanas inteiras. Nesse estado consagrava-se a seu trabalho habitual, sem que as pessoas estranhas desconfiassem de sua situação; seu trabalho era até mais cuidadoso; sua lucidez, notável; descrevia lugares e acontecimentos a distância com perfeita exatidão.

Há cerca de seis meses foi acometida de crises de caráter muito estranho, que sempre ocorriam no estado sonambúlico, o qual se tornara, de certo modo, seu estado normal. Contorcias-se e rolava pelo chão, como a se debater sob a opressão de alguém que a quisesse estrangular e, de fato, apresentava todos os sintomas do estrangulamento. Acabava vencendo esse ser fantástico, agarrava-o pelos cabelos, acabrunhava-o com golpes, injúrias e imprecações, apostrofando-o incessantemente com o nome de Fredegunda, infame regente, rainha impudica, criatura vil e manchada por todos os crimes, etc. Tripudiava como se a pisoteasse com raiva, arrancando-lhe as roupas e os adereços. Coisa bizarra, tomando-se ela

própria por Fredegunda, golpeava-se repetidamente nos braços, no peito e no rosto, dizendo: “Toma! toma! é bastante infame Fredegunda? Queres sufocar-me, mas não o conseguirás; queres meter-te em minha caixa, mas eu te expulsarei dela.” Minha caixa era o termo de que se servia para designar o seu corpo. Nada poderia pintar melhor o acento frenético com o qual, rangendo os dentes, ela pronunciava o nome de Fredegunda, nem as torturas que sofria nesses momentos.

Um dia, para ver-se livre de sua adversária, tomou de uma faca e tentou ferir-se; foi detida a tempo, evitando-se um acidente. Coisa não menos notável é que jamais tomou qualquer dos presentes por Fredegunda; a dualidade era sempre nela mesma e era contra si mesma que dirigia o seu furor quando o Espírito estava nela, e contra um ser invisível quando dele ela se havia desembaraçado. Para os outros era meiga e benevolente, mesmo nos momentos de maior exasperação.

Essas crises, verdadeiramente aterradoras, muitas vezes duravam horas e se repetiam várias vezes por dia. Quando acabavam por vencer Fredegunda, esta caía num estado de prostração e de acobramento de que só saía pouco a pouco, mas que lhe deixava uma grande fraqueza e dificuldade de falar. Sua saúde estava profundamente alterada; nada podia comer e por vezes ficava oito dias sem alimentar-se. Para ela as melhores iguarias tinham gosto horrível, levando-a a rejeitá-las. Dizia que era obra de Fredegunda, que a queria impedir de comer.

Dissemos acima que a moça não recebeu qualquer instrução. Em vigília jamais ouvira falar de Fredegunda, nem de seu caráter, nem do papel que representou. Ao contrário, em estado sonambúlico, sabe-o perfeitamente e diz ter vivido em seu tempo. Não era Brunehaut, como a princípio se supôs, mas outra pessoa, ligada à sua corte.

Outra observação, não menos importante, é que, quando começaram as crises, a senhorita Júlia jamais se havia ocupado de Espiritismo, cujo nome lhe era desconhecido. Ainda hoje, em vigília, ela lhe é estranha e nele não crê. Só o conhece no estado sonambúlico, e somente depois que começou a ser cuidada.

Assim, tudo quanto disse foi espontâneo. Diante de uma situação tão estranha, uns atribuem o estado dessa moça a uma afecção nervosa; outros a uma loucura de caráter especial, opinião que, à primeira vista, tinha uma aparência de realidade. Declarou um médico que, no estado atual da Ciência, nada podia explicar semelhantes fenômenos, e que não via nenhum remédio. Todavia, pessoas experimentadas no Espiritismo reconhecem sem dificuldade que ela estava sob o império de uma subjugação das mais graves, e que lhe poderia ser fatal. Sem dúvida, quem não a tivesse visto senão nos momentos de crise e só tivesse considerado a estranheza de seus atos e palavras, teria dito que era louca e lhe haveria infligido o tratamento dos alienados que, sem sombra de dúvida, teria provocado uma loucura verdadeira; mas esta opinião deveria ceder diante dos fatos. No estado de vigília sua conversa é a de uma pessoa de sua condição e em conformidade com a sua falta de instrução; sua inteligência chega a ser vulgar. Já no estado de sonambulismo o quadro se modifica completamente: nos momentos de calma ela raciocina com muito senso, justeza e verdadeira profundidade. Ora, seria loucura singular esta que aumentasse a dose de inteligência e de julgamento. Só o Espiritismo pode explicar essa aparente anomalia.

No estado de vigília, sua alma ou Espírito está comprimido por órgãos que lhe não permitem senão um desenvolvimento incompleto; no estado de sonambulismo, a alma, emancipada, está em parte liberta de seus laços e goza da plenitude de suas faculdades. Nos momentos de crise, suas palavras e atos são excêntricos somente para os que não creem na ação dos seres do mundo invisível. Vendo apenas o efeito, e não remontando à causa, eis por que todos os obsidiados, subjugados e possessos passam por loucos. Nos manicômios sempre houve, em todos os tempos, pretensos loucos dessa natureza e que seriam facilmente curados se não nos obstinásemos a neles ver apenas uma doença orgânica.

Como, porém, a senhorita Júlia não tivesse recursos, uma família de verdadeiros e sinceros espíritas concordou em tomá-la a seu serviço, mas, na sua situação, ela deveria ser muito mais um estorvo do que uma utilidade, e era preciso um verdadeiro devotamento para cuidar dela. Mas essas pessoas foram bem recompensadas, primeiro pelo prazer de praticar uma boa ação, depois pela satisfação de haver contribuído poderosamente para a sua cura, hoje completa. Dupla cura, porque não só a senhorita Júlia se libertou, mas sua inimiga converteu-se a melhores sentimentos.



Eis o que testemunhamos numa dessas lutas terríveis, que não durou menos de duas horas, quando pudemos observar o fenômeno nos mínimos detalhes e no qual reconhecemos de imediato uma completa analogia com os dos possessos de Morzine. A única diferença é que em Morzine os possessos se entregavam a atos contra os indivíduos que os contrariavam, e falavam do diabo que tinham em si, pois os haviam convencido de que era o diabo. Em Morzine a senhorita Júlia teria chamado Fredegunda de Diabo.

## Texto 15: Período de luta - dezembro/1863

O primeiro período do Espiritismo, caracterizado pelas mesas girantes, foi o da curiosidade. O segundo foi o período filosófico, marcado pelo aparecimento de O Livro dos Espíritos. A partir deste momento, o Espiritismo tomou um caráter completamente diverso. Entreviram-lhe o objetivo e o alcance e nele hauriram fé e consolação, sendo tal a rapidez de seu progresso que nenhuma outra doutrina filosófica ou religiosa oferece exemplo semelhante. Mas, como todas as ideias novas, teve adversários tanto mais obstinados quanto maior era a ideia, porque nenhuma ideia grande pode estabelecer-se sem ferir interesses. É preciso que ocupe um lugar e as pessoas deslocadas não podem vê-la com bons olhos. Depois, ao lado das pessoas interessadas estão os que, por espírito de sistema e sem razões precisas, são adversários natos de tudo quanto é novo.

Nos primeiros anos, muitos duvidaram de sua vitalidade, razão por que lhe deram pouca atenção. Mas quando o viram crescer, a despeito de tudo, propagar-se em todas as fileiras da sociedade e em todas as partes do mundo, tomar o seu lugar entre as crenças e tornar-se uma potência pelo número de seus aderentes, os interessados na manutenção das ideias antigas alarmaram-se seriamente. Então uma verdadeira cruzada foi dirigida contra ele, dando início ao período da luta, de que o auto-de-fé de Barcelona, de 9 de outubro de 1861, de certo modo foi o sinal. Até então ele tinha sido alvo dos sarcasmos da incredulidade, que ri de tudo, principalmente do que não compreende, mesmo das coisas mais santas, e aos quais nenhuma ideia nova pode escapar: é o seu batismo de fogo. Mas os outros não riem: fitam-no com cólera, sinal evidente e característico da importância do Espiritismo. Desde então os ataques assumiram um caráter de violência inaudita. Foi dada a palavra de ordem: sermões furibundos, pastorais, anátemas, excomunhões, perseguições individuais, livros, brochuras, artigos de jornais, nada foi poupado, nem mesmo a calúnia.

Estamos, pois, em pleno período de luta, mas este não terminou. Vendo a inutilidade dos ataques a céu aberto, vão ensaiar a guerra subterrânea, que se organiza e já começa. Uma calma aparente vai ser sentida, mas é a calma precursora da tempestade; não obstante, à tempestade sucede a bonança.

Espíritas, não vos inquieteis, porque a saída não é duvidosa; a luta é necessária e o triunfo será mais retumbante. Disse e repito: vejo o fim; sei como e quando será alcançado. Se vos falo com tal segurança é que para tanto tenho razões, sobre as quais a prudência manda que me cale, mas vós as conhecereis um dia. Tudo quanto vos posso dizer é que virão poderosos auxiliares para fechar a boca de mais de um detrator. Contudo a luta será viva e se, no conflito, houver algumas vítimas de sua fé, que estas se rejubilem, como o faziam os primeiros mártires cristãos, dos quais muitos estão entre vós, para vos encorajar e dar o exemplo; que se lembrem destas palavras do Cristo: “Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o Reino dos céus. Bem-aventurados sois vós quando vos injuriarem, e perseguirem, e, mentindo, disserem todo o mal contra vós, por minha causa. Exultai e alegrai-vos, pois grande é o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que vieram antes de vós.” [São Mateus, capítulo V, versículos 10, 11 e 12].

Estas palavras não parecem ter sido ditas para os espíritas de hoje, como para os apóstolos de então? É que as palavras do Cristo têm isto de particular: são para todos os tempos, porque sua missão era para o futuro, como para o presente.

A luta determinará uma nova fase do Espiritismo e levará ao quarto período, que será o período religioso; depois virá o quinto, período intermediário, consequência natural do precedente, e que mais tarde receberá sua denominação característica. O sexto e último período será o da regeneração social, que abrirá a era do século vinte. Nessa época, todos os obstáculos à nova ordem de coisas determinadas por Deus para a transformação da Terra terão desaparecido. A geração que surge, imbuída das ideias novas, estará em toda a sua força e preparará o caminho da que há de inaugurar o triunfo definitivo da união, da paz e da fraternidade entre os homens, confundidos numa mesma crença, pela prática da lei evangélica. Assim serão confirmadas as palavras do Cristo, já que todas devem ter cumprimento e muitas se realizam neste momento, porque os tempos preditos são chegados. Mas é em vão que, tomando a figura pela realidade, procurais sinais no céu: esses sinais estão ao vosso lado e surgem de todas as partes.



É notável que as comunicações dos Espíritos tenham tido um caráter especial em cada período: no primeiro eram frívolas e levianas; no segundo foram graves e instrutivas; a partir do terceiro eles presentiram a luta e suas diferentes peripécias. A maior parte das que se obtém hoje nos diversos centros tem por objetivo prevenir os adeptos contra as intrigas de seus adversários. Assim, por toda parte são dadas instruções a este respeito, como por toda parte é anunciado um resultado idêntico. Tal coincidência, sobre este como sobre muitos outros pontos de vista, não é um dos fatos menos significativos. A situação se acha completamente resumida nas duas comunicações seguintes, cuja veracidade já foi reconhecida por muitos espíritas.

## Texto 16: Médiuns curadores (reprodução parcial) - Janeiro/1864

Um oficial de caçadores, espírita de longa data, e um dos numerosos exemplos de reformas morais que o Espiritismo pode operar, transmitiu-nos os seguintes detalhes:

“Caro mestre, aproveitamos as longas horas de inverno para nos entregarmos com ardor ao desenvolvimento de nossas faculdades mediúnicas. A tríade do 4º caçadores, sempre unido, sempre vivo, inspira-se em seus deveres e ensaia novos esforços. Sem dúvida desejais conhecer o objeto de nossos trabalhos, a fim de saber se o campo que cultivamos não é estéril. Podereis julgá-lo pelos detalhes seguintes. Desde alguns meses nossos trabalhos têm como meta o estudo dos fluidos. Esse estudo desenvolveu em nós a mediunidade curadora; assim, agora a aplicamos com sucesso. Há alguns dias, uma simples emissão fluídica de cinco minutos com minha mão foi suficiente para tirar uma nevralgia violenta.

Há vinte anos a Sra. P... estava afetada por uma hiperestesia aguda ou exagerada sensibilidade da pele, moléstia que a retinha no quarto há quinze anos. Mora numa pequena cidade vizinha e, tendo ouvido falar de nosso grupo espírita, veio buscar alívio junto de nós. Partiu ao cabo de trinta e cinco dias, completamente curada. Durante esse tempo recebeu diariamente um quarto de hora de emissão fluídica, com o concurso de nossos guias espirituais.

Ao mesmo tempo cuidávamos de um epilético, acometido por essa terrível enfermidade há vinte e sete anos. As crises se repetiam quase todas as noites, durante as quais sua mãe passava longas horas à sua cabeceira. Trinta e cinco dias bastaram para esta cura importante; e como aquela mãe estava feliz, levando o filho radicalmente curado! Nós nos revezávamos os três de oito em oito dias. Para a emissão fluídica, ora colocávamos a mão sobre a boca do estômago do doente, ora sobre a nuca, na raiz do pescoço. Cada dia o doente podia constatar uma melhora; nós mesmos, após a evocação e durante o recolhimento, sentíamos o fluido exterior nos invadir, passar em nós e se nos escapar dos dedos esticados e dos braços estendidos para o corpo do paciente que tratávamos.”

Tendo sido lida esta interessante carta na Sociedade Espírita de Paris, na sessão de 18 de dezembro de 1863, um de nossos bons médiuns obteve a respeito, espontaneamente, as duas comunicações seguintes:

“Existindo no homem em diferentes graus de desenvolvimento, em todas as épocas a vontade tem servido tanto para curar quanto para aliviar. É lamentável sermos obrigados a constatar que, também, foi a fonte de muitos males, mas é uma das consequências do abuso que, muitas vezes, o ser faz do livre-arbítrio. A vontade desenvolve o fluido, seja animal, seja espiritual, porque, como sabeis agora, há vários gêneros de magnetismo, em cujo número estão o magnetismo animal e o magnetismo espiritual que, conforme a ocorrência, pode pedir apoio ao primeiro. Um outro gênero de magnetismo, muito mais poderoso ainda, é a prece que uma alma pura e desinteressada dirige a Deus.

A vontade muitas vezes foi mal compreendida. Em geral aquele que magnetiza não pensa senão em manifestar sua força fluídica, derramar o seu próprio fluido sobre o paciente submetido aos seus cuidados, sem se preocupar se há ou não uma Providência que se interesse pelo caso tanto ou mais que ele. Agindo só não pode obter senão o que a sua força, sozinha, pode produzir, ao passo que os médiuns curadores começam por elevar sua alma a Deus e a reconhecer que, por si mesmos, nada podem. Fazem, por isto mesmo, um ato de humildade, de abnegação; então, confessando-se demasiado fracos, Deus, em sua solicitude, lhes envia poderosos socorros, que o primeiro não pode obter, já que se julga suficiente para a obra empreendida. Deus sempre recompensa a humildade sincera, elevando-a, ao passo que rebaixa o orgulho. Esse socorro que envia são os Espíritos bons, que vêm penetrar o médium de seu fluido benfazejo, o qual é transmitido ao doente. Também é por isto que o magnetismo empregado pelos médiuns curadores é tão potente e produz essas curas classificadas de miraculosas, e que são devidas simplesmente à natureza do fluido derramado sobre o médium; enquanto o magnetizador ordinário se esgota, muitas vezes inutilmente, em dar passes, o médium curador infiltra um fluido regenerador pela simples imposição das mãos, graças ao concurso dos Espíritos bons. Mas esse concurso só é concedido à fé sincera e à pureza de intenção.”

*Mesmer (Médium: Sr. Albert)*

“Uma palavra sobre os médiuns curadores de que acabais de falar. Estão todos nas mais louváveis disposições; têm a fé que transporta montanhas, o desinteresse que purifica os atos da vida e a humildade que os santifica. Que perseverem na obra de beneficência que empreenderam; que bem se lembrem de que aquele que pratica as leis sagradas ensinadas pelo Espiritismo, aproxima-se constantemente do Criador. Que, ao empregarem sua faculdade, a prece, que é a vontade mais forte, seja sempre o seu guia, o seu ponto de apoio. Em toda a sua existência, o Cristo vos deu a mais irrecusável prova da vontade mais firme; mas era a vontade do bem e não a do orgulho. Quando por vezes dizia: eu quero, a palavra estava cheia de unção; seus apóstolos, que o cercavam, sentiam abrir-se o coração a esta santa palavra. A doçura constante do Cristo, sua submissão à vontade do Pai, sua perfeita abnegação, são os mais belos modelos da vontade que se possa propor para exemplo.”

*Paulo, apóstolo (Médium: Sr. Albert)*

Algumas explicações farão compreender facilmente o que se passa nesta circunstância. Sabe-se que o fluido magnético ordinário pode dar a certas substâncias propriedades particulares ativas. Neste caso, age de certo modo como agente químico, modificando o estado molecular dos corpos; nada há, pois, de admirável que possa modificar o estado de certos órgãos; mas igualmente se compreende que sua ação, mais ou menos salutar, deve depender de sua qualidade; daí as expressões “bom ou mau fluido; fluido agradável ou penoso.” Na ação magnética propriamente dita, é o fluido pessoal do magnetizador que é transmitido, e esse fluido, que não é senão o perispírito, sabe-se que participa sempre, mais ou menos, das qualidades materiais do corpo, ao mesmo tempo que sofre a influência moral do Espírito. É, pois, impossível que o fluido próprio de um encarnado seja de pureza absoluta, razão por que sua ação curativa é lenta, por vezes nula, por vezes até nociva, porque pode transmitir ao doente princípios mórbidos. Pelo fato de um fluido ser bastante abundante e enérgico para produzir efeitos instantâneos de sono, de catalepsia, de atração ou de repulsão, não se segue absolutamente que tenha as necessárias qualidades para curar; é a força que derruba, e não o bálsamo, que suaviza e restaura; assim, há Espíritos desencarnados de ordem inferior, cujo fluido pode mesmo ser muito maléfico, o que os espíritas a todo instante têm ocasião de constatar. Só nos Espíritos superiores o fluido perispiritual está despojado de todas as impurezas da matéria; está, de certo modo, quintessenciado; por conseguinte, sua ação deve ser mais salutar e mais imediata; é o fluido benfazejo por excelência. Visto que não pode ser encontrado entre os encarnados, nem entre os desencarnados vulgares, faz-se mister pedi-lo aos Espíritos elevados, como se vai procurar em regiões distantes os remédios que não encontramos em nossa terra. O médium curador pouco emite de seu próprio fluido; sente a corrente do fluido estranho que o penetra e ao qual serve de conduto; é com esse fluido que magnetiza, e aí está o que caracteriza o magnetismo espiritual e o distingue do magnetismo animal: um vem do homem; o outro, dos Espíritos. Como se vê, nada há nisso de maravilhoso, mas um fenômeno resultante de uma lei da Natureza, que não se conhecia.

Para curar pela terapêutica ordinária, não bastam os primeiros medicamentos que surgem; são precisos puros, não avariados ou adulterados, e convenientemente preparados. Pela mesma razão, para curar pela ação fluídica, os fluidos mais depurados são os mais salutaros; já que esses fluidos benfazejos são os próprios fluidos dos Espíritos superiores, é o concurso destes últimos que se deve obter. Por isto a prece e a invocação são necessárias. Mas para orar e, sobretudo, orar com fervor, é preciso fé. Para que a prece seja ouvida, é preciso que seja feita com humildade e ditada por um real sentimento de benevolência e de caridade. Ora, não há verdadeira caridade sem devotamento, nem devotamento sem interesse. Sem estas condições o magnetizador, privado da assistência dos Espíritos bons, fica reduzido às suas próprias forças, muitas vezes insuficientes, ao passo que com o concurso deles, elas podem ser centuplicadas em poder e em eficácia. Mas não há licor, por mais puro que seja, que não se altere ao passar por um vaso impuro; dá-se o mesmo com o fluido dos Espíritos superiores, ao passar pelos encarnados. Daí, para os médiuns nos quais se revela essa preciosa faculdade, e que querem vê-la crescer e não se perder, a necessidade de trabalharem o seu melhoramento moral.

## Texto 17: Progresso nas primeiras encarnações - janeiro/1864

**Pergunta:** Duas almas, criadas simples e ignorantes, que não conhecem o bem, nem o mal, vêm à Terra. Se, numa primeira existência, uma seguir o caminho do bem, e a outra o do mal, já que, de certo modo, é o acaso que as conduz, elas não merecem castigo nem recompensa. Essa primeira viagem terrestre não deve ter servido senão para dar a cada uma delas a consciência de sua existência, consciência que antes não tinham. Para ser lógico, seria preciso admitir que as punições e as recompensas só começariam a ser infligidas ou concedidas a partir da segunda encarnação, quando os Espíritos já soubessem distinguir entre o bem e o mal, experiência que lhes faltaria por ocasião de sua criação, mas que adquiririam por meio de sua primeira encarnação. Tal opinião tem fundamento?

**Resposta:** Embora esta pergunta já esteja resolvida pela Doutrina Espírita, vamos respondê-la, para a instrução de todos.

Ignoramos absolutamente em que condições se dão as primeiras encarnações da alma; é um desses princípios das coisas que estão nos segredos de Deus. Apenas sabemos que são criadas simples e ignorantes, tendo todas, assim, o mesmo ponto de partida, o que é conforme à justiça; o que sabemos ainda é que o livre-arbítrio só se desenvolve pouco a pouco e após numerosas evoluções na vida corpórea. Não é, pois, nem após a primeira, nem depois da segunda encarnação que a alma tem consciência bastante clara de si mesma, para ser responsável por seus atos; não é senão após a centésima, talvez após a milésima. Dá-se o mesmo com a criança, que não goza da plenitude de suas faculdades, nem um, nem dois dias após o nascimento, mas depois de anos. E, ainda, quando a alma goza do livre-arbítrio, a responsabilidade cresce em razão do desenvolvimento de sua inteligência; é assim, por exemplo, que um selvagem que come os seus semelhantes é menos castigado que o homem civilizado, que comete uma simples injustiça. Sem dúvida os nossos selvagens estão muito atrasados em relação a nós e, no entanto, já se acham bem longe de seu ponto de partida. Durante longos períodos, a alma encarnada é submetida à influência exclusiva dos instintos de conservação; pouco a pouco esses instintos se transformam em instintos inteligentes ou, melhor dizendo, se equilibram com a inteligência; mais tarde, e sempre gradualmente, a inteligência domina os instintos. Só então é que começa a séria responsabilidade.

Além disso, o autor da pergunta comete dois erros graves: o primeiro é o de admitir que o acaso decida pelo bom ou mau caminho que o Espírito segue em seu princípio. Se houvesse acaso ou fatalidade, toda responsabilidade seria injusta. Como dissemos, o Espírito fica num estado inconsciente durante numerosas encarnações; a luz da inteligência não se faz senão aos poucos e a responsabilidade real só começa quando o Espírito age livremente e com conhecimento de causa.

O segundo erro é o de admitir que as primeiras encarnações humanas ocorrem na Terra. A Terra já foi, mas não é mais, um mundo primitivo; os mais atrasados seres humanos encontrados em sua superfície já se despojaram das primeiras fraldas da encarnação e os nossos selvagens estão em progresso, comparativamente ao que eram antes que seu Espírito viesse encarnar neste globo. Que se julgue agora o número de existências necessárias a esses selvagens para transpor todos os degraus que os separam da mais adiantada civilização; todos esses degraus intermediários se acham na Terra sem solução de continuidade e se pode segui-los observando as nuances que distinguem os diferentes povos; só o começo e o fim aí não se encontram; para nós o começo se perde nas profundezas do passado, que não nos é dado penetrar. Aliás, isto pouco importa, pois tal conhecimento em nada nos adiantaria. Não somos perfeitos, eis o que é positivo; sabemos que nossas imperfeições são o único obstáculo à nossa felicidade futura; portanto, estudemo-nos, a fim de nos aperfeiçoarmos. No ponto em que estamos a inteligência está bastante desenvolvida para permitir ao homem julgar sensatamente o bem e o mal, e é também deste ponto que a sua responsabilidade é mais seriamente empenhada, já que não mais se pode dizer o que dizia Jesus: “Perdoai-lhes, Senhor, porque não sabem o que fazem.”

## Texto 18: Primeiras lições de moral da infância - fevereiro/1864

De todas as chagas morais da sociedade, o egoísmo parece a mais difícil de extirpar. Com efeito, ela o é tanto mais quanto mais alimentada pelos mesmos hábitos da educação. Tem-se a impressão que, desde o berço, a gente se esforça para excitar certas paixões que, mais tarde, se tornam uma segunda natureza, e nos admiramos dos vícios da sociedade, quando as crianças os sugam com o leite. Eis um exemplo que, como cada um pode julgar, pertence mais à regra do que à exceção.

Numa família de nosso conhecimento há uma menina de quatro a cinco anos, de rara inteligência, mas que tem os pequenos defeitos das crianças mimadas, ou seja, é um pouco caprichosa, chorona, teimosa, e nem sempre agradece quando lhe dão alguma coisa, o que os pais levam a peito corrigir, porque, fora desses pequenos defeitos, segundo eles, ela tem um coração de ouro, expressão consagrada. Vejamos como eles agem para lhe tirar essas pequenas manchas e conservar o ouro em sua pureza.

Certo dia trouxeram um doce à criança e, como de costume, lhe disseram: “Tu o comerás, se fores ajuizada.” Primeira lição de gulodice. Quantas vezes, à mesa, não acontece dizerem a uma criança que não comerá tal guloseima se chorar. Dizem: “Faze isto ou faze aquilo e terás creme”, ou qualquer outra coisa que lhe apeteça; e a criança é constrangida, não pela razão, mas tendo em vista a satisfação de um desejo sensual que incentivam. É ainda muito pior quando lhe dizem, o que não é menos frequente, que darão a sua parte a uma outra. Aqui já não é só a gulodice que está em jogo, é a inveja. A criança fará o que lhe pedem, não só para ter, mas para que a outra não tenha. Querem lhe dar uma lição de generosidade? Então dizem: “Dá esta fruta ou este brinquedo a alguém.” Se ela recusa, não deixam de acrescentar, para nela estimular um bom sentimento: “Eu te darei um outro.” Assim, a criança só se decide a ser generosa quando está certa de nada perder.

Um dia testemunhamos um fato bem característico neste gênero. Era uma criança de cerca de dois anos e meio, a quem tinham feito semelhante ameaça, acrescentando: “Nós o daremos ao irmãozinho e tu não comerás.” E, para tornar a lição mais sensível, puseram a porção no prato deste; mas o irmãozinho, levando a coisa a sério, comeu a porção. À vista disto, o outro ficou vermelho e não era preciso ser pai ou mãe para ver o lampejo de cólera e de ódio que brotou de seus olhos. A semente estava lançada; poderia produzir bom grão?

Voltemos à menina, da qual falamos. Como não levou em consideração a ameaça, sabendo por experiência que raramente a executavam, desta vez os pais foram mais firmes, pois compreenderam a necessidade de dominar esse pequeno caráter, e não esperar que a idade lhe tivesse feito adquirir um mau hábito. Diziam que é preciso formar as crianças desde cedo, máxima muita sábia e, para a pôr em prática, eis o que fizeram: “Eu te prometo – disse a mãe – que se não obedeceres, amanhã cedo darei o teu bolo à primeira criança pobre que passar.” Dito e feito. Desta vez não cederam e lhe deram uma boa lição. Assim, no dia seguinte de manhã, tendo sido avistada uma pequena mendiga na rua, fizeram-na entrar, obrigaram a filha a tomá-la pela mão e ela mesma lhe dar o seu bolo. Acerca disto elogiaram a sua docilidade. Moralidade: a filha disse: Se eu soubesse disto teria tido pressa em comer o bolo ontem.” E todos aplaudiram esta resposta espirituosa. Com efeito, a criança tinha recebido uma forte lição, mas lição de puro egoísmo, da qual não deixará de aproveitar outra vez, pois agora sabe o que custa a generosidade forçada. Resta saber que frutos dará mais tarde esta semente, quando, com mais idade, a criança fizer aplicação dessa moral em coisas mais sérias que um bolo. Sabem-se todos os pensamentos que este único fato pode ter feito germinar nessa cabecinha? Depois disto, como querem que uma criança não seja egoísta quando, em vez de nela despertar o prazer de dar e de lhe representar a felicidade de quem recebe, impõe-lhe um sacrifício como punição? Não é inspirar aversão ao ato de dar e àqueles que têm necessidade? Um outro hábito, igualmente frequente, é o de castigar a criança mandando-a comer na cozinha com os empregados domésticos. A punição está menos na exclusão da mesa do que na humilhação de ir para a mesa dos criados. Assim se acha inoculado, desde a mais tenra idade, o vírus da sensualidade, do egoísmo, do orgulho, do desprezo aos inferiores, das paixões, numa palavra, que são, e com razão, consideradas como as chagas da Humanidade. É preciso ser dotado de uma natureza excepcionalmente boa para resistir a tais influências,

produzidas na idade mais impressionável e onde não podem encontrar o contrapeso da vontade, nem da experiência. Assim, por pouco que aí se ache o germe das más paixões, o que é o caso mais comum, considerando-se a natureza da maioria dos Espíritos que encarnam na Terra, não pode senão desenvolver-se sob tais influências, ao passo que seria preciso espreitar-lhe os menores traços para os abafar.

Sem dúvida a falta é dos pais; mas, é bom dizer, muitas vezes estes pecam mais por ignorância do que por má-vontade. Em muitos há, incontestavelmente, uma censurável despreocupação, mas em outros a intenção é boa, é o remédio que nada vale, ou que é mal aplicado. Sendo os primeiros médicos da alma de seus filhos, deveriam ser instruídos, não só de seus deveres, mas dos meios de os cumprir. Não basta ao médico saber que deve procurar curar: é preciso saber como proceder. Ora, para os pais, onde os meios de instruir-se nesta parte tão importante de sua tarefa? Hoje se dá muita instrução à mulher, submetem-na a exames rigorosos, mas jamais exigiram de uma mãe que ela soubesse como agir para formar o moral de seu filho. Ensinam-lhe receitas caseiras, mas não a iniciam nos mil e um segredos de governar os jovens corações. Assim, os pais são abandonados, sem guia, à sua iniciativa, razão por que tantas vezes enveredam por falsa rota; também recolhem, nas imperfeições dos filhos já crescidos, o fruto amargo de sua inexperiência ou de uma ternura mal entendida, e a sociedade inteira lhes recebe o contragolpe.

Considerando-se que o egoísmo e o orgulho são a fonte da maioria das misérias humanas, enquanto reinarem na Terra não se pode esperar nem a paz, nem a caridade, nem a fraternidade. É preciso, pois, atacá-los no estado de embrião, sem esperar que fiquem vivazes.

Pode o Espiritismo remediar esse mal? Sem nenhuma dúvida; e não vacilamos em dizer que é o único bastante poderoso para o fazer cessar, a saber: por um novo ponto de vista sob o qual faz encarar a missão e a responsabilidade dos pais; fazendo conhecer a fonte das qualidades inatas, boas ou más; mostrando a ação que se pode exercer sobre os Espíritos encarnados e desencarnados; dando a fé inabalável que sanciona os deveres; enfim, moralizando os próprios pais. Ele já prova sua eficácia pela maneira mais racional pela qual são educadas as crianças nas famílias verdadeiramente espíritas. Os novos horizontes que abre o Espiritismo fazem ver as coisas de modo bem diverso; sendo o seu objetivo o progresso moral da Humanidade, forçosamente deverá projetar luz sobre a grave questão da educação moral, fonte primeira da moralização das massas. Um dia compreenderão que este ramo da educação tem seus princípios, suas regras, como a educação intelectual, numa palavra, que é uma verdadeira ciência; talvez um dia, também, haverão de impor a toda mãe de família a obrigação de possuir esses conhecimentos, como impõem ao advogado a de conhecer o Direito.

## Texto 19: Um drama íntimo - fevereiro/1864

O Monde illustré, de 7 de fevereiro de 1863, conta o seguinte drama de família que, com justa razão, comoveu a sociedade de Florença. Assim começa o autor a sua narração:

“Eis a história. Ele era um velho de setenta e dois anos; ela, uma jovem de vinte. Haviam casado há três anos... Não vos revolteis! o velho conde, originário de Viterbo, era absolutamente sem família, o que é muito estranho para um milionário! Amália não era sem família, mas antes sem milhões. Para compensar as coisas, quase a tendo visto nascer, sabendo-a de bom coração e de espírito encantador, ele tinha dito à mãe: ‘Deixai-me paternalmente casar com Amália; durante alguns anos ela cuidará de mim; e depois...’

Fez-se o casamento. Amália compreende os seus deveres; cerca o velho dos mais assíduos cuidados e lhe sacrifica todos os prazeres de sua idade. Tendo o conde ficado cego e quase paralisado, ela passava longas horas do dia a lhe fazer companhia, leituras, a lhe contar tudo quanto o podia distrair e encantar. ‘Como sois boa, minha cara filha!’, exclamava ele muitas vezes, tomando-lhe as mãos e atraindo-a para depor sobre sua fronte o casto e doce beijo da ternura e do reconhecimento.

Entretanto, um dia notou que Amália se afasta de sua pessoa; que, embora sempre assídua e cheia de solicitude, parece temer sentar-se ao seu lado. Uma suspeita lhe atravessa o espírito. Uma noite, quando ela fazia a leitura, ele lhe agarra o braço, a atrai para si e enlaça-lhe a cintura; então, soltando um grito terrível, cai desmaiado de emoção e de cólera aos pés da jovem! Amália perde a cabeça; lança-se para a escada, atinge o andar mais alto da casa, precipita-se pela janela e cai despedaçada. O velho não sobreviveu mais que seis horas a esta catástrofe.”

Haverão de perguntar que relação pode ter esta história com o Espiritismo. Vê-se aí a intervenção de alguns Espíritos maliciosos? – Essas relações estão nas deduções que o Espiritismo ensina a tirar das coisas aparentemente mais vulgares da vida. Enquanto o céptico ou o indiferente não vê num fato senão uma oportunidade para exercitar sua verve zombeteira, ou passa ao lado sem o notar, o espírita o observa e dele tira instrução, remontando às causas providenciais, sondando-lhes as consequências para a vida futura, conforme os exemplos que as relações de além-túmulo lhe oferecem da Justiça de Deus. No fato acima relatado, em vez de simples anedota divertida, entre o velho ele e a jovem ela, o Espiritismo vê duas vítimas. Ora, como o interesse pelos infelizes não se detém no limiar da vida presente, mas os segue na vida porvindoura, na qual acredita, ele pergunta se aí não há um duplo castigo para uma dupla falta e se ambos não foram punidos por onde pecaram. Vê um suicídio; e como sabe que esse crime é sempre punido, pergunta qual o grau de responsabilidade em que incorre aquele que o cometeu.

Vós que acreditais que o Espiritismo só se ocupa de duendes, de aparições fantásticas, de mesas girantes e de Espíritos batedores, se vos désseis ao trabalho de o estudar, saberíeis que ele toca em todas as questões morais. Esses Espíritos, que vos parecem tão ridículos, e que, entretanto, não passam das almas dos homens, dão a quem observa as suas manifestações a prova de que ele próprio é Espírito, momentaneamente ligado a um corpo; vê na morte não o fim da vida, mas a porta da prisão que se abre ao prisioneiro para o restituir à liberdade. Aprende que as vicissitudes da vida corporal são as consequências de suas próprias imperfeições, isto é, das expiações pelo passado e pelo presente, e provações para o futuro. Daí é naturalmente conduzido a não ver o cego acaso nos acontecimentos, mas a mão da Providência. Para ele a reta sentença: A cada um segundo as suas obras não só acha a sua aplicação no além-túmulo, mas, também, até mesmo na Terra. Eis por que tudo o que se passa à sua volta tem o seu valor, a sua razão de ser; ele o estuda para dele tirar proveito e regular sua conduta com vistas ao futuro que, para ele, é uma realidade demonstrada. Remontando às causas dos infortúnios que o afligem, aprende a não mais acusar a sorte ou a fatalidade por tais desgraças, mas a si mesmo.

Não tendo esta digressão outro objetivo a não ser mostrar que o Espiritismo se ocupa de algo mais que de Espíritos batedores, voltemos ao nosso assunto. Já que o fato foi tornado público, é permitido apreciá-lo, levando-se em conta que não designamos ninguém nominalmente.

Se se examinar a coisa do ponto de vista puramente mundano, a maioria só verá nele a consequência muito natural de uma união desproporcionada e atirá-la no velho a pedra do ridículo como oração fúnebre;

outros acusarão de ingratidão a jovem mulher que enganou a confiança do homem generoso que queria enriquecê-la. Mas, para o espírita, ela tem um lado mais sério, pois aí busca um ensinamento. Então perguntaremos se, na ação do velho, não haveria mais egoísmo que generosidade ao submeter uma moça, quase criança, à sua caducidade, por laços indissolúveis, numa idade em que, antes, deveria pensar no recolhimento, e não nos prazeres da vida? Se, impondo-lhe esse duro sacrifício, não era fazê-la pagar bem caro a fortuna que ele lhe prometera? Não há verdadeira generosidade sem desinteresse. Quanto à jovem, não podia aceitar esses laços senão com a perspectiva de os ver rompidos em breve, já que nenhum motivo de afeição a ligava ao velho. Havia, pois, cálculo de ambos os lados e esse cálculo foi frustrado; Deus não permitiu que nenhum deles o aproveitasse, infligindo a desilusão a um e a vergonha ao outro, que os mataram a ambos.

Resta a responsabilidade do suicídio, que jamais fica impune, mas que, muitas vezes, encontra circunstâncias atenuantes. A mãe da moça, para a encorajar a aceitá-lo, havia dito: “Com esta grande fortuna farás a felicidade do homem pobre que amares. Enquanto esperas, honra e respeita esse grande coração que quis fazer-te sua herdeira, durante o tempo que lhe restar de vida.” Era tomá-la pelo lado sensível; mas, para fruir dos benefícios desse grande coração, que teria sido muito maior se a tivesse dotado sem interesse, era preciso especular sobre a duração de sua vida. A jovem errou ao ceder, mas a mãe errou mais em excitá-la e certamente é ela que incorrerá na maior parte da responsabilidade do suicídio da filha. Assim, aquele que se mata para escapar à miséria é culpado da falta de coragem e de resignação, mas, muito mais culpado ainda, é o causador primário desse ato de desespero. Eis o que o Espiritismo ensina, pelos exemplos que põe aos nossos olhos e aos daqueles que estudam o mundo invisível. Quanto à mãe, sua punição começa nesta vida: primeiro pela morte horrível da filha, cuja imagem talvez venha persegui-la e torturá-la de remorsos; depois, pela inutilidade do sacrifício que provocou, uma vez que a fortuna do marido, morto seis horas depois de sua mulher, vai para os colaterais afastados, e ela não a aproveitará.

Os jornais estão cheios de casos de todos os gêneros, louváveis ou censuráveis, que, como este que acabamos de referir, podem oferecer assuntos para estudos morais sérios; para os espíritas é uma mina inesgotável de observações e instruções. O Espiritismo lhes dá os meios de aí descobrir o que se passa despercebido para os indiferentes e, mais ainda, para os cépticos, que só veem os fatos picantes, sem lhes procurar nem as causas, nem as consequências. Para os grupos, é um elemento fecundo de trabalho, no qual os Espíritos protetores não deixarão de os auxiliar, dando a sua apreciação.

## Texto 20: O Espiritismo nas prisões - Fevereiro/1864

Na Revista de novembro de 1863 publicamos a carta de um condenado, detido numa penitenciária, como prova da influência moralizadora do Espiritismo. A carta a seguir, de um condenado em outra prisão, é mais um exemplo desta poderosa influência. É de 27 de dezembro de 1863; transcrevemo-la textualmente, quanto ao estilo, corrigindo apenas os erros ortográficos.

“Senhor, Há poucos dias, quando me falaram pela primeira vez de Espiritismo e de revelação de além-túmulo, ri e disse que isto não era possível; falava como ignorante que sou. Alguns dias depois tiveram a bondade de me confiar, na horrível posição em que me acho agora, vosso bom e excelente O Livro dos Espíritos. A princípio, li algumas páginas com incredulidade, não querendo, ou melhor, não crendo nessa ciência. Enfim, pouco a pouco e sem me dar conta, por ele tomei gosto; depois levei a coisa a sério; então reli pela segunda vez o vosso livro, desta vez com outro espírito, isto é, com calma e com toda a pouca inteligência que Deus me deu. Senti despertar essa velha fé que minha mãe me tinha posto no coração e que cochilava há bastante tempo; senti o desejo de me esclarecer sobre o Espiritismo. A partir desse momento tive um pensamento bem decidido, o de me esclarecer, aprender, ver e depois julgar. Pus-me à obra com toda a crença que se pode ter e que é preciso ter com Deus e seu poder; desejava ver a verdade; orei com fervor e comecei as experiências; as primeiras foram nulas, sem resultado algum.

Não me desencorajei, perseverei em minhas experiências e, palavra de honra! renovei minhas preces, que talvez não fossem bastante fervorosas, e me entreguei ao trabalho com toda a convicção de uma alma crente e que espera. Ao cabo de algumas noites, pois só posso fazer experiências à noite, senti, por cerca de dez minutos, tremores nas pontas dos dedos e uma leve sensação no braço, como se tivesse sentido correr um pequeno regato de água morna, que parava no punho. Eu estava então inteiramente recolhido, toda atenção e cheio de fé. Meu lápis traçou algumas linhas perfeitamente legíveis, mas não bastante corretas para descrever que estivesse sob o peso de uma alucinação. Esperei então com paciência a noite seguinte para recomenciar as experiências e, desta vez, agradei a Deus de todo o coração, por ter obtido mais do que ousava esperar.

A partir de então, de duas em duas noites entretenho-me com os Espíritos, que são bastante bons para responderem ao meu apelo e, em menos de dez minutos, respondem sempre com caridade. Escrevo meias-páginas, páginas inteiras, que somente minha inteligência não poderia fazer, porquanto, muitas vezes, são tratados filosófico-religiosos em que jamais pensei e, com mais forte razão, jamais os pus em prática; porque dizia a mim mesmo aos primeiros resultados: Não serás juguete de uma alucinação, ou da tua vontade? E a reflexão e o exame me provavam que eu estava muito longe da inteligência que havia traçado aquelas linhas. Baixei a cabeça; acreditava e não podia ir contra a evidência, a menos que estivesse completamente louco.

Remeti duas ou três entrevistas à pessoa que fizera a caridade de me confiar o vosso bom livro, para que ela sancione se estou certo. Venho pedir-vos, senhor, vós que sois a alma do Espiritismo, o obséquio de permitir vos envie o que obtiver de sério em minhas conversas de além-túmulo, desde que o julgueis acertado. Se isto vos for agradável, eu vos enviarei as conversas de Verger, que assassinou o Arcebispo de Paris. Para bem me assegurar se era ele mesmo quem se manifestava, evoquei São Luís, que me respondeu afirmativamente, bem como outro Espírito, no qual tenho muita confiança, etc.”

As consequências morais deste fato se deduzem por si mesmas. Eis um homem que tinha abjurado toda crença e que, atingido pela lei, é confundido com a escória da sociedade; mas este homem, no meio desse lodo moral, voltou à fé; vê o abismo em que caiu, arrepende-se e ah! ora com mais fervor que muita gente que exhibe devoção. Para isto bastou a leitura de um livro, onde encontrou elementos de fé que a sua razão pôde admitir, que reavivaram as suas esperanças e lhe fizeram compreender o futuro. Além disso, é de notar-se que, a princípio, leu com prevenção e sua incredulidade só foi vencida pelo ascendente da lógica. Se tais resultados são produzidos por uma simples leitura, a bem dizer feita às escondidas, o que seria se a ela se pudesse aliar a influência das exortações verbais! É bem certo que na disposição de espírito em que hoje se acham esses dois homens [Kardec relatou fato semelhante na revista de novembro passado] não só não se queixarão durante a sua detenção, como retornarão ao mundo decididos a nele viverem honestamente.



Já que esses dois culpados puderam ser reconduzidos ao bem pela fé que hauriram no Espiritismo, é evidente que, se tivessem essa fé previamente, não teriam cometido o mal. É, pois, do interesse da sociedade a propagação de uma doutrina de tão grande poder moralizador. É o que se começa a compreender.

Uma outra consequência a tirar do fato que acabamos de narrar é que os Espíritos não são detidos pelos ferrolhos e que vão até o fundo das masmorras levar suas consolações. Assim, não está no poder de ninguém impedir que eles se manifestem de uma ou de outra maneira; se não for pela escrita, será pela audição. Eles afrontam todas as proibições, riem-se de todas as interdições, transpõem todos os cordões sanitários. Consequentemente, que barreiras podem opor-lhes os inimigos do Espiritismo?

## Texto 21: Da perfeição dos seres criados (reprodução parcial) - março/1864

Por vezes pergunta-se se Deus não teria podido criar os Espíritos perfeitos, para lhes poupar o mal e todas as suas consequências.

Há uma lei geral que rege todos os seres da Criação, animados e inanimados: a lei do progresso. Os Espíritos são a ela submetidos pela força das coisas, sem o que a exceção teria perturbado a harmonia geral e Deus quis dar-nos um exemplo sintetizado na progressão da infância. Desde que o mal não existe como necessidade na ordem das coisas, pois não é devido senão a Espíritos prevaricadores, a lei do progresso de modo algum os obriga a passar por esta fieira para chegar ao bem; ela só os obriga a passar pelo estado de inferioridade intelectual ou, por outras palavras, pela infância espiritual. Criados simples e ignorantes e, por isto mesmo imperfeitos, ou melhor, incompletos, devem adquirir por si mesmos e por sua própria atividade a ciência e a experiência que de início não podem ter. Se Deus os tivesse criado perfeitos, deveria tê-los dotado, desde o instante de sua criação, com a universalidade dos conhecimentos; tê-los-ia isentado de todo trabalho intelectual; mas, ao mesmo tempo, lhes teria tirado a atividade que devem desenvolver para adquirir, e pela qual concorrem, como encarnados e desencarnados, ao aperfeiçoamento material dos mundos, trabalho que não incumbe mais aos Espíritos superiores, encarregados somente de dirigir o aperfeiçoamento moral. Por sua própria inferioridade, tornam-se uma engrenagem essencial à obra geral da Criação. Por outro lado, se os tivesse criado infalíveis, isto é, isentos da possibilidade de fazer o mal, eles fatalmente teriam sido impelidos ao bem, como mecânicos bem preparados que fizessem automaticamente obras de precisão. Mas, então, não mais livre-arbítrio e, por conseguinte, não mais independência; assemelhar-se-iam a esses homens que nascem com a fortuna feita e se julgam dispensados de nada fazer. Submetendo-os à lei do progresso facultativo, quis Deus que tivessem o mérito de suas obras, a fim de terem direito à recompensa e desfrutarem a satisfação de haver conquistado suas próprias posições.

A isto respondem: “Compreende-se que Deus não tenha criado os Espíritos perfeitos; mas, se julgou conveniente submetê-los todos à lei do progresso, não teria podido, pelo menos, criá-los felizes, sem os sujeitar a todas as misérias da vida? A rigor, compreende-se o sofrimento para o homem, em vista de suas faltas; mas os animais também sofrem; entredevoram-se; os grandes comem os pequenos. Há alguns cuja vida não passa de longo martírio; como nós, têm o livre-arbítrio ou agiram de modo a receber o castigo divino?”

Tal, ainda, a objeção que por vezes fazem e à qual os argumentos acima podem servir de resposta. A despeito disto, juntaremos algumas considerações.

Sobre o primeiro ponto diremos que a felicidade completa é o resultado da perfeição. Já que as vicissitudes originam-se da imperfeição, criar Espíritos perfeitamente felizes fora criá-los perfeitos.

A questão dos animais exige alguns desenvolvimentos. É incontestável que eles têm um princípio inteligente. De que natureza é este princípio? Que relações tem com o do homem? É estacionário em cada espécie, ou progressivo ao passar de uma espécie a outra? Qual o seu limite de progresso? Marcha paralelamente com o homem, ou é o mesmo princípio que se elabora e ensaia a vida nas espécies inferiores para, mais tarde, receber novas faculdades e sofrer a transformação humana? São outras tantas questões até hoje insolúveis; e se o véu que cobre esse mistério ainda não foi levantado pelos Espíritos, é porque seria prematuro: o homem ainda não está maduro para receber toda a luz. É certo que vários Espíritos deram teorias a respeito, mas nenhuma tem um caráter bastante autêntico para ser aceita como verdade definitiva; assim, até nova ordem, não se pode considerá-las senão como sistemas individuais. Só a concordância pode dar-lhes a consagração, pois aí está o único e verdadeiro controle do ensino dos Espíritos. Eis por que estamos longe de aceitar como verdades irrecusáveis tudo quanto ensinam individualmente; um princípio, seja qual for, para nós só adquire autenticidade pela universalidade do ensinamento, isto é, por instruções idênticas, dadas em todos os lugares, por médiuns estranhos entre si e que não sofram as mesmas influências, notoriamente isentos de obsessões e assistidos por Espíritos bons e esclarecidos. Por Espíritos esclarecidos deve entender-se os que provam sua superioridade pela elevação do pensamento e pelo alto alcance de seus ensinamentos, jamais entrando em contradição e não dizendo nada que a lógica mais rigorosa não

possa admitir. É assim que foram controladas as diversas partes da doutrina formulada em O Livro dos Espíritos e em O Livro dos Médiuns. Tal não é ainda o caso da questão dos animais, razão por que não tomamos uma decisão. Até constatação mais séria, não se devem aceitar teorias que possam ser dadas a respeito, senão com muita reserva, e esperar sua confirmação ou sua negação.

Estabelecido este ponto, pouco nos resta dizer sobre a questão proposta, pois o ponto capital ainda não pôde ser resolvido.

Está provado que os animais sofrem. Mas é racional imputar esses sofrimentos à imprevidência do Criador ou a uma falta de bondade de sua parte porque a causa escapa à nossa inteligência, como a utilidade dos deveres e da disciplina escapa ao escolar? Ao lado desse mal aparente não se vê brilhar a sua solicitude pelas mais ínfimas criaturas? Não são os animais providos de meios de conservação apropriados ao ambiente em que devem viver? Não se vê sua pelagem desenvolver-se mais ou menos, conforme o clima? Seus órgãos de nutrição, suas armas ofensivas e defensivas proporcionadas aos obstáculos a vencer e aos inimigos a combater? Em presença de fatos tão multiplicados, cujas consequências só escapam ao olho do materialista, há fundamento em dizer que não existe Providência para eles? Não, certamente, embora nossa visão seja muito limitada para julgar a lei do conjunto. Nosso ponto de vista, restrito ao pequeno círculo que nos rodeia, só nos deixa ver irregularidades aparentes; mas, quando nos elevarmos, pelo pensamento, acima do horizonte terreno, tais irregularidades se apagarão diante da harmonia geral.

O que mais choca nesta observação localizada é a destruição de uns seres pelos outros. Já que Deus prova a sua sabedoria e a sua bondade em tudo o que podemos compreender, forçoso é admitir que a mesma sabedoria presida ao que não compreendemos. Aliás, só exageramos a importância dessa destruição porque sempre a ligamos à matéria, consequência do estreito ponto de vista em que se coloca o homem. Em definitivo, só se destrói o envoltório; o princípio inteligente não é aniquilado; e o Espírito é tão indiferente à perda de seu corpo, quanto o homem à de sua roupa. Esta destruição dos invólucros temporários é necessária à formação e manutenção de novos envoltórios, que se constituem com os mesmos elementos, sem que o princípio inteligente seja atingido, quer nos animais, quer no homem.

Resta o sofrimento, que por vezes leva à destruição desse envoltório. O Espiritismo nos ensina e prova que o sofrimento no homem é útil ao seu avanço moral. Quem nos diz que o dos animais também não tenha utilidade? que não seja, na sua esfera e conforme certa ordem de coisas, uma causa de progresso? É verdade que isto não passa de hipótese, mas ao menos se apoia nos atributos de Deus: a justiça e a bondade, enquanto as outras são a sua negação.

## Texto 22: Uma tentação - Março/1864

Conhecemos pessoalmente uma senhora, médium dotada de notável faculdade tiptológica: obtém facilmente e, o que é bastante raro, quase constantemente, coisas de precisão, como nome de lugares e de pessoas em diversas línguas, datas e fatos particulares, em presença dos quais a incredulidade foi confundida mais de uma vez. Essa senhora, inteiramente devotada à causa do Espiritismo, consagra todo o tempo disponível ao exercício de sua faculdade, com o objetivo de propaganda, e isto com um desinteresse tanto mais louvável quanto a sua posição de fortuna chega muito perto da mediocridade. Como o Espiritismo, para ela, é uma coisa séria, começa sempre por uma prece, dita com o maior recolhimento, para atrair o concurso dos Espíritos bons, rogar a Deus que afaste os maus, e termina assim: “Se eu for tentada a abusar, seja no que for, da faculdade que Deus houve por bem me conceder, peço-lhe quem a retire, antes que seja desviada de seu objetivo providencial.”

Certo dia, um rico estrangeiro – foi ele mesmo que nos narrou o fato – procurou essa senhora para lhe pedir que desse uma comunicação. Ele não tinha a menor noção do Espiritismo e ainda menos a crença. Pondo a carteira sobre a mesa, disse-lhe: “Senhora, eis aqui dez mil francos que vos dou, se disserdes o nome da pessoa em quem estou pensando.” Basta isto para mostrar onde chegava o seu conhecimento da doutrina. A respeito, fez-lhe a médium observações que todo espírita verdadeiro faria em semelhante caso. Mesmo assim, tentou, mas nada obteve. Ora, logo depois da partida desse senhor ela recebeu, para outras pessoas, comunicações muito mais difíceis e complicadas do que a que ele lhe havia pedido.

Para esse senhor o fato deveria ser, conforme lhe dissemos, uma prova da sinceridade e da boa-fé da médium, porque os charlatães sempre têm recursos à sua disposição, quando se trata de ganhar dinheiro. Mas do fato resultam vários ensinamentos de outra gravidade. Os Espíritos quiseram provar-lhe que não é com dinheiro que os fazem falar, quando não querem; além disso, provaram que se não tinham respondido à pergunta, não fora por impossibilidade da parte deles, já que disseram, depois, coisas mais difíceis a pessoas que nada ofereciam. A lição era maior ainda para o médium; era demonstrar-lhe sua absoluta impotência sem o concurso deles e lhe ensinar a humildade, porque, se os Espíritos tivessem estado às suas ordens, se bastasse a sua vontade para os fazer falar, era o caso de exercer o poder agora ou já mais.

Eis aí uma prova manifesta em apoio do que dissemos na Revista de fevereiro último, a propósito do Sr. Home, sobre a impossibilidade em que se acham os médiuns de contar com uma faculdade que poderia faltar-lhes no momento em que lhes fosse necessária. Aquele que possui um talento e que o explora está sempre certo de o ter à sua disposição, porque é inerente à sua pessoa; mas a mediunidade não é um talento; só existe pelo concurso de terceiros; se esses terceiros se recusam, não há mais mediunidade. A aptidão pode subsistir, mas o seu exercício está anulado. Um médium sem a assistência dos Espíritos é como um violinista sem violino.

O senhor em questão admirou-se que, tendo vindo para se convencer, os Espíritos não se tivessem prestado para tanto; A isto lhe respondemos que, se pode ser convencido, sê-lo-á por outros meios, que nada lhe custarão. Os Espíritos não quiseram que ele pudesse dizer que fora convencido a peso de ouro, porque se o ouro fosse necessário para convencer, o que fariam os que não podem pagar? É para que a crença possa penetrar nos mais humildes redutos que a mediunidade não é um privilégio; acha-se em toda parte, a fim de que todos, pobres e ricos, possam ter a consolação de se comunicar com os parentes e amigos do além-túmulo. Os Espíritos não quiseram que ele fosse convencido dessa maneira, porque o barulho que isto tivesse provocado teria falseado sua própria opinião e a de seus amigos quanto ao caráter essencialmente moral e religioso do Espiritismo. Eles não o quiseram no interesse do médium e dos médiuns em geral, cuja cupidez esse resultado teria superexcitado, porquanto diriam que se tiveram êxito naquela circunstância, podiam tê-lo igualmente em outras. Não é a primeira vez que foram feitas ofertas semelhantes, que prêmios são oferecidos, mas sempre sem sucesso, levando-se em conta que os Espíritos não dão o seu concurso nem se entregam a quem paga melhor.

Se essa senhora tivesse tido êxito, teria aceitado ou recusado? Ignoramos, porque dez mil francos são bastante sedutores, sobretudo em certas posições. Em todo o caso, a tentação foi grande. E quem sabe se a



recusa não teria sido seguida de um pesar, que lhe tivesse atenuado o mérito? Notemos que, em sua prece, ela pede a Deus que lhe retire sua faculdade antes que seja tentada a desviá-la de seu objetivo providencial. Pois bem! Sua prece foi atendida; a mediunidade lhe foi retirada para esse caso especial, a fim de lhe poupar o perigo da tentação e todas as consequências lamentáveis que se lhe teriam seguido, primeiro para ela própria, e depois pelo efeito deletério que isto teria produzido.

Mas não é só contra a cupidez que os médiuns devem resguardar-se. Como os há em todas as camadas da sociedade, a maioria está acima desta tentação; mas há um perigo muito maior, pois a ele todos estão expostos: o orgulho, que põe a perder tão grande número. É contra esse escolho que as mais belas faculdades muitas vezes vêm aniquilar-se. O desinteresse material não tem proveito se não for acompanhado pelo mais completo desinteresse moral. Humildade, devotamento, desinteresse e abnegação são as qualidades do médium amado pelos Espíritos bons.

## Texto 23: A escola espírita americana - Maio/1864

Algumas pessoas perguntam por que a Doutrina Espírita não é a mesma no antigo e no novo continentes e em que consiste a diferença. É o que tentaremos explicar.

Como se sabe, as manifestações ocorreram em todos os tempos, tanto na Europa quanto na América, e hoje, que nos damos conta da coisa, lembramos uma porção de fatos que tinham passado despercebidos, muitos dos quais consignados em escritos autênticos. Mas esses fatos eram isolados; nestes últimos tempos eles se produziram nos Estados Unidos numa escala bastante ampla para despertar a atenção geral dos dois lados do Atlântico. A extrema liberdade existente nesse país favoreceu a eclosão das ideias novas, e é por isto que os Espíritos o escolheram para primeiro teatro de seus ensinamentos.

Ora, acontece muitas vezes que uma ideia surge num país e se desenvolve em outro, como se vê nas ciências e na indústria. Sob esse aspecto, o gênio americano deu suas provas e nada tem a invejar à Europa; mas, se excede em tudo o que concerne ao comércio e às artes mecânicas, não se pode recusar à Europa o das ciências morais e filosóficas. Em consequência dessa diferença no caráter normal dos povos, o Espiritismo experimental ocupava seu espaço na América, enquanto a teoria e a filosofia encontravam na Europa elementos mais propícios ao seu desenvolvimento. Assim, foi lá que nasceu, conquistando, em poucos anos, o primeiro lugar. Ali os fatos inicialmente despertaram a curiosidade; porém, uma vez constatados e satisfeita a curiosidade, logo se cansaram das experiências materiais sem resultados positivos. Já o mesmo não ocorreu desde que se desdobraram as consequências morais desses mesmos fatos para o futuro da Humanidade. A partir daí o Espiritismo tomou posição entre as ciências filosóficas; marchou a passos de gigante, a despeito dos obstáculos que lhe foram suscitados, porque satisfazia às aspirações das massas, porque prontamente compreenderam que vinha preencher um imenso vazio nas crenças e resolver o que até então parecia insolúvel.

A América foi, pois, o berço do Espiritismo, mas foi na Europa que ele cresceu e fez suas humanidades. Isto é motivo para a América ficar enciumada? Não, porque noutros pontos ela levou vantagem. Não foi na Europa que as máquinas a vapor surgiram? e não foi na América que encontraram a sua aplicação prática? A cada um o seu papel, conforme suas aptidões, e a cada povo o seu, segundo seu gênio particular.

O que particularmente distingue a escola espírita dita americana da escola europeia é a predominância, na primeira, da parte fenomênica, à qual se ligam mais especialmente, e na segunda, a parte filosófica. A filosofia espírita da Europa espalhou-se prontamente, porque ofereceu, desde o princípio, um conjunto completo, mostrando o objetivo e ampliando o horizonte das ideias; incontestavelmente, é a que hoje prevalece no mundo inteiro. Até hoje os Estados Unidos pouco se afastaram de suas ideias primitivas; significará isto que, isolados, ficarão na retaguarda do movimento geral? Seria injuriar a inteligência desse povo. Aliás, os Espíritos lá estão para o impelir na via comum, ensinando ali o que ensinam alhures; triunfarão pouco a pouco das resistências que poderiam nascer do amor-próprio nacional. Se os americanos repelisses a teoria europeia, porque vem da Europa, aceitá-la-ão quando surgir em seu meio, pela própria voz dos Espíritos; cederão ao ascendente, não da opinião de alguns homens, mas ao controle universal do ensino dos Espíritos, esse poderoso critério, como o demonstramos em nosso artigo sobre a autoridade da doutrina espírita; é apenas uma questão de tempo, principalmente quando houverem desaparecido as questões pessoais.

De todos os princípios da doutrina, o que encontrou mais oposição na América – e por América deve entender-se exclusivamente os Estados Unidos – foi o da reencarnação. Pode mesmo dizer-se que é a única divergência capital, prendendo-se as outras mais à forma do que ao fundo, e isto porque ali os Espíritos não a ensinaram. Expliquemos as razões disto. Os Espíritos procedem em toda parte com sabedoria e prudência; para se fazerem aceitar, evitam chocar muito bruscamente as ideias preconcebidas. Não irão dizer de chofre a um muçulmano que Maomé é um impostor. Nos Estados Unidos o dogma da reencarnação teria vindo chocar-se contra os preconceitos de cor, tão profundamente arraigados naquele país; o essencial era fazer aceitar o princípio fundamental da comunicação do mundo visível com o mundo invisível; as questões de



detalhe viriam a seu tempo. Ora, é indubitável que esse obstáculo acabará por desaparecer, e que um dos resultados da guerra civil será o gradativo enfraquecimento de preconceitos, verdadeira anomalia numa nação tão liberal.

Se, de maneira geral, a ideia da reencarnação ainda não é aceita nos Estados Unidos, ela o é individualmente por alguns, se não como princípio absoluto, ao menos com certas restrições, o que já é alguma coisa. Quanto aos Espíritos, sem dúvida julgando que o momento é propício, começam a ensinar com cautela em certos lugares e sem rodeios em outros. Uma vez levantada, a questão percorrerá longa distância. Aliás, temos sob os olhos comunicações já antigas, obtidas naquele país, nas quais, sem estar formalmente expressa, a pluralidade das existências é a consequência forçada dos princípios emitidos; aí se vê brotar a ideia. Assim, não há que duvidar que, em pouco tempo, o que hoje ainda se chama escola americana fundir-se-á na grande unidade que se estabelece por toda parte.

## Texto 24: Influência da música sobre os criminosos, os loucos e os idiotas (reprodução parcial) - Setembro/1864

Em todos os tempos tem-se reconhecido a influência salutar da música para o abrandamento dos costumes. Sua introdução entre os criminosos seria um progresso incontestável e só poderia dar resultados satisfatórios; ela move as fibras entorpecidas da sensibilidade e as predispõe a receber as impressões morais. Mas é suficiente? Não; é um labor em terra inculta, que necessita de sementeira de ideias próprias, capazes de causar uma profunda impressão sobre essas naturezas extraviadas. É preciso falar à alma, depois de haver amolecido o coração. O que lhes falta é a fé em Deus, em sua alma e no futuro; não uma fé vaga, incerta, incessantemente combatida pela dúvida, mas uma fé baseada na certeza, a única que pode torná-la inabalável. Sem dúvida a música pode predispor a isto, mas não a dá. Nem por isto deixa de ser um auxiliar, que não se pode negligenciar. Esta e muitas outras tentativas, que a Humanidade e a civilização não podem senão aplaudir, testemunham uma louvável solicitude pelo moral dos condenados; mas resta ainda atingir o mal na sua raiz. Um dia será reconhecido toda a extensão do socorro que se pode haurir nas ideias espíritas, cuja influência já está provada pelas numerosas transformações que operam nas naturezas aparentemente mais rebeldes. Só os que se aprofundaram nesta doutrina e meditaram sobre as suas tendências e consequências inevitáveis, poderão compreender a força do freio que ela opõe aos arrastamentos perniciosos. O poder desta força resulta do fato de dirigir-se à própria causa desses arrastamentos, que é a imperfeição do Espírito, ao passo que a maior parte do tempo só a buscam na imperfeição da matéria. Como doutrina moral, o Espiritismo já não é hoje uma simples teoria: entrou na prática, ao menos para grande número dos que admitem os seus princípios. Ora, conforme o que se passa, e em face dos resultados produzidos, pode-se afirmar sem receio que a diminuição dos crimes e delitos será proporcional à sua vulgarização. É o que um futuro próximo se encarregará de demonstrar. Aguardemos que a experiência se faça em mais vasta escala, pois já se faz todos os dias individualmente.

O Espiritismo vem projetar uma luz inteiramente nova sobre as doenças mentais, demonstrando a dualidade do ser humano e a possibilidade de agir isoladamente sobre o ser espiritual e sobre o ser material. O número sempre crescente de médicos que entram nessa nova ordem de ideias necessariamente provocará grandes modificações no tratamento dessas espécies de afecções. Abstração feita da ideia espírita propriamente dita, a constatação dos efeitos da música em semelhantes casos é um passo na via espiritualista, da qual os alienistas em geral se afastaram até hoje, para grande prejuízo dos doentes.

O efeito produzido sobre os idiotas e os cretinos é ainda mais característico. Quase sempre os loucos foram homens inteligentes; não se dá o mesmo com os idiotas e os cretinos, que parecem votados pela própria Natureza a uma nulidade moral absoluta. Ainda aqui o Espiritismo experimental vem projetar luz, ao provar, pelo isolamento do Espírito e do corpo, que são, geralmente, Espíritos desenvolvidos, e não atrasados, como se poderia supor, embora unidos a corpos imperfeitos. Em caso de igualdade de inteligência, a diferença entre o louco e o cretino é que o primeiro, ao nascer, é provido de órgãos cerebrais constituídos normalmente, mas que mais tarde se desorganizam, ao passo que o segundo é um Espírito encarnado num corpo, cujos órgãos, atrofiados desde o princípio, jamais lhe permitiram manifestar livremente o pensamento; está na situação de um homem forte e vigoroso a quem tivessem tirado a liberdade de movimentos. Para o Espírito, tal constrangimento é um verdadeiro suplício, porque não deixa de ter a faculdade de pensar e, como Espírito, sente a abjeção em que o coloca a sua enfermidade. Suponhamos, então, que em dado momento, por um tratamento qualquer, se possam desligar os órgãos: o Espírito recobriria a liberdade e o maior cretino se tornaria um homem inteligente. Seria como um prisioneiro saindo da prisão, ou como um bom músico em frente a um instrumento completo, ou, ainda, como um mudo, recobrando a palavra.

O que falta ao idiota não são, pois, as faculdades, mas as cordas cerebrais correspondentes a essas faculdades, para a sua manifestação. Na criança normalmente constituída, o exercício das faculdades do Espírito induz o desenvolvimento dos órgãos correspondentes, que nenhuma resistência oferecem. No idiota, a ação do Espírito é impotente para provocar um desenvolvimento que ficou em estado rudimentar, como



um fruto abortado. Assim, a cura radical do idiota é impossível; tudo quanto se pode esperar é uma ligeira melhora. Para isto não se conhece nenhum tratamento aplicável aos órgãos. É ao Espírito que se tem de dirigir. Estudando as faculdades, cujo germe se descobre, deve-se provocar o seu exercício por parte do Espírito; e este, então, superando a resistência, possibilitará que se obtenha uma manifestação, se não completa, ao menos parcial. Se há um meio externo de agir sobre os órgãos é, seguramente, a música. Ela consegue abalar essas fibras entorpecidas, como um grande ruído que chega aos ouvidos de um surdo. Com isto o Espírito se agita, como numa lembrança, e sua atividade, provocada, redobra esforços para vencer os obstáculos.

Para quem não vê no homem senão uma máquina organizada, sem levar em conta a inteligência que preside ao jogo desse organismo, tudo é obscuridade e problema nas funções vitais, tudo é incerteza no tratamento das afecções. Eis por que, na maioria das vezes, só se combate um lado do mal; mais ainda: tudo são trevas nas evoluções da Humanidade, tudo são ensaios nas instituições sociais; por isto, tantas vezes se anda em caminho errado. Admiti, apenas a título de hipótese, a dualidade do homem, a presença de um ser inteligente independente da matéria, preexistente e sobrevivente ao corpo, já que este não passa de um invólucro temporário daquele, e tudo se explica. O Espiritismo, por meio de experiências positivas, faz desta hipótese uma realidade, ao revelar-nos a lei que rege as relações entre o Espírito e a matéria.

## Texto 25: Um Espírito que se julga médium - setembro/1864

A Sra. Gaspard, amiga da Sra. Delanne, era uma fervorosa espírita; seu pesar era não ser médium; teria desejado sobretudo ser médium vidente. Desde longa data sofria muito de um aneurisma. Em 2 de julho último, durante a noite, a ruptura desse aneurisma provocou-lhe a morte súbita. A Sra. Delanne ainda não tinha sido informada do evento quando, de dia, ouviu pancadas em diversas partes do quarto; a princípio não prestou grande atenção, mas a persistência dos golpes fez pensasse que algum Espírito queria comunicar-se. Como é excelente médium, tomou do lápis e escreveu o que se segue:

Oh! boa Sra. Delanne, como me fizestes esperar! Corri para vos contar minha nova faculdade: sou médium vidente. Vi meu caro Emílio, minhas crianças, todos, minha mãe, a mãe do Sr. Gaspard. Oh! como ele vai sentir-se feliz quando souber! Obrigado meu Deus, por tão grande favor!

P.– Sois vós mesma, Sra. Gaspard, que me falais neste momento?

Resp. – Como! não me vedes? Há muito tempo estou perto de vós. Estava impaciente porque não me respondíeis. Vamos! vireis, não? Agora é a vossa vez. E, depois, isto vos fará bem; iremos passear, agora que me sinto bem. Oh! como se é feliz, ao rever aqueles a quem se ama! Foi o que me curou. Como o bom Deus é bom e como cumpre suas promessas quando se é fiel aos seus mandamentos! – Hem, meu Emílio! e dizer que meu pobre pai ainda vai falar que estou louca! Isso não tem importância; mesmo assim lho direi. – Vamos partir? É preciso levar vossa mãe, pois isto lhe fará bem. Pobre mulher! ela tem um ar tão bom!

P. – Vamos partir, Sra. Gaspard; eu vos sigo. Vamos mesmo à vossa casa em Châtillon? Dizei-me o que vedes ou, melhor, o que lá se passa no momento.

Resp. – Coisas singulares!

Dito isto, o Espírito se foi e a Sra. Delanne nada mais pôde obter.

Para a compreensão desta última parte da comunicação, diremos que, desde algum tempo, as duas amigas haviam planejado um passeio na casa de campo da Sra. Gaspard, em Châtillon. Surpreendida por uma morte súbita, a Sra. Gaspard não se dá conta de sua posição e ainda se julga viva; como vê os Espíritos que lhe são caros, imagina haver-se tornado vidente; é uma particularidade notável da transição da vida corpórea à vida espiritual. Além disso, achando-se livre do sofrimento, a Sra. Gaspard crê-se curada e vem renovar seu convite à Sra. Delanne. Contudo, nela as ideias são confusas, pois vem avisá-la por meio de golpes em torno dela, sem compreender que não seria advertida desta maneira se estivesse viva.

A Sra. Delanne logo compreende a singularidade da posição, mas, não lhe querendo tirar as ilusões, a convida a ver o que se passa em Châtillon. O Espírito para ali se transporta e talvez tenha sido chamado à realidade por alguma circunstância imprevista, já que exclama: “Coisas singulares!”, e interrompe a comunicação.

Aliás, a ilusão durou pouco. A partir do dia seguinte a Sra. Gaspard já estava completamente desprendida e ditou excelente comunicação, dirigida ao marido e aos amigos, congratulando-se por haver conhecido o Espiritismo, que lhe proporcionara uma morte isenta das angústias da separação.

## Texto 26: Uma família de monstros - Setembro/1864

Escrevem de Brunswick ao Pays:

“Uma camponesa das cercanias de Lutter acaba de dar à luz uma criança com todas as aparências de um macaco, pois seu corpo é quase inteiramente coberto de pelos negros e cerrados, e nem mesmo o rosto está isento dessa estranha vegetação.

Casada há doze anos, e embora admiravelmente conformada, essa infeliz senhora ainda não deu à luz um só filho que não fosse acometido de enfermidades mais ou menos horríveis.

Sua filha mais velha, de dez anos, é completamente corcunda e a fisionomia parece copiada, traço por traço, da de Polichinelo. Seu segundo filho é um menino de sete anos; ele é aleijado das pernas. O terceiro, que vai completar cinco anos, é surdo-mudo e idiota. Enfim a quarta, de dois anos e meio, é completamente cega.

Qual pode ser a causa desse estranho fenômeno? Eis um ponto que a Ciência deve esclarecer.

O pai é um homem perfeitamente constituído e tem todas as aparências da mais robusta saúde e nada pode explicar a espécie de fatalidade que pesa sobre a sua raça.”

Eis um ponto, diz o jornal, que a Ciência deve esclarecer.”

Há muitos outros pontos diante dos quais a Ciência fica impotente, sem contar os de Morzine e de Poitiers. A razão disto é muito simples: é que ela se obstina em buscar as causas apenas na matéria, só levando em conta as leis que conhece.

A respeito de certos fenômenos ela está na posição em que se encontraria se não tivesse saído da física de Aristóteles, se tivesse desconhecido a lei da gravitação ou a da eletricidade. Por onde esteve a religião, quando desconhecia a lei do movimento dos astros? Onde estão ainda hoje os que desconhecem a lei geológica da formação do globo?

Duas forças partilham o mundo: o Espírito e a matéria. O Espírito tem as suas leis, como a matéria tem as dela. Ora, reagindo incessantemente uma sobre a outra, resulta que certos fenômenos materiais têm como causa a ação do Espírito e que umas não podem ser perfeitamente compreendidas se as outras não forem levadas em conta. Fora das leis tangíveis há uma outra que desempenha no mundo um papel capital: a que estabelece as relações entre o mundo visível e o mundo invisível. Quando a Ciência reconhecer a existência desta lei, nela encontrará a solução de uma multidão de fenômenos, contra os quais se choca inutilmente.

As monstruosidades, como todas as enfermidades congênicas, por certo têm uma causa fisiológica, que é da alçada da ciência material; mas, supondo que esta venha descobrir o segredo desses desvios da Natureza, restará sempre o problema da causa primeira e a conciliação do fato com a justiça de Deus. Se a Ciência disser que isto não lhe concerne, o mesmo não poderá dizer a religião. Quando a Ciência demonstra a existência de um fato, incumbe à religião o dever de aí procurar a prova da soberana sabedoria. Alguma vez já terá ela sondado, do ponto de vista da divina equidade, o mistério dessas existências anômalas? Dessas fatalidades que parecem perseguir certas famílias, sem causas atuais conhecidas? Não, porque sente a sua impotência e se apavora com essas questões perigosas para seus dogmas absolutos. Até agora tinham aceitado o fato sem ir mais longe; mas hoje pensam, refletem, querem saber; interrogam a Ciência, que procura nas fibras e fica muda; interrogam a religião, que responde: Mistério impenetrável!

Pois bem! o Espiritismo vem desvendar esse mistério e dele fazer sair a deslumbrante justiça de Deus; prova que essas almas deserddadas desde o nascimento neste mundo já viveram e expiam, em corpos diferentes, suas faltas passadas. A observação o demonstra e a razão diz, porquanto não se poderia admitir que fossem castigadas ao sair das mãos do Criador, quando ainda nada haviam feito.

Tudo bem, dirão, para o ser que nasce assim. Mas, e os pais? essa mãe que dá à luz seres desgraçados? que é privada da alegria de ter um único filho que lhe faça honra e que possa mostrar com orgulho? A isto responde o Espiritismo: Justiça de Deus, expiação, provação para sua ternura materna, pois é uma prova bem grande só ver em torno de si, pequenos monstros, em vez de crianças graciosas. E acrescenta: Não há uma só infração às leis de Deus que, mais cedo ou mais tarde, não tenha suas funestas

consequências, na Terra ou no mundo dos Espíritos, nesta ou numa vida seguinte. Pela mesma razão, não há uma só vicissitude da vida que não seja a consequência e a punição de uma falta passada, e assim será para cada um, enquanto não se tiver arrependido, expiado e reparado o mal que fez; retorna à Terra para expiar e reparar; cabe a ele melhorar-se bastante para a ela não mais voltar como condenado. Muitas vezes Deus se serve daquele que é punido para punir outros; é assim que os Espíritos dessas crianças, como punição, devendo encarnar em corpos disformes, são, sem o saber, instrumentos de expiação para a mãe que os deu à luz. Essa justiça distributiva, proporcionada à duração do mal, é preferível à das penas eternas, irremissíveis, que fecham a todos, e para sempre, o caminho do arrependimento e da reparação.

Lido o fato acima na Sociedade Espírita de Paris, como assunto de estudo filosófico, um Espírito deu a seguinte explicação:

(Sociedade de Paris, 29 de julho de 1864)

Se pudésseis ver as forças ocultas que fazem mover o vosso mundo, compreenderíeis como tudo se encadeia, das menores às maiores coisas; compreenderíeis, sobretudo, a ligação íntima que existe entre o mundo físico e o mundo moral, esta grande lei da Natureza; veríeis a multidão de inteligências que presidem a todos os fatos e os utilizam para que sirvam à realização dos propósitos do Criador. Suponde-vos um instante ante uma colmeia, cujas abelhas fossem invisíveis; o trabalho que veríeis realizar-se diariamente vos causaria admiração e, talvez, exclamásseis: Singular efeito do acaso! Pois bem! realmente estais em presença de um ateliê imenso, conduzido por inumeráveis legiões de operários, para vós invisíveis, dos quais uns não passam de trabalhadores manuais, que obedecem e executam, enquanto outros comandam e dirigem, cada um em sua esfera de ação, proporcionada ao seu desenvolvimento e ao seu adiantamento e, assim, pouco a pouco, até a vontade suprema, que tudo impulsiona.

Assim se explica a ação da Divindade nos mais insignificantes detalhes. Como os soberanos temporais, Deus tem seus ministros, e estes, agentes subalternos, engrenagens secundárias do grande governo do Universo. Se, num país bem administrado, o último casebre sente os efeitos da sabedoria e da solicitude do chefe de Estado, como não deve a infinita sabedoria do Altíssimo estender-se aos menores detalhes da Criação!

Não creiais, pois, que essa mulher, de que acabais de falar, seja vítima do acaso ou de uma cega fatalidade. Não; o que lhe acontece tem sua razão de ser – ficai bem convencidos. Ela é castigada em seu orgulho; desprezou os fracos e os enfermos; foi dura para com os seres caídos em desgraça, dos quais desviava os olhos com repulsa, em vez de envolvê-los num olhar de comiseração; envaideceu-se da beleza física de seus filhos, à custa de mães menos favorecidas; mostrava-os com orgulho, porque aos seus olhos a beleza do corpo tinha mais valor que a beleza da alma; assim, neles desenvolveu vícios, que lhes retardaram o avanço, em vez de desenvolver as qualidades do coração. É por isso que Deus permitiu que, em sua existência atual, ela só tivesse filhos disformes, a fim de que a ternura maternal a ajudasse a vencer sua repugnância pelos infelizes. Para ela isto é uma punição e um meio de adiantamento; mas nessa própria punição brilham, ao mesmo tempo, a justiça e a bondade de Deus, que castiga com uma das mãos, mas incessantemente dá ao culpado, com a outra, os meios de se resgatar.

*Um Espírito protetor*

## Texto 27: O sexto sentido (reprodução parcial) - outubro/1864

Durante a excursão espírita que fizemos este ano, tendo ido passar alguns dias na casa do Sr. de W..., membro da Sociedade Espírita de Paris, no cantão de Berna, na Suíça, este último nos falou de um camponês das cercanias, torneiro de profissão, que goza da faculdade de descobrir fontes e de ver num copo as respostas às perguntas que lhe fazem. Para a descoberta das fontes, algumas vezes ele se transporta aos lugares, servindo-se da varinha usada em semelhantes casos; outras vezes, sem se deslocar, serve-se de seu copo e dá as indicações necessárias. Eis um notável exemplo de sua lucidez:

Na propriedade do Sr. de W... havia um conduto de águas muito extenso; mas, em razão de certas causas locais, acharam melhor que a captação da água fosse mais próxima. A fim de poupar, na medida do possível, escavações inúteis, o Sr. de W... recorreu ao descobridor de fontes. Este, sem deixar o seu quarto, lhe disse, olhando o seu copo: “No percurso dos tubos existe uma outra fonte; está a tantos pés de profundidade, abaixo do décimo quarto tubo, a partir de tal ponto.” A coisa foi encontrada tal qual ele o havia indicado.

Para nós, está comprovado que este homem é dotado de uma faculdade especial e que, realmente, ele vê. Vê sempre certo? Esta não é a questão; basta que tenha visto muitas vezes para constatar a existência do fenômeno. A infalibilidade não é dada a ninguém na Terra, já que aqui ninguém goza da perfeição absoluta. Como vê ele? Eis o ponto essencial, que só pode ser deduzido pela observação.

O número de pessoas que gozam espontaneamente dessa faculdade é muito considerável, de modo que ela independe de um aparelho qualquer. O copo de que esse homem se serve é um acessório que só lhe é útil por hábito, pois constatamos que em várias circunstâncias ele descrevia as coisas sem o olhar. Pelo que nos concerne, notadamente falando de indivíduos, ele os indicava com o giz, por sinais característicos de suas qualidades e de sua posição. Era, sobretudo, sobre esses sinais que ele falava, olhando a mesa, sobre a qual parecia ver tão bem quanto no copo, que apenas olhava; mas, para ele, o copo é necessário.

Para isto não basta a visão corporal; é necessário ser dotado da faculdade chamada dupla vista, que seria designada, mais apropriadamente, visão espiritual. E isto é tão verdadeiro que certas pessoas veem perfeitamente com os olhos fechados.

A visão espiritual é, na realidade, o sexto sentido ou sentido espiritual, de que tanto se falou e que, como os demais sentidos, pode ser mais ou menos obtuso ou sutil. Ele tem como agente o fluido perispiritual, como a visão corporal tem por agente o fluido luminoso. Assim como a irradiação do fluido luminoso leva a imagem dos objetos à retina, a irradiação do fluido perispiritual leva à alma certas imagens e certas impressões. Esse fluido, como todos os outros, tem seus efeitos próprios, suas propriedades sui generis.

Sendo o homem composto de Espírito, perispírito e corpo, durante a vida as percepções e sensações se produzem, ao mesmo tempo, pelos sentidos orgânicos e pelo sentido espiritual; depois da morte os sentidos orgânicos são destruídos, mas, restando o perispírito, o Espírito continua a perceber pelo sentido espiritual, cuja sutileza aumenta em razão do desprendimento da matéria. O homem em que tal sentido é desenvolvido goza, assim, por antecipação, de uma parte das sensações do Espírito livre. Embora amortecido pela predominância da matéria, nem por isto o sentido espiritual deixa de produzir sobre todos os homens uma multidão de efeitos reputados maravilhosos, por falta de conhecimento do princípio.

Estando na Natureza, já que se prende à constituição do Espírito, essa faculdade existiu em todos os tempos; mas, como todos os efeitos cuja causa é desconhecida, a ignorância a atribuía a causas sobrenaturais. Os que a possuíam em grau eminente podiam dizer, saber e fazer coisas acima do alcance vulgar; dentre estes, uns eram acusados de pactuar com o diabo; qualificados de feiticeiros, eram queimados vivos, enquanto outros foram beatificados, como tendo o dom dos milagres, quando, na realidade, tudo se reduzia à aplicação de uma lei natural.

Em síntese, a visão espiritual é um dos atributos do Espírito e constitui uma das percepções do sentido espiritual; por conseguinte, é uma lei da Natureza.

Sendo o homem um Espírito encarnado, possui os atributos do Espírito e, portanto, as percepções do sentido espiritual.

Em estado de vigília essas percepções geralmente são vagas, difusas e, por vezes, até insensíveis e inapreciáveis, porque amortecidas pela atividade preponderante dos sentidos materiais.

Todavia, pode dizer-se que toda percepção extracorpórea é devida à ação do sentido espiritual que, no caso, supera a resistência da matéria.

Em estado de sonambulismo natural ou magnético, de hipnotismo, de catalepsia, de letargia, de êxtase e, mesmo, no sono ordinário, estando os sentidos corporais momentaneamente adormecidos, o sentido espiritual se desenvolve com mais liberdade.

Toda causa exterior tendente a entorpecer os sentidos corporais provoca, por isto mesmo, a expansão e a atividade do sentido espiritual.

As percepções pelo sentido espiritual não estão isentas de erro, desde que o Espírito encarnado pode ser mais ou menos adiantado e, conseqüentemente, mais ou menos apto a julgar as coisas sensatamente e compreendê-las, e porque ainda sofre a influência da matéria.

As pessoas dotadas de visão espiritual podem ser consideradas médiuns? Sim e não, conforme as circunstâncias. A mediunidade consiste na intervenção dos Espíritos; o que se faz por si mesmo não é um ato mediúnic. Aquele que possui a visão espiritual vê pelo seu próprio Espírito e nada implica a necessidade do concurso de um Espírito estranho; ele não é médium porque vê, mas por suas relações com outros Espíritos. Conforme sua natureza boa ou má, os Espíritos que o assistem podem facilitar ou enterrar sua lucidez, lhe fazer ver coisas justas ou falsas, o que também depende do objetivo a que se propõe e da utilidade que possam apresentar certas revelações. Aqui, como em todos os outros gêneros de mediunidade, as questões fúteis e de curiosidade, as intenções não sérias, os objetivos cúpidos e interesseiros, atraem os Espíritos levianos, que se divertem à custa das pessoas excessivamente crédulas e se comprazem em mistificá-las. Os Espíritos sérios só intervêm nas coisas sérias, e o vidente mais bem dotado nada verá se não lhe for permitido responder ao que perguntam, ou ser perturbado por visões ilusórias, a fim de punir os curiosos indiscretos. Embora possua sua própria faculdade, e por mais transcendente que ela seja, nem sempre é livre para usá-la à vontade. Muitas vezes os Espíritos lhe dirigem o emprego e, se dela abusa, será o primeiro punido pela intromissão dos Espíritos maus.

## Texto 28: O Espiritismo na Bélgica - Outubro/1864

Cedendo às insistentes solicitações de nossos irmãos espíritas de Bruxelas e de Antuérpia, fizemos-lhes uma rápida visita este ano e temos a satisfação de dizer que trouxemos a mais favorável impressão do desenvolvimento da doutrina naquele país. Ali encontramos maior número de adeptos do que esperávamos, devotados e esclarecidos. A acolhida simpática que nos foi feita naquelas duas cidades deixou-nos uma lembrança que jamais se apagará, e contamos os momentos ali passados no número dos mais agradáveis para nós. Não podendo enviar nossos agradecimentos a cada um em particular, gostaríamos que os recebessem aqui coletivamente.

Retornando a Paris, encontramos uma mensagem dos membros da Sociedade Espírita de Bruxelas, a qual nos tocou profundamente. Conservamo-la preciosamente como um testemunho de sua simpatia, mas eles compreenderão facilmente os motivos que nos impedem de publicá-la em nossa Revista.

Entretanto, há uma passagem que nos impõe o dever de levar ao conhecimento de nossos leitores, porque o fato revelado diz mais que longas frases sobre a maneira pela qual certas pessoas compreendem o objetivo do Espiritismo. Está assim concebida:

“Comemorando vossa viagem à Bélgica, nosso grupo decidiu fundar um leito de criança na creche de Saint Josse Tennoode.” Para nós, nada podia ser mais lisonjeiro do que semelhante testemunho. A fundação de uma obra de beneficência, em memória de nossa visita, é uma prova de grande estima, que nos honra muito mais do que as mais brilhantes recepções que pudessem lisonjear o amor-próprio de quem lhe é objeto, mas a ninguém aproveitam e não deixam qualquer traço útil.

Antuérpia se distingue por um maior número de adeptos e de grupos. Mas lá, como em Bruxelas e, aliás, em toda parte, os que participam de reuniões de certo modo oficiais e regularmente constituídas, estão em minoria. As relações sociais e as opiniões emitidas nas conversas provam que as simpatias pela doutrina se estendem muito além dos grupos propriamente ditos. Se nem todos os habitantes são espíritas, ali a ideia não encontra oposição sistemática; dela se fala como de uma coisa natural e não riem. Como os adeptos, em geral, pertencem ao alto comércio, nossa chegada foi novidade na bolsa e monopolizou a conversação, sem mais importância do que se se tratasse da chegada de uma carga de mercadorias.

Vários grupos são compostos de número limitado de membros e se designam por um título especial e característico; é assim que um se intitula: A Fraternidade, outro Amor e Caridade, etc. Acrescentemos que esses títulos não são para eles insígnias banais, mas divisas que se esforçam por justificar.

O grupo Amor e Caridade, por exemplo, tem por objetivo especial a caridade material, sem prejuízo das instruções dos Espíritos, que, de certo modo, constituem a parte acessória. Sua organização é muito simples e dá excelentes resultados. Um dos membros tem o título de esmoler, nome que corresponde perfeitamente às suas funções de distribuir socorros a domicílio; por diversas vezes os Espíritos já indicaram nomes e endereços de pessoas necessitadas. O nome esmoler voltou, assim à sua significação primitiva, da qual se havia singularmente desviado.

Esse grupo possui um médium tiptólogo excepcional e dele faremos objeto de um artigo especial.

Aqui só fazemos constatar os bons elementos, que fazem bem augurar do Espiritismo nesse país, onde só há pouco criou raízes, o que não quer dizer que certos grupos dali não tenham tido, como em outros lugares, desavenças e decepções inevitáveis, quando se trata do estabelecimento de uma ideia nova. No começo de uma doutrina, sobretudo tão importante quanto o Espiritismo, é impossível que todos os que se declaram seus partidários lhe compreendam o alcance, a gravidade e as consequências. Deve-se, pois, esperar desvios da rota em pessoas que só lhe veem a superfície, ambições pessoais, aquelas para quem o Espiritismo é mais um meio que uma sincera convicção, sem falar de gente que toma todas as máscaras para se insinuar, visando a servir os interesses dos adversários; porque, assim como o hábito não faz o monge, o nome de espírita não faz o verdadeiro espírita. Mais cedo ou mais tarde esses espíritas fracassados, cujo orgulho ficou vivaz, causam nos grupos atritos penosos e suscitam entraves, dos quais sempre se triunfa com perseverança e firmeza. São provações para a fé dos espíritas sinceros.

A homogeneidade e a comunhão de pensamentos e sentimentos são, para os grupos espíritas, como para quaisquer outras reuniões, a condição sine qua non de estabilidade e de vitalidade. É para tal objetivo que devem tender todos os esforços, e compreende-se que é tanto mais fácil atingi-lo quanto menos numerosas as reuniões. Nas grandes reuniões é quase impossível evitar a intromissão de elementos heterogêneos que, mais cedo ou mais tarde, aí semeiam a cizânia. Nas pequenas reuniões, onde todos se conhecem e se estimam, onde se está como em família, o recolhimento é maior, a intrusão dos mal-intencionados mais difícil. A diversidade dos elementos de que se compõem as grandes reuniões torna-as, por isso mesmo, mais vulneráveis à surda intriga dos adversários.

É preferível, pois, que haja numa cidade cem grupos de dez a vinte adeptos, dos quais nenhum se arroga a supremacia sobre os outros, a uma sociedade única, que reunisse todos os partidários. Esse fracionamento em nada prejudicará a unidade dos princípios, desde que a bandeira seja única e todos marchem para o mesmo objetivo. É o que parece ter sido perfeitamente compreendido por nossos irmãos de Antuérpia e de Bruxelas.

Em síntese, nossa viagem à Bélgica foi fértil em ensinamentos no interesse do Espiritismo, pelos documentos que recolhemos e que serão, oportunamente, postos em proveito de todos.

Não esquecemos uma das mais honrosas menções ao grupo espírita de Douai, que visitamos de passagem, e um particular testemunho de gratidão pela acolhida que ali nos dispensaram. É um grupo familiar, onde a doutrina espírita evangélica é praticada em toda a sua pureza. Ali reinam a mais perfeita harmonia, a benevolência recíproca, a caridade em pensamentos, palavras e ações; ali se respira uma atmosfera de fraternidade patriarcal, isenta de eflúvios malfazejos, onde os Espíritos bons devem comprazer-se tanto quanto os homens; por isso, as comunicações retratam a influência desse meio simpático. Deve-se à sua homogeneidade e aos escrupulosos cuidados nas admissões, jamais haver sido perturbado por dissensões e desavenças por que os outros sofreram; é que todos os que dele fazem parte são espíritas de coração e nenhum procura fazer prevalecer a sua personalidade. Os médiuns aí são relativamente muito numerosos; todos se consideram como simples instrumentos da Providência, isentos de orgulho, sem pretensões pessoais, e se submetem humildemente e sem melindres ao julgamento sobre as comunicações que recebem, prontos a destruí-las se forem consideradas más.

Um poema encantador foi obtido em nossa intenção e após a nossa partida. Agradecemos ao Espírito que o ditou e ao seu intérprete; conservamo-lo como preciosa lembrança. São desses documentos que não podemos publicar e que só aceitamos a título de incentivo.

Temos a satisfação de dizer que esse grupo não é o único nestas condições favoráveis e de ter podido constatar que as reuniões verdadeiramente sérias, aquelas em que cada um procura melhorar-se, de onde a curiosidade foi banida, as únicas que merecem a qualificação de espíritas, multiplicam-se diariamente. Oferecem em pequena escala o que poderá vir a ser a sociedade, quando o Espiritismo, bem compreendido e universalizado, formar a base das relações mútuas. Então os homens nada mais terão a temer uns dos outros; a caridade fará reinar entre eles a paz e a justiça. Tal será o resultado da transformação que se opera, cujos efeitos a geração futura começará a sentir.

## Texto 29: Uma volta da fortuna - Outubro/1864

Lê-se no Siècle de 5 de junho de 1864:

“O Sr. X..., berlinense, possuía imensa fortuna. Seu pai, ao contrário, em consequência de vários reveses, tinha caído em extrema miséria e se vira forçado a recorrer à generosidade do filho. Este repeliu duramente a súplica do ancião que, para não morrer de fome, teve de recorrer à intervenção da justiça. O Sr. X... foi condenado a fornecer ao pai uma pensão alimentar. Mas, antes, havia tomado suas precauções: prevendo que parte de seus rendimentos poderia ser confiscada, caso se recusasse a pagar a pensão, resolveu ceder a fortuna a um tio paterno.

O infeliz pai viu-se privado de sua última esperança. Protestou que a cessão era fictícia e que o filho tinha recorrido a ela para escapar à execução da sentença. Mas teria que o provar; o velho, porém, não dispunha de condições para intentar um processo custoso, já que lhe faltavam as coisas essenciais à vida.

Um acontecimento imprevisto veio mudar tudo. O tio morreu subitamente, sem deixar testamento. Como não tivesse família, a fortuna reverteu, de direito, ao parente mais próximo, isto é, ao seu irmão.

Compreende-se o resto. Hoje os papéis estão invertidos. O pai está rico e o filho pobre. O que, sobretudo, deve aumentar o desespero deste último é que não pode invocar o fato de uma cessão fictícia, pois a lei interdita formalmente esse gênero de transação.”

Dir-se-ia que se sempre fosse assim com o mal, melhor seria compreendida a justiça do castigo; sabendo o culpado por que é punido, saberia do que se deve corrigir.

Os exemplos de castigos imediatos são menos raros do que se pensa. Se se remontasse à fonte de todas as vicissitudes da vida, ver-se-ia, aí, quase sempre, a consequência natural de alguma falta cometida. A cada instante recebe o homem terríveis lições, das quais, infelizmente, bem poucos tiram proveito. Enceguecido pela paixão, não vê a mão de Deus, que o fere; longe de acusar-se por seus próprios infortúnios, põe a culpa na fatalidade e na má sorte; irrita-as muito mais do que se arrepende. Aliás, não nos surpreenderíamos se o filho, do qual se fala acima, em vez de ter reconhecido seus erros para com o pai, em lugar de lhe ter dispensado melhores sentimentos, passasse a lhe dedicar maior animosidade. Ora, o que pede Deus ao culpado? O arrependimento e a reparação voluntária.

Para o animar a isto multiplica à sua volta, durante a vida inteira, todas as formas de advertências: desgraças, decepções, perigos iminentes; numa palavra, tudo o que é próprio a fazê-lo refletir. Se, a despeito disto, seu orgulho resiste, não é justo que seja punido mais tarde? É grave erro pensar que o mal possa ficar impune, uma ou outra vez, na vida atual. Se se soubesse tudo quanto acontece ao mau, aparentemente o mais próspero, ficar-se-ia convencido da verdade de que não há uma única falta nesta vida, uma só inclinação má, dizemos mais, um só mau pensamento que não tenha sua contrapartida. Daí a consequência que, se o homem aproveitasse os avisos que recebe, se se arrependesse e reparasse desde esta vida, teria satisfeito à justiça de Deus e não mais teria de expiar, nem de reparar, seja no mundo dos Espíritos, seja em nova existência. Se há, pois, os que nesta vida sofrem o passado de sua precedente existência, é que devem pagar uma dívida que não saldaram. Se o filho em questão morrer na impenitência, sofrerá, primeiramente, no mundo dos Espíritos, o castigo do remorso; sofrerá moralmente o que fez sofrer materialmente; será um Espírito infeliz, porque terá violado a lei que lhe dizia: Honra teu pai e tua mãe. Mas Deus, que é soberanamente bom e, ao mesmo tempo, soberanamente justo, permitirá que ele reencarne para reparar; talvez lhe dê o mesmo pai e, em sua bondade, lhe poupe a humilhante lembrança do passado; mas o culpado trará consigo a intuição das resoluções que tiver tomado, a vontade de fazer o bem, ao invés do mal; será a voz da consciência que lhe ditará a conduta. Depois, quando retornar ao mundo dos Espíritos, Deus lhe dirá: Vem a mim, meu filho, tuas faltas estão apagadas. Mas, se falhar nessa nova prova, terá de recomeçar, até que se tenha despojado inteiramente do homem velho.

Deixemos, pois, de ver nas misérias que sofremos pelas faltas de uma existência anterior um mistério inexplicável e digamos que de nós depende evitá-las, obtendo nosso perdão desde esta vida. Depois de saldar nossas dívidas, Deus não nos fará pagá-las segunda vez; mas se permanecermos surdos às suas advertências, então exigirá até o último ceutil, ainda que após vários séculos ou milhares de anos. Para isto



não exige vãos simulacros, mas a reforma radical do coração. A morada dos eleitos só é aberta aos Espíritos purificados; qualquer mácula lhes interdita o acesso. Cada um pode pretendê-lo; compete a todos fazer o que a isto for necessário e lá chegar, mais cedo ou mais tarde, conforme seus esforços e sua vontade. Mas jamais dirá Deus a alguém: Não te purificarás!

## Texto 30: Uma vingança - Outubro/1864

Escrevem de Marselha:

“O Sr. X..., um dos mais distintos negociantes de nossa cidade e por todos estimado, acaba de dar um tiro de pistola no vigário de Saint-Barnabé. Segunda-feira última o Sr. X... ficou sabendo, através de uma carta anônima, que sua esposa mantinha relações íntimas com aquele padre. Deram-lhe os mais minuciosos detalhes, que não deixavam margem a dúvidas quanto à magnitude de sua infelicidade. Chegou em casa, fez um inquérito junto aos empregados: camareira, criados, jardineiro, cocheiro, etc.; todos confessaram o que sabiam. A intriga já durava quinze meses. O Sr.X... era alvo da zombaria de todo o quarteirão e o único a não suspeitar de coisa alguma. Foi depois desse inquérito que atirou contra o vigário.”

Quem é mais culpado neste triste caso? A mulher, o marido ou o padre? A mulher que, seduzida por piedosos sofismas, provavelmente se julgava desculpada pelo quilate do cúmplice e se tranquilizara pela esperança de uma absolvição fácil? O marido que, cedendo a uma reação de indignação, não pôde dominar sua cólera? Ou o padre que, de sangue-frio, com premeditação, violou seus votos, abusou de seu caráter, iludiu a confiança para lançar a desordem, o desespero e a desunião numa família honrada? A consciência pública pronunciou o seu veredicto. Mas, excetuando-se o fato material, há considerações da mais alta gravidade.

Uma filosofia de consciência elástica poderia, talvez, encontrar uma desculpa no arrastamento das paixões e se limitasse a censurar os votos imprudentes. Admitamos, se quiserem, não uma escusa, mas uma circunstância atenuante aos olhos dos homens carnis e não ficará menos um abuso de confiança e do ascendente que o culpado hauria de sua qualidade; o fascínio que exercia sobre a vítima, protegido no seu hábito sagrado: aí está a falta, aí está o crime que, se não fosse punido pela justiça dos homens, sê-lo-ia certamente pela de Deus.

Ora, quinze meses eram mais que suficientes para dar-lhe tempo de refletir e de voltar ao sentimento de seus deveres. Que fazia ele no intervalo? Ensinava à juventude as verdades da religião; pregava as virtudes do Cristo, a castidade de Maria, a eternidade das penas contra os pecadores; absolvía ou retinha as faltas alheias, conforme seu próprio julgamento. E ele, o refratário aos mandamentos de Deus, que condenam o que ele fazia, era o dispensador infalível da inflexível severidade ou da misericórdia de Deus! É um caso isolado? Ah! a História de todos os tempos aí está a provar o contrário. Aqui fazemos abstração do indivíduo, para não ver senão um princípio que dá lugar à incredulidade e mina secretamente o elemento religioso. O poder absolutório do sacerdote, dizem, independe de sua conduta pessoal. Seja; não discutiremos este ponto, embora pareça estranho que um homem que, por suas infâmias, merece o inferno, possa abrir ou fechar as portas do paraíso a quem lhe aprouver, quando muitas vezes os excessos lhe tiram completamente a lucidez das ideias. Se o temor das penas eternas não detém na via do mal e na violação dos mandamentos de Deus aqueles que os preconizam, é que eles próprios nelas não creem. A primeira condição para inspirar confiança seria pregar pelo exemplo.

## Texto 31: Evocação de um surdo-mudo encarnado - Janeiro/1865

O Sr. Rul, membro da Sociedade de Paris, transmite-nos o fato que se segue. Disse ele: “Em 1862 conheci um jovem surdo-mudo de doze ou treze anos. Desejoso de fazer uma observação, perguntei aos meus guias protetores se me seria possível evocá-lo. Como a resposta fosse afirmativa, fiz o rapaz vir ao meu quarto e o instalei numa poltrona, com um prato de uvas, que ele se pôs a chupar com ardor. Por meu lado, sentei-me a uma mesa. Orei e fiz a evocação, como de costume. Ao cabo de alguns instantes minha mão tremeu e escrevi: Eis-me aqui. “Olhei o menino: estava imóvel, os olhos fechados, calmo, adormecido, com o prato sobre os joelhos; cessara de comer. Dirigi-lhe as seguintes perguntas:

P. – Onde estás agora?

Resp. – Em vosso quarto, em vossa poltrona.

P. – Queres dizer por que és surdo-mudo de nascença?

Resp. – É uma expiação de meus crimes passados.

P. - Que crimes cometeste?

Resp. – Fui parricida.

P. – Podes dizer se tua mãe, a quem amas tão ternamente, não teria sido, como teu pai ou tua mãe, na existência de que falas, o objeto do crime que cometeste?

Em vão esperei a resposta; minha mão ficou imóvel. Levantei de novo os olhos para o menino; acabava de despertar e comia as uvas com apetite. Tendo, então, pedido aos guias que me explicassem o que acabava de se passar, foi-me respondido:

Ele deu as informações que desejas e Deus não permitiu que te desse outras.

Não sei como os partidários da comunicação exclusiva dos demônios nos explicariam o fato. Para mim, conclui que, desde que Deus por vezes nos permite evocar um Espírito encarnado, permite-nos igualmente em relação aos desencarnados, quando o fazemos com o espírito de caridade.”

Observação de Kardec: Por nosso lado, faremos uma outra observação a respeito. Aqui, a prova de identidade resulta do sono provocado pela evocação, e da cessação da escrita no momento de despertar. Quanto ao silêncio guardado sobre a última pergunta, prova a utilidade do véu lançado sobre o passado. Com efeito, suponhamos que a mãe atual desse menino tenha sido sua vítima em outra existência, e que este tenha querido reparar seus erros pela afeição que lhe testemunha; a mãe não seria dolorosamente afetada se soubesse que o filho foi seu assassino? sua ternura por ele não seria alterada? Foi-lhe permitido revelar a causa de sua enfermidade como assunto de instrução, a fim de nos dar uma prova a mais de que as aflições daqui têm uma causa anterior, quando tal causa não esteja na vida atual, e que assim tudo é conforme à justiça; mas o resto era inútil e poderia ter chegado aos ouvidos da mãe. Por isto os Espíritos o despertaram, no momento em que, talvez, fosse responder.

Além disso, o fato prova um ponto capital: não é somente depois da morte que o Espírito recobra a lembrança de seu passado. Pode dizer-se que não a perde jamais, mesmo na encarnação, porquanto, durante o sono do corpo, quando goza de certa liberdade, o Espírito tem consciência de seus atos anteriores; sabe por que sofre, e que sofre justamente; a lembrança não se apaga senão durante a vida exterior de relação. Mas, em falta de uma lembrança precisa, que lhe poderia ser penosa e prejudicar suas relações sociais, haure novas forças nos instantes de emancipação da alma, se os soube aproveitar.

Deve-se concluir do fato que todos os surdos-mudos tenham sido parricidas? Seria uma consequência absurda, porque a justiça de Deus não está circunscrita em limites absolutos, como a justiça humana. Outros exemplos provam que esta enfermidade resulta, por vezes, do mau uso que o indivíduo tenha feito da faculdade da palavra. Pois que! exclamarão, será justa uma mesma expiação para duas faltas tão diferentes na sua gravidade? Mas os que assim raciocinam ignoram que a mesma falta oferece infinitos graus de culpabilidade, e que Deus mede a responsabilidade pelas circunstâncias? Aliás, quem sabe se esse menino, supondo seu crime sem escusas, não sofreu duro castigo no mundo dos Espíritos, e seu arrependimento e desejo de reparar não reduziram a expiação terrena a uma simples enfermidade? Admitindo, a título de hipótese, já que o ignoramos, que sua mãe atual tenha sido sua vítima, caso não conservasse para com ela a



resolução tomada de reparar sua falta pela ternura, por certo o esperaria um castigo mais terrível, seja no mundo dos Espíritos, seja em nova existência. A justiça de Deus nunca falha e, por ser às vezes tardia, nada perde por esperar; mas Deus, em sua bondade, jamais condena de maneira irremissível, e sempre deixa aberta a porta do arrependimento. Se o culpado demora a aproveitá-lo, sofrerá por mais tempo. Assim, dele sempre depende abreviar os seus sofrimentos. A duração do castigo é proporcional à duração do endurecimento. É assim que a justiça de Deus se concilia com sua bondade e seu amor por suas criaturas.

## Texto 32: Criança afetada de mutismo - fevereiro/1865

Uma senhora nos transmitiu o seguinte fato:

“Uma de minhas filhas tem um menino de três anos que, desde o nascimento, lhe tem causado as mais vivas inquietações. Restabelecida sua saúde em fins de agosto último, apenas andava e só dizia papá, mamã; o restante de sua linguagem não passava de uma mistura de sons inarticulados. Há cerca de um mês, depois de infrutíferas tentativas para que o filho pronunciasse as palavras mais usuais, tentativas sempre repetidas sem sucesso, minha filha deitou-se muito triste com essa espécie de mutismo, muito desolada porque seu marido, capitão de longo curso, quando retornasse de uma ausência que já durava mais de um ano, não acharia mudança na maneira de falar do filho. Contudo, ela foi despertada às cinco horas da manhã pela voz da criança, que articulava distintamente as letras A, B, C, D, que jamais lhe tinham tentado fazer pronunciar. Acreditando sonhar, sentou-se na cama; inclinando a cabeça para o berço, o rosto perto do da criança, que dormia, ouviu-a repetir em voz alta, por diversas vezes, as letras A, B, C, acentuando cada uma por um leve movimento de cabeça, após o que pronunciava a letra D de forma bem carregada.

Às seis horas, quando entrei em seu quarto, a criança ainda dormia, mas a mãe, feliz e emocionada por ter ouvido o filho pronunciar essas letras, não mais retomara o sono. Ao despertar o pequeno, e desde então, em vão tentamos fazê-lo dizer essas letras, que jamais tinha ouvido dizer, quando as disse no sono, pelo menos nesta vida; contudo, todos os nossos ensaios fracassaram. Mesmo ainda hoje ele diz A, B, mas nos foi impossível obter para o C e o D mais que dois sons, um da garganta, outro do nariz, que de modo algum lembram as duas letras que queríamos que ele dissesse.

“Não é a prova de que esse menino já viveu? Paro aqui, pois não me sinto bastante instruída para ousar concluir. Preciso aprender ainda, ler muito tudo quanto trata do Espiritismo, não para me convencer: O Espiritismo responde a tudo, ou, pelo menos, a quase tudo; mas, repito, senhor, não sei bastante. Ainda o saberei; não me falta o desejo. Deus, que não me abandonou nestes dezessete anos de viuvez; Deus, que me ajudou a educar os filhos e os encaminhar na vida; Deus, em que tenho fé, proverá o que me falta, porque nele espero e lhe peço de todo o coração para que permita aos Espíritos bons que me esclareçam e me guiem para o bem. Orai também por mim, senhor, pois estou em comunhão de pensamento convosco e, acima de tudo, desejo marchar no bom caminho.”

Este fato é, sem sombra de dúvida, o resultado de conhecimentos adquiridos anteriormente. Se há uma aptidão inata, é a que se revela espontaneamente durante o sono do corpo, quando nenhuma circunstância poderia tê-la feito desenvolver-se no estado de vigília. Se as ideias fossem um produto da matéria, por que uma ideia nova iria surgir quanto a matéria estivesse entorpecida, ao passo que não só é nula, mas impossível de exprimir quando os órgãos estão em plena atividade? A causa primeira, pois, não pode estar na matéria. É assim que, a cada passo, o materialismo se choca contra problemas cuja solução é incapaz de dar. Para que uma teoria seja verdadeira e completa, é preciso que não seja desmentida por nenhum fato. O Espiritismo não formula nenhuma prematuramente, a menos que seja a título de hipótese, caso em que se guarda de dá-la como verdade absoluta, mas apenas como assunto de estudo. Essa a razão por que marcha com segurança.

No caso de que se trata, é, pois, evidente que não tendo o Espírito aprendido em vigília o que diz durante o sono, forçoso é que tenha aprendido algures; desde que não foi nesta vida, deve ter sido em outra e, ainda, numa existência terrestre, na qual falava francês, já que pronuncia letras francesas. Como explicarão o fato os que negam a pluralidade das existências ou a reencarnação na Terra?

Mas resta saber como é que o Espírito, desperto, não possa dizer o que articula no sono? Eis a explicação dada por um Espírito à Sociedade de Paris.

(24 de novembro de 1864 – Médiun: Sra. Cazemajour)

“É uma inteligência que poderá ainda ficar velada por algum tempo, pelo sofrimento material da reencarnação na qual o Espírito teve muita dificuldade em se submeter e que, momentaneamente, aniquilou as suas faculdades. Mas o seu guia o ajuda com terna solicitude a sair desse estado pelos conselhos, o encorajamento e as lições que lhe dá, durante o sono do corpo, lições que não são perdidas e que se acharão

vivazes quando essa fase de entorpecimento houver passado, e que será determinada por um choque violento, uma emoção extrema. Para isso é necessária uma crise desse gênero. Deve-se estar atento para isto, mas não temer a idiotia, pois não é o caso.”

Há aqui um ensinamento importante e, até certo ponto, novo: o da primeira educação dada a um Espírito encarnado por um Espírito desencarnado. Sem dúvida certos sábios desdenhariam o fato como muito pueril e sem importância; nele não veriam senão uma bizarrice da Natureza, ou o explicariam por uma superexcitação cerebral, que dilata momentaneamente as faculdades, pois é assim que explicam todas as faculdades mediúnicas. Por certo seria concebível, em alguns casos, a exaltação numa pessoa adulta, cuja imaginação sobe pelo que vê ou pelo que ouve, mas não se compreenderia o que pudesse sobreexcitar o cérebro de uma criança de três anos, que dorme. Eis, pois, um fato inexplicável por essa teoria, ao passo que encontra solução natural e lógica pelo Espiritismo. O Espiritismo não desdenha nenhum fato, por mais insignificante que seja em aparência; ele os espregueia, observa-os e os estuda todos. É assim que progride a ciência espírita, à medida que os fatos se apresentam para atestar ou completar sua teoria. Se a contradisserem, ele lhes busca outra explicação.

Uma carta de 30 de dezembro de 1864, escrita por um amigo da família, contém o seguinte:

“Uma crise” – disseram os Espíritos – “determinada por um choque violento, uma emoção extrema livrará a criança do entorpecimento de suas faculdades. Os Espíritos disseram a verdade; a crise ocorreu por um choque violento, e eis de que maneira. A criança deu causa a que sua avó sofresse um tombo terrível, no qual por pouco não partiu a cabeça, esmagando a criança. Desde esse trauma o menino surpreende os pais a todo instante, pronunciando frases inteiras, como esta: “Cuidado mamã, para não cair.”

A articulação das letras durante o sono do garoto era, muito evidentemente, um efeito mediúnico, pois resultava do exercício que o Espírito lhe fazia fazer. Numa sessão posterior da Sociedade, em que absolutamente não se ocupavam do caso em questão, foi dada espontaneamente a seguinte dissertação, vindo confirmar e desenvolver o princípio desse gênero de mediunidade.

### **Mediunidade na infância**

(Sociedade de Paris, 6 de janeiro de 1865 – Médiun: Sr. Delanne)

Depois de ter sido preparado pelo anjo-da-guarda, começam a se estabelecerem no Espírito que vem encarnar, isto é, que vem sofrer novas provações em vista do seu melhoramento, os laços misteriosos que o unem ao corpo, a fim de manifestar a sua ação terrestre. Aí está todo um estudo, sobre o qual não me estenderei; só falarei do papel e da disposição do Espírito, durante o período da infância no berço.

A ação do Espírito sobre a matéria, nesse tempo de vegetação corpórea, é pouco sensível. Assim, os guias espirituais desvelam-se em aproveitar esses instantes, em que a parte carnal não obriga a participação inteligente do Espírito, a fim de preparar este último e encorajá-lo em suas boas resoluções, das quais sua alma está impregnada.

É nesses momentos de desprendimento que o Espírito, saindo da perturbação que teve de passar para a encarnação presente, compreende e se lembra dos compromissos contraídos para o seu adiantamento moral. É então que os Espíritos protetores vos assistem e ajudam a vos reconhecerdes. Assim, estudai a fisionomia da criancinha que dorme; muitas vezes o vereis “sorrindo aos anjos”, como se diz vulgarmente, expressão mais justa do que se pensa. Com efeito, sorri aos Espíritos que o cercam e o devem guiar.

Vede esse pequeno acordado. Ora ele olha fixamente, parecendo reconhecer seres amigos; ora balbucia palavras, e seus gestos alegres parecem dirigir-se a rostos amados. E como Deus jamais abandona as suas criaturas, mais tarde esses mesmos Espíritos lhe darão boas e salutares instruções, seja durante o sono, seja por inspiração, em estado de vigília. Daí podeis ver que todos os homens possuem, ao menos em germe, o dom da mediunidade.

A infância propriamente dita é uma longa série de efeitos mediúnicos, e se crianças um pouco mais velhas, quando o Espírito adquiriu mais força, por vezes não temessem as imagens das primeiras horas, poderíeis constatar muito melhor esses efeitos. Continuai a estudar e, diariamente, como crianças grandes, vossa instrução aumentará, se não vos obstinardes em fechar os olhos ao que vos cerca.

*Um Espírito protetor*

## Texto 33: Obras primas por via mediúnica - Fevereiro/1865

Por que os Espíritos dos grandes gênios que brilharam na Terra não produzem obras-primas por via mediúnica, como fizeram em vida, desde que nada perderam em inteligência?

Esta questão é, ao mesmo tempo, uma daquelas cuja solução interessa à ciência espírita, como tema de estudo, e uma objeção oposta por certos negadores à realidade das manifestações. Dizem estes últimos: “Estas obras fora do comum seriam uma prova de identidade adequada para convencer os mais recalcitrantes, ao passo que os produtos mediúnicos assinados pelos mais ilustres nomes quase não se elevam acima da vulgaridade. Até agora não se cita nenhuma obra capital que possa mesmo aproximar-se das dos grandes literatos e dos grandes artistas.” E acrescentam alguns: “Quando eu vir o Espírito Homero dar uma nova *Ilíada*, o de Virgílio uma nova *Eneida*, o de Corneille um novo *Cid*, o de Beethovem uma nova sinfonia em lá; ou quando um sábio, como Laplace, resolver um desses problemas inutilmente procurados, como a quadratura do círculo, por exemplo, então poderei crer na realidade dos Espíritos. Mas como quereis que neles creia, quando vejo darem seriamente, sob o nome de Racine, poesias que um aluno do quarto ano corrigiria; atribuir a Béranger versos que não passam de finais mal rimados, insossos e sem espírito, ou imputar a Voltaire e Chateaubriand uma linguagem de cozinha?”

Há nesta objeção um lado sério: é o que contém a última parte, mas que não denota menos a ignorância dos primeiros princípios do Espiritismo. Se os que a fazem não julgassem antes de o haver estudado, poupar-se-iam a um trabalho inútil.

Como se sabe, a identidade dos Espíritos é uma das grandes dificuldades do Espiritismo prático. Só pode ser constatada de maneira positiva para os Espíritos contemporâneos, cujo caráter e hábitos são conhecidos. Então eles se revelam por uma multidão de particularidades, nos fatos e na linguagem, que não podem deixar qualquer dúvida. São esses cuja identidade nos interessa mais, por laços que a eles nos unem. Muitas vezes um sinal, uma palavra basta para atestar a sua presença, e essas particularidades são tanto mais significativas, quanto mais similitude há na série de conversas familiares que se tem com os Espíritos. Além disso, é preciso considerar que quanto mais próximos de nós pela época de sua morte terrestre, menos estão os Espíritos despojados do caráter, dos hábitos e das ideias pessoais que no-los fazem reconhecer.

Já não é assim com os Espíritos que, de certo modo, só são conhecidos através da História. Para esses não existe nenhuma prova material de identidade; pode haver presunção, mas não certeza absoluta da personalidade. Quanto mais afastados de nós os Espíritos pela época em que viveram, menor essa certeza, considerando-se que suas ideias e seu caráter podem ter-se modificado com o tempo. Em segundo lugar, os que chegaram a uma certa elevação formam famílias similares pelo pensamento e pelo grau de adiantamento, cujos membros todos estão longe de nos ser conhecidos. Se um deles se manifesta, fá-lo-á sob um nome nosso conhecido, como sinal de sua categoria. Se se evoca Platão, por exemplo, é possível que responda ao apelo; mas, se não o puder, um Espírito da mesma categoria responderá por ele; será o seu pensamento, mas não a sua individualidade. Eis o que importa estarmos bem compenetrados.

Aliás, os Espíritos superiores vêm para instruir-nos; sua identidade absoluta é questão secundária. O que eles dizem é bom ou mau, racional ou ilógico, digno ou indigno de sua assinatura? Eis toda a questão. No primeiro caso, aceita-se; no segundo, rejeita-se como apócrifa.

Aqui se apresenta o grande escolho da intromissão dos Espíritos levianos ou ignorantes, que se enfeitam de grandes nomes para fazerem aceitar suas tolices e utopias. Nesse caso, a distinção exige tato, observação e, quase sempre, conhecimentos especiais. Para julgar uma coisa é preciso ter competência. Como aquele que não é versado em literatura e poesia podia apreciar as qualidades e os defeitos das comunicações deste gênero? A ignorância, neste caso, por vezes toma por verdades sublimes a ênfase, os floreios de linguagem, as palavras sonoras, que cobrem o vazio das ideias; não pode identificar-se com o gênio particular do escritor, para julgar o que pode ou não pode ser dele. Assim, muitas vezes veem-se médiuns, lisonjeados por receberem versos assinados por Racine, Voltaire ou Béranger, não sentirem nenhuma dificuldade em julgá-los autênticos, por mais detestáveis que sejam, sendo uma felicidade quando não se aborrecem contra os que se permitem pô-los em dúvida.

Temos, pois, como perfeitamente justa a crítica que se lança a semelhantes coisas, porque abunda em nossa razão. O erro não está no Espiritismo, mas nos que aceitam com muita facilidade o que vem dos Espíritos. Se os que disso fazem uma arma contra a doutrina a tivessem estudado, saberiam o que ela admite e não lhe imputariam o que repele, nem os exageros de uma credulidade cega e irrefletida. O erro é ainda maior quando se publicam, sob nomes conhecidos, coisas indignas da origem que lhes é atribuída; é dar razão à crítica fundada e prejudicar o Espiritismo. É necessário que se saiba que o Espiritismo racional absolutamente não patrocina essas produções, nem assume a responsabilidade das publicações feitas com mais entusiasmo do que prudência.

A incerteza a respeito da identidade dos Espíritos, em certos casos, e a frequência da intromissão dos Espíritos levianos provam alguma coisa contra a realidade das manifestações? De modo algum, pois o fato das manifestações é tão bem provado pelos Espíritos inferiores quanto pelos superiores. A abundância dos primeiros prova a inferioridade moral do nosso globo e a necessidade de trabalhar pela nossa melhora, para dele sairmos o mais rápido possível.

Resta, agora, a questão principal: Por que os Espíritos dos homens de gênio não produzem obras-primas pela via mediúnica?

Antes de tudo, é preciso ver a utilidade das coisas. Para que serviria isto? Para convencer os incrédulos, dizem. Mas, quando se os vê resistindo à mais palpável evidência, uma obra prima não lhes provaria melhor a existência dos Espíritos, porque a atribuiriam, como todas as produções mediúnicas, à superexcitação cerebral. Um Espírito familiar, um pai, uma mãe, um filho, um amigo, que vêm revelar circunstâncias desconhecidas do médium, dizer essas palavras que vão ao coração prova muito mais que uma obra-prima, que poderia sair de seu próprio cérebro. Um filho, cujo pai o pranteia, e que vem atestar a sua presença e a sua afeição, não convence melhor do que se Homero viesse fazer uma nova *Ilíada*, ou Racine uma nova *Fedra*? Por que, então, lhes pedir habilidades, que espantariam mais do que convenceriam, quando eles se revelam por milhares de fatos íntimos, ao alcance de todo o mundo? Os Espíritos buscam convencer as massas, e não tal ou qual indivíduo, porque a opinião das massas faz lei, enquanto os indivíduos são unidades perdidas na multidão. Eis por que pouco se preocupam com os obstinados que os querem importunar. Sabem perfeitamente que, mais cedo ou mais tarde, terão de curvar-se ante a força da opinião. Os Espíritos não se submetem ao capricho de ninguém; para convencer empregam os meios que querem, conforme os indivíduos e as circunstâncias. Tanto pior para os que não se contentam com isto; sua vez chegará mais tarde. Daí por que dizemos também aos adeptos: Ligai-vos aos homens de boa vontade, porque não falhareis; mas não percais vosso tempo com os cegos que não querem ver, nem com os surdos que não querem ouvir. Agir assim é faltar com a caridade? Não, pois para estes será apenas um adiamento. Enquanto perdeis o tempo com eles, negligenciais dar consolações a uma porção de gente necessitada e que aceitaria com alegria o pão da vida que lhes oferecêsseis. Além disso, pensai que os refratários, que resistem às vossas palavras e às provas que lhes dais, cederão um dia sob o ascendente da opinião que se formará em redor deles. Seu amor-próprio sofrerá menos com isto.

A questão das obras-primas também se liga ao mesmo princípio que rege as relações dos encarnados com os desencarnados. Sua solução depende do conhecimento deste princípio.

## Texto 34: Destruição recíproca dos seres vivos - abril/1865

A destruição recíproca dos seres vivos é, dentre as leis da Natureza, uma das que, à primeira vista, menos parecem conciliar-se com a bondade de Deus. Pergunta-se por que teria Ele criado a necessidade de os seres vivos mutuamente se destruírem, para se alimentarem uns à custa dos outros.

Para quem apenas vê a matéria e restringe à vida presente a sua visão, há de isso, com efeito, parecer uma imperfeição na obra divina; daí a conclusão que tiram os incrédulos que, não sendo Deus perfeito, não há Deus. É que, em geral os homens apreciam a perfeição de Deus do ponto de vista humano; medindo-lhe a sabedoria pelo juízo que dela formam, pensam que Deus não poderia fazer coisa melhor do que eles próprios fariam. Não lhes permitindo a curta visão, de que dispõem, apreciar o conjunto, não compreendem que um bem real possa decorrer de um mal aparente. Só o conhecimento do princípio espiritual, considerado em sua verdadeira essência, e o da grande lei de unidade, que constitui a harmonia da Criação, pode dar ao homem a chave desse mistério e mostrar-lhe a sabedoria providencial e a harmonia, exatamente onde apenas vê uma anomalia e uma contradição. Dá-se com esta verdade o mesmo que se dá com umaimensidão de outras; o homem não é apto a sondar certas profundezas senão quando seu Espírito chega a um suficiente grau de maturidade.

A verdadeira vida, tanto do animal como do homem, não está no invólucro corporal, do mesmo modo que não está no vestuário. Está no princípio inteligente que preexiste e sobrevive ao corpo. Esse princípio necessita do corpo, para se desenvolver pelo trabalho que lhe cumpre realizar sobre a matéria bruta. O corpo se consome nesse trabalho, mas o Espírito não se gasta; ao contrário, sai dele cada vez mais forte, mais lúcido e mais apto. Que importa, pois, que o Espírito mude mais ou menos frequentemente de envoltório?! Não deixa por isso de ser Espírito. É precisamente como se um homem mudasse cem vezes no ano as suas vestes. Não deixaria por isso de ser homem. Por meio do incessante espetáculo da destruição, ensina Deus aos homens o pouco caso que devem fazer do envoltório material e lhes suscita a ideia da vida espiritual, fazendo que a desejem como uma compensação.

Objetar-se-á: não podia Deus chegar ao mesmo resultado por outros meios, sem constranger os seres vivos a se entredestruírem? Bem atrevido aquele que pretendesse penetrar os desígnios de Deus! Desde que na sua obra tudo é sabedoria, devemos supor que esta não existirá mais num ponto do que noutros; se não o compreendemos assim, devemos atribuí-lo à nossa falta de adiantamento. Contudo, devemos tentar buscar-lhe a razão, tomando por bússola este princípio: Deus há de ser infinitamente justo e sábio. Procuremos, portanto, em tudo, a sua justiça e a sua sabedoria.

Uma primeira utilidade, que se apresenta de tal destruição, utilidade, sem dúvida, puramente física, é esta: os corpos orgânicos só se conservam com o auxílio das matérias orgânicas, matérias que só elas contêm os elementos nutritivos necessários à transformação deles. Como instrumentos de ação para o princípio inteligente, precisando os corpos ser constantemente renovados, a Providência faz que sirvam ao seu mútuo entretenimento. Eis por que os seres se nutrem uns dos outros. Mas, então, é o corpo que se nutre do corpo, sem que o Espírito se aniquile ou altere. Fica apenas despojado do seu envoltório.

Há também considerações morais de ordem elevada. É necessária a luta para o desenvolvimento do Espírito. Na luta é que ele exercita suas faculdades. O que ataca em busca do alimento e o que se defende para conservar a vida usam de habilidade e inteligência, aumentando, em consequência, suas forças intelectuais. Um dos dois sucumbe; mas, em realidade, que foi o que o mais forte ou o mais destro tirou ao mais fraco? A veste de carne, nada mais; ulteriormente, o Espírito, que não morreu, tomará outra.

Nos seres inferiores da Criação, naqueles a quem ainda falta o senso moral, em os quais a inteligência ainda não substituiu o instinto, a luta não pode ter por móvel senão a satisfação de uma necessidade material. Ora, uma das mais imperiosas dessas necessidades é a da alimentação. Eles, pois, lutam unicamente para viver, isto é, para fazer ou defender uma presa, visto que nenhum móvel mais elevado os poderia estimular. É nesse primeiro período que a alma se elabora e ensaia para a vida.

Quando a alma atingiu o grau de maturidade necessário à sua transformação, recebe de Deus novas faculdades: o livre-arbítrio e o senso moral, numa palavra a centelha divina, que dão novo curso às suas



ideias e a dotam de novas aptidões e percepções. Mas as novas faculdades morais de que é dotada só se desenvolvem gradualmente, pois nada é brusco na Natureza. No homem, há um período de transição em que ele mal se distingue do bruto. Nas primeiras idades, domina o instinto animal e a luta ainda tem por móvel a satisfação das necessidades materiais. Mais tarde, contrabalançam-se o instinto animal e o sentimento moral; luta então o homem, não mais para se alimentar, porém, para satisfazer à sua ambição, ao seu orgulho, à necessidade, que experimenta, de dominar. Para isso, ainda lhe é preciso destruir.

Todavia, à medida que o senso moral prepondera, desenvolve-se a sensibilidade, diminui a necessidade de destruir, acaba mesmo por desaparecer, por se tornar odiosa. O homem ganha horror ao sangue. Contudo, a luta é sempre necessária ao desenvolvimento do Espírito, pois, mesmo chegando a esse ponto, que parece culminante, ele ainda está longe de ser perfeito. Só à custa de muita atividade adquire conhecimento, experiência e se despoja dos últimos vestígios da animalidade. Mas, nessa ocasião, a luta, de sangrenta e brutal que era, se torna puramente intelectual. O homem luta contra as dificuldades, não mais contra os seus semelhantes.

## Texto 35: Estudo mediúnico - abril/1865

Para a compreensão do fato principal de que se trata, extraímos a passagem seguinte da carta de um de nossos assinantes; é, além disso, uma simples e tocante expressão das consolações que os aflitos haurem no Espiritismo:

“Permiti vos diga o quanto o Espiritismo me tem aliviado, ao dar-me a certeza de rever num mundo melhor um ser que amei com um amor sem limites, um irmão querido, morto na flor da idade. Como é consolador o pensamento de que aquele cuja morte pranteamos muitas vezes está perto de nós, sustentando-nos quando estamos acabrunhados sob o peso da dor, alegrando-se quando a fé no futuro nos deixa entrever um encontro certo! Iniciado há alguns anos nos admiráveis preceitos do Espiritismo, tinha aceitado todas as suas verdades e me esforçava por viver aqui de maneira a apressar o meu adiantamento. Minhas boas resoluções tinham sido tomadas muito sinceramente; confesso, todavia, que não possuindo os elementos necessários para fortalecer e sustentar minha crença na comunicação dos Espíritos, pouco a pouco me havia habituado, não a rejeitá-la, mas a encará-la com mais indiferença. É que a desgraça até então me era desconhecida. Hoje, que a Deus aprouve enviar-me uma prova dolorosa, hauri no Espiritismo preciosas consolações e sinto necessidade de vo-lo agradecer muito particularmente, como o primeiro propagador desta santa doutrina.

Não sendo a doutrina do Espiritismo uma simples hipótese, mas apoiando-se em fatos patentes e ao alcance de todo o mundo, as consolações que proporciona consistem não apenas na certeza de rever as pessoas amadas, mas, também e sobretudo, na possibilidade de corresponder-se com elas e delas obter salutarens ensinoss.

Assim convicto, o irmão vivo escreveu ao irmão morto a seguinte carta, solicitando a resposta através de um médium:

N..., 14 de março de 1865

Meu irmão bem-amado,

É-me impossível dizer-te quanto fiquei feliz ao ler a carta que me enviaste através do médium de S... Comuniquei-a aos nossos pobres pais, a quem muito afligiste, ao deixá-los de maneira tão inesperada. Eles me pediram que te escrevesse novamente, que te pedisse novos detalhes sobre tua existência atual, a fim de poderem crer, por provas que darás facilmente, na realidade do ensino dos Espíritos. Mas, antes de tudo, acerca-te deles, inspira-lhes a resignação e a fé no futuro; consola-os, pois necessitam ser consolados, alquebrados que estão por um golpe tão inesperado.

Quanto a mim, ó meu irmão bem-amado, serei sempre feliz quando te for permitido dar as tuas notícias. Hoje venho pedir-te novos detalhes sobre a tua moléstia, tua morte e teu despertar no mundo dos Espíritos. Quais os Espíritos que vieram receber-te no limiar do mundo invisível? Reviste o nosso avô? Ele é feliz? Reviste e reconheceste nossos parentes, mortos antes de ti, mesmo os que não havias conhecido na Terra? Assististe ao teu sepultamento? Que impressão sentiste? Peço-te que me dês alguns detalhes sobre essa triste cerimônia, que não permitam aos nossos pais duvidarem de tua identidade. Poderias dizer se algum membro de nossa família se tornará médium? Não desejarias comunicar-te através de um de nós? Não posso compreender que não queiras continuar teus estudos de música, que cultivavas com tanto ardor na Terra; para nós seria uma doce consolação se quisesses terminar, através de um médium, os salmos que começaste a musicar em Paris. Pudeste constatar o vazio imenso causado por tua morte no coração de todos nós. Suplico-te que inspires a teus pais a coragem necessária para não sucumbirem nesta terrível prova; sê muitas vezes com eles e dá notícias tuas. Quanto a mim, Deus sabe quanto chorei. Apesar de minha crença no Espiritismo, há momentos em que não posso acostumar-me à ideia de não mais te rever na Terra, e em que daria a vida para poder apertar-te ao coração.

Adeus, meu nobre amigo. Pensa algumas vezes naquele cujos pensamentos estão constantemente dirigidos para ti, e que fará o possível para ser julgado digno de um dia estar reunido a ti.

Abraço-te e te aperto ao coração.

Teu irmão devotado, B...

Nota: Em precedente comunicação dada aos pais, através de outro médium, tinha sido dito que o jovem não queria continuar seus estudos musicais no mundo dos Espíritos.

### Resposta do irmão morto ao irmão vivo

Eis-me aqui, meu bom irmão; mas és muito exigente. Mesmo com a melhor boa vontade não posso responder, numa só evocação, às numerosas perguntas que me diriges. Então não sabes que por vezes é muito difícil aos Espíritos transmitir o pensamento através de certos médiuns pouco aptos a receber claramente, em seu cérebro, a impressão fotográfica dos pensamentos de certos Espíritos e que, desnaturando-os, lhes dão um cunho de falsidade, que leva os interessados à negação mais formal das manifestações? Isto é muito pouco lisonjeiro e entristece profundamente os que, em falta de instrumentos adequados, são impotentes para dar suficientes sinais de identidade.

Crê-me, bom irmão, evoca-me em família. Com um pouco de boa vontade e alguns ensaios perseverantes, tu mesmo poderás conversar comigo à vontade. Estou quase sempre perto de ti, porque sei que és espírita e tenho confiança em ti. É certo que a simpatia atrai a simpatia e que não se pode ser expansivo com um médium que a gente vê pela primeira vez. Entretanto, esforçar-me-ei por satisfazer-te.

Minha morte, que te aflige, era o termo do cativo de minha alma. Teu amor, tua solicitude, tua ternura tinham tornado doce o meu exílio na Terra. Mas, nos meus mais belos momentos de inspiração musical, eu voltava o olhar para as regiões luminosas, onde tudo é harmonia, absorvo em escutar os acordes longínquos da melodia celeste que me inundava em doces vibrações. Quantas vezes eu me extasiei nesses devaneios arrebatadores, aos quais devia o sucesso de meus estudos musicais, que continuo aqui! Seria um erro extraordinário acreditar que a aptidão individual se perde no mundo espírita; ao contrário, ela se aperfeiçoa, para em seguida levar esse aperfeiçoamento aos planetas onde esses Espíritos são chamados a viver.

Não choreis mais, vós todos, bem-amados pais! Para que servem as lágrimas? Para enfraquecer, para desencorajar as almas. Parti primeiro, mas vireis encontrar-me. Esta certeza não é bastante poderosa para vos consolar? A rosa, que exalou seus perfumes no carvalho, morre como eu, depois de ter vivido pouco, juncando o solo de pétalas murchas. Mas, por sua vez, o carvalho morre e tem a sorte da rosa que chorou e cujas cores vivas se harmonizam com sua sombria folhagem.

Ainda algum tempo e vireis a mim; então cantaremos o cântico dos cânticos e louvaremos a Deus em suas obras. Juntos seremos felizes se vos resignardes à prova que vos aflige.

Aquele que foi teu irmão na Terra e te ama sempre, B...

Vários ensinamentos importantes ressaltam desta comunicação. O primeiro é a dificuldade do Espírito para se exprimir com o auxílio do instrumento que lhe é dado. Conhecemos pessoalmente esse médium, que há muito tempo vem dando provas de força e de flexibilidade da faculdade, sobretudo no que respeita às evocações particulares. É o que se pode chamar um médium seguro e bem assistido. De onde provém, então, esse impedimento? É que a facilidade das comunicações depende do grau de afinidade fluídica existente entre o Espírito e o médium. Assim, cada médium é mais ou menos apto a receber a impressão ou a impulsão do pensamento de tal ou qual Espírito; pode ser um bom instrumento para um e mau para outro, e este fato em nada desmerece as suas qualidades, pois a condição é mais orgânica do que moral. Assim, pois, os Espíritos buscam de preferência os instrumentos com os quais vibram em uníssono; impor-lhes o primeiro que aparecer e crer que deles possam servir-se indiferentemente, seria a mesma coisa que obrigar um pianista a tocar violino: em virtude de saber música, deve ser capaz de tocar todos os instrumentos.

Sem esta harmonia, a única que pode levar à assimilação fluídica, tão necessária na tiptologia quanto na escrita, as comunicações ou são impossíveis, ou incompletas, ou falsas. Em falta do Espírito, que não se pode ver, se não puder manifestar-se livremente, não faltarão outros, sempre prontos a aproveitar a ocasião, e que pouco se importam com a verdade do que dizem. Esta assimilação fluídica por vezes é completamente impossível entre certos Espíritos e certos médiuns; outras vezes, e é o caso mais ordinário, só se estabelece

gradualmente e com o tempo, o que explica por que os Espíritos que se manifestam habitualmente a um médium o fazem com mais facilidade, e por que as primeiras comunicações quase sempre atestam uma certa dificuldade e são menos explícitas.

Está, pois, demonstrado, tanto pela teoria quanto pela experiência, que não há mais médiuns universais para as evocações, como não os há aptos a todos os gêneros de manifestações. Aquele que pretendesse receber à vontade e no momento certo as comunicações de todos os Espíritos e, por conseguinte, satisfazer aos legítimos desejos de todos os que querem entreter-se com os seres que lhes são caros, ou daria prova de radical ignorância dos princípios mais elementares da ciência, ou de charlatanismo e, em todo o caso, de uma presunção incompatível com as qualidades essenciais de um bom médium. Pôde-se acreditar nisto em certo tempo, mas hoje os progressos da ciência teórica e prática demonstram, em princípio, a sua impossibilidade. Quando um Espírito se comunica pela primeira vez a um médium, sem qualquer dificuldade, isto se deve a uma afinidade fluídica excepcional ou anterior, entre o Espírito e seu intérprete.

É, pois, um erro impor um médium ao Espírito que sequer invocar. É preciso deixar-lhe a escolha de seu instrumento. Mas, indagarão, como fazer quando só se tem um médium, o que é muito frequente? Primeiro, se contentar com o que se tem e abster-se do que não se tem. Não está no poder da ciência espírita mudar as condições normais das manifestações, assim como não cabe à química mudar as da combinação dos elementos.

Contudo, há aqui um meio de atenuar a dificuldade. Em princípio, quando se trata de uma evocação nova, o médium deve sempre evocar o seu guia espiritual, previamente, e indagar se ela é possível. Em caso afirmativo, perguntar ao Espírito evocado se encontra no médium a aptidão necessária para receber e transmitir seu pensamento. Se houver dificuldade ou impossibilidade, pedir-lhe que o faça através do guia do médium ou ser por ele assistido. Neste caso, o pensamento do Espírito chega de segunda mão, isto é, depois de ter atravessado dois meios. Compreende-se, então, quanto importa que o médium seja bem assistido, porque se o for por um Espírito obsessivo, ignorante ou orgulhoso, a comunicação será alterada. Aqui, as qualidades pessoais do médium forçosamente representam um papel importante, pela natureza dos Espíritos que atraem a si. Os médiuns mais indignos podem dispor de poderosas faculdades; os mais seguros, porém, são os que a essa força juntam as melhores simpatias no mundo invisível. Ora, de modo algum essas simpatias garantem os nomes mais ou menos imponentes dos Espíritos que assinam as comunicações recebidas por via mediúnica.

Esses princípios fundamentam-se ao mesmo tempo na lógica e na experiência. As próprias dificuldades que revelam provam que a prática do Espiritismo não deve ser tratada levianamente.

Outro fato ressalta igualmente da comunicação acima: é a confirmação do princípio de que os Espíritos inteligentes prosseguem na vida espiritual os trabalhos e estudos que empreenderam na vida corporal.

É por isso que damos preferência, nas comunicações que publicamos, àquelas de onde pode sair um ensinamento útil.

Quanto à carta do irmão vivo ao seu irmão morto, é uma ingênua e tocante expressão da fé sincera na sobrevivência da alma, na presença dos seres que nos são caros e da possibilidade de continuar com estes as relações de afeição, que a eles nos uniam.

Sem dúvida os incrédulos rirão daquilo que, aos seus olhos, é uma pueril credulidade. Por mais que façam, o nada que preconizam jamais terá encanto para as massas, porque parte o coração e aniquila as mais santas afeições; gela, em vez de aquecer; apavora e desespera, em vez de fortalecer e consolar.

Como suas diatribes contra o Espiritismo têm por eixo a doutrina apavorante do nada, não se deve admirar da sua impotência em desviar as massas das novas ideias. Entre uma doutrina desesperadora e outra consoladora, a escolha da maioria não poderia ser duvidosa.

## Texto 36: Manifestação do Espírito dos animais - maio/1865

Texto redigido por Kardec em resposta a um leitor que acreditara ter visto seu cãozinho morto

Nosso honrado correspondente age com sabedoria ao não decidir a questão categoricamente. De um único fato, que ainda não passa de uma probabilidade, ele não tira uma conclusão absoluta. Constata, observa, aguardando que a luz se faça. Assim o quer a prudência. Os fatos deste gênero ainda não são bastante numerosos, nem suficientemente provados para deles deduzir-se uma teoria, afirmativa ou negativa. A questão do princípio e do fim do Espírito dos animais apenas começa a destrinchar, e o fato de que se trata a ela se liga essencialmente. Se não for uma ilusão, pelo menos constata o vínculo de afinidade existente entre o Espírito dos animais, ou, melhor, de certos animais e o do homem. Aliás, parece positivamente provado que há animais que veem os Espíritos e por estes são impressionados. Se os animais veem os Espíritos, evidentemente não é pelos olhos do corpo. Portanto, eles também têm uma espécie de visão espiritual.

Até agora a Ciência não fez senão constatar as relações fisiológicas entre o homem e os animais. Ela nos mostra, no físico, todos os elos da cadeia dos seres sem solução de continuidade. Mas entre o princípio espiritual dos dois Espíritos havia um abismo. Se os fatos psicológicos, melhor observados, vêm lançar uma ponte sobre esse abismo, será um novo passo para a unidade da escala dos seres e da Criação. Não é por meio de sistemas que se poderá resolver esta grave questão, mas pelos fatos. Se o deve ser um dia, só o Espiritismo, criando a psicologia experimental, poderá lhe fornecer os meios. Em todo o caso, se existem pontos de contato entre a alma animal e alma humana, este não pode ser, do lado da primeira, senão da parte dos animais mais adiantados. Um fato importante a constatar é que, entre os seres do mundo espiritual, jamais se fez menção de que existissem Espíritos de animais. Disso pareceria resultar que aqueles não conservam a sua individualidade após a morte, mas, por outro lado, a pequena galga, que se teria manifestado, pareceria provar o contrário.

De acordo com isto, vê-se que a questão ainda está pouco adiantada, e que não se deve apressar a sua solução.

Tendo sido lida a carta acima na Sociedade de Paris, a respeito foi dada a seguinte comunicação:

(Paris, 21 de abril de 1865 – Médiun: Sr. E. Vézy)

Esta noite vou abordar uma grave questão, falando-vos das relações que podem existir entre a animalidade e a Humanidade. Mas neste recinto, quando, pela primeira vez, minhas instruções vos ensinam a solidariedade de todas as existências e as afinidades que existem entre elas, elevou-se um murmúrio numa parte desta assembleia, e eu me calei. Deveria fazer o mesmo hoje, malgrado vossas perguntas? Não, porque, enfim, vejo que entraís no caminho que vos indicava.

Mas não basta apenas crer no progresso incessante do Espírito, embrião na matéria, desenvolvendo-se ao passar pela peneira do mineral, do vegetal e do animal, para chegar à humanimalidade, onde começa a ensaiar-se apenas a alma que se encarnará, orgulhosa de sua tarefa, na Humanidade. Entre essas diferentes fases existem laços importantes, que é necessário conhecer, e que chamarei períodos intermediários ou latentes; porque é aí que se operam as transformações sucessivas. Mais tarde eu vos falarei dos laços que unem o mineral ao vegetal, o vegetal ao animal. Já que um fenômeno que vos causa admiração nos leva aos laços que ligam o animal ao homem, vou entreter-vos com estes últimos.

Entre os animais domésticos e os homens as afinidades são produzidas pelas cargas fluídicas que vos cercam e sobre eles recaem. É um pouco a Humanidade que se distingue sobre a animalidade, sem alterar as cores de uma ou de outra. Daí esta superioridade inteligente do cão sobre o instinto brutal do animal selvagem e é somente a essa causa que poderão ser devidas essas manifestações que vos acabam de ler. Assim, não se enganaram ouvindo um grito alegre do animal reconhecido pelos cuidados de seu dono, o qual veio, antes de passar ao estado intermediário de um desenvolvimento a outro, trazer-lhe uma lembrança. A manifestação, portanto, pode ocorrer, mas é passageira, porque o animal, para subir um degrau, precisa de



um trabalho latente, que aniquila, em todos, qualquer sinal exterior de vida. Esse estado é a crisálida espiritual, onde se elabora a alma, perispírito informe, não tendo nenhuma figura reprodutiva de traços, irrompendo num estado de maturidade para deixar escapar, nas correntes que a arrastam, os germes de almas que aí se originam. Assim, pois, ser-nos-ia difícil falar-vos dos Espíritos de animais do espaço: eles não existem; ou, melhor, sua passagem é tão rápida como se nula fosse e, no estado de crisálida, não poderiam ser descritos.

Já sabeis que nada morre da matéria que sucumbe. Quando um corpo se dissolve, os diversos elementos de que é composto reclamam a parte que lhe deram: oxigênio, hidrogênio, azoto, carbono voltam ao seu foco primitivo para alimentar outros corpos. Dá-se o mesmo com a parte espiritual: os fluidos organizados espirituais tomam, de passagem, cores, perfumes, instintos, até a constituição definitiva da alma.

Compreendeis bem? Talvez eu precisasse explicar-me melhor, mas, para terminar esta noite, e não vos deixar supor o impossível, eu vos asseguro que o que é do domínio da inteligência animal não pode ser reproduzido pela inteligência humana, isto é, que o animal, seja qual for, não pode expressar seu pensamento pela linguagem humana; suas ideias são apenas rudimentares. Para ter a possibilidade de exprimir-se, como faria o Espírito de um homem, precisaria de ideias, conhecimentos e um desenvolvimento que não tem, que não pode ter. Tende, pois, como certo, que nem o cão, nem o gato, nem o burro, nem o cavalo, nem o elefante podem manifestar-se por via mediúnica. Só os Espíritos chegados ao grau da Humanidade podem fazê-lo, e ainda em razão de seu adiantamento, porquanto o Espírito de um selvagem não vos poderá falar como o de um homem civilizado.

Observação de Kardec: Estas últimas reflexões do Espírito foram motivadas pela citação, feita na sessão, de pessoas que pretendiam ter recebido comunicações de diversos animais. Como explicação do fato precitado, sua teoria é racional e concorda, no fundo, com a que hoje prevalece nas instruções dadas na maioria dos centros. Quando tivermos reunido documentos suficientes, resumi-los-emos num corpo de doutrina metódico, que será submetido ao controle universal. Até lá, são apenas balizas postas no caminho, para o esclarecer.

## Texto 37: Cura de uma obsedada em Barcelona (reprodução parcial) - junho/1865

Casada em 1850, Rose N... foi acometida, poucos dias após o casamento, de ataques espasmódicos, que se repetiam com muita frequência e com violência, até engravidar. Durante a gravidez nada experimentou, mas, depois do parto, os mesmos acidentes se renovavam; muitas vezes as crises duravam três ou quatro horas, durante as quais ela fazia toda sorte de extravagâncias e eram precisas três ou quatro pessoas para dominá-la. Entre os médicos chamados, uns diziam que era uma doença nervosa; outros, que era loucura. O mesmo sintoma se repetia em cada gravidez, isto é, os acidentes cessavam durante a gestação e recomeçavam após o parto.

Isto já durava vários anos. O pobre casal estava cansado de consultar a uns e outros e a fazer uso de remédios que não davam o menor resultado. Essa gente simples estava no limite da paciência e dos recursos, pois, algumas vezes, a mulher ficava meses inteiros sem poder dedicar-se aos trabalhos domésticos. Por vezes sentia ligeira melhora, que fazia supor uma cura, mas, após algumas semanas de trégua, o mal reaparecia com terrível recrudescência.

Como algumas pessoas os persuadissem de que um mal tão rebelde deveria ser obra do demônio, eles recorreram aos exorcismos e a paciente se dirigiu a um santuário distante vinte léguas, de onde voltou aparentemente tranquila; mas, ao cabo de alguns dias o mal voltou com nova intensidade. Ela partiu para outro retiro, onde permaneceu quatro meses, durante os quais ficou tão tranquila que a julgaram curada. Voltou, então, à sua família, alegre por se ver, enfim, livre da cruel doença; contudo, após algumas semanas, suas esperanças novamente foram por água a baixo, já que os acessos voltaram com mais força que nunca.

Marido e mulher estavam desesperados. Foi em julho último, 1864, que um de nossos amigos e irmão em crença nos deu conhecimento do fato, propondo que tentássemos aliviar, se não curar, essa pobre perseguida, pois a julgava tomada de uma obsessão das mais cruéis. Na ocasião a doente estava sendo submetida a tratamento magnético, que lhe havia proporcionado um certo alívio; mas o magnetizador, embora espírita, não tinha meios de evocar o Espírito obsessor, por falta de médiuns e, apesar de sua vontade, não podia produzir o efeito desejado. Aceitamos com interesse essa oportunidade de fazer uma boa obra. Reunimos vários adeptos sinceros e mandamos trazer a doente. Bastaram alguns minutos para reconhecermos a causa da moléstia de Rose. Era, com efeito, uma obsessão das mais terríveis. Tivemos muito trabalho para fazer o obsessor vir ao nosso chamado. Ele foi muito violento, respondeu algumas palavras incoerentes e logo se atirou enfurecido sobre sua vítima, provocando-lhe violenta crise, logo acalmada pelo magnetizador.

Na segunda sessão, ocorrida poucos dias depois, pudemos reter por mais tempo o Espírito obsessor, que, no entanto, se mostrou sempre rebelde e muito cruel para com sua vítima. A terceira evocação foi mais feliz; o obsessor conversou familiarmente conosco; fizemo-lo compreender todo o mal que fazia, perseguindo essa infeliz mulher, mas ele não queria confessar seus erros e dizia que a fazia pagar uma velha dívida.

Na quarta evocação orou conosco e se queixou por ter sido trazido a nós contra sua vontade; queria vir, mas de moto próprio. Foi o que fez na sessão seguinte. Pouco a pouco, a cada nova evocação, exercíamos maior domínio sobre ele e acabamos por fazê-lo renunciar ao mal que, desde a quarta sessão, vinha diminuindo; na nona, tivemos a satisfação de ver as crises cessarem. De cada vez uma magnetização de 12 a 15 minutos acalmava totalmente Rose e a deixava num estado de perfeita tranquilidade.

Desde o mês de agosto – há nove meses, portanto – a doente não teve mais crises, e suas ocupações não foram interrompidas. Apenas uma vez ou outra ela sofria ligeiros abalos, em consequência de alguma contrariedade que não podia dominar; mas eram como relâmpagos sem tempestade, praticamente para lhe demonstrar que não devia esquecer os bons hábitos que tinha contraído para com Deus e os seus semelhantes. É preciso dizer também que ela contribuiu poderosamente para a cura, por sua fé, seu fervor e sua confiança no Criador, e pela moderação de um caráter naturalmente irritável. Tudo isto contribuiu para que o obsessor se enchesse de coragem, pois não a tinha bastante para tomar resolutamente o bom caminho;

temia as provações que teria de sofrer para merecer o perdão. Mas, graças a Deus, e com o poderoso auxílio de nossos bons guias, já está no bom caminho e faz tudo o que pode para ser perdoado. Hoje, é ele que dá bons conselhos àquela a quem perseguiu por tanto tempo e que é agora robusta e alegre, como se nada tivera. Contudo, de oito em oito dias ela vem submeter-se a uma magnetização e, de vez em quando, evocamos seu antigo perseguidor, para fortalecê-lo em suas boas resoluções.

Eis a sua última comunicação, dada em 19 de abril de 1865:

Eis-me aqui. Venho agradecer vossa boa perseverança para comigo. Sem vós, sem esses Espíritos bons e benevolentes, aqui presentes, eu jamais teria conhecido a felicidade que agora sinto; ainda me arrastaria no mal, na miséria. Oh! Sim, miséria, porque não se pode ser mais infeliz do que eu era; sempre a fazer o mal e sempre desejoso de fazê-lo! Quantas vezes, ah! Disse-vos que não sofria! Só agora vejo quanto sofria. Neste mesmo instante ainda sinto esses sofrimentos, mas não como antes; hoje é o arrependimento e não a incessante vontade de fazer o mal. Oh, não! Que o Deus de bondade dele me preserve e que eu seja fortalecido para não mais recair na pena. Oh! não mais essas torturas; não mais esses males causticantes que não deixam à alma nenhum momento de repouso. Isto é bem o inferno, que está com aquele que faz o mal, como eu fazia.

Fiz o mal por ressentimento, por vingança, por ambição! O que lucrei com isto? Ai! repellido pelos Espíritos bons, não os podia compreender quando se aproximavam de mim e eu escutava suas vozes, porque não me era permitido vê-los. Não! Hoje Deus permitiu; é por isto que sinto um bem-estar que jamais experimentei; porque, a despeito de sofrer bastante, entrevejo o futuro e suporto meus sofrimentos com paciência e resignação, pedindo perdão a Deus e assistência aos Espíritos bons para aquela a quem persegui por tanto tempo. Que ela me perdoe; dia virá, e talvez não custe, em que lhe poderei ser útil.

Termino agradecendo e vos pedindo que continueis a me favorecer com as vossas preces e com a amizade que me testemunhastes, e me perdando pelo trabalho que vos dei. Oh! obrigado, obrigado! Não podeis saber quanto o meu Espírito é grato pelo bem que me fizestes. Rogai a Deus que me perdoe e aos Espíritos bons para que estejam comigo, a fim de me ajudarem e me fortalecerem. Adeus.

*Pedro*

Comentário de Kardec: O fato acima apresenta um caso particular, o da suspensão das crises durante a gravidez. De onde vem isto? Que a Ciência o explique, se puder. Eis a razão dada pelo Espiritismo: A doença não era loucura, nem uma afecção nervosa; a cura é a prova disto: era bem uma obsessão. O Espírito obsessor exercia uma vingança; Deus o permitia para servir de provação e de expiação à mãe e, além disso, porque, mais tarde, a cura desta devia levar à melhora do Espírito. Mas as crises, durante a gestação, podiam prejudicar a criança; Deus queria mesmo que a mãe fosse punida pelo mal que fizera, mas não queria que o ser inocente que trazia no ventre sofresse por isto. É por tal motivo que, durante esse tempo, foi retirada toda liberdade de ação aos seus perseguidores

## Texto 38: Teoria dos sonhos - julho/1865

É realmente estranho que um fenômeno tão vulgar quanto o dos sonhos tenha sido objeto de tanta indiferença da parte da Ciência, e que ainda se esteja a perguntar a causa dessas visões. Dizer que são produtos da imaginação não é resolver a questão; é uma dessas palavras com o auxílio da qual querem explicar o que não compreendem e que nada explicam. Em todo o caso, a imaginação é um produto do entendimento. Ora, como não se pode admitir entendimento nem imaginação na matéria bruta, é preciso que se creia que a alma nisto entra em alguma coisa. Se os sonhos ainda são um mistério para a Ciência, é que ela se obstinou em fechar os olhos para a causa espiritual.

Procura-se a alma nos refolhos do cérebro, enquanto ela se ergue a cada instante à nossa frente, livre e independente, numa imensidão de fenômenos inexplicáveis tão-só pelas leis da matéria, notadamente nos sonhos, no sonambulismo natural e artificial e na dupla vista a distância; não nos fenômenos raros, excepcionais, sutis, que exigem pacientes pesquisas do sábio e do filósofo, mas nos mais vulgares; lá está ela, parecendo dizer: Olhai e me vereis; estou aos vossos olhos e não me vedes; vistes-me muitas e muitas vezes; vedes-me todos os dias; até as crianças me veem; o sábio e o ignorante, o homem de gênio e o idiota me veem, e não me reconhecéis.

Mas há pessoas que parecem ter medo de olhá-la de frente, e de adquirir a prova de sua existência. Quanto aos que a procuram de boa-fé, até hoje lhes faltou a única chave com a qual a teriam reconhecido. Esta chave o Espiritismo acaba de dar pela lei que rege as relações entre o mundo corporal e o mundo espiritual. Auxiliado por esta lei e pelas observações sobre que se apoia, ele dá dos sonhos a mais lógica explicação jamais fornecida; demonstra que o sonho, o sonambulismo, o êxtase, a dupla vista, o pressentimento, a intuição do futuro, a penetração do pensamento não passam de variantes e de graus de um mesmo princípio: a emancipação da alma, mais ou menos desprendida da matéria.

Em relação aos sonhos, dá ele conta precisa de todas as variedades que apresentam? Não, ainda não; possuímos o princípio, e já é muito; os que podemos explicar por-nos-ão no caminho dos outros; sem dúvida ainda nos faltam alguns conhecimentos, que adquiriremos mais tarde. Não há uma única ciência que, de um salto, tenha desenvolvido todas as suas consequências e aplicações; elas não poderão completar-se senão por observações sucessivas. Ora, nascido ontem, o Espiritismo está como a Química nas mãos dos Lavoisier e dos Berthollet, seus primeiros criadores; estes descobriram as leis fundamentais. As primeiras balizas fincadas puseram na via de novas descobertas.

Entre os sonhos uns há que têm um caráter de tal modo positivo que, racionalmente, não poderiam ser atribuídos apenas a um jogo da imaginação; tais são aqueles nos quais se adquire, ao despertar, a prova da realidade do que se viu, e em que absolutamente não se pensava. Os mais difíceis de explicar são os que nos apresentam imagens incoerentes, fantásticas, sem realidade aparente. Um estudo mais aprofundado do singular fenômeno das criações fluídicas sem dúvida nos porá no caminho.

Esperando, eis uma teoria que parece avançar um passo na questão. Não a damos como absoluta, mas como fundada na lógica e podendo ser objeto de estudo. Ela nos foi dada por um dos nossos melhores médiuns, em estado de sonambulismo muito lúcido, por ocasião do fato seguinte:

Instado pela mãe de uma jovem a lhe dar notícias da filha, que estava em Lyon, ele a viu deitada e adormecida, e descreveu com exatidão o apartamento em que se achava. Essa jovem, de dezesseis anos, era médium escrevente; a mãe perguntou se ela tinha aptidão para tornar-se médium vidente. Esperai, disse o sonâmbulo, é preciso que eu siga o rasto de seu Espírito, que neste momento não está no corpo. Ela está aqui, na villa Ségur, na sala onde estamos, atraída pelo vosso pensamento; ela vos vê e vos escuta. Para ela é um sonho, do qual não se recordará ao despertar.

Pode-se, acrescenta ele, dividir os sonhos em três categorias, caracterizadas pelo grau da lembrança que resta no estado de desprendimento no qual se acha o Espírito. São:

1º – Os sonhos provocados pela ação da matéria e dos sentidos sobre o Espírito, isto é, aqueles em que o organismo representa um papel preponderante pela união mais íntima entre o corpo e o Espírito. Deles

nos lembramos claramente e, por pouco desenvolvida que seja a memória, conservamos uma impressão durável.

2º – Os sonhos que podem ser chamados mistos. Participam ao mesmo tempo da matéria e do Espírito. O desprendimento é mais completo. Deles nos lembramos ao acordar, para os esquecer quase que instantaneamente, a menos que alguma particularidade venha despertar a sua lembrança.

3º – Os sonhos etéreos ou puramente espirituais. São produzidos apenas pelo Espírito, que está desprendido da matéria, tanto quanto o pode estar durante a vida do corpo. Deles não nos recordamos; ou, se restasse uma vaga lembrança do que sonhamos, nenhuma circunstância poderia trazer à memória os incidentes do sono.

O sonho atual dessa jovem pertence à terceira categoria. Ela não se lembrará dele. Foi conduzida aqui por um Espírito muito conhecido do mundo espírita lionês e, mesmo, do mundo espírita europeu (o sonâmbulo-médium descreve o Espírito Cárita). Ele a trouxe com o objetivo de que ela conserve, se não uma lembrança precisa, um pressentimento do bem que se pode haurir de uma crença firme, pura e santa, e do bem que se pode fazer aos outros, fazendo-o a si mesmo.

Ela diz à mãe que, caso se lembrasse tão bem em seu estado normal quanto se lembra agora de suas encarnações precedentes, não demoraria muito tempo no estado estacionário em que está, pois vê claramente e pode avançar sem hesitação, ao passo que no estado ordinário temos uma venda sobre os olhos. Ela diz aos assistentes: “Obrigado por vos terdes ocupado de mim.” Depois beija sua mãe. Como é feliz! acrescenta o médium, terminando, como é feliz com este sonho, do qual não se lembrará, mas que, nem por isso, deixará de lhe causar uma impressão salutar! São esses sonhos inconscientes que proporcionam essas sensações indefiníveis de contentamento e felicidade, de que não nos damos conta, e que são um antegoço daquilo de que desfrutam os Espíritos felizes.

Deduz-se daí que o Espírito encarnado pode sofrer transformações que modificam suas aptidões. Um fato que talvez não tenha sido suficientemente observado vem em apoio da teoria acima. Sabe-se que o esquecimento ao acordar é um dos caracteres do sonambulismo. Ora, do primeiro grau de lucidez o Espírito passa, por vezes, a um grau mais elevado, que é diferente do êxtase, e no qual adquire novas ideias e percepções mais sutis. Saindo deste segundo grau para entrar no primeiro, não se lembrará do que disse, nem do que viu; depois, passando deste grau para o estado de vigília, há um novo esquecimento. Uma coisa a notar é que há lembrança do grau superior ao grau inferior, enquanto há esquecimento do grau inferior para o superior.

É, pois, bem evidente que entre os dois estados sonambúlicos de que acabamos de falar, passa-se algo análogo ao que ocorre entre o estado de vigília e o primeiro grau de lucidez; que o que se passa influi sobre as faculdades e as aptidões do Espírito. Dir-se-ia que do estado de vigília ao primeiro grau o Espírito é despojado de um véu; que do primeiro ao segundo grau é despojado de um segundo véu. Não mais existindo esses véus nos graus superiores, o Espírito vê o que está abaixo e se lembra; descendo a escala, os véus se refazem sucessivamente e lhe ocultam o que está acima, fazendo que deles perca a lembrança. Às vezes a vontade do magnetizador pode dissipar esse véu fluídico e restituir a lembrança.

Como se vê, há uma grande analogia entre esses dois estados sonambúlicos e as diversas categorias de sonhos descritos acima. Parece-nos mais que provável que, num caso e noutro, o Espírito se ache numa situação idêntica. A cada degrau que sobe, eleva-se acima de uma camada de névoa; sua visão e suas percepções são mais claras.

## Texto 39: Dois irmãos idiotas - agosto/1865

Numa família de operários de Paris encontram-se duas crianças acometidas de idiotia. Até a idade de 5 ou 6 anos desfrutavam de todas as suas faculdades intelectuais, relativamente bem desenvolvidas. A menos que seja provocada por uma causa accidental, a idiotia nas crianças resulta quase sempre de uma parada no desenvolvimento dos órgãos, manifestando-se, por conseguinte, desde o nascimento. Além disso, o que é de notar aqui é o fato de duas crianças atingidas pela mesma enfermidade em condições idênticas.

Podendo esse duplo fenômeno ser objeto de estudo interessante, do ponto de vista psicológico, o Sr. Desliens, um dos membros da Sociedade de Paris, foi introduzido na família por um amigo, a fim de poder dar contas à Sociedade. Eis o resultado de suas observações:

Disse ele: “Quando o pai soube do objetivo de minha visita passou a um gabinete, de onde voltou trazendo nos braços um ser que, por suas feições, mais se parecia a um animal do que a um foco de inteligência. Trouxe igualmente um segundo no mesmo estado de embrutecimento, mas com aparências físicas mais humanas. Nenhum som inteligível escapava da boca desses infortunados; gritinhos agudos, grunhidos roucos são suas únicas manifestações ruidosas. Quase sempre um riso bestial lhes anima a fisionomia. O mais velho chama-se Alfred, e o segundo, Paulin.

Alfred, atualmente com dezessete anos, nasceu com toda a sua inteligência, que se manifestou mesmo com certa precocidade. Aos três anos falava convenientemente e compreendia os menores sinais. Teve então uma ligeira doença, depois da qual perdeu o uso da palavra e as faculdades mentais. Os tratamentos médicos apenas levaram ao esgotamento das forças vitais, hoje traduzido por um raquitismo absoluto.

Este ser, que de um homem nem mesmo guarda a aparência, tem, contudo, sentimento; ama a seus pais e a seu irmão, e sabe manifestar simpatia ou repulsão por aqueles que o cercam. Compreende tudo quanto lhe dizem; olha com olhos brilhantes e inteligentes; procura incessantemente, mas sem resultado, responder quando lhe falam de coisas que o interessam. Tem um medo invencível da morte e não pode ver um carro fúnebre sem procurar esconder-se. Certo dia, tendo sua tia lhe dito, por brincadeira, que o envenenaria se ele continuasse a ser mau, compreendeu tão bem que durante mais de um ano se negou a receber qualquer alimento de sua mão, embora tenha um apetite extraordinário.

Do ponto de vista corporal, Paulin, de 15 anos, tem uma aparência mais humana. Traz no rosto embrutecido a marca de um idiotismo absoluto. Contudo ama, limitando-se a isto suas manifestações exteriores. Também nasceu com toda a razão, que conservou integral até os seis anos. Gostava muito do irmão. A essa idade adoeceu e passou pelas mesmas fases do mais velho. Ultimamente foi acometido por uma doença de largo curso, depois da qual parece compreender melhor o que lhe dizem. O cura e os padres da paróquia fizeram a família saber que havia possessão do demônio e que era preciso exorcizar os meninos. Os pais hesitaram. Contudo, fatigados com a insistência daqueles senhores, e temendo perder o auxílio que recebiam por causa dos filhos, concordaram. Mas, então, aqueles senhores sustentaram que, de fato, teria havido possessão numa época anterior, mas que hoje já não se tratava disto e que nada mais havia a fazer. É preciso dizer, em louvor aos pais, que sua ternura por essas infortunadas criaturas jamais foi desmentida e que elas têm sido constantemente objeto dos mais afetuosos cuidados.”

Os senhores eclesiásticos renunciaram sabiamente ao exorcismo, que só teria levado a um fracasso. As crianças não apresentam nenhum dos caracteres da obsessão, no sentido do Espiritismo, e tudo prova que a causa do mal é puramente patológica. Em ambos a idiotia se produziu em consequência de uma doença que, indubitavelmente, ocasionou a atrofia dos órgãos da manifestação do pensamento. Mas é fácil ver, por trás desse véu, que existe um pensamento ativo, que encontra um obstáculo invencível à sua livre emissão. A inteligência dessas crianças, durante os primeiros anos, nelas prova Espíritos adiantados, que mais tarde se acharam contidos em laços muito apertados para que pudessem manifestar-se. Num envoltório em condições normais teriam sido homens inteligentes; e quando a morte os tiver libertado de seus entraves, recobrarão o livre uso de suas faculdades.

Esse constrangimento imposto ao Espírito deve ter uma causa moral, providencial e essa causa deve ser justa, já que Deus é a fonte de toda justiça. Ora, como esses meninos nada fizeram nesta existência que pudesse merecer um castigo qualquer, é preciso admitir que pagam a dívida de uma existência anterior, a menos que se negue a justiça de Deus. Eles nos oferecem uma prova da necessidade da reencarnação, essa chave que resolve tantos problemas e que, diariamente, projeta luz sobre tantas questões ainda obscuras.

A respeito do assunto, foi dada a seguinte comunicação na Sociedade de Paris, no dia 7 de julho de 1865. (Médium: Sr. Desliens).

“A perda da inteligência nos dois idiotas a que nos referimos é, certamente, explicável do ponto de vista científico. Cada um deles teve uma curta doença; pode-se, pois, concluir com razão que os órgãos cerebrais foram afetados. Mas por que esse acidente ocorreu após a manifestação evidente de todas as suas faculdades, contrariamente ao que, em geral, se passa na idiotia? Repito: toda perturbação da inteligência ou das funções orgânicas pode ser explicada fisiologicamente, seja qual for a causa primeira, considerando-se que o Criador estabeleceu leis para as relações entre a inteligência e os órgãos de transmissão, leis que não podem ser derogadas. A perturbação dessas relações é uma consequência mesma dessas leis, e pode ferir o culpado por suas faltas anteriores: aí está a expiação.

Por que esses dois seres foram feridos juntos? Porque participaram da mesma vida; como estavam ligados durante a provação, devem estar reunidos na vida de expiação. “Por que sua inteligência a princípio se manifestou, ao contrário do que geralmente acontece em casos semelhantes? Do ponto de vista da intenção providencial, é uma das mil nuances da expiação, que tem sua razão de ser para o indivíduo, mas cujo motivo muitas vezes seria difícil de sondar, por isso mesmo que é individual. É preciso aí ver, também, um desses fatos que diariamente vêm confirmar, pela observação atenta, as bases da Doutrina Espírita, e sancionar, pela evidência, os princípios da reencarnação.

Não vos esqueçais, também, de que os pais têm sua parte no que aqui se passa. Sua ternura para com esses seres, que não lhes oferecem nenhuma compensação, é uma grande prova. Devem ser felicitados por não haverem falido, porque essa compensação que não encontram no mundo, encontrá-la-ão mais tarde. Dizei a vós mesmos que os cuidados e a afeição que prodigalizam a esses dois pobres seres bem poderiam ser uma reparação em relação a eles, reparação que o estado de necessidade da família torna ainda mais meritório.”

*Moki*

## Texto 40: A chave do céu - agosto/1865

Mensagem ditada pelo Espírito Lacordaire

Quando se considera que tudo vem de Deus e a ele retorna, é impossível não perceber, na generalidade das criações divinas, o laço que as une entre si e as submete a um trabalho de avanço comum e, ao mesmo tempo, a um trabalho de progresso particular. Também não se pode desconhecer que a lei de solidariedade, daí resultante, não nos obriga a sacrifícios gratuitos de toda sorte, uns para com os outros. Aliás, é de notar que Deus nos mostrou em tudo uma primeira aplicação, por ele mesmo, dos princípios primordiais que estabeleceu. Assim, pela solidariedade, encontra-se esse princípio expresso na sensibilidade de que fomos dotados, sensibilidade que nos leva a compartilhar dos males alheios, lhes ter compaixão e a os aliviar.

Isto não é tudo. Os profetas e o divino Messias Jesus nos deram o exemplo de uma segunda aplicação do princípio de solidariedade, ao consagrarem o amor do homem pelo homem, inicialmente por meio de cerimônias simbólicas, depois pela autoridade de seu ensino, para em seguida proclamarem como um dever necessário e rigoroso a prática da caridade, que é a expressão da solidariedade. A caridade é o ato de nossa submissão à lei de Deus; é o sinal de nossa grandeza moral; é a chave do céu. Assim, é da caridade que vos quero falar. Considerá-la-ei apenas sob um único lado: o lado material; e a razão disto é simples: é o lado que menos agrada ao homem.

Nem os cristãos, nem os espíritas, ninguém negou o princípio, ou, melhor, a lei da solidariedade; mas procuraram esquivar-se de suas consequências, e para isto invocaram mil pretextos. Citarei alguns deles.

As coisas do coração ou do espírito, dizem, têm um preço infinitamente superior ao das coisas materiais; por conseguinte, consolar aflições por palavras boas ou conselhos sábios vale infinitamente mais que consolar por socorros materiais. Seguramente, senhores, tendes razão se a aflição de que falais tem uma causa moral, se encontra sua razão numa ferida do coração; mas se for a fome, o frio, a doença, numa palavra, se causas materiais as provocaram, bastarão vossas doces palavras para acalmá-las? vossos bons conselhos, vossas sábias opiniões para curá-las? Permitireis que eu duvide. Se Deus, colocando-vos na Terra, tivesse esquecido de prover o alimento para o vosso corpo, teríeis encontrado o seu equivalente nos socorros espirituais que ele vos concede? Mas Deus não é o homem, é a sabedoria eterna e a bondade infinita. Ele vos impôs um corpo de lama, mas proveu às necessidades desse corpo fertilizando os vossos campos e fecundando os tesouros da terra; aos socorros espirituais que se dirigem à vossa alma, juntou os socorros materiais reclamados por vosso corpo. Desde então, e porque o egoísmo talvez tenha despojado o pobre de sua parte na herança terrena, com que direito vos julgais quites para com ele? Porque a justiça humana o excluiu do número dos usufrutuários dos bens temporais, vossa caridade não encontraria uma justiça mais equitativa a lhe fazer?

Um ilustre pensador deste século não temia assim exprimir-se em sua memorável profissão de fé: “Cada abelha tem direito à porção de mel necessária à sua subsistência; e se entre os homens a alguns falta o necessário, é que a justiça e a caridade desapareceram do meio deles.” Por mais excessiva que vos possa parecer esta linguagem, não contém menos uma grande verdade, verdade talvez inacessível à compreensão de muitos de vós, mas evidente para nós, Espíritos que, mais tocados pelos efeitos, porque os abraçamos em seu conjunto, vemos as causas que os produzem.

Ah! diz este, ninguém mais que eu lamenta as penas e as privações cruéis do verdadeiro pobre, do pobre cujo trabalho, insuficiente para a manutenção da família, não lhe traz, em trocadas fadigas, nem a alegria de alimentar os seus, nem a esperança de os tornar felizes; mas eu consideraria um caso de consciência estimular, por cegas liberalidades, a preguiça ou o mau procedimento. Aliás, considero a caridade como indispensável à salvação do homem; apenas a impossibilidade de descobrir as necessidades reais em meio a tantas necessidades simuladas, parece justificar a minha abstenção.

A impossibilidade de descobrir as necessidades reais, tal é, meu amigo, a vossa justificação. E, contudo, esta justificação jamais seria sancionada por vossa consciência e não quero outra prova senão a

vossa confissão; porque, do direito que teria o verdadeiro pobre à vossa esmola – e lhe reconheceis esse direito – desse direito, digo eu, decorre para vós o dever de o procurar. Procurai-o? A impossibilidade vos detém. Como, então! a caridade não tem limites, é infinita como Deus, do qual emana, e não admite nenhuma impossibilidade! Sim, algo vos detém: é o egoísmo, e Deus, que sonda os corações e os bolsos, Deus o descobrirá facilmente sob os falaciosos pretextos com que o velais. Podeis enganar o mundo, conseguireis enganar momentaneamente a vossa consciência, mas jamais enganareis a Deus. Em cem anos, em mil anos, aparecereis novamente na Terra; sem dúvida aí vivereis, despojados de vossa opulência presente e curvados sob o peso da indigência. Pois bem! eu vos declaro: receberéis do rico o desprezo e a indiferença que, vós mesmos ricos, outrora tereis mostrado pelo pobre. Diz-se que a nobreza obriga; a solidariedade obriga ainda mais. Quem se subtrai a esta lei perde todos os seus benefícios. Eis por que vós, que tereis guardado o fundo egoísta de vossa natureza, sofrereis, por vossa vez, o desprezo do egoísmo.

Escutai esta tirada de Rousseau:

Diz ele: “Para mim sei que todos os pobres são meus irmãos e que não posso, sem uma injustificável dureza, lhes recusar o fraco socorro que me pedem. Na maior parte são vagabundos, concordo; mas conheço demais as penas da vida para ignorar por quantas desgraças o homem honesto pode encontrar-se reduzido em sua sorte. E como poderia eu estar seguro de que o desconhecido que me vem implorar assistência em nome de Deus, talvez não seja esse homem honesto, prestes a perecer de miséria, e que minha recusa vai reduzir ao desespero? Quando a esmola que se lhe dá não fosse para eles um socorro real, seria ao menos um testemunho de que se é solidário com as suas penas, um abrandamento à dureza da recusa, uma espécie de saudação que se lhes faz.”

É um filho de Genebra, senhores, que fala da sorte; é um filósofo dessedentado nas fontes secas do século dezoito que teme ignorar o homem honesto dentre os desconhecidos que estendem a mão e que dá a todos. Ele dá a todos porque todos são seus irmãos: ele o sabe! Sabeis menos que ele, senhores? Não ousou acreditar.

Mas em que medida deveis dar, ou, antes, qual é nos vossos bens a parte que vos pertence e a parte que pertence aos pobres? Vossa parte, senhores, é o necessário, nada mais que o necessário, e não a deveis exagerar. Em vão vos prevalecereis de vossa posição, dos encargos dela decorrentes, das obrigações de luxo que ela exige; tudo isto diz respeito ao mundo, e se quereis viver para o mundo não avançareis senão com o mundo, não ireis mais depressa que o mundo. Em vão ainda alegareis, para justificar vossos hábitos de indolência, um trabalho ao qual não se entrega o pobre, e que, praticado em vossa casa e por vós, vos torna beneficiários de maior bem-estar. Em vão alegareis isto, porque todo homem é consagrado ao trabalho, ou por ele, ou pelos outros, porque a incúria de seu vizinho não o absolveria do abandono em que o teriam deixado.

Do vosso patrimônio, como do vosso trabalho, só uma coisa vos é permitido tirar em vosso proveito: o necessário; o resto cabe aos pobres. Eis a lei. Não nego que esta lei comporte temperamentos, em certos casos e em dadas circunstâncias; mas diante da luz, diante da verdade, diante da justiça divina, ela não comporta mais.

E a família, que será dela? Estamos quites com ela desde que socorremos os chamados pobres? Não, evidentemente, senhores, porquanto, desde que reconheceis a necessidade de vos despojar pelos pobres, trata-se de fazer uma escolha e estabelecer uma hierarquia. Ora, vossas mulheres e vossos filhos são os vossos primeiros pobres; a eles, pois, deveis dar a vossa primeira esmola.

Velai pelo futuro de vossos filhos; preocupai-vos em lhes preparar dias calmos e tranquilos em meio a esse vale de lágrimas; deixai-lhes mesmo em depósito uma pequena herança, que lhes permita continuarem o bem que haveis começado: isto é legítimo. Mas jamais lhes ensineis a viver egoisticamente e a olhar como deles o que é de todos. Antes e depois deles, os autores de vossos dias, os que vos alimentaram e guardaram, os que protegeram vossos primeiros passos e guiaram vossa adolescência – vosso pai e vossa mãe – têm direito à vossa solicitude. Depois vêm as almas que

Deus vos deu como irmãos segundo a carne; depois os amigos do coração; depois todos os pobres, a começar pelos mais miseráveis.



Como vedes, eu vos concedo temperamentos e estabeleço uma hierarquia conforme aos instintos do vosso coração. Entretanto, tomai cuidado para não favorecer demasiadamente a uns com exclusão dos outros. É pela partilha equitativa de vossos benefícios que mostrareis a vossa sabedoria, e é ainda por essa partilha que cumprireis a lei de Deus em relação aos vossos irmãos, que é a lei de solidariedade.

“A justiça, diz Lamennais, é a vida; a caridade também é a vida, mas uma vida mais bela e mais doce. “Sim, a caridade é uma bela e doce vida, é a vida dos santos, é a chave do céu.

## Texto 41: Da mediunidade curadora (reprodução parcial) - agosto/1865

Kardec escreve o texto em resposta a um leitor que lhe pede esclarecimentos

Resumimos alguns dos princípios fundamentais que a experiência consagrou.

1. – Os médiuns que obtêm indicações de remédios, da parte dos Espíritos, não são aquilo que chamamos médiuns curadores, pois não curam por si mesmos; são simples médiuns escreventes, que têm uma aptidão mais especial que outros para esse gênero de comunicações e que, por esta razão, podem ser chamados médiuns consultores, como outros são médiuns poetas ou desenhistas. A mediunidade curadora é exercida pela ação direta do médium sobre o doente, com o auxílio de uma espécie de magnetização de fato ou de pensamento.

2. – Quem diz médium diz intermediário. Há uma diferença entre o magnetizador propriamente dito e o médium curador: o primeiro magnetiza com seu fluido pessoal, e o segundo com o fluido dos Espíritos, ao qual serve de condutor. O magnetismo produzido pelo fluido do homem é o magnetismo humano; o que provém do fluido dos Espíritos é o magnetismo espiritual.

3. – O fluido magnético tem, pois, duas fontes bem distintas: os Espíritos encarnados e os Espíritos desencarnados. Essa diferença de origem produz uma grande diferença na qualidade do fluido e nos seus efeitos. O fluido humano está sempre mais ou menos impregnado das impurezas físicas e morais do encarnado; o dos Espíritos bons é necessariamente mais puro e, por isto mesmo, tem propriedades mais ativas, que levam a uma cura mais rápida. Mas, passando através do encarnado, pode alterar-se, como acontece com a água límpida ao passar por um vaso impuro, e como sucede com todo remédio, se permanecer num vaso sujo, perdendo, em parte, suas propriedades benéficas. Daí, para todo verdadeiro médium curador, a necessidade absoluta de trabalhar a sua depuração, isto é, o seu melhoramento moral, segundo o princípio vulgar: limpai o vaso antes de vos servirdes dele, se quiserdes ter algo de bom. Só isto basta para mostrar que não é qualquer um que pode ser médium curador, na verdadeira acepção da palavra.

4. – O fluido espiritual será tanto mais depurado e benfazejo quanto mais o Espírito que o fornece for mais puro e mais desprendido da matéria. Concebe-se que o dos Espíritos inferiores deva aproximar-se do homem e possa ter propriedades maléficas, se o Espírito for impuro e animado de más intenções. Pela mesma razão, as qualidades do fluido humano apresentam matizes infinitos, conforme as qualidades físicas e morais do indivíduo. É evidente que o fluido emanado de um corpo malsão pode inocular princípios mórbidos no magnetizado. As qualidades morais do magnetizador, isto é, a pureza de intenção e de sentimento, o desejo ardente e desinteressado de aliviar o semelhante, aliados à saúde do corpo, dão ao fluido um poder reparador que pode, em certos indivíduos, aproximar-se das qualidades do fluido espiritual. Seria, pois, um erro considerar o magnetizador como simples máquina de transmissão fluídica. Nisto, como em todas as coisas, o produto está na razão do instrumento e do agente produtor. Por estes motivos, seria imprudência submeter-se à ação magnética do primeiro desconhecido. Abstração feita dos conhecimentos práticos indispensáveis, o fluido do magnetizador é como o leite de uma nutriz: salutar ou insalubre.

5. – Sendo o fluido humano menos ativo, exige uma magnetização continuada e um verdadeiro tratamento, por vezes muito longo. Gastando o seu próprio fluido, o magnetizador se esgota, pois dá de seu próprio elemento vital; é por isto que ele deve, de vez em quando, recuperar suas forças. O fluido espiritual, mais poderoso, em face de sua pureza, produz efeitos mais rápidos e, muitas vezes, quase instantâneos. Como esse fluido não é o do magnetizador, resulta que a fadiga é quase nula.

6. – O Espírito pode agir diretamente, sem intermediário, sobre um indivíduo, como foi constatado em muitas ocasiões, seja para o aliviar e o curar, se possível, seja para produzir o sono sonambúlico. Quando age por um intermediário, é o caso da mediunidade curadora.

7. – O médium curador recebe o influxo fluídico do Espírito, ao passo que o magnetizador haure tudo de si mesmo. Mas os médiuns curadores, na estrita acepção do termo, isto é, aqueles cuja personalidade se apaga completamente diante da ação espiritual, são extremamente raros, porque essa faculdade, elevada ao mais alto grau, requer um conjunto de qualidades morais, raramente encontradas na Terra; só estes podem

obter, pela imposição das mãos, essas curas instantâneas que nos parecem prodigiosas. Pouquíssimas pessoas podem pretender este favor. Sendo o orgulho e o egoísmo as principais fontes das imperfeições humanas, daí resulta que os que se vangloriam de possuir esse dom, que por toda parte vão enaltecendo as curas maravilhosas que fizeram, ou que dizem ter feito, que buscam a glória, a reputação ou o lucro, estão nas piores condições para o obter, porque essa faculdade é privilégio exclusivo da modéstia, da humildade, do devotamento e do desinteresse. Jesus dizia àqueles a quem havia curado: Ide dar graças a Deus e não o digais a ninguém.

8. – Sendo, pois, a mediunidade curadora pura uma exceção aqui na Terra, resulta quase sempre uma ação simultânea do fluido espiritual e do fluido humano; ou seja: os médiuns curadores são todos mais ou menos magnetizadores, razão por que agem conforme os processos magnéticos. A diferença está na predominância de um ou de outro fluido, e na maior ou menor rapidez da cura. Todo magnetizador pode tornar-se médium curador, se souber fazer-se assistir por Espíritos bons. Neste caso os Espíritos lhe vêm em ajuda, derramando sobre ele seu próprio fluido, que pode decuplicar ou centuplicar a ação do fluido puramente humano.

9. – Os Espíritos vêm aos que querem; não os pode constringer nenhuma vontade; eles se rendem à prece, se esta for fervorosa, sincera, mas nunca por injunção. Disto resulta que a vontade não pode dar a mediunidade curadora e ninguém pode ser médium curador com desígnio premeditado. Reconhece-se o médium curador pelos resultados que obtém, e não por sua pretensão de o ser.

10. – Mas se a vontade é ineficaz quanto ao concurso dos Espíritos, é onipotente para imprimir ao fluido, espiritual ou humano, uma boa direção e uma energia maior. No homem indolente e distraído, a corrente é fraca, a emissão é lenta; o fluido espiritual para nele, mas sem que o aproveite. No homem de vontade enérgica, a corrente produz efeito de uma ducha. Não se deve confundir a vontade enérgica com a obstinação, porque esta é sempre uma consequência do orgulho ou do egoísmo, ao passo que o mais humilde pode ter a vontade do devotamento. A vontade é ainda onipotente para dar aos fluidos as qualidades especiais apropriadas à natureza do mal. Este ponto, que é capital, liga-se a um princípio ainda pouco conhecido, mas que está em estudo: o das criações fluídicas e das modificações que o pensamento pode produzir na matéria. O pensamento, que provoca uma emissão fluídica, pode operar certas transformações, moleculares e atômicas, como se veem ser produzidas sob a influência da eletricidade, da luz ou do calor.

11. – A prece, que é um pensamento, quando fervorosa, ardente e feita com fé, produz o efeito de uma magnetização, não só reclamando o concurso dos Espíritos bons, mas dirigindo sobre o doente uma corrente fluídica salutar. A respeito chamamos a atenção para as preces contidas em O Evangelho segundo o Espiritismo, pelos doentes ou pelos obsediados.

12. – Se a mediunidade curadora pura é privilégio das almas de escol, a possibilidade de abrandar certos sofrimentos, mesmo de curar certas doenças, ainda que de maneira não instantânea, é dada a todos, sem que haja necessidade de ser magnetizador. O conhecimento dos processos magnéticos é útil em casos complicados, mas não indispensável. Como a todos é dado apelar aos Espíritos bons, orar e querer o bem, muitas vezes basta impor as mãos sobre uma dor para a acalmar; é o que pode fazer qualquer pessoa, se trazer a fé, o fervor, a vontade e a confiança em Deus. É de notar que a maioria dos médiuns curadores inconscientes, os que absolutamente não se dão conta de sua faculdade e que por vezes são encontrados nas mais humildes posições, e em gente privada de qualquer instrução, recomendam apreço e se socorrem orando. Apenas sua ignorância lhes faz crer na influência de tal ou qual fórmula; às vezes até misturam práticas evidentemente supersticiosas, às quais se deve conferir o valor que merecem.

13. – Mas porque se obteve resultados satisfatórios, uma ou mais vezes, seria temerário considerar-se médium curador e daí concluir que se pode vencer toda espécie de mal. Prova a experiência que, na acepção restrita da palavra, entre os mais bem-dotados não há médiuns curadores universais. Este terá restituído a saúde a um doente e nada produzirá sobre outro; aquele terá curado um mal num indivíduo, mas não curará o mesmo mal outra vez, na mesma pessoa ou em outra; enfim, aquele outro terá a faculdade hoje e não mais a terá amanhã, podendo recuperá-la mais tarde, conforme as afinidades ou as condições fluídicas em que se encontre.

14. – A mediunidade curadora é uma aptidão inerente ao indivíduo, como todos os gêneros de mediunidade; mas o resultado efetivo dessa aptidão independe de sua vontade. Incontestavelmente ela se desenvolve pelo exercício e, sobretudo, ela prática do bem e da caridade; como, porém, não poderia ter a fixidez, nem a pontualidade de um talento adquirido pelo estudo e do qual se é sempre senhor, jamais poderia tornar-se uma profissão. Seria, pois, abusivamente que alguém se anunciasse ao público como médium curador. Estas reflexões não se aplicam aos magnetizadores, porque a força está neles e estão livres para a utilizar.

15. – É um erro acreditar que os que não partilham de nossas crenças não teriam a menor repugnância em experimentar esta faculdade. A mediunidade curadora racional está intimamente ligada ao Espiritismo, já que repousa essencialmente sobre o concurso dos Espíritos. Ora, os que não creem nos Espíritos, nem na alma, e, ainda menos, na eficácia da prece, não poderiam colocar-se nas condições requeridas, pois isto não é coisa que se possa experimentar maquinalmente. Entre os que creem na alma e em sua imortalidade, quantos ainda hoje não recuariam de pavor ante um apelo aos Espíritos bons, por medo de atrair o demônio, e ainda acreditam de boa-fé que todas essas curas sejam obra do diabo? O fanatismo é cego; não raciocina. Por certo nem sempre será assim, mas ainda passará muito tempo antes que a luz penetre em certos cérebros. Enquanto se espera, façamos o maior bem possível com o auxílio do Espiritismo; façamo-lo mesmo aos nossos inimigos, ainda que tivéssemos de ser pagos com ingratidão, pois é o melhor meio de vencer certas resistências e de provar que o Espiritismo não é assim tão negro como alguns o pretendem.

## Texto 42: Vossos filhos e vossas filhas profetizarão - outubro/1865

O Sr. Delanne, que muitos de nossos leitores já conhecem, tem um filho de oito anos. Esse menino, que a todo instante ouve falar de Espiritismo em sua família, e que muitas vezes assiste às reuniões dirigidas por seu pai e sua mãe, foi, assim, iniciado muito cedo na doutrina, muitas vezes surpreendendo pela justeza com que raciocina seus princípios. Isto nada tem de espantoso, pois é apenas o eco das ideias com que foi embalado. Também não é o objetivo deste artigo: é apenas para entrar no assunto do fato que vamos relatar e tem seu propósito nas circunstâncias atuais.

As reuniões do Sr. Delanne são graves, sérias, e conduzidas com perfeita ordem, como devem se todas aquelas nas quais se quer colher frutos. Embora as comunicações escritas nelas ocupem o primeiro lugar, aí também se cuida de manifestações físicas e tiptológicas, mas como ensinamento e jamais como objeto de curiosidade. Dirigidas com método e recolhimento, e sempre apoiadas em algumas explicações teóricas, estão, pela impressão que produzem, habilitadas a levar à convicção. É em tais condições que as manifestações físicas são realmente úteis. Falam ao Espírito e impõem silêncio à zombaria. A gente se sente em presença de um fenômeno, cuja profundidade se entrevê, e que afasta até a ideia da brincadeira. Se estes tipos de manifestações, de que tanto se tem abusado, fossem sempre apresentados dessa maneira, e não como divertimento e pretexto para perguntas fúteis, a crítica não as teria acusado de charlatanice. Infelizmente, muitas vezes deram ensejo a isto.

O filho do Sr. Delanne muitas vezes se associava a essas manifestações e, influenciado pelo bom exemplo, as considerava como coisa séria.

Um dia se encontrava com uma pessoa de suas relações e brincava no pátio da casa com sua priminha, de cinco anos, dois meninos, um de sete, outro de quatro anos. Uma senhora que morava no térreo os compeliu a entrar em sua casa e lhes deu bombons. As crianças, como se pode imaginar, não se fizeram rogadas.

A senhora perguntou ao filho do Sr. Delanne:

P. – Como te chamas, meu filho?

Resp. – Eu me chamo Gabriel, senhora.

P. – Que faz teu pai?

Resp. – Senhora, meu pai é espírita.

P. – Não conheço esta profissão.

Resp. – Mas, senhora, não é uma profissão. Meu pai não é pago para isto; ele o faz com desinteresse e para fazer o bem aos homens.

P. – Menino, não sei o que queres dizer.

Resp. – Como! Jamais ouvistes falar das mesas girantes?

P. – Muito bem, meu amigo, gostaria que teu pai estivesse aqui para as fazer girar.

Resp. – É inútil, senhora; eu mesmo tenho o poder de as fazer girar.

P. – Então, queres experimentar e me fazer ver como se procede?

Resp. – Com muito gosto, senhora.

Dito isto, ele se senta ao pé da mesinha da sala e faz sentar os seus três amiguinhos; e eis os quatro, gravemente pondo as mãos em cima. Gabriel fez uma evocação em tom muito sério e com recolhimento. Mal terminou, e para grande estupefação da senhora e das crianças, a mesinha ergueu-se e bateu com força.

– Perguntai, senhora, quem vem responder pela mesa.

A vizinha interroga e a mesa soletra as palavras: teu pai. A mulher torna-se pálida de emoção. E continua: Pois bem! dizei, meu pai, se devo enviar a carta que acabo de escrever? – A mesa responde: Sim, sem falta. – Para provar que realmente és tu, meu pai, que estás aqui, poderias dizer-me há quantos anos estás morto? – Logo a mesa bate oito pancadas bem acentuadas. Era justamente o número de anos. – Poderias dizer o teu nome e o da cidade em que morrestes? – A mesa soletra os dois nomes.

As lágrimas jorraram dos olhos daquela senhora que, consternada por esta revelação e dominada pela emoção, não pôde mais continuar.



Seguramente este fato desafia toda suspeita de preparação do instrumento, de ideia preconcebida e de charlatanismo. Também não se podem pôr os dois nomes soletrados à conta do acaso. Duvidamos muito que esta senhora tivesse recebido tal impressão numa das sessões dos Srs. Davenport, ou qualquer outra do mesmo gênero. Aliás, não é a primeira vez que a mediunidade se revela em crianças, na intimidade das famílias. Não é a realização daquelas palavras proféticas: Vossos filhos e vossas filhas profetizarão? (Atos dos Apóstolos, 2:17).

## Texto 43: As mulheres têm alma? - janeiro/1866

As mulheres têm alma? Sabe-se que a coisa nem sempre foi tida por certa, pois, ao que se diz, foi posta em deliberação num concílio. A negação ainda é um princípio de fé em certos povos. Sabe-se a que grau de aviltamento essa crença as reduziu na maior parte dos países do Oriente. Embora hoje, nos povos civilizados, a questão esteja resolvida em seu favor, o preconceito de sua inferioridade moral perpetuou-se a tal ponto que um escritor do século passado, cujo nome não nos vem à memória, assim definia a mulher: “Instrumento de prazer do homem”, definição mais muçulmana que cristã. Desse preconceito nasceu a sua inferioridade legal, ainda não apagada de nossos códigos. Durante muito tempo elas aceitaram essa submissão como uma coisa natural, tão poderosa é a força do hábito. Dá-se o mesmo com os que, votados à servidão de pai a filho, acabam por se julgar de natureza diversa da dos seus senhores.

Não obstante, o progresso das luzes resgatou a mulher na opinião. Muitas vezes ela se afirmou pela inteligência e pelo gênio e a lei, conquanto ainda a considerasse menor, pouco a pouco afrouxou os laços da tutela. Pode-se considerá-la como emancipada moralmente, se não o é legalmente. É a este último resultado que ela chegará um dia, pela força das coisas.

Ultimamente lia-se nos jornais que uma jovem senhorita de vinte anos acabava de defender o bacharelado com pleno sucesso perante a faculdade de Montpellier. Dizia-se que era o quarto diploma concedido a uma mulher. Ainda não faz muito tempo foi agitada a questão de saber se o grau de bacharel podia ser conferido a uma mulher. Embora a alguns isto parecesse uma monstruosa anomalia, reconheceu-se que os regulamentos sobre a matéria não faziam menção às mulheres e, assim, elas não se achavam excluídas legalmente. Depois de terem reconhecido que elas tinham alma, lhes reconheceram o direito à conquista dos graus da Ciência, o que já é alguma coisa. Mas a sua libertação parcial é apenas resultado do desenvolvimento da urbanidade, do abrandamento dos costumes ou, se quiserem, de um sentimento mais exato da justiça; é uma espécie de concessão que lhes fazem e, é preciso que se diga, que lhes regateiam o mais possível.

Hoje, pôr em dúvida a alma da mulher seria ridículo; mas outra questão muito séria sob outro aspecto, aqui se apresenta, e cuja solução só pode ser estabelecida se a igualdade de posição social entre o homem e mulher for um direito natural, ou uma concessão feita pelo homem. Notemos, de passagem, que se esta igualdade não passar de uma concessão do homem por condescendência, aquilo que ele der hoje pode ser retirado amanhã, e que tendo para si a força material, salvo algumas exceções individuais, em massa ele sempre levará vantagem. Ao passo que se essa igualdade estiver na Natureza, seu reconhecimento será o resultado do progresso e, uma vez reconhecido, será imprescritível.

Teria Deus criado almas masculinas e femininas, fazendo estas inferiores àquelas? Eis toda a questão. Se assim fosse, a inferioridade da mulher estaria nos decretos divinos e nenhuma lei humana poderia transgredi-los. Tê-las-ia, ao contrário, criado iguais e semelhantes? Nesse caso as desigualdades, baseadas na ignorância e na força bruta, desaparecerão com o progresso e o reinado da justiça.

Entregue a si mesmo, o homem não podia estabelecer respeito senão hipóteses mais ou menos racionais, mas sempre questionáveis. Nada no mundo poderia dar-lhe a prova material do erro ou da verdade de suas opiniões. Para se esclarecer, seria preciso remontar à fonte, pesquisar nos arcanos do mundo extracorpóreo, que não conhece. Estava reservado ao Espiritismo resolver a questão, não mais pelos raciocínios, mas pelos fatos, quer pelas revelações de além-túmulo, quer pelo estudo que diariamente pode fazer sobre o estado das almas depois da morte. E, coisa capital, esses estudos não são o fato nem de um só homem, nem das revelações de um só Espírito, mas o produto de inúmeras observações idênticas, feitas todos os dias por milhares de indivíduos, em todos os países, e que assim receberam a sanção poderosa do controle universal, sobre o qual se apoiam todas as doutrinas da ciência espírita. Ora, eis o que resulta dessas observações.

\*\*\*

As almas ou Espíritos não têm sexo. As afeições que os unem nada têm de carnal e, por isto mesmo, são mais duráveis, porque fundadas numa simpatia real e não são subordinadas às vicissitudes da matéria.

As almas se encarnam, isto é, revestem temporariamente um envoltório carnal, para elas semelhante a uma pesada vestimenta, de que a morte as desembaraça. Esse invólucro material, pondo-as em contato com o mundo material, nesse estado elas concorrem ao progresso material do mundo que habitam; a atividade a que são obrigadas a desenvolver, seja para a conservação da vida, seja para alcançarem o bem-estar, auxilia-lhes o avanço intelectual e moral. A cada encarnação a alma chega mais desenvolvida; traz novas ideias e os conhecimentos adquiridos nas existências anteriores. Assim se efetua o progresso dos povos; os homens civilizados de hoje são os mesmos que viveram na Idade Média e nos tempos de barbárie, e que progrediram; os que viverem nos séculos futuros serão os de hoje, porém mais avançados, intelectual e moralmente.

Os sexos só existem no organismo; são necessários à reprodução dos seres materiais. Mas os Espíritos, sendo criação de Deus, não se reproduzem uns pelos outros, razão pela qual os sexos seriam inúteis no mundo espiritual.

Os Espíritos progredem pelos trabalhos que realizam e pelas provas que devem sofrer, como o operário se aperfeiçoa em sua arte pelo trabalho que faz. Essas provas e esses trabalhos variam conforme sua posição social. Devendo os Espíritos progredir em tudo e adquirir todos os conhecimentos, cada um é chamado a concorrer aos diversos trabalhos e a sujeitar-se aos diferentes gêneros de provas. É por isso que, alternadamente, nascem ricos ou pobres, senhores ou servos, operários do pensamento ou da matéria.

Assim se acha fundado, sobre as próprias leis da Natureza, o princípio da igualdade, pois o grande da véspera pode ser o pequeno do dia seguinte e reciprocamente. Desse princípio decorre o da fraternidade, visto que, em nossas relações sociais, reencontramos antigos conhecimentos, e no infeliz que nos estende a mão pode encontrar-se um parente ou um amigo.

É com o mesmo objetivo que os Espíritos se encarnam nos diferentes sexos; aquele que foi homem poderá renascer mulher, e aquele que foi mulher poderá nascer homem, a fim de realizar os deveres de cada uma dessas posições, e sofrer-lhes as provas.

A Natureza fez o sexo feminino mais fraco que o outro, porque os deveres que lhe incumbem não exigem igual força muscular e seriam até incompatíveis com a rudeza masculina. Nela a delicadeza das formas e a finura das sensações são admiravelmente apropriadas aos cuidados da maternidade. Aos homens e às mulheres, são, pois, atribuídos deveres especiais, igualmente importantes na ordem das coisas; são dois elementos que se completam um pelo outro.

Sofrendo o Espírito encarnado a influência do organismo, seu caráter se modifica conforme as circunstâncias e se dobra às necessidades e exigências que lhe impõe esse mesmo organismo. Esta influência não se apaga imediatamente após a destruição do envoltório material, assim como não perde instantaneamente os gostos e hábitos terrenos. Depois, pode acontecer que o Espírito percorra uma série de existências no mesmo sexo, o que faz que, durante muito tempo, possa conservar, no estado de Espírito, o caráter de homem ou de mulher, cuja marca nele ficou impressa. Somente quando chegado a um certo grau de adiantamento e de desmaterialização é que a influência da matéria se apaga completamente e, com ela, o caráter dos sexos. Os que se nos apresentam como homens ou como mulheres, é para nos lembrar a existência em que os conhecemos.

Se essa influência se repercute da vida corporal à vida espiritual, o mesmo se dá quando o Espírito passa da vida espiritual à vida corporal. Numa nova encarnação ele trará o caráter e as inclinações que tinha como Espírito; se for avançado, será um homem avançado; se for atrasado, será um homem atrasado. Mudando de sexo, sob essa impressão e em sua nova encarnação, poderá conservar os gostos, as inclinações e o caráter inerentes ao sexo que acaba de deixar. Assim se explicam certas anomalias aparentes que se notam no caráter de certos homens e de certas mulheres.

Não existe, pois, diferença entre o homem e a mulher, senão no organismo material, que se aniquila com a morte do corpo; mas quanto ao Espírito, à alma, ao ser essencial, imperecível, ela não existe, porque não há duas espécies de almas. Assim o quis Deus em sua justiça, para todas as suas criaturas. Dando a todas um mesmo princípio, fundou a verdadeira igualdade. A desigualdade só existe temporariamente no grau de



adiantamento; mas todas têm direito ao mesmo destino, ao qual cada uma chega por seu trabalho, porque Deus não favoreceu ninguém à custa dos outros.

A doutrina materialista coloca a mulher numa inferioridade natural, da qual só é elevada pela boa vontade do homem. Com efeito, segundo essa doutrina, a alma não existe ou, se existe, extingue-se com a vida ou se perde no todo universal, o que vem a dar no mesmo. Assim, só resta à mulher a sua fraqueza corporal, que a põe sob a dependência do mais forte. A superioridade de algumas não passa de uma exceção, de uma bizzarria da Natureza, de um jogo de órgãos, e não poderia fazer lei.

A doutrina espiritualista vulgar reconhece a existência da alma individual e imortal, mas é impotente para provar que não há diferença entre a do homem e a da mulher e, por conseguinte, uma superioridade natural de uma sobre a outra.

Com a Doutrina Espírita, a igualdade da mulher não é mais uma simples teoria especulativa; já não é uma concessão da força à fraqueza, mas um direito fundado nas próprias leis da Natureza. Dando a conhecer essas leis, o Espiritismo abre a erada emancipação legal da mulher, como abre a da igualdade e da fraternidade.

## Texto 44: Considerações sobre a prece no Espiritismo - janeiro/1866

Cada um é livre de encarar as coisas à sua maneira, e nós, que reclamamos esta liberdade para nós, não podemos recusá-la aos outros. Mas, do fato de uma opinião ser livre, não se segue que não se possa discuti-la, examinar o lado forte e o fraco, pesar suas vantagens e inconveniências.

Dizemos isto a propósito da negação da utilidade da prece, que algumas pessoas queriam erigir em sistema, para disto fazerem a bandeira de uma escola dissidente. Essa opinião pode assim resumir-se:

“Deus estabeleceu leis eternas, a que todos os seres estão submetidos; nada lhe podemos pedir e não temos de agradecer-lhe nenhum favor especial; portanto, é inútil orar.

“Como a sorte dos Espíritos está traçada, é inútil orar por eles. Eles não podem mudar a ordem imutável das coisas; então é inútil pedir-lhes.

“O Espiritismo é uma ciência puramente filosófica; não só não é uma religião, como não deve ter nenhum caráter religioso. Toda prece dita nas reuniões tende a manter a superstição e a hipocrisia religiosa.”

A questão da prece já foi discutida bastante, de modo que é inútil repetir aqui o que se sabe a respeito. Se o Espiritismo proclama a sua utilidade, não é por espírito de sistema, mas porque a observação permitiu constatar a sua eficácia e o modo de ação.

Desde que, pelas leis fluídicas, compreendemos o poder do pensamento, igualmente compreendemos o poder da prece, que é, ela também, um pensamento dirigido para um fim determinado.

Para algumas pessoas, a palavra prece só desperta a ideia de pedido; é grave erro. Em relação à Divindade é um ato de adoração, de humildade e de submissão, que não se pode recusar sem desconhecer o poder e a bondade do Criador. Negar a prece a Deus é reconhecer Deus como um fato, mas é recusar-se a lhe prestar homenagem; é, ainda, uma revolta do orgulho humano.

Em relação aos Espíritos, que mais não são que as almas de nossos irmãos, a prece é uma identificação de pensamentos, um testemunho de simpatia. Repeli-la é repelir a lembrança dos seres que nos são caros, porque essa lembrança simpática e benévola é, por si mesma, uma prece. Aliás, sabe-se que os que sofrem a reclamam com insistência, como um alívio às suas penas; se a pedem, é que dela necessitam. Recusá-la é recusar um copo d'água ao infeliz que está com sede.

Além da ação puramente moral, o Espiritismo nos mostra na prece um efeito de certo modo material, resultante da transmissão fluídica. Em certas moléstias sua eficácia é constatada pela experiência, conforme demonstra a teoria. Rejeitar a prece é, pois, privar-se de poderoso auxiliar para o alívio dos males corporais.

Vejamos agora qual seria o resultado dessa doutrina, e se ela tem alguma chance de prevalecer. Todos os povos oram, dos selvagens aos homens civilizados; a isso são levados pelo instinto, e é o que os distingue dos animais. Sem dúvida oram de maneira mais ou menos racional, mas, enfim, oram. Os que, por ignorância ou presunção, não praticam a prece, formam no mundo insignificante minoria.

A prece é, pois, uma necessidade universal, independente das seitas e das nacionalidades. Depois da prece, se estávamos fracos, sentimo-nos mais fortes; se tristes, sentimo-nos mais consolados. Abolir a prece é privar o homem de seu mais poderoso apoio moral na adversidade. Pela prece ele eleva sua alma, entra em comunhão com Deus, identifica-se com o mundo espiritual, desmaterializa-se, condição essencial de sua felicidade futura; sem a prece, seus pensamentos ficam na Terra, ligam-se cada vez mais às coisas materiais. Daí um atraso no seu adiantamento.

Contestando um dogma, não nos pomos em oposição com a seita que o professa; negando a eficácia da prece, ferimos o sentimento íntimo da quase unanimidade dos homens. O Espiritismo deve as numerosas simpatias que encontra às aspirações do coração, e nas quais as consolações hauridas na prece entram com larga parte. Uma seita que se fundasse sobre a negação da prece, privar-se-ia do principal elemento de sucesso, a simpatia geral, porque, em vez de aquecer a alma, ela a congelaria; ao invés de a elevar, ela a rebaixaria. Se o Espiritismo deve ganhar em influência, é aumentando a soma de satisfações que proporciona. Aqueles que querem o novo no Espiritismo, seja a que preço for, para ligar seu nome a uma bandeira, que se esforcem para dar mais que ele; mas não é dando menos que o suplantarão. A árvore despojada de seus frutos saborosos e nutritivos será sempre menos atraente que a que deles está repleta. É

em virtude do mesmo princípio que sempre temos dito aos adversários do Espiritismo: O único meio de o matar é dar algo de melhor, de mais consolador, que explique mais e mais satisfaça. É o que ninguém ainda fez.

Pode-se, pois, considerar a rejeição da prece, por parte de alguns crentes nas manifestações espíritas, como uma opinião isolada que pode ligar algumas individualidades, mas que jamais ligará a maioria. Seria erro imputar tal doutrina ao Espiritismo, pois ele ensina exatamente o contrário.

Nas reuniões espíritas, a prece predispõe ao recolhimento, à gravidade, condição indispensável, como se sabe, para as comunicações sérias. Significa dizer que devem ser transformadas em assembleias religiosas? Absolutamente. O sentimento religioso não é sinônimo de sectário de uma religião; deve-se mesmo evitar o que poderia dar às reuniões este último caráter. É com esse objetivo que temos desaprovado constantemente as preces e os símbolos litúrgicos de um culto qualquer. Não se deve esquecer que o Espiritismo tem em vista a aproximação das diversas comunhões; já não é raro ver nessas reuniões confraternizarem representantes de diferentes cultos, razão por que nenhum deve arrogar-se a supremacia. Que cada um em particular ore como entender; é um direito de consciência; mas numa assembleia fundada sobre o princípio da caridade, deve-se abster de tudo quanto pudesse ferir as susceptibilidades e contribuisse para manter um antagonismo que, ao contrário, é preciso esforçar-se para fazer desaparecer. Preces especiais no Espiritismo não constituem um culto distinto, desde que não sejam impostas e cada um seja livre de dizer as que lhe convém; mas elas têm a vantagem de servir para todos e não chocar ninguém.

O mesmo princípio de tolerância e respeito pelas convicções alheias nos leva a dizer que toda pessoa razoável, que uma circunstância conduz ao templo de um culto de cujas crenças não partilha, deve abster-se de todo sinal exterior que pudesse escandalizar os assistentes; que ela deve, em caso de necessidade, sacrificar aos usos de pura forma, que em nada podem comprometer sua consciência. Que Deus seja adorado num templo de uma maneira mais ou menos lógica: isto não é motivo para escandalizar os que acham boa essa maneira.

Dissemos que o Espiritismo, dando ao homem uma certa soma de satisfações e provando um certo número de verdades, não poderia ser substituído senão por alguma coisa que desse mais e provasse mais que ele. Vejamos se isto é possível. O que dá autoridade à doutrina é o fato de seus princípios não resultarem de uma ideia preconcebida ou de uma opinião pessoal; todos, sem exceção, resultam da observação dos fatos; só pelos fatos é que o Espiritismo chegou a conhecer a situação e as atribuições dos Espíritos, assim como as leis, ou melhor, uma parte das leis que regem suas relações com o mundo visível; isto é um ponto capital. Continuando a nos apoiar na observação, fazemos filosofia experimental e não especulativa. Para combater as teorias do Espiritismo, não basta, pois, dizer que são falsas: é preciso opor-lhe fatos, cuja solução ele fosse impotente para dar. E mesmo neste caso ele se manterá sempre no nível, porque será contrário à sua essência obstinar-se numa ideia falsa, e sempre se esforçará por preencher as lacunas que possam apresentar-se, pois não tem a pretensão de ter chegado ao apogeu da verdade absoluta. Esta maneira de encarar o Espiritismo não é nova; pode-se vê-la em todos os tempos, formulada em nossas obras. Desde que o Espiritismo não se declara estacionário nem imutável, assimilará todas as verdades que forem demonstradas, venham de onde vierem, ainda que de seus antagonistas, e jamais ficará na retaguarda do progresso real. Assimilará essas verdades, dizemos, mas apenas quando forem claramente demonstradas, e não porque agradaria a alguém dá-las como tais, quer por seus desejos pessoais, quer como produto de sua imaginação.

Estabelecido este ponto, o Espiritismo apenas perderia se se deixasse distanciar de uma doutrina que desse mais que ele; nada teria a temer das que dessem menos e restringissem o que constitui sua força e sua principal atração. Se o Espiritismo ainda não disse tudo, há, não obstante, uma certa soma de verdades adquiridas pela observação e que constituem a opinião da imensa maioria dos adeptos; e se essas verdades hoje passaram ao estado de fé, para nos servirmos de uma expressão empregada ironicamente por alguns, não foi por nós, nem por ninguém, nem mesmo por nossos Espíritos instrutores que assim foram postas e, menos ainda, impostas, mas pela adesão de todo o mundo, pois cada um é livre de as constatar. Se, pois, se formasse uma seita em oposição às ideias consagradas pela experiência e geralmente admitidas em princípio, não poderia conquistar as simpatias da maioria, cujas convicções chocasse. Sua existência efêmera extinguir-se-ia com seu fundador, talvez mesmo antes ou, pelo menos, com os poucos adeptos que tivesse



podido reunir. Suponhamos o Espiritismo dividido em dez, em vinte seitas: a que tiver a supremacia e mais vitalidade será naturalmente a que dará maior soma de satisfações morais, que encherá o maior número de vazios da alma, que se fundará nas provas mais positivas, e que melhor se porá em uníssonos com a opinião geral.

Ora, tomando como ponto de partida todos esses princípios na observação dos fatos, o Espiritismo não pode ser derrubado por uma teoria; mantendo-se constantemente no nível das ideias progressistas, não poderá ser ultrapassado; apoiando-se no sentimento da maioria, satisfaz as aspirações do maior número; fundado sobre essas bases, é imperecível, porque aí está a sua força. Aí também está a causa do insucesso das tentativas feitas para lhe interporem obstáculos. No caso do Espiritismo há ideias profundamente antipáticas à opinião geral e esta as repele instintivamente. Construir sobre tais ideias, como ponto de apoio, um edifício ou esperanças quaisquer, é pendurar-se desastrosamente em galhos podres. Eis a que estão reduzidos os que, não tendo podido derrubar o Espiritismo pela força, tentam derrubá-lo por si mesmo.

## Texto 45: Curas de obsessões - fevereiro/1866

Escrevem-nos de Cazères, em 7 de janeiro de 1866:

“Eis um segundo caso de obsessão, que levamos a bom termo durante o mês de julho passado. A obsidiada tinha vinte e dois anos e gozava de perfeita saúde. Apesar disto, de repente foi tomada por um acesso de loucura. Os pais a trataram com médicos, mas inutilmente, pois o mal, em vez de desaparecer, tornava-se cada vez mais intenso, a ponto de ser impossível contê-la durante as crises. Vendo isto, os pais, a conselho dos médicos, obtiveram sua admissão numa casa de alienados, onde seu estado não experimentou qualquer melhora. Nem eles nem a doente jamais se haviam ocupado com o Espiritismo, que nem sequer conheciam. Mas tendo ouvido falar da cura de Jeanne R. , de que vos falei, vieram procurar-nos para saber se poderíamos fazer alguma coisa por sua filha infeliz. Respondemos nada poder afirmar antes de conhecer a verdadeira causa do mal. Nossos guias, consultados na primeira sessão, disseram que a jovem era subjugada por um Espírito muito rebelde, mas que acabaríamos por reconduzi-lo ao bom caminho, e que a cura resultante nos daria a prova da verdade dessa afirmação. Em consequência, escrevi aos pais, distantes 35 km de nossa cidade, dizendo que sua filha seria curada e que a cura não demoraria muito, sem, contudo, precisar a época.

Evocamos o Espírito obsessor durante oito diasseguidos e ficamos bastante felizes por mudar suas más disposições e fazê-lo renunciar a atormentar a vítima. Com efeito, a doente ficou curada, como haviam anunciado os guias.

Os adversários do Espiritismo repetem incessantemente que a prática desta doutrina conduz ao hospício. Pois bem! Nós lhes podemos dizer, nesta circunstância, que o Espiritismo dele fez sair aqueles que lá haviam entrado.”

Entre mil outros, este fato é uma nova provada existência da loucura obsessiva, cuja causa é inteiramente distinta da loucura patológica, e ante a qual a Ciência falhará enquanto se obstinar em negar o elemento espiritual e sua influência sobre a economia. Aqui o caso é bem evidente: eis uma jovem, a tal ponto apresentando os caracteres da loucura que os médicos se enganaram, e que é curada a léguas de distância, por pessoas que jamais a viram, sem nenhum medicamento ou tratamento médico, unicamente pela moralização do Espírito obsessor.

Há, pois, Espíritos obsessores, cuja ação pode ser perniciosa à razão e à saúde. Não é certo que se a loucura tivesse sido ocasionada por uma lesão orgânica qualquer, esse meio teria sido impotente? Se se objetasse que essa cura espontânea pode ser devida a uma causa fortuita, responderíamos que se tivesse de citar apenas um fato, sem dúvida seria temerário daí deduzir afirmação de um princípio tão importante; mas os exemplos de curas semelhantes são muito numerosos. Não são privilégio de um indivíduo e se repetem todos os dias em diversas regiões, sinais indubitáveis de que repousam numa lei da Natureza.

Citamos várias curas desse gênero, notadamente nos meses de fevereiro de 1864 e janeiro de 1865, que contêm duas relações completas eminentemente instrutivas. Eis outro fato, não menos característico, obtido no grupo de Marmande.

‘Num vilarejo a algumas léguas desta cidade, havia um camponês acometido por uma loucura de tal modo furiosa, quepe seguia as pessoas a golpes de forcado, para as matar, e que, em falta de pessoas, atacava as aves domésticas. Corria incessantemente pelos campos e não voltava mais para casa. Sua presença era perigosa; assim, foi fácil obter autorização para o internar na casa de alienados de Cadillac. Não foi sem vivo pesar que a família se viu obrigada a tomar esse partido. Antes de o levar, tendo um de seus parentes ouvido falar das curas obtidas em Marmande, em casos semelhantes, foi procurar o Sr. Dombre e lhe disse: “ ‘Senhor, disseram-me que curais os loucos; por isso vim vos procurar.” Depois contou-lhe de que se tratava, acrescentando: “Como vedes, dá tanta pena separar-nos desse pobre J..., que antes quis ver se não havia um meio de o impedir.”

“Meu bravo homem, disse-lhe o Sr. Dombre, não sei quem me dá esta reputação; é verdade que algumas vezes consegui recuperar a razão de pobres insensatos, mas isto depende da causada loucura. Embora não vos conheça, verei se vos posso ser útil.”

Tendo ido imediatamente com o indivíduo à casa do seu médium habitual, obtive de seu guia a certeza de que se tratava de grave obsessão, mas que com perseverança ela chegaria a bom termo.

Então disse ao camponês: “Esperai ainda alguns dias antes de levar o vosso parente a Cadillac; vamos ocupar-nos do caso; voltai de dois em dois dias para dizer-nos como ele se acha.”

Nesse mesmo dia puseram-se em ação. Inicialmente, como em casos semelhantes, o Espírito mostrou-se pouco tratável; pouco a pouco acabou por se humanizar e, finalmente, renunciou a atormentar aquele infeliz. Um fato muito particular é que declarou não ter qualquer motivo de ódio contra aquele homem; que, atormentado pela necessidade de fazer o mal, havia-se ligado a ele como a qualquer outro; que agora reconhecia estar errado e pedia perdão a Deus. O camponês voltou dois dias depois, e disse que o parente estava mais calmo, mas ainda não tinha voltado para casa e se ocultava nas sebes. Na visita seguinte, ele tinha voltado, mas estava sombrio e se mantinha afastado; já não procurava baterem ninguém. Alguns dias depois, ia à feira e fazia seus negócios habituais. Assim, bastaram oito dias para o trazer ao estado normal, e isto sem nenhum tratamento físico. É mais que provável que se o tivessem encerrado com loucos, ele teria perdido a razão completamente.

Os casos de obsessão são tão frequentes que não há nenhum exagero em dizer que nos hospícios de alienados, mais da metade só têm da loucura a aparência e que, por isto mesmo, a medicação vulgar é impotente. O Espiritismo nos mostra na obsessão uma das causas perturbadoras da economia e, ao mesmo tempo, dá-nos o meio de a remediar: eis um de seus benefícios. Mas como foi reconhecida essa causa, senão pelas evocações? Assim, as evocações servem para alguma coisa, digam o que disserem os seus detratores.

É evidente que os que não admitem a alma individual, nem a sua sobrevivência, ou que, admitindo-a, não se dão conta do estado do Espírito após a morte, devem olhar a intervenção de seres invisíveis, em tais circunstâncias, como uma quimera; mas o fato brutal do mal e das curas lá está. Não poderiam ser levadas à conta da imaginação as curas operadas a distância, em pessoas que jamais foram vistas, sem o emprego de nenhum agente material. A doença não pode ser atribuída à prática do Espiritismo, desde que atinge até os que nele não acreditam, e também a crianças, que dele não fazem qualquer ideia. Contudo, aqui nada há de maravilhoso, mas efeitos naturais, que existiram em todos os tempos, que então não eram compreendidos, e que se explicam do modo mais simples, agora que se conhecem as leis em virtude das quais se produzem.

Não se veem, entre os vivos, seres maus atormentando outros mais fracos, até os deixar doentes e mesmo matá-los, e isto sem outro motivo senão o desejo de fazer o mal? Há dois meios de restituir a paz à vítima: subtraí-la à autoridade de sua brutalidade, ou neles desenvolver o sentimento do bem. O conhecimento que agora temos do mundo invisível no-lo mostra povoado dos mesmos seres que viveram na Terra, uns bons, outros maus. Entre estes últimos, uns há que ainda se comprazem no mal, em consequência de sua inferioridade moral, e que ainda não se despojaram de seus instintos perversos; estão em meio a nós, como quando vivos, com a única diferença que, em vez de ter um corpo material visível, tem-no fluídico invisível; mas não deixam de ser os mesmos homens, com o senso moral pouco desenvolvido, buscando sempre ocasiões de fazer o mal, encarniçando-se sobre as vítimas que conseguem submeter à sua influência. De obsessores encarnados que eram, tornam-se obsessores desencarnados, tanto mais perigosos porque agem sem ser vistos. Afastá-los pela força não é coisa fácil, visto que não se lhes pode apreender o corpo. O único meio de os dominar é o ascendente moral, com cuja ajuda, pelo raciocínio e sábios conselhos, consegue-se torná-los melhores, ao que são mais acessíveis no estado de Espírito que no estado corporal. Desde o instante em que são levados a renunciar voluntariamente aos tormentos que provocam, o mal desaparece, quando causado pela obsessão. Ora, compreende-se que nem são as duchas, nem os remédios administrados ao doente que podem agir sobre o Espírito obsessivo. Eis todo o segredo dessas curas, para as quais não há palavras sacramentais, nem fórmulas cabalísticas: conversa-se com o Espírito desencarnado, moraliza-se-o, educa-se-o, como se teria feito quando ele estava encarnado. A habilidade consiste em se saber tomá-lo pelo seu caráter, em dirigir com tato as instruções que lhe são dadas, como o faria um instrutor experimentado. Toda a questão se reduz a isto: Há ou não Espíritos obsessores? A resposta está no que dissemos acima: Os fatos materiais lá estão.

Por vezes perguntam por que permite Deus que os Espíritos maus atormentem os vivos. Com tanto mais razão poder-se-ia perguntar por que permite que os vivos se atormentem entre si. Perdem-se muito de



vista a analogia, as relações e a conexão existentes entre o mundo corporal e o mundo espiritual, que se compõem dos mesmos seres em dois estados diferentes. Aí está a chave de todos esses problemas reputados sobrenaturais.

Não nos devemos admirar mais das obsessões do quedas doenças e de outros males que afligem a Humanidade; fazem parte das provas e das misérias devidas à inferioridade do meio, onde nossas imperfeições nos condenam a viver, até que estejamos suficientemente melhorados para merecer dele sair. Os homens sofrem aqui as consequências de suas imperfeições, porquanto, se fossem mais perfeitos, aqui não estariam.

## Texto 46: Uma ressurreição - maio/1866

O Concorde, jornal de Versalhes, de 22 de fevereiro de 1866, relata o episódio seguinte, de uma história publicada em folhetim, sob o título de: Na Córsega, desenho à pena.

Uma jovem tinha uma velha tia que lhe servia de mãe e à qual dedicava uma ternura filial. A tia adoeceu e morreu. Afastaram a jovem, mas esta se plantou à porta da câmara mortuária, chorando e orando. De repente julgou ouvir um grito fraco e como um gemido surdo. Abriu a porta precipitadamente e viu a tia, que havia afastado o lençol com que a tinham coberto, e lhe fazia sinal para que se aproximasse. Então lhe disse com voz débil e fazendo um esforço supremo: “Savéria, há pouco eu estava morta... sim, morta... Vi o Senhor... Ele me permitiu voltar um instante a esta Terra, para te dizer um último adeus, fazer uma última recomendação.”

Então lhe renovou um conselho muito importante, que lhe tinha dado alguns dias antes, e do qual dependia o seu futuro. Tratava-se de guardar segredo absoluto sobre um fato, cuja divulgação devia provocar uma dessas terríveis vinganças tão comuns naquela região. Tendo a sobrinha prometido conformar-se à vontade da tia, esta acrescentou: “Agora posso morrer, pois Deus te protegerá como me protege nesta hora, porquanto, indo embora, não sentirei o desgosto de deixar atrás de mim uma vingança a saciar-se num rio de sangue e de maldições... Adeus, pobre filha, eu te abençôo.” Depois destas palavras, expirou.

Um dos nossos correspondentes, que conhece pessoalmente o autor, perguntou-lhe se o relato era fruto da sua imaginação. “Não, respondeu ele, é a pura verdade. Colhi o fato da boca da própria Savéria, quando eu estava na Córsega. Citei suas próprias palavras e ainda omiti certos detalhes, temendo que me acusassem de exagero.”

Os fatos desta natureza não são sem exemplo. Eles são a prova evidente da existência e da independência da alma, porque se o princípio inteligente fosse inerente à matéria, extinguir-se-ia com ela. A questão é saber se, por um ato da vontade, a alma pode entrar momentaneamente na posse do corpo que acaba de deixar.

Não se deve assimilar o fato acima ao estado letárgico. A letargia é uma suspensão acidental da sensibilidade nervosa e do movimento que oferece a imagem da morte, mas que não é a morte, pois não há decomposição e os letárgicos viveram longos anos após o seu despertar. A vitalidade, por estar latente, não se acha menos em toda a sua força e a alma não está mais destacada do corpo que no sono ordinário. Na morte verdadeira, ao contrário, a matéria se desorganiza, a vitalidade se extingue, o perispírito se separa; o trabalho da dissolução começa antes mesmo que a morte se tenha efetivado. Enquanto ela não se consuma, pode haver retornos passageiros à vida, como os que citamos, mas sempre de curta duração, considerando-se que a vontade pode retardar por alguns instantes a separação definitiva do perispírito, mas é impotente para deter o trabalho da dissolução, quando chegado o momento. Sejam quais forem as aparências exteriores, pode-se dizer que todas as vezes que houver retorno à vida, é que não houve morte na aceção patológica do termo. Quando a morte é completa, esses retornos são impossíveis, pois a isto se opõem as leis fisiológicas.

Nas circunstâncias de que falamos, podia-se, pois, racionalmente admitir que a morte não se tivesse consumado. Tendo sido o fato relatado na Sociedade de Paris, o guia de um dos nossos médiuns habituais deu-lhe a explicação seguinte, que reproduzimos com toda reserva, como uma coisa possível, mas não materialmente provada, e a título de observação.

(Sociedade Espírita de Paris, 2 de março de 1866 – Médiun: Sr. Morin)

No caso que é objeto de vossa discussão, há um fato positivo, o da morta que falou à sua sobrinha. Resta saber se esse fato é do domínio material, isto é, se houve retorno momentâneo à vida corporal, ou se é de ordem espiritual; é esta última hipótese que é verdadeira, porque a velha tia estava realmente morta. Eis o que se passou:

Ajoelhada à porta da câmara mortuária, a jovem sofreu um impulso irresistível, que a levou para junto do leito da tia que, como disse, estava realmente morta. Foi a ardente vontade do Espírito dessa mulher que provocou o fenômeno. Sentindo-se morrer sem poder fazer a recomendação tão vivamente desejada, ela



pediu a Deus, numa última e suprema prece, que pudesse dizer à sobrinha o que lhe desejava dizer. Já estando feita a separação, o fluido perispiritual, ainda impregnado de seu desejo, envolveu a jovem e a arrastou para junto de seus despojos. Ali, por uma permissão de Deus, ela tornou-se médium vidente e audiente; viu e ouviu a tia, falando e agindo, não com o corpo, mas por meio do perispírito ainda aderido ao corpo. Portanto, houve visão e audição espirituais e não materiais.

A recomendação da tia, feita em tal momento e em circunstâncias que pareciam uma ressurreição, devia impressionar a jovem mais vivamente e fazê-la compreender melhor toda a importância. Embora já a tivesse feito em vida, queria levar a certeza de que sua sobrinha a isto se conformaria, para evitar as desgraças que teriam resultado de uma indiscrição. Sua vontade não pôde fazer reviver seu corpo, contrariando as leis da Natureza, mas foi capaz de dar ao seu invólucro fluídico as aparências de seu corpo.

*Ebelman*

## Texto 47: Um sonho instrutivo - junho/1866

Durante a última doença que tivemos no mês de abril de 1866, estávamos sob o império de uma sonolência e de um arrebatamento quase contínuos; nesses momentos sonhávamos constantemente coisas insignificantes, às quais não prestávamos a mínima atenção. Mas na noite de 24 de abril a visão ofereceu um caráter tão particular que ficamos vivamente impressionados.

Num lugar que nada lembrava à nossa memória e que se parecia com uma rua, havia uma reunião de indivíduos que conversavam; nesse número só alguns nos eram conhecidos em sonho, mas sem que os pudessemos designar pelo nome. Considerávamos a multidão e procurávamos captar o assunto da conversa quando, de repente, apareceu no canto de uma muralha, uma inscrição em letras pequenas, brilhantes como fogo, e que nos esforçamos por decifrar. Estava assim concebida:

“Descobrimos que a borracha enrolada sob a roda faz uma légua em dez minutos, desde que a estrada...” Enquanto procurávamos o fim da frase, a inscrição apagou-se pouco a pouco e nós acordamos. Temendo esquecer estas palavras singulares, apressamo-nos em as transcrever.

Qual podia ser o sentido dessa visão, que nada, absolutamente, em nossos pensamentos e em nossas preocupações podia ter provocado? Não nos ocupando nem de invenções, nem de pesquisas industriais, isto não podia ser um reflexo de nossas ideias. Depois, que podia significar essa borracha que, enrolada sob uma roda, fazia uma légua em dez minutos? Era a revelação de alguma nova propriedade dessa substância? Seria ela chamada a representar um papel na locomoção? Queriam pôr-nos no caminho de uma descoberta? Mas, então, por que se dirigir a nós, e não a homens especiais, em condições de fazer os estudos e as experiências necessárias? Contudo, o sonho era muito característico, muito especial, para ser arrolado entre os sonhos de fantasia; devia ter um objetivo; qual? É o que procurávamos inutilmente.

Durante o dia, tendo tido ocasião de consultar o Dr. Demeure sobre a nossa saúde, aproveitamos para lhe pedir que nos dissesse se o sonho apresentava algo de sério. Eis o que ele respondeu:

“Os numerosos sonhos que vos assediaram nestes últimos dias são o resultado do próprio sofrimento que experimentais. Toda vez que há enfraquecimento do corpo, há tendência para o desprendimento do Espírito; mas quando o corpo sofre, o desprendimento não se opera de maneira regular e normal; o Espírito é incessantemente chamado ao seu posto; daí uma espécie de luta, de conflito entre as necessidades materiais e as tendências espirituais; daí, também, interrupções e misturas que confundem as imagens e as transformam em conjuntos bizarros e desprovidos de sentido. O caráter dos sonhos se liga, mais do que se pensa, à natureza da doença. É um estudo a fazer, e os médicos aí encontrarão muitas vezes diagnósticos preciosos, quando reconhecerem a ação independente do Espírito e o papel importante que representa na economia. Se o estado do corpo reage sobre o Espírito, por seu lado o estado do Espírito influi poderosamente sobre a saúde e, em certos casos, é tão útil agir sobre o Espírito quanto sobre o corpo. Ora, muitas vezes a natureza dos sonhos pode ser um indício do estado do Espírito. Repito que é um estudo a fazer, negligenciado até hoje pela Ciência, que não vê em toda parte senão a ação da matéria e não leva em nenhuma conta o elemento espiritual. “O sonho que me revelais, do qual guardastes uma lembrança tão nítida, parece-me pertencer a outra categoria. Ele contém um fato notável e digno de atenção; certamente foi motivado, mas presentemente eu não vos poderia dar uma explicação satisfatória; só poderia dar-vos a minha opinião pessoal, de que não estou muito seguro. Tomarei minhas informações em boa fonte, e amanhã vos comunicarei o que tiver aprendido.”

No dia seguinte ele nos deu esta explicação: “O que vistes no sonho que me encarreguei de vos explicar não é uma dessas imagens fantásticas, provocadas pela doença; é, realmente, uma manifestação, não de Espíritos desencarnados, mas de Espíritos encarnados. Sabeis que no sono podemos nos encontrar com pessoas conhecidas ou desconhecidas, mortas ou vivas. Foi este último caso que se deu naquela circunstância. Os que vistes são encarnados que, de forma isolada e sem se conhecerem, ocupam-se de invenções tendentes a aperfeiçoar os meios de locomoção, anulando, tanto quanto possível, o excesso de despesa causada pelo desgaste dos materiais hoje em uso. Uns pensaram na borracha, outros em outros materiais; mas o que há de particular é que quiseram chamar a vossa atenção, como assunto de estudo



psicológico, sobre a reunião, num mesmo local, de Espíritos de diversos homens, perseguindo o mesmo objetivo. A descoberta não tem relação com o Espiritismo; é apenas o conciliábulo dos inventores que vos quiseram mostrar, e a inscrição não tinha outra finalidade senão especificar, aos vossos olhos, o objetivo principal de sua preocupação, pois há alguns que procuram outras aplicações para a borracha. Ficai persuadido de que assim o é muitas vezes, e que quando vários homens descobrem ao mesmo tempo, quer uma nova lei, quer um novo corpo, em diferentes pontos do globo, seus Espíritos estudaram a questão em conjunto, durante o sono e, ao despertar, cada um trabalha por seu lado, tirando proveito do fruto de suas observações.

“Notai bem que aí estão ideias de encarnados, e que nada prejulgam quanto ao mérito da descoberta. Pode ser que de todos esses cérebros em ebulição saia algo de útil, como é possível que só saiam quimeras. Desnecessário dizer que seria inútil interrogar os Espíritos a respeito; sua missão, como dissestes em vossas obras, não é poupar ao homem o trabalho das pesquisas, trazendo-lhe invenções acabadas, que seriam outros tantos estímulos à preguiça e à ignorância. Nesse grande torneio da inteligência humana, cada um aí entra por conta própria e a vitória é do mais hábil, do mais perseverante, do mais corajoso.”

P. – Que pensar das descobertas atribuídas ao acaso? Algumas não são fruto de nenhuma pesquisa?

Resp. – Bem sabeis que não existe acaso; as coisas que vos parecem as mais fortuitas têm sua razão de ser, pois se deve contar com as inumeráveis inteligências ocultas que presidem a todas as partes do conjunto. Se for chegado o momento de uma descoberta, seus elementos são divulgados por essas mesmas inteligências; vinte homens, cem homens passarão ao lado sem a notar; um só fixará a atenção. O fato, insignificante para a multidão, para ele é um rastro de luz; encontrá-lo não era tudo, o essencial era saber empregá-lo. Não foi o acaso que o pôs sob os olhos, mas os

Espíritos bons que lhe disseram: Olha, observa e aproveita, se queres. Depois ele mesmo, nos momentos de liberdade de seu Espírito, durante o sono do corpo, pôde ser posto no caminho e, ao despertar, instintivamente, dirige-se ao local onde deve encontrar a coisa que, por sua inteligência, está chamado a fazer frutificar.

Não; não há acaso: tudo é inteligente na Natureza.

## Texto 48: Visão retrospectiva das várias encarnações de um Espírito - junho/1866

(Sociedade Espírita de Paris, 11 de maio de 1866 – Médiun: Sr. Morin)

Vosso bom acolhimento e as boas preces que fizestes em minha intenção obrigam-me a vos agradecer vivamente e vos assegurar o meu eterno devotamento. Desde a minha entrada na verdadeira vida, bem depressa me familiarizei com todas as novidades, com as suaves exigências de minha situação atual. Hoje me chamam de todos os lados, não como antigamente, para cuidar de corpos doentes, mas para trazer alívio às doenças da alma. A tarefa a desempenhar é suave e, com mais rapidez do que outrora chegava à cabeceira dos doentes, hoje atendo ao apelo das almas sofredoras. Posso mesmo, e isto nada tem de estranho para mim, transportar-me quase instantaneamente de um ponto a outro, com a mesma facilidade com que meu pensamento vai de um a outro assunto. O que é singular para mim é que eu o possa fazer!...

Meus bons amigos, devo vos falar de um fato espiritual que me acontece, e que venho submeter ao vosso julgamento, para que me ajudeis a reconhecer o meu erro, caso me tenha enganado em minhas apreciações a respeito. Médico em minha última encarnação, como sabeis, me entreguei com ardor aos estudos de minha profissão. Tudo quanto a ela se referia era para mim um assunto de observação. Devo dizer, sem orgulho, que tinha adquirido alguns conhecimentos, talvez em razão de nem sempre ter seguido ao pé da letra o caminho traçado pela rotina. Muitas vezes buscava no moral o que pudesse trazer uma perturbação no físico; talvez seja por isto que eu conhecesse um pouco melhor a minha profissão do que certos colegas. Enfim, eis o fato: há alguns dias senti uma espécie de torpor apoderar-se de meu Espírito e, a despeito de conservar a consciência do meu eu, senti-me transportado no espaço; chegado a um lugar que para vós não tem nome, encontrei-me numa reunião de Espíritos que, em vida, tinham conquistado alguma celebridade pelas descobertas que haviam feito.

Lá, não fiquei pouco surpreendido ao reconhecer nesses antigos de todas as idades, nesses nomes de todas as épocas, uma semelhança perispiritual comigo. Perguntei-me o que tudo aquilo significava; dirigi-lhes as perguntas que me sugeria a minha posição, mas minha surpresa foi ainda maior, ouvindo-me responder a mim mesmo. Voltei-me, então, para eles e vi que estava só.

A questão dos fluidos, que constitui o fundo dos vossos estudos, representou um papel muito grande no fato que eu vos assinalava na última sessão. Hoje vos posso explicar melhor o que se passou e, em vez de vos dizer quais eram as minhas conjecturas, posso dizer o que me revelaram os bons amigos que me guiam no mundo dos Espíritos.

Quando meu Espírito sofreu uma espécie de entorpecimento, eu estava, a bem dizer, magnetizado pelo fluido de meus amigos espirituais; por uma permissão de Deus, daí devia resultar uma satisfação moral que, dizem eles, é a minha recompensa e, além disso, um encorajamento para marchar num caminho que segue o meu Espírito desde um bom número de existências.

Eu estava, pois, adormecido num sono magnético-espiritual; vi o passado formar-se num presente fictício; reconheci individualidades que haviam desaparecido ao longo do tempo, ou, melhor, que tinham sido apenas um indivíduo. Vi um ser começar uma obra médica; um outro, mais tarde, continuar a obra esboçada pelo primeiro, e assim por diante. Cheguei a ver em menos tempo do que levo a vos dizer, de idade em idade, formar-se, crescer e tornar-se ciência, o que, no princípio, não passava dos primeiros ensaios de um cérebro ocupado em estudos para o alívio da Humanidade sofredora. Vi tudo isto e só me reconheci quando cheguei ao último desses seres que, sucessivamente, haviam trazido um complemento à obra. Aí tudo se desvanece e torno-me o Espírito ainda atrasado do vosso pobre doutor. Ora, eis a explicação. Não vo-la dou para me envaidecer; longe disso; mas, antes, para vos fornecer um assunto de estudo, falando-vos do sono espiritual que, sendo elucidado por vossos guias, só me pode ser útil, pois assisto a todos os vossos trabalhos.

Nesse sono vi os diferentes corpos que meu Espírito animou desde um certo número de encarnações, e todos trabalharam a ciência médica sem jamais se afastarem dos princípios que o primeiro havia

elaborado. Esta última encarnação não era para aumentar o saber, mas simplesmente para praticar o que ensinava a minha teoria.

Com tudo isto fico sempre vosso devedor; mas, se o permitirdes, virei pedir-vos lições e, algumas vezes, dar minha opinião pessoal sobre certas questões.

*Dr. Cailleux*

Comentário de Kardec : Há aqui um duplo ensinamento: primeiramente há o fato da magnetização de um Espírito por outros Espíritos, e do sono daí resultante; e, em segundo lugar, da visão retrospectiva dos diferentes corpos que ele animou.

Há, pois, para os Espíritos uma espécie de sono, o que é um ponto de contato a mais entre o estado corporal e o estado espiritual. Trata-se aqui, é verdade, de um sono magnético; mas existiria para eles um sono natural semelhante ao nosso? Isto nada teria de surpreendente, quando se veem ainda Espíritos de tal modo identificados com o estado corporal que tomam seu corpo fluídico por um corpo material, que creem trabalhar como o faziam na Terra e que sofrem fadiga. Se sentem fadiga, devem experimentar a necessidade de repouso, e podem crer que se deitam e que dormem, como acreditam que trabalham e viajam em estrada de ferro. Dizemos que eles creem, para falar do nosso ponto de vista; porque tudo é relativo e em relação à sua natureza fluídica a coisa é tão real quanto o são para nós as coisas materiais.

Apenas os Espíritos de ordem inferior têm semelhantes ilusões; quando menos adiantados, mais o seu estado se aproxima do estado corporal. Ora, este não pode ser o caso do Dr. Cailleux, Espírito avançado, que se dá conta perfeitamente de sua situação. Mas não é menos verdade que teve consciência de um entorpecimento análogo ao sono, durante o qual viu suas diversas individualidades.

Um membro da Sociedade explica o fenômeno desta maneira: No sono humano, só o corpo repousa, mas o Espírito não dorme. Deve dar-se o mesmo no estado espiritual; o sono magnético, ou outro, não deve afetar senão o corpo espiritual ou perispírito, e o Espírito deve achar-se num estado relativamente análogo ao do Espírito encarnado durante o sono do corpo, isto é, conservar a consciência de seu ser. As diferentes encarnações do Dr. Cailleux, que seus guias espirituais queriam fazê-lo ver para sua instrução, puderam apresentar-se a ele como lembrança, da mesma maneira que as imagens se oferecem nos sonhos.

Esta explicação é perfeitamente lógica; foi confirmada pelos Espíritos que, provocando o relato do Dr. Cailleux, quiseram dar-nos a conhecer uma nova fase da vida de além-túmulo.

## Texto 49: Ocupações dos Espíritos - junho/1866

(Sociedade de Paris, 16 de fevereiro de 1866 – Médiun: Sr. Leymarie)  
Mensagem ditada pelo Espírito Gui...

Fostes tão bons para comigo, senhores, tão corteses para com um recém-vindo, que ainda vos venho pedir alguns instantes de atenção.

Desde minha estada no mundo dos Espíritos, estou em condições de transmitir algumas observações que aproveitei, pois me dão a faculdade todo-poderosa de mudar completamente minhas ideias adquiridas na última encarnação. Vou, pois, se mo permitirdes, comunicar algumas dessas reflexões, sugeridas pelas falsas ideias de certos detratores do Espiritismo.

Não é raro ouvir de todos os detratores: Mas os que fizeram a descoberta espírita bem poderiam informar-nos sobre o trabalho dos Espíritos, entrados na posse dessa famosa erraticidade. Têm um corpo correspondente ao nosso ou um corpo fluídico? Têm a ciência infusa? Sabem mais do que nós? Então, por que tanta comunicação terra-a-terra, num francês ordinário ao alcance de todo mundo? Mas o primeiro que chegar pode dizer outro tanto!...

E ainda acrescentam: mas esses Espíritos farsistas a que ginásticas se entregam em seus trapézios eternos? De que vivem? Com que se divertem? Mas se estão no ar ambiente, ocupados em nos ver fazer as coisas, não devem achar divertidas todas as nossas ações vis, todos os nossos pensamentos ridículos. Talvez estejam na contemplação eterna. E se veem Deus, como é a Divindade? Que ideia podem nos dar de sua grandeza? Ai! Irrisão! repetem eles. E dizer que há gente que se diz sensata e acredita em todas essas quimeras!

Eu ouvia repetir essas ideias e, como os outros, ria ou lamentava amargamente os adeptos de uma doutrina que, segundo nós, levava à loucura. Muitas vezes me perguntei a razão de semelhante aberração mental no século dezanove.

Um dia encontrei-me livre como todos os meus irmãos terrenos e, chegando a este mundo, que me fizera dar de ombros tantas vezes, eis o que vi:

Conforme as faculdades adquiridas na Terra, os Espíritos buscam o meio que lhes é próprio, a menos que, não podendo estar desprendidos, estejam na noite, nada vendo nem ouvindo, nessa terrível espera que é bem o verdadeiro inferno do Espírito.

A faculdade que tem o Espírito desprendido de ir a qualquer parte por um simples efeito de sua vontade, permite que encontre um meio, onde suas faculdades possam desenvolver-se pelos contrastes e pelas diferenças das ideias. Quando da separação do Espírito e do corpo, é-se conduzido por almas simpáticas junto àqueles que vos esperam, prevenido a vossa chegada.

Naturalmente, fui acolhido por amigos tão incrédulos quanto eu. Mas como neste mundo tão ridicularizado, todas as virtudes estão em evidência, todos os méritos se manifestam, todas as reflexões são bem recebidas, todos os contrastes se transformam numa difusão de luzes. Chamado pela curiosidade a visitar grupos numerosos que preparam outras encarnações, estudando todos os lados que deve elucidar o Espírito destinado a voltar à Terra, fiz uma grande ideia da reencarnação.

Quando um Espírito se prepara para uma nova existência, submete suas ideias às decisões do grupo a que pertence. Este discute; os Espíritos que o compõem vão aos grupos mais avançados ou à Terra; procuram entre vós elementos de aplicação. O Espírito aconselhado, fortificado, esclarecido sobre todos os pontos poderá, doravante, se quiser, seguir seu caminho sem protestar. Terá em sua peregrinação terrena uma multidão de Espíritos invisíveis, que não o perderão de vista; tendo participado em seus trabalhos preparatórios, eles aplaudem os seus resultados, os esforços a vencer, a sua vontade firme que, dominando a matéria, lhe permitiu trazer aos outros encarnados um contingente de quitação e de amor, isto é, o bem, segundo as grandes instruções, segundo Deus, que as dita em todas as afirmações da Ciência, da vegetação, de todos os problemas, enfim, que são a luz do Espírito, quando sabe resolvê-las num sentido racional.

Pertencendo ao grupo de alguns sábios que se ocupam de economia política, aprendi a não desprezar nenhuma das faculdades de que tanto ri outrora; compreendi que o homem, muito inclinado ao orgulho, recusa-se a admitir, mesmo sem estudo, tudo o que é novo e fora do seu gênero de espírito. Também me disse que muitos de meus antigos amigos seguiam caminho errado, tomando a sombra pela realidade. Todavia, segui o conjunto dos trabalhos da Humanidade, onde nada é inútil. Compreendi mesmo a grande lei da igualdade e da equidade que Deus derramou em todo o elemento humano e me disse que aquele que em nada crê, e que, não obstante faz o bem e ama os seus semelhantes, sem esperança de remuneração, é um Espírito nobre, muito mais nobre que muitos dos que, prevendo outra vida e crendo no progresso do Espírito, esperam uma recompensa. Enfim, aprendi a ser tolerante, vendo essas legiões de Espíritos entregues a tantos trabalhos diversos, multidão inteligente que pressente Deus e procura coordenar todos os elementos do futuro. Disse-me que o homem, esse pigmeu, é de tal modo orgulhoso que se ama e se adora, desprezando os outros, em vez de entregar-se aos grandes instintos e, sobretudo, às ideias sãs e conscienciosas que ensina a vida futura, desenvolvidas pelas ideias espiritualistas e, principalmente, pelo Espiritismo, esta lei magnífica que cada dia mais fortifica a solidariedade do mundo terrestre e o da erraticidade. É ele que vos inicia em nossos pensamentos, em nossas esperanças, em tudo quanto preparamos para o vosso adiantamento, para o fim desejado da geração que logo deve emigrar para as regiões superiores.

Obrigado. Até outra vez.

Observação de Kardec: Este Espírito, do qual demos notável comunicação na Revista de dezembro de 1865, era, em vida, um distinto economista, mas imbuído das ideias materialistas, e um dos zombadores do Espiritismo. Todavia, como era um homem adiantado intelectual e moralmente e buscasse o progresso, não demorou em reconhecer o seu erro e seu maior desejo foi trazer seus amigos ao caminho da verdade. Foi na intenção destes que ditou várias comunicações. Por mais profunda e lógica que seja esta, vê-se que o mundo dos Espíritos ainda não lhe é perfeitamente conhecido. Equivoca-se quando diz que a geração atual em breve deve emigrar para as regiões superiores. Sem dúvida, no grande movimento regenerador que se opera, uma parte dessa geração deixará a Terra por mundos mais adiantados; mas, como a Terra regenerada será, ela própria, mais adiantada do que o é, muitos acharão uma recompensa aqui reencarnando. Quanto aos endurecidos, que aí são uma chaga, como estariam deslocados e constituiriam um entrave ao progresso, por perpetuarem o mal, terão de esperar em mundos mais atrasados que a luz se faça para eles. É o que resulta da generalidade das instruções dadas a respeito pelos Espíritos.

## Texto 50 : Pensamentos diversos

01- Os Espíritos não fazem o que querem, mas o que lhes é permitido. (janeiro/58)

02- Sendo a encarnação um estado transitório, a erraticidade é realmente o estado normal dos Espíritos, e esse estado não lhes é, forçosamente, uma expiação; nesse estado são felizes ou desventurados, conforme seu grau de elevação e o bem ou mal que hajam praticado. (fevereiro/58)

03- Este corpo etéreo de que se reveste permite-lhe experimentar sensações físicas, como por exemplo, de calor e de frio?

- Quando me lembro de meu corpo sinto uma espécie de impressão, quando se tira um manto e se fica com a sensação de que, por algum tempo, ainda se está com ele. (fevereiro/58)

04- Disse que pode transportar-se com a velocidade do pensamento; o pensamento não é a própria alma que se desprende de seu envoltório?

- Sim.

Quando o seu pensamento se dirige a alguma parte, como se dá a separação de sua alma?

- A aparência se esvai; o pensamento vai só. (fevereiro/58)

05- Quando uma pessoa faz mover um objeto, é sempre com o auxílio de um Espírito estranho ou tal ação pode ser exclusiva do médium?

- Algumas vezes o Espírito do médium pode agir sozinho. (junho/58)

06- Seria erro pensar que fazemos da revelação dos mundos desconhecidos o objeto capital da doutrina. Isto não seria sempre para nós mais que um acessório, que consideramos útil, como estudo complementar; o principal será sempre para nós o ensino moral e nas comunicações de além túmulo buscamos sobretudo aquilo que pode esclarecer a humanidade e conduzi-la para o bem – único meio de lhe assegurar a felicidade neste e no outro mundo. (agosto/58)

07- Para modificar suas ideias, seguiu o conselho dos Espíritos de entregar-se a um trabalho rude, que lhe não deixasse tempo para ouvir as sugestões más. (outubro/58)

08- Não dominamos os Espíritos superiores, mas podemos dominar e domar os Espíritos inferiores. Aquele que não é senhor de si não o pode ser dos Espíritos. (outubro/58)

09- Há mais mérito em pedir uma missão num mundo inferior do que querer adiantar-se num mundo superior. (novembro/58)

10- As boas intenções, a própria moralidade do médium nem sempre bastam para evitar a intromissão dos Espíritos levianos, mentirosos e pseudo-sábios nas comunicações. Além das falhas de seu próprio Espírito, pode dar-lhes entrada por outras causas das quais a principal é a fraqueza de caráter e uma confiança excessiva na invariável superioridade dos Espíritos que com ele se comunicam. (fevereiro/59)

11- Em toda comunicação encontram-se em jogo diversas influências: a do médium, a do ambiente e a da pessoa que interroga. Essas influências podem reagir umas sobre as outras, neutralizar-se ou corroborar-se: vai depender do fim a que nos propomos e do pensamento dominante. Vimos excelentes comunicações obtidas em círculos e que não reuniam todas as condições desejáveis. Nesse caso, os Espíritos bons vinham por causa de uma pessoa em particular, porque isso era útil. Vimos também más comunicações obtidas por



bons médiuns, unicamente porque o interrogador não tinha intenções sérias e atraía Espíritos levianos que dele zombavam. (fevereiro/59)

12- A cadeia das existências é formada de anéis seguidos e contínuos; nenhuma interrupção lhe suspende o curso. Pode, pois, dizer-se que a vida terrena é a continuação da vida celeste precedente e o prelúdio da vida celeste futura, e assim por diante, para todas as encarnações que o Espírito venha a ter. Isto faz que entre duas encarnações não haja uma separação tão absoluta como pensais. (março/59)

13- O poder do magnetizador depende de sua constituição física?  
- Sim, mas muito mais de seu caráter. Numa palavra: depende dele mesmo. (março/59)

14- Encarnando-se em diferentes posições sociais, os Espíritos são como atores que, fora de cena, se trajam como toda a gente e no palco usam todas as vestimentas e representam todos os papéis, desde o rei até o trapeiro. (maio/59)

15- As origens que certos Espíritos nos dão, pela revelação de pretensas existências anteriores, são muitas vezes um meio e sedução e uma tentação para o nosso orgulho, que se envaidece por ter sido tal ou qual personagem. (maio/59)

16- Ao encontrar uma oportunidade para avançar, não vemos por que devíamos ficar para trás. O Espiritismo é, sem dúvida, uma ciência de observação, mas talvez ainda seja mais uma ciência de raciocínio; e o raciocínio é o único meio de fazê-lo avançar. (agosto/59)

17- Devemos publicar tudo quanto os Espíritos dizem? Respondemos essa pergunta da maneira seguinte: Devemos publicar tudo quanto dizem e pensam os homens? Publicar sem exame, ou sem correção, tudo quanto vem dessa fonte, seria, em nossa opinião, dar prova de pouco discernimento. (novembro/59)

18- Nas provas que deve sofrer para chegar à perfeição, deve o Espírito passar por todos os gêneros de tentação?- Isso não é regra geral. Sabeis que há muitos que desde o começo tomam um caminho que os liberta de muitas provas. (outubro/59)

19- Podeis estudar essas coisas, mas vos aconselho a não as publicar ainda. São necessários muitos outros documentos, que vos serão fornecidos mais tarde, e que as circunstâncias trarão. Publicando-as agora, correis o risco de cometer graves erros, que mais tarde sereis obrigados a reconsiderar, o que seria muito desagradável e prejudicaria o Espiritismo. Sede, pois, muito prudentes no que diz respeito às teorias científicas, pois é principalmente aí que deveis temer os Espíritos impostores e pseudossábios. Lembrai-vos do que vos tem sido dito muitas vezes: os Espíritos não têm a missão de vos trazer a ciência acabada, que deve ser fruto do trabalho e do gênio humano, nem de levantar todos os véus antes que o tempo tenha chegado. Tratai, sobretudo, de melhorar-vos: eis o essencial. Deus levará mais em conta o vosso bom coração e vossa humildade, do que um saber no qual a curiosidade, muitas vezes, detém a maior parte. É praticando as suas leis – praticando-as, entendei bem – que mereceis ser favorecidos pelas comunicações dos Espíritos verdadeiramente superiores, que jamais enganam. *Espírito São Luiz*  
Não se pode ignorar a profundidade e alta sabedoria desses conselhos. Essa linguagem, ao mesmo tempo simples e sublime, marcada por extrema benevolência, contrasta singularmente com o tom altivo e categórico ou a jactância dos Espíritos que querem impor-se. *Kardec* (junho/1860)



20- Depois da sessão, numa comunicação particular, tendo perguntado a São Luís se ficara satisfeito, respondeu ele: “Sim e não; errastes ao tolerar cochichos contínuos de certos membros, quando os Espíritos são interrogados. Por vezes recebeis comunicações que exigem réplicas sérias de vossa parte, e respostas ainda mais sérias da parte dos Espíritos evocados que, assim, ficai certos, ficarão descontentes. Daí nada pode sair perfeito, porque o médium que escreve experimenta por sua vez graves distrações, prejudiciais ao seu ministério. Há uma coisa a fazer: ler estas observações na próxima sessão, que serão compreendidas por todos os sócios. Dizei-lhes que aqui não é um gabinete para conversa.” (agosto/1860)

21- As comunicações relativas às pesquisas científicas só têm para nós uma importância secundária. Não as repelimos; acolhemos tudo quanto nos é transmitido, porque em tudo há alguma coisa a aprender; mas não o aceitamos senão sob a condição de o verificar previamente, guardando-nos de lhe emprestar uma fé cega e irrefletida: observamos e esperamos. Certamente não seremos nós os acusados de querer ficar na retaguarda, mas queremos evitar pisar em falso e tudo quanto pudesse comprometer o crédito do Espiritismo, dando prematuramente como verdades incontestáveis o que é ainda hipotético. Pensamos que estas observações serão igualmente apreciadas por outras pessoas que, por certo, compreenderão o inconveniente de antecipar o momento para certas publicações. A experiência lhes mostrará a necessidade de nem sempre levarem em consideração a impaciência de certos Espíritos. Os Espíritos verdadeiramente superiores – e não nos referimos aos que se dão por tais – são muito prudentes, virtude que constitui um dos caracteres pelos quais podemos reconhecê-los. (Setembro/1860)

22- O Sr. Allan Kardec relata interessante fato, ocorrido em sessão particular, em sua casa. Nessa sessão estava presente o Sr. Rabache, ótimo médium, pelo qual se havia espontaneamente comunicado Adam Smith num café de Londres. Tendo sido evocado através de outro médium, a Sra. Costel, Adam Smith respondeu simultaneamente em francês, por essa senhora e em inglês pelo Sr. Rabache; várias respostas eram de uma identidade perfeita e até mesmo a tradução literal uma da outra. (Setembro/1860)

23- Relato de várias manifestações físicas ocorridas com o Sr. B..., presente à sessão. Entre outros fatos, o transporte de uma rolha atirada num quarto e de um frasco de água fluidificada, que tinha o cheiro de Mungo, tão forte que impregnou todo o apartamento. (Setembro/1860)

24- Falarei da necessidade de ser observada maior regularidade nas vossas sessões, isto é, de evitar-se toda confusão, toda divergência de ideias. A divergência favorece a substituição dos Espíritos bons pelos maus e, quase sempre, são estes que primeiro se apoderam das perguntas feitas. Por outro lado, numa reunião composta de elementos diversos, e desconhecidos uns dos outros, como evitar as ideias contraditórias, as distrações, ou, pior ainda, uma vaga e zombeteira indiferença? Eu gostaria de encontrar um meio eficaz e certo para isso. *Georges -Espírito familiar*. (Setembro/1860)

25- Relato de um notável caso de identidade espírita ocorrido num navio da marinha imperial, ancorado nos mares da China. O fato é relatado por um cirurgião da frota, presente à sessão. Todos no navio, desde os marinheiros até o estado-maior, se ocupavam de evocações; porém, não conhecendo o meio de obter comunicações escritas, se serviam da tipologia alfabética. Alguém teve a ideia de evocar um tenente, falecido há dois anos; entre outras particularidades, disse ele: “Peço insistentemente que paguem ao capitão a quantia de... (ele designa a soma), que eu lhe devo, e que lamento não ter podido fazê-lo antes de morrer.” Ninguém conhecia tal circunstância; o próprio capitão se havia esquecido, mas, verificando suas contas, encontrou menção da dívida do tenente, cuja cifra, indicada por seu Espírito, era perfeitamente exata. (novembro/1860)



26- Perguntas endereçadas a São Luís sobre sua aparição a um médium vidente de Lyon, em presença do Sr. Allan Kardec. Ele responde: “Sim, era eu mesmo; era dever de minha missão não abandonar o diretor da sociedade que patrocino.” (novembro/1860)

27- Do ponto de vista da propaganda não é nas grandes reuniões que os neófitos podem colher elementos de convicção, mas bem na intimidade. Há, pois, um duplo motivo para preferir os pequenos grupos que se podem multiplicar ao infinito. Ora, vinte grupos de dez pessoas, por exemplo, inquestionavelmente obterão mais e farão mais prosélitos que uma reunião única de duzentas pessoas. (outubro/1860)

28- Num dia futuro o Espiritismo deve exercer uma imensa influência sobre a estrutura social. Mas o dia em que essa influência será generalizada ainda está longe, sem dúvida. São necessárias gerações para que o homem se despoje do homem velho. Contudo, desde agora, se o bem não pode ser geral, já é individual, e porque esse bem é efetivo, a doutrina que o proporciona é aceita com tanta facilidade. (outubro/1860)

29- O Sr. Allan Kardec cita um caso pessoal de indicação dada pelos Espíritos, notável por sua precisão. Numa conversa que ele teve na véspera com o seu Espírito familiar, disse-lhe este: “Encontrarás no Siècle de hoje um longo artigo sobre este assunto e que responde à tua pergunta; fomos nós que inspiramos o autor e o trabalho que ele expõe, o qual está relacionado com as grandes reformas humanitárias que se preparam. Esse artigo, de que nem o Sr. Kardec nem o médium tinham conhecimento, realmente se encontra no jornal indicado, sob o título designado, provando que os Espíritos podem estar a par das publicações do mundo material. (janeiro/1861)

30- Entre os antigos a palavra deus tinha uma acepção muito elástica. Era uma qualificação genérica aplicada a todo ser que lhes parecia elevar-se acima do nível da Humanidade. Eis por que divinizaram seus grandes homens. Não os acharíamos tão ridículos se não nos tivéssemos servido da mesma palavra para designar o Ser Único, soberano senhor do Universo. Os Espíritos, que existiam então como hoje, lá se manifestavam igualmente, e esses seres misteriosos também deviam, conforme as ideias da época, e ainda com maior razão, pertencer à classe dos deuses. Olhando-os como seres superiores, os povos ignorantes lhes rendiam culto; os poetas os cantaram e semearam a sua história de profundas verdades filosóficas, ocultas sob o véu de engenhosas alegorias, cujo conjunto formou a mitologia pagã. O vulgo, que geralmente só vê a superfície das coisas, tomou a figura ao pé da letra, sem rebuscar o fundo do pensamento, absolutamente como aquele que, hoje, não visse nas fábulas de La Fontaine senão conversas de animais. Tal é, em substância, o princípio da mitologia. Os deuses não eram, pois, senão os Espíritos ou as almas dos seres mortais, como os dos nossos dias. (abril/1861)

31- Certas pessoas desaprovam a severa restrição à admissão dos ouvintes; dizem que se quisermos fazer prosélitos é preciso esclarecer o público e, para isso, abrir-lhe as portas de nossas sessões, autorizar todas as perguntas e todas as interpelações; que se não admitirmos senão pessoas crentes, não teremos grande mérito em convencê-las. Esse raciocínio é especioso; se, abrindo nossas portas a qualquer um, o resultado suposto fosse alcançado, certamente erraríamos se não o fizéssemos. Mas como é o contrário que aconteceria, não o fazemos. Afinal de contas, seria muito desagradável que a propagação da doutrina se subordinasse à publicidade de nossas sessões. Por mais numeroso que fosse o auditório, seria sempre muito restrito, imperceptível, comparado à massa da população. Por outro lado, sabemos por experiência que a verdadeira convicção só se adquire pelo estudo, pela reflexão e por uma observação contínua, e não assistindo a uma ou duas sessões, por mais interessantes que sejam. Isto é tão verdadeiro que o número dos que creem sem ter visto, mas porque estudaram e compreenderam, é imenso. Sem dúvida o desejo de ver é muito natural e



estamos longe de o censurar, mas queremos que vejam em condições aproveitáveis. Eis por que dizemos: Estudai primeiro e vede depois, porque compreenderéis melhor. (maio/1861)

32- Os mais perigosos inimigos da Sociedade não são os de fora: podemos fechar-lhes as portas e os ouvidos. Os mais temíveis são os inimigos invisíveis, que aqui poderiam introduzir-se mau grado nosso. Cabe a nós provar-lhes, como já o temos feito, que perderiam o tempo se tentassem impor-se a nós. Sua tática, bem o sabemos, é procurar semear a desunião, lançar o facho da discórdia, inspirar a inveja, a desconfiança e as susceptibilidades pueris que geram a desafeição. Oponhamos-lhes a muralha da caridade, da mútua benevolência, e seremos invulneráveis, tanto contra suas malignas influências ocultas quanto contra as diatribes de nossos adversários encarnados, que mais se ocupam de nós, do que nós deles. (maio/1861)

33- Não poderia haver provas materiais de identidade do Espírito de personagens antigos. Sobretudo quanto se trata de um ensinamento superior, o mais das vezes o nome é apenas um meio de fixar as ideias, visto como entre os Espíritos que nos vem instruir o número dos desconhecidos na Terra é incontestavelmente maior. O nome é antes um sinal de analogia que de identidade. Só se deve ligar-se uma importância secundária. O que há a considerar antes de tudo é a bondade e a racionalidade do ensino. Se em nada desmentir o caráter o Espírito cujo nome toma, se estiver à sua altura, é o essencial. (maio/1861)

34- Não levando em conta o elemento espiritual, a ciência se acha impotente para resolver uma porção de fenômeno, e cai no absurdo de querer tudo referir ao elemento material. É sobretudo em Medicina que o elemento espiritual representa um papel importante. Quando os médicos o levarem em consideração, enganar-se-ão menos do que agora. Aí terão uma luz que os guiará mais seguramente no diagnóstico e no tratamento das moléstias. É o que se constata presentemente na prática dos médicos espíritas, cujo número aumenta dia a dia. (julho/1861)

35- Os que escreveram a história da antropologia terrestre se apegaram principalmente aos caracteres físicos; o elemento espiritual foi quase sempre negligenciado e o é necessariamente pelos escritores que nada admitem fora da matéria. Quando este for levado em conta no estudo das ciências, uma luz inteiramente nova será lançada sobre uma porção de questões ainda obscuras, porquanto o elemento espiritual é uma das forças vivas da Natureza, desempenhando um papel preponderante, tanto nos fenômenos físicos quanto nos fenômenos morais. (janeiro/1862)

36- Em caso de divergência, o melhor critério é a conformidade dos ensinamentos por diferentes Espíritos e transmitidos por médiuns completamente estranhos entre si. Quando o mesmo princípio for proclamado ou condenado pela maioria, é preciso dar-nos conta da evidência. Se há um meio de chegar à verdade, seguramente é pela concordância e pela racionalidade das comunicações, auxiliadas pelos meios que temos à nossa disposição para constatar a superioridade ou a inferioridade dos Espíritos. Ao deixar de ser individual para se tornar coletiva, a opinião adquire um maior grau de autenticidade, já que não pode ser considerada como resultado de uma influência pessoal ou local. Os que ainda se acham em dúvida terão uma base para fixar as ideias, porquanto será irracional pensar que aquele que em seu ponto de vista está só, ou quase só, tenha razão contra todos. (janeiro/1862)

37- Espiritismo é toda uma ciência que reclama estudos sérios, como as outras ciências, e requer numerosas observações. Para expô-la minuciosamente seria necessário dar um curso regular, e um curso de Espiritismo não pode ser dado em uma ou duas aulas, como não o poderia um curso de Física ou de Astronomia. Para os

que lhes não conhecem as primeiras noções, sou obrigado a enviá-los à fonte, ou seja, ao estudo das obras onde se acham todos os ensinamentos necessários e a resposta à maioria das perguntas que poderiam fazer e que, em sua maior parte, recaem sobre os princípios mais elementares. (dezembro/1862)

38- Pode-se dizer que há dois tipos de instinto: o instinto animal e o instinto moral. O primeiro é orgânico; é dado aos seres vivos para a sua conservação, bem como a de sua progênie; é cego e quase inconsciente, porque a Providência quis dar um contrapeso à sua indiferença e à sua negligência. Já não é assim com o instinto moral, que é privilégio do homem e que pode ser assim definido: Propensão inata para fazer o bem ou o mal. Ora, essa propensão se prende ao estado de maior ou menor avanço do Espírito. O homem, cujo Espírito já é depurado, faz o bem sem premeditação e como algo muito natural. Os que instintivamente são bons e devotados denotam um progresso realizado; nos que o são intencionalmente, o progresso está por se realizar, razão por que há trabalho e luta entre os dois sentimentos. No primeiro, a dificuldade está vencida; no segundo, é preciso vencê-la. O primeiro é como o homem que sabe ler, e lê sem dificuldade, quase sem perceber; o segundo é como o que soletra. (fevereiro/1862)

39- Com efeito, se a alma fosse criada ao mesmo tempo que o corpo, a do sábio do Instituto seria tão nova quanto a do selvagem. Então, por que há na Terra selvagens e membros do Instituto? Direis que depende do meio em que vivem. Seja. Dizei, então, por que homens nascidos nos meios mais ingratos e mais refratários tornam-se gênios, ao passo que outros, que recebem a Ciência desde a infância, são imbecis? Os fatos não provam à evidência que há homens instintivamente bons ou maus, inteligentes ou estúpidos? É preciso, pois, que haja na alma um germe. De onde vem ele? Pode dizer-se razoavelmente que Deus os fez de todos os tipos, uns chegando sem esforço e outros nem sequer com um trabalho obstinado? Seria isso justiça e bondade? Evidentemente, não. Uma única solução é possível: a preexistência da alma, sua anterioridade ao nascimento do corpo, o desenvolvimento adquirido conforme o tempo vivido e as várias migrações percorridas. Unindo-se ao corpo, a alma traz, pois, o que adquiriu, suas qualidades boas ou más. Daí as predisposições instintivas, de onde se pode dizer com certeza que aquele que nasceu poeta já cultivou a poesia; que o que nasceu músico cultivou a música; o que nasceu celerado, já foi mais celerado. Tal é a fonte das faculdades inatas que produzem, nos órgãos afetados à sua manifestação, um trabalho interior, molecular, que provoca o seu desenvolvimento. (abril/1862)

40- Faz-se, pois, necessário distinguir a loucura patológica da loucura obsessiva. A primeira resulta de uma desordem nos órgãos da manifestação do pensamento. Notemos que, nesse estado de coisas, não é o Espírito que é louco; ele conserva a plenitude de suas faculdades, como o demonstra a observação; apenas estando desorganizado o instrumento de que se serve para manifestar-se, o pensamento, ou, melhor dizendo, a expressão do pensamento é incoerente. Na loucura obsessiva não há lesão orgânica; é o próprio Espírito que se acha afetado pela subjugação de um Espírito estranho, que o domina e subjuga. No primeiro caso, deve-se tentar curar o órgão enfermo; no segundo basta livrar o Espírito doente do hóspede importuno, a fim de lhe restituir a liberdade. Casos semelhantes são muito frequentes e muitas vezes tomados como loucura o que não passa de obsessão, para a qual deveriam empregar meios morais e não duchas. Pelo tratamento físico e, sobretudo, pelo contato com os verdadeiros alienados, muitas vezes tem sido determinada uma verdadeira loucura onde esta não existia. (abril/1862)

41- Também só podemos aplaudir a feliz ideia de vários membros, de organizarem reuniões particulares em suas casas. Elas têm a vantagem de estabelecer relações mais íntimas; além disso, são centros para uma porção de pessoas que não podem vir à Sociedade. Aí podem ter uma primeira iniciação; podem fazer numerosas observações que, depois, convergem para o centro comum. Enfim, são laboratórios para a formação de médiuns. Agradeço muito sinceramente às pessoas que me honraram oferecendo a sua direção,

mas isso me era materialmente impossível. Lamento mesmo muito não poder estar aí tanto quanto desejaria. Conheceis minha opinião a respeito dos grupos particulares; assim, faço votos por sua multiplicação, na Sociedade ou fora dela, em Paris ou alhures, porque são os agentes mais ativos da propaganda. (junho/1862)

**42- Pergunta de Kardec:** Os Espíritos não têm sexo. Entretanto, como há poucos dias éreis homem, no vosso novo estado tendes de preferência a natureza masculina que a feminina? Dá-se o mesmo com um Espírito que tivesse deixado o corpo há muito tempo?

**Resposta de Sanson:** Não nos prendemos à natureza masculina ou feminina: os Espíritos não se reproduzem. Deus os criou por sua vontade e se, na sua visão maravilhosa, quis que os Espíritos reencarnassem na Terra, teve de estabelecer a reprodução das espécies para o macho e a fêmea. Mas presentis, sem que haja necessidade de nenhuma explicação, que os Espíritos não podem ter sexo.

**Observação de Kardec:** Sempre foi dito que os Espíritos não têm sexo; os sexos só são necessários para a reprodução dos corpos; como os Espíritos não se reproduzem, o sexo seria inútil para eles. Nossa pergunta não visava constatar o fato, mas, por causa da morte muito recente do Sr. Sanson, queríamos saber se lhe restava uma impressão de seu estado terreno. Os Espíritos depurados se dão conta perfeitamente de sua natureza; mas entre os Espíritos inferiores, não desmaterializados, muitos ainda se julgam como eram na Terra, conservando as mesmas paixões e os mesmos desejos. Estes ainda se creem homens ou mulheres e por isso alguns disseram que os Espíritos têm sexo. É assim que certas contradições provêm do estado mais ou menos adiantado dos Espíritos que se comunicam; o erro não é dos Espíritos, mas daqueles que os interrogam e não se dão ao trabalho de aprofundar a questão. (junho/1862)

**43-** Há cerca de dez anos fiquei quase cego, a ponto de não poder ler nem escrever e não reconhecer uma pessoa a quem desse a mão. Consultei as notabilidades da Ciência, entre outras o Dr. L..., professor de clínica para as moléstias dos olhos. Depois de um exame muito atento e consciencioso, declarou que eu sofria de uma amaurose e que devia resignar-me. Fui ver uma sonâmbula, que me disse que não era amaurose, mas uma apoplexia nos olhos, que poderia degenerar em amaurose se não fosse tratada adequadamente. Declarou responder pela cura. Em quinze dias, disse ela, experimentareis uma discreta melhora; em um mês começareis a ver e, dentro de dois ou três meses, estareis curado. Tudo se passou como ela previra e hoje minha visão está completamente restabelecida. (agosto/1862)

**44-** O número de centros que nos propomos visitar, aliado à extensão do trajeto, não nos permite consagrar a cada um o tempo que desejaríamos. Julgamos útil aproveitar o melhor possível esse tempo para instrução. Com esse objetivo é nossa intenção responder, tanto quanto nos for possível, às perguntas sobre as quais desejam esclarecimentos. Temos notado que, quando fazemos tal proposta durante as reuniões, geralmente não sabem o que perguntar e muitas pessoas se calam por timidez ou por dificuldade de exprimir o seu pensamento. Para evitar este duplo inconveniente, pedimos que preparem as perguntas previamente e por escrito, e nos entreguem a lista antes da reunião. Assim poderemos classificá-las metodicamente, excluir repetições e responder de modo mais satisfatório para todos, refutando, ao mesmo tempo, as objeções à doutrina. (setembro/1862)

**45-** Se, na vida exterior de relação, o Espírito encarnado não se lembra do seu passado, dele se recorda quando desprendido do corpo durante o sono. Não há, pois, solução de continuidade na vida do Espírito que, nos momentos de emancipação, pode lançar um olhar retrospectivo sobre suas existências anteriores e daí trazer uma intuição, que poderá dirigi-lo em estado de vigília. (novembro/1862)

**46-** Para os Espíritos atrasados, incapazes de fazer uma escolha com conhecimento de causa, há encarnações compulsórias. (novembro/1862)

47- Os mundos visível e invisível se interpenetram e se alternam incessantemente, se assim nos podemos exprimir, e se alimentam mutuamente; ou, melhor dizendo, na realidade esses dois mundos não constituem senão um só, em dois estados diferentes. Esta consideração é muito importante para melhor compreender-se a solidariedade que existe entre eles. (dezembro/1862)

48- Sendo a Terra um mundo inferior, isto é, pouco adiantado, resulta que a maioria dos Espíritos que o povoam, quer no estado errante, quer como encarnados, deve compor-se de Espíritos imperfeitos, que fazem mais mal que bem. Daí a predominância do mal na Terra. Ora, sendo a Terra, ao mesmo tempo, um mundo de expiação, é o contato do mal que torna infelizes os homens, pois se todos os homens fossem bons, todos seriam felizes. É um estado a que ainda não alcançou nosso globo, e é para tal estado que Deus quer conduzi-lo. Todas as tribulações que os homens de bem aqui experimentam, tanto da parte dos homens, quanto da dos Espíritos, são consequências deste estado de inferioridade. (dezembro/1862)

49- É preciso, pois, apresentar-se o mundo invisível como formando uma população inumerável, compacta, por assim dizer, que envolve a Terra e se agita no espaço. É uma espécie de atmosfera moral, da qual os Espíritos encarnados ocupam a parte inferior, onde se agitam como num vaso. Ora, do mesmo modo que o ar das partes baixas é pesado e insalubre, esse ar moral é também prejudicial, porque corrompido pelos miasmas dos Espíritos impuros. Para resistir a isso são necessários temperamentos morais dotados de grande vigor. (dezembro/1862)

50- Contrariada em suas inclinações, uma mocinha se casara com um homem a quem não simpatizava. A mágoa que isso gerou levou-a a um distúrbio mental; dominada por uma ideia fixa, perdeu a razão e viram-se obrigados a interná-la. Ela jamais ouvira falar de Espiritismo; se dele se tivesse ocupado, não teria faltado quem dissesse que os Espíritos lhe haviam transtornado a cabeça. O mal provinha, assim, de uma causa moral, accidental e toda pessoal, compreendendo-se que, em tais casos, os remédios normais não poderiam ter nenhuma valia. Como não havia nenhuma obsessão aparente, podia-se duvidar igualmente da eficácia da prece. Um membro da Sociedade Espírita de Paris, amigo da família, julgou dever interrogar um Espírito superior, que respondeu: “A ideia fixa dessa senhora, por sua própria causa, atrai à sua volta uma multidão de Espíritos maus, que a envolvem com seus fluidos e alimentam suas ideias, impedindo cheguem até ela as boas influências. Os Espíritos dessa natureza abundam sempre em meios semelhantes ao em que ela se encontra e, muitas vezes, constituem obstáculo à cura dos doentes. Contudo podereis curá-la; mas, para tanto, é necessário uma força moral capaz de vencer a resistência. E tal força não é dada a um só. Que cinco ou seis espíritas sinceros se reúnam todos os dias, durante alguns instantes e peçam com fervor a Deus e aos Espíritos bons que a assistam; que a vossa prece fervorosa seja, ao mesmo tempo, uma magnetização mental; para tanto, não tendes necessidade de estar junto a ela; ao contrário: pelo pensamento podeis levar-lhe uma salutar corrente fluídica, cuja força estará na razão de vossa intenção, aumentada pelo número. Por tal meio podereis neutralizar o mau fluido que a envolve. Fazei isto; tende fé e confiança em Deus e esperai.” Seis pessoas se dedicaram a essa obra de caridade e, durante um mês, não faltaram sequer um dia à missão que haviam aceitado. Ao cabo de alguns dias a doente estava sensivelmente mais calma; quinze dias mais tarde a melhora era manifesta e hoje esta mulher voltou para sua casa em estado perfeitamente normal, ignorando ainda, como o seu marido, de onde lhe adveio a cura. (janeiro/1863)

51- O Espiritismo nos revela a causa primeira do suicídio, e só ele o poderia fazer. As tribulações da vida são, ao mesmo tempo, expiações de faltas de vidas passadas e provas para o futuro. O próprio Espírito as escolhe, visando ao seu adiantamento; mas pode acontecer que, uma vez na obra, ache muito pesada a carga e recue na sua execução; é, então, que recorre ao suicídio, o que o retarda, ao invés de o fazer avançar.

Acontece ainda que um Espírito se suicidou em precedente encarnação e, como expiação, é-lhe imposto na seguinte lutar contra a tendência do suicídio. Se sair vitorioso, progride; se sucumbir, terá de recomeçar uma vida talvez mais penosa ainda que a precedente e, assim, deverá lutar até que haja triunfado, pois toda recompensa na outra vida é fruto de uma vitória, e quem diz vitória diz luta. O espírita haure, pois, na certeza que ele tem deste estado de coisas, uma força de perseverança que nenhuma outra filosofia lhe poderia dar. (julho/1862)

52- Sinto-me sensibilizado pelo desejo que me testemunharam muitos espíritas de Bordeaux, de me verem ainda este ano entre eles. Se não surgir nenhum obstáculo imprevisto, tenho a intenção de lhes fazer uma pequena visita, ainda que fosse para lhes agradecer a boa acolhida do ano passado. Mas eu vos seria muito reconhecido se lhes comunicásseis que não desejo que haja banquete. Não vou ao vosso meio para receber ovações, mas para dar instruções aos que delas sentem necessidade e com os quais terei o prazer de conversar. Alguns quiseram dar à minha visita o nome de visita pastoral; não desejo que tenha outro caráter. Crede que me sinto mais honrado com uma franca e cordial acolhida, a mais simples possível, do que com uma recepção cerimoniosa que nem convém ao meu caráter, nem aos meus hábitos, nem aos meus princípios. Se entre eles não reinasse a união, não seria um banquete que a produziria: ao contrário. Se ela existe, pode manifestar-se de outro modo, e não por uma festa, em que o amor-próprio pode encontrar guarida, mas que não tocaria um verdadeiro espírita, nem por uma despesa inútil, que seria mais bem empregada para aliviar o infortúnio. Cotizai-vos, pois, em minha intenção, se o quiserdes, e permiti que eu junte o meu óbolo; mas, em vez de desperdiçar o dinheiro, que ele sirva para alimentar aqueles a quem falta o necessário. Então será uma festa do coração, não do estômago. É preferível ser abençoado pelos infelizes a sê-lo pelos cozinheiros. A sinceridade da união traduz-se por atos e, mais ainda, por atos íntimos do que por demonstrações aparatosas. Que, por toda parte, possa eu ver a paz e a concórdia reinarem na grande família; que cada um ponha de lado as vãs susceptibilidades, as rivalidades pueris, filhas do orgulho; que não tenham senão um objetivo: o triunfo e a propagação da doutrina, e que todos concorram com zelo, perseverança e abnegação de todo interesse e de toda vaidade pessoal. Eis o que para mim será uma verdadeira festa, o que me cumularia de satisfação e me permitiria trazer de minha segunda estada em Bordeaux a mais terna e agradável lembrança. (setembro/1862)

53- Fazer Espiritismo experimental sem estudo é fazer manipulações químicas sem saber química. (janeiro/1863)

54- Sabe-se que os Espíritos inferiores ainda se acham sob a influência da matéria e que entre eles se encontram todos os vícios e todas as paixões da Humanidade, paixões que eles carregam ao deixar a Terra e trazem de volta quando reencarnam, caso não se tenham emendado, o que produz os homens perversos. Prova a experiência que alguns são sensuais em diversos graus, obscenos, lascivos, sentem prazer nos lugares desprezíveis, impelem e excitam à orgia e ao deboche, a cuja vista se deleitam. Perguntaremos a que categoria de Espíritos poderiam pertencer, depois da morte, seres como Tibério, Nero, Cláudio, Messalina, Calígula, Heliogábulo, etc. (fevereiro/1863)

55- O que muitas vezes impede que vos corrija de um defeito, de um vício, é, certamente, o fato de não perceberdes que o tendes. Enquanto vedes os menores defeitos do vizinho, do irmão, nem sequer suspeitais que tendes as mesmas faltas, talvez cem vezes maiores que as deles. Isto é consequência do orgulho, que vos leva, como a todos os seres imperfeitos, a não achar nada de bom senão em vós. Deveríeis analisar-vos um pouco como se não fôsseis vós mesmos. Imaginai, por exemplo, que aquilo que fizestes ao vosso irmão, foi vosso irmão que vos fez. Colocai-vos em seu lugar: que faríeis? Respondei sem segundas intenções, pois acredito que desejais a verdade. Fazendo isto, estou certo de que muitas vezes encontrareis defeitos vossos

que antes não havíeis notado. Sede francos convosco mesmos; travai conhecimento com o vosso caráter, mas não o estragueis, porque as crianças mimadas muitas vezes se tornam más e aqueles que as mimam em excesso são os primeiros a sentir os efeitos. Voltai um pouco o alforje onde são colocados os vossos e os defeitos alheios. Ponde os vossos à frente e os dos outros para trás e tende cuidado para não baixar a cabeça quando tiverdes vossa carga à frente.

*Mensagem do Espírito La Fontaine* (junho/1863)

56- Ultimamente alguém nos disse que há muito tinha o maior desejo de assistir a algumas sessões da Sociedade, mas tinha sido impedido porque lhe haviam afirmado que devia pagar dez francos. Grande foi sua surpresa e, podemos dizer, também sua alegria, quando lhe dissemos que tal boato era fruto da malevolência; que desde que a Sociedade existe, jamais um ouvinte pagou um centavo; que não é imposta nenhuma obrigação pecuniária, sob qualquer forma e a qualquer título, nem como assinatura da Revista Espírita, nem como compra de livros; que nenhum de nossos médiuns é retribuído e todos, sem exceção, dão seu concurso por puro devotamento à causa; que os membros titulares e associados são os únicos a participar nas despesas materiais; que os membros correspondentes e honorários não suportam nenhum encargo, limitando-se a Sociedade a prover as despesas correntes, tanto quanto possível restritas, e não acumulando dinheiro; que o Espiritismo é uma coisa inteiramente moral, que não pode, como todas as coisas santas, ser objeto de exploração, que sempre repudiamos verbalmente e por escrito; que, assim, só uma insigne malevolência é capaz de emprestar semelhantes ideias à Sociedade. (julho/1863)

57- O sacrifício da carne foi severamente condenado pelos grandes filósofos da antiguidade. O Espírito elevado revolta-se à ideia do sangue e, sobretudo, à ideia de que o sangue é agradável à Divindade. E notai bem que aqui não se trata absolutamente de sacrifícios humanos, mas tão-só de animais oferecidos em holocausto. Quando o Cristo veio anunciar a Boa Nova, não ordenou o sacrifício do sangue: ocupou-se unicamente do Espírito. Os grandes sábios da antiguidade igualmente tinham horror a estas espécies de sacrifícios e eles próprios só se alimentavam de frutos e raízes. Na Terra os encarnados têm uma missão a cumprir; têm um Espírito, que deve ser nutrido pelo Espírito, e um corpo, que deve ser alimentado pela matéria; mas a natureza da matéria influi sobre a espessura do corpo e, em consequência, sobre as manifestações do Espírito, o que é facilmente compreensível. Os temperamentos bastante fortes para viver como os anacoretas fazem bem, porque o esquecimento da carne leva mais facilmente à meditação e à prece. Mas para viver assim, em geral seria necessária uma natureza mais espiritualizada que a vossa, o que é impossível com as condições terrestres. E como, antes de tudo, a Natureza jamais age com disparate, é impossível ao homem submeter-se impunemente a essas privações. Pode ser-se bom cristão e bom espírita e comer a seu gosto, contanto que seja razoável. É uma questão um tanto leviana para os nossos estudos, mas não menos útil e proveitosa.

*Mensagem do Espírito Lamennais* (dezembro/1863)

58- Em Lyon acaba de formar-se um novo grupo em condições especiais, que merecem ser assinaladas, como encorajamento e bom exemplo. Esta reunião tem duplo objetivo: a instrução e a beneficência. No que tange à instrução, ele se propõe dedicar uma parte menor que a geralmente dedicada às comunicações mediúnicas e, em contrapartida, consagrar uma maior às instruções orais, com vistas a desenvolver e explicar os princípios do Espiritismo. No que respeita à beneficência, a nova sociedade se propõe vir em auxílio das pessoas necessitadas, por meio de donativos de objetos comuns, tais como roupa branca, vestuários, etc. Além do que puder recolher, as senhoras que dela fazem parte dão sua quota de trabalho pessoal na confecção de roupas e em visitas aos pobres doentes. (janeiro/1864)

59- E em Espiritismo, quando se fala de caridade, sabe-se que não se trata apenas daquela que dá, mas, também e sobretudo, da que esquece e perdoa, que é benevolente e indulgente, que repudia todo sentimento de ciúme e de rancor. Toda reunião espírita que não se fundasse sobre o princípio da verdadeira caridade, seria mais prejudicial que útil à causa, porque tenderá a dividir, em vez de unir; aliás, traria em si mesma o seu elemento destruidor. Assim, nossas simpatias pessoais serão sempre conquistadas por todas que provarem, por seus atos, o Espírito bom que as anima, porque os Espíritos bons não podem inspirar senão o bem. (janeiro/1864)

60- Nas comunicações ostensivas por via mediúmica não deve mais o homem renunciar ao livre-arbítrio; seria erro regular cegamente e sem exame todos os seus passos e atitudes pelo conselho dos Espíritos, porque existem os que ainda podem ter ideias e preconceitos da vida. Só os Espíritos superiores disso estão isentos. Os Espíritos dão seu conselho, sua opinião; em caso de dúvida, pode-se discutir com eles como se fazia quando eram vivos; então se pode avaliar a força de seus argumentos. Os Espíritos verdadeiramente bons jamais se recusam a isso; os que repelem qualquer exame, que exigem submissão absoluta, provam que contam pouco com a excelência de suas razões para convencer e devem ser tidos por suspeitos. (janeiro/1864)

61- A Sociedade de Paris não pode assumir a responsabilidade dos abusos que, por ignorância ou por outras causas, possam fazer do Espiritismo; ela não pretende, de forma alguma, cobrir com o seu manto os que os cometem; não pode nem deve tomar-lhes a defesa perante a autoridade, em caso de perseguição, porque seria aceitar o que a doutrina desaprova. Quando a crítica se dirige a tais abusos, nada temos a refutar, mas apenas respondemos: “Se vos désseis ao trabalho de estudar o Espiritismo, saberíeis o que ele diz e não o acusaríeis daquilo que ele condena.” Assim, cabe aos espíritas sinceros evitar cuidadosamente tudo quanto possa dar lugar a uma crítica fundada; e certamente o conseguirão, se se aterem aos preceitos da doutrina. Não é porque uma reunião se intitula grupo, círculo ou sociedade espírita que, necessariamente deve ter a nossa simpatia; a etiqueta jamais foi garantia absoluta da qualidade da mercadoria. Mas, segundo a máxima: “Conhece-se a árvore pelo seu fruto”, nós a apreciamos em razão dos sentimentos que a animam, do móvel que a dirige, e a julgamos por suas obras. (maio/1864)

62- Seja como for, a estatística exata dos espíritas é uma coisa impossível, tendo em vista o número imenso de pessoas simpáticas à ideia e que não têm qualquer motivo para se porem em evidência, já que os espíritas não estão arregimentados como numa confraria. Grande seria o equívoco de quem tomasse por base o número de grupos oficialmente conhecidos, considerando-se que nem um milésimo dos adeptos os frequentam. Conhecemos algumas cidades onde não há nenhuma sociedade regular e nas quais há mais espíritas que em outras, que contam diversas. Aliás, já dissemos que as sociedades não são uma condição necessária à existência do Espiritismo; algumas se formam hoje e encerram suas atividades amanhã, sem que sua marcha seja entravada no que quer que seja. O Espiritismo é uma questão de fé e de crença, e não de associação. Quem quer que partilhe de nossas convicções a respeito da existência e da manifestação dos Espíritos e das consequências morais daí decorrentes, é espírita de fato, sem que haja necessidade de estar inscrito num registro ou matrícula, ou de receber um diploma. Basta uma simples conversa para dar a conhecer os que são simpáticos à ideia ou a repelem, e por aí se julga se ela ganha ou perde terreno. (julho/1864)

63- A religião, ou melhor, todas as religiões sofrem, mau grado seu, a influência do movimento progressivo das ideias. Uma necessidade fatal as obriga a se manterem no nível do movimento ascensional, sob pena de soçobram. Assim, todas têm sido forçadas, de tempos em tempos, a fazer concessões à Ciência, a minimizar o sentido literal de certas crenças ante a evidência dos fatos. A que repudiasse as descobertas da Ciência e suas consequências, do ponto de vista religioso, mais cedo ou mais tarde perderia a sua autoridade e o seu crédito e aumentaria o número dos incrédulos. Se uma religião qualquer pode ser comprometida pela

Ciência, a culpa não é da Ciência, mas da religião fundada sobre dogmas absolutos, em contradição com as leis da Natureza, que são leis divinas. Repudiar a Ciência é, pois, repudiar as leis da Natureza e, por isto mesmo, renegar a obra de Deus; fazê-lo em nome da religião seria pôr Deus em contradição consigo mesmo e fazê-lo dizer: “Estabeleci leis para reger o mundo; mas não acrediteis nessas leis”. O homem não tem sido capaz, nas diferentes épocas, de conhecer todas as leis da Natureza. A descoberta sucessiva dessas leis constitui o progresso; daí, para as religiões, a necessidade de pôr suas crenças e seus dogmas em harmonia com o progresso, sob pena de receberem o desmentido dos fatos constatados pela Ciência. Só com esta condição uma religião é invulnerável. Em nossa opinião, a religião deveria fazer mais do que se pôr a reboque do progresso, que apenas acompanha constringida e forçada; deveria ser uma sentinela avançada, porque é honrar a Deus proclamar a grandeza e a sabedoria de suas leis. A contradição que existe entre certas crenças religiosas e as leis naturais fez a maioria dos incrédulos, cujo número aumenta à medida que se populariza o conhecimento dessas leis. Se fosse impossível o acordo entre a Ciência e a religião, não haveria religião possível. (julho/1864)

64- Constatamos com satisfação que a ideia espírita faz sensíveis progressos no Rio de Janeiro, onde conta expressivo número de representantes, fervorosos e devotados. A pequena brochura *O Espiritismo na sua expressão mais simples*, publicada em português, muito contribuiu para ali espalhar os verdadeiros princípios da doutrina. (julho/1864)

65- Aos que nos pedem uma linha de conduta a seguir no que concerne às preces cotidianas, aconselhamos cada um a fazer sua própria coletânea, apropriada às circunstâncias em que se encontram, para si, para outrem ou para os que deixaram a Terra; de desenvolvê-las ou restringi-las, conforme a oportunidade. Uma vez por semana, por exemplo, no domingo, pode-se consagrar a elas um tempo mais longo e dizer todas, seja em particular, seja em comum, se houver lugar, acrescentando algumas passagens da Imitação do Evangelho e a de algumas boas instruções, ditadas pelos Espíritos. Isto se dirige mais especialmente às pessoas repelidas pela Igreja por causa do Espiritismo, as quais se sentem, por isto mesmo, mais necessitadas de se unirem a Deus pelo pensamento. (agosto/1864)

66- Mais cedo ou mais tarde os serviços prestados serão recompensados, se não pelo favorecido, por aqueles que por ele se interessam, antes e depois de sua morte. Quando o Espírito não teve tempo de se reconhecer, outros Espíritos simpáticos, em seu nome, testemunham todo o seu reconhecimento. (agosto/1864)

67- Durante muito tempo batalhamos quase sozinhos para sustentar a luta tramada contra o Espiritismo. Eis, porém, que surgiram campeões de diversos lados e entraram corajosamente na liça, como para dar um desmentido aos que pretendem que o Espiritismo se vai. Temos a satisfação de dizer que todos empunham bravamente a bandeira, e provaram aos nossos adversários que achariam com quem contar. Se fazemos justos elogios à firmeza de que esses jornais deram prova, por suas refutações cheias de lógica, devemos, sobretudo, elogiá-los por não se terem afastado da moderação, que é o caráter essencial do Espiritismo e, ao mesmo tempo, a prova de sua verdadeira força; por não terem seguido os nossos antagonistas no terreno do personalismo e da injúria, sinal incontestável de fraqueza, porquanto não se chega a tal extremo senão quando se está necessitado de boas razões. Aquele que está de posse de argumentos sérios os faz valer; não os substitui ou se guarda de os enfraquecer por uma linguagem indigna de uma boa causa. (agosto/1864)

68- Os exemplos de transmissão do pensamento são muito frequentes. Quantos fenômenos assim se passam diariamente aos nossos olhos, que são como os fios condutores da vida espiritual, e aos quais, no entanto, a Ciência não se digna conceder a menor atenção! Por certo, nem todos os que os repelem são materialistas;



muitos admitem uma vida espiritual, mas sem relações diretas com a vida orgânica. No dia em que essas relações forem reconhecidas como lei fisiológica, ver-se-á realizar-se um imenso progresso, porquanto só então a Ciência terá a chave de uma porção de efeitos aparentemente misteriosos, que prefere negar, por não os poder explicar à sua maneira e com os seus meios, limitados às leis da matéria bruta. (outubro/1864)

69- Certos médiuns exploradores julgam salvar as aparências fazendo-se pagar apenas pelos ricos, ou só aceitando uma contribuição voluntária. Em primeiro lugar, isto não deixa de ser um ofício, a exploração de uma coisa santa, e um lucro tirado do que se recebe gratuitamente. Quando Jesus e seus apóstolos ensinavam e curavam, não mercadejavam suas palavras, nem os seus cuidados, embora não tivessem renda para viver. (dezembro/1864)

70- A reencarnação é necessária enquanto a matéria domina o Espírito. Mas, do momento em que o Espírito encarnado chega a dominar a matéria e anular os efeitos de sua reação sobre o moral, a reencarnação não tem mais nenhuma utilidade nem razão de ser. Com efeito, o corpo é necessário ao Espírito para o trabalho progressivo até que tendo chegado a manejar este instrumento à vontade, a lhe imprimir a sua vontade, o trabalho esteja realizado. Então lhe é necessário outro campo para a sua marcha, para o seu adiantamento para o infinito; é-lhe necessário um outro círculo de estudos, onde a matéria grosseira das esferas inferiores seja desconhecida. Tendo depurado e experimentado suas sensações na Terra, ou em globos análogos, está maduro para a vida espiritual e seus estudos. Tendo-se elevado acima das sensações corporais, não mais tem nenhum desses desejos ou necessidade inerentes à corporeidade: é Espírito e vive pelas sensações espirituais, que são infinitamente mais deliciosas do que as mais agradáveis sensações corporais. (fevereiro/1864)

71- A intervenção dos homens muitas vezes é requerida para a melhora e alívio dos Espíritos sofredores, sobretudo nos casos de obsessão. Certamente a dos bons Espíritos lhes poderia bastar, mas a caridade dos homens para com seus irmãos da erraticidade é para eles próprios um meio de avanço que Deus lhes reservou. (janeiro/1865)

72- A experiência prova que as palavras duras e malévolas são um meio impróprio para se desembaraçar dos maus Espíritos, elas os irritam, o que os levam a maior encarnização. (janeiro/1865)

73- Longe de serem a parte essencial do Espiritismo, os fenômenos não passam de um acessório, um meio suscitado por Deus para vencer a incredulidade, que invade a sociedade; ele está, sobretudo, na aplicação de seus princípios morais. É nisto que se reconhecem os espíritas sinceros. Os exemplos de reforma moral provocada pelo Espiritismo já são bastante numerosos para que se possa julgar dos resultados que produzirá com o tempo. É preciso que sua força moralizadora seja bem grande para triunfar sobre os hábitos inveterados pela idade, e da leviandade da juventude. (março/1865)

74- Se nem sempre o Espiritismo triunfa sobre os maus arrastamentos de maneira completa, um resultado parcial não deixa de ser um progresso, que deve ser levado em conta; e como cada um de nós tem seu lado fraco, isto nos deve tornar indulgentes. O tempo e as novas existências acabarão o que está começado; felizes os que se poupem novas provas! (março/1865)

75- As ideias puras que, por assim dizer, flutuam no espaço (segundo a ideia platônica), levadas pelos Espíritos, nem sempre podem alojar-se sozinhas e isoladas no cérebro dos vossos médiuns. Muitas vezes encontram o lugar ocupado por ideias preconcebidas, que se espalham com o jacto da inspiração,



perturbando-o e transformando-o de maneira inconsciente, é verdade, mas algumas vezes de maneira bastante profunda para que a ideia espiritual se ache, assim, inteiramente desnaturada.

*Pascal* (maio/1865)

76-Guardai-vos dessas ideias preconcebidas de vingança celeste, detritos perdidos de um erro antigo. Guardai-vos dessas tendências fatalistas, cuja porta está aberta para vossas doutrinas novas e que vos conduziriam diretamente ao quietismo oriental. A parte de liberdade do homem já não é bastante grande para diminuí-la ainda mais por crenças errôneas; quanto mais sentirdes vossa liberdade, sem dúvida maior será a vossa responsabilidade e tanto mais os esforços de vossa vontade vos conduzirão adiante, na senda do progresso. *Espírito Pascal* (maio/1865)

77- O mundo dos Espíritos não é um reflexo do vosso; o vosso é que é uma imagem grosseira e muito imperfeita do reino de além-túmulo. *Espírito Mesmer* (maio/1865)

78- O Espiritismo, que é o cristianismo apropriado ao desenvolvimento da inteligência e desprendido dos abusos, crescerá do mesmo modo sob a perseguição, porque também ele é uma verdade. (maio/1865)

79- Não esqueçamos que o Espiritismo não está acabado; ainda não fez senão plantar balizas; mas para avançar com segurança deve fazê-lo gradualmente, à medida que o terreno estiver preparado para o receber, e bastante consolidado para nele pôr o pé com segurança. Os impacientes que não sabem esperar o momento propício comprometem a colheita como comprometem a sorte das batalhas. (maio/1865)

80- Para propagar a crença no Espiritismo temos meios mais eficazes e, sobretudo, mais morais: é o bem que ele faz, as consolações que proporciona e a coragem que dá nas aflições. Assim, diríamos a todos os que sabem do progresso da doutrina: quereis servir utilmente à causa, fazer uma propaganda verdadeiramente frutífera, mostrai que o Espiritismo vos tornou melhores. (julho/1865)

81-Voltando à questão da obscuridade, sabe-se que em química há combinações que não podem operar-se à luz; que ocorrem composições e decomposições sob a ação do fluido luminoso. Ora, sendo todos os fenômenos espíritos, como dissemos, o resultado de combinações fluídicas, e sendo esses fluidos matéria, nada haveria de admirar que, em certos casos, o fluido luminoso fosse contrário a essa combinação. (outubro/1865)

82- Se há um mistério insondável para o homem, é o princípio e o fim de todas as coisas. A visão do infinito lhe dá vertigem. Para compreendê-lo são necessários conhecimentos e um desenvolvimento intelectual e moral que ainda está longe de possuir, malgrado o orgulho que o leva julgar-se chegado ao topo da escala humana. Em relação a certas ideias, está na posição de uma criança que quisesse fazer cálculo diferencial e integral antes de saber as quatro operações. À medida que avançar para a perfeição, seus olhos se abrirão à luz e o nevoeiro que os cobre se dissipará. Trabalhando seu melhoramento presente, chegará mais cedo do que se perdendo em conjecturas. (agosto/1866)

83- Não é o Espiritismo que cria a renovação social, é a maturidade da Humanidade que faz desta renovação uma necessidade. Por seu poder moralizador, por suas tendências progressivas, pela amplidão de suas vistas, pela generalidade das questões que abrange, o Espiritismo é, mais que qualquer outra doutrina, apto a secundar o movimento regenerador, razão por que é seu contemporâneo. Veio no momento em que podia ser

útil, porque também para ele os tempos são chegados; mais cedo, teria encontrado obstáculos intransponíveis; inevitavelmente teria sucumbido, porque os homens, satisfeitos com o que tinham, ainda não sentiam a necessidade do que ele traz. Hoje, nascido com o movimento das ideias que fermentam, encontra o terreno preparado para recebê-lo. Cansados da dúvida e da incerteza, apavorados com o abismo que se abre diante deles, os espíritos o acolhem como uma tábua de salvação e uma suprema consolação. (outubro/1866)

84- Vários jornais falaram de uma jovem dotada da singular faculdade de atrair a si os móveis e outros objetos colocados num certo raio e erguer, pelo simples contato, uma cadeira sobre a qual estivesse sentada uma pessoa. É verdade que nada atesta de maneira ostensiva a intervenção dos Espíritos nesta circunstância, porque não há efeitos inteligentes, a não ser a impotência da moça em agir à sua vontade. A faculdade, como em todos os efeitos mediúnicos, é inerente a ela; o exercício da faculdade pode depender de uma vontade estranha. Mas, mesmo admitindo que os Espíritos nada tenham a ver com isto, não deixa de ser um fenômeno destinado a chamar a atenção para as forças fluídicas que regem o nosso organismo, e que tanta gente se obstina em negar. Se essa força aqui fosse puramente elétrica, denotaria, não obstante, uma importante modificação na eletricidade, já que age sobre a madeira, com exclusão dos metais. Só isto valeria bem a pena de ser estudado. (dezembro/1866)

85- Os médiuns curadores podem ter especialidades: este curará as dores ou endireitará um membro, mas não dará a vista a um cego, e reciprocamente. Só a experiência pode dar a conhecer a especialidade e a extensão da aptidão; mas, em princípio, pode dizer-se que não há médiuns curadores universais. (novembro/1866)

86- Uma senhora do nosso conhecimento pessoal tinha sido educada num pensionato de Ruão. Quando as alunas saíam para ir à igreja ou para passear, essa senhora era tomada, num certo ponto da rua, por uma comoção e por uma apreensão extraordinárias; parecia-lhe que ia ser precipitada num abismo. Isto se repetia cada vez que passava por aquele lugar e por todo o tempo em que esteve naquele pensionato. Havia deixado Ruão há mais de vinte anos, mas, tendo ali retornado há poucos anos, teve a curiosidade de ir rever a casa que tinha habitado; ao passar pela mesma rua experimentou a mesma sensação. Mais tarde, tendo-se tornado espírita, o fato lhe voltou à memória, pediu a sua explicação e lhe foi respondido que, outrora, naquele lugar, havia muralhas com fossos profundos, cheios de água; que ela fazia parte de um grupo de senhoras que concorreram para a defesa da cidade contra os ingleses e que todas tinham sido precipitadas nos fossos e ali perecido. Assim, depois de séculos, a terrível impressão dessa catástrofe ainda não se havia apagado de seu Espírito. Se ela não tinha mais o mesmo corpo carnal, tinha sempre o mesmo corpo fluídico ou perispiritual, que havia recebido a primeira impressão e reagia sobre seu corpo atual. Quanta coisa nos explica o grande princípio da perpetuidade do Espírito e do laço que une o Espírito à matéria! (setembro/1866)

87- Há doenças fundamentalmente incuráveis, e seria ilusão crer que a mediunidade curadora vá livrar a humanidade de todas as suas enfermidades. (novembro/1866)

88- Dá-se com o mundo espiritual o que sucede com o mundo corporal: para apreciar as coisas de uma ordem elevada, é necessário um desenvolvimento intelectual e moral que não é peculiar senão aos Espíritos adiantados; os Espíritos atrasados são estranhos ao que se passa nas altas esferas espirituais, como o eram na Terra naquilo que constitui a admiração dos homens esclarecidos, porque não o podem compreender. Como seu pensamento circunscrito num horizonte limitado não pode abarcar o infinito, não podem ter os prazeres que resultam do alargamento da esfera de atividade espiritual. A soma de felicidade, no mundo dos



Espíritos, aí está, pois, pela força das coisas, em razão do desenvolvimento do senso moral, de onde resulta que, trabalhando na Terra por nosso melhoramento e nossa instrução, aumentamos as fontes de felicidade para a vida futura. Para o materialista, o trabalho só tem um resultado limitado à vida presente, que pode acabar de um instante para outro; o espírita, ao contrário, sabe que nada do que adquire, mesmo à última hora, é uma pura perda, e que todo progresso realizado lhe será proveitoso. (maio/1867)

89- A obsessão se encontra também de encarnado para encarnado, e se tem visto magnetizadores aproveitando o domínio que exerciam, para levar seus sonâmbulos a cometer ações censuráveis.  
*Espírito E. Quinemant* (junho/1867)

90- Sem dúvida crer é alguma coisa, porque já é um pé colocado no bom caminho; mas a crença sem a prática é letra morta. Ora, sentimo-nos felizes em dizer que, em nossa breve excursão, entre numerosos exemplos de efeitos moralizadores da doutrina, encontramos bom número desses espíritos de coração, que poderíamos dizer completos, se fosse dado ao homem ser completo no que quer que fosse, e que podem ser olhados como os tipos da geração futura transformada; há-os de ambos os sexos, de todas as idades e condições, desde a juventude até o limite extremo da idade, que desde esta vida realizam as promessas que nos são feitas para o futuro. São fáceis de reconhecer; há em todo o seu ser um reflexo de franqueza e de sinceridade, que impõe a confiança; desde logo se sente que não há nenhuma segunda intenção dissimulada sob palavras douradas ou cumprimentos hipócritas. Em torno deles, e mesmo na mediocridade, sabem fazer reinar a calma e o contentamento. Nesses interiores abençoados respira-se uma atmosfera serena que se reconcilia com a Humanidade, e se compreende o reino de Deus sobre a Terra. Bem-aventurados os que sabem gozá-lo por antecipação! Em nossas excursões espíritas é menos o número dos crentes que computamos, e o que mais nos satisfaz é o desses adeptos que são a honra da doutrina e, ao mesmo tempo, os seus mais firmes sustentáculos, porque a fazem estimada e respeitada neles. (julho/1867)

91- Creio que o Espírito do homem, antes de encarnar na humanidade, sobe todos os degraus da escala e passa pelo mineral, a planta e o animal e na parte dos tipos de cada espécie, onde preludia para seu completo desenvolvimento como ser humano. *Dr Grégory, em carta a Kardec* (junho/1867)

92- As pessoas não diplomadas que tratam os doentes pelo magnetismo; pela água magnetizada, que não é senão uma dissolução do fluido magnético; pela imposição das mãos, que é uma magnetização instantânea e poderosa; pela prece, que é uma magnetização mental; com o concurso dos Espíritos, o que é ainda uma variedade de magnetização, são passíveis da lei contra o exercício ilegal da Medicina?  
Os termos da lei certamente são muito elásticos, porque ela não especifica os meios. Rigorosamente e logicamente não se pode considerar como exercendo a arte de curar, senão os que dela fazem profissão, isto é, que dela tiram proveito. (julho/1867)

93- É sobretudo o século vinte que verá florescerem os grandes apóstolos do Espiritismo, e que poderá ser chamado o século dos messias. Então a antiga geração terá desaparecido e a nova estará em toda a sua pujança; a Humanidade, livre de suas convulsões e formada de elementos novos ou regenerados, entrará definitivamente e pacificamente na fase do progresso moral, que deve elevar a Terra na hierarquia dos mundos. (março/1868)

94- Em que se tornam os habitantes de um mundo destruído? Fazem o que fazem os habitantes de uma casa em demolição: vão se estabelecer alhures, em melhores condições. Para eles os globos não passam de estações temporárias; mas é provável que quando um globo tiver chegado ao seu período de dissolução, há

muito tempo tenha deixado de ser habitado, porque, então, já não pode fornecer os elementos necessários à manutenção da vida. Tudo é problema insolúvel na Natureza, desde que se faça abstração do elemento espiritual; tudo se explica, ao contrário, claramente e logicamente, desde que se leve em conta este elemento. É de notar que, conforme a ordem de ideias expressas na comunicação acima, o fim de um mundo coincidiria com a maior soma de progresso de seus habitantes, compatível com a natureza desse mundo, em vez de ser o sinal de uma reprovação que votaria a maior parte deles à danação eterna. (setembro/1868)

95- Um fato não menos patente que o de que acabamos de falar é que o desenvolvimento orgânico está sempre em relação com o desenvolvimento do princípio inteligente. O organismo se completa à medida que se multiplicam as faculdades da alma. A escala orgânica segue constantemente, em todos os seres, a progressão da inteligência, desde o pólipó até o homem, e não poderia ser de outro modo, desde que à alma é necessário um instrumento apropriado à importância das funções que deve desempenhar. (setembro/1868)

96- Aos que perguntaram por que vendíamos nossos livros, em vez de os doar, respondemos que o faríamos, se tivéssemos encontrado impressor que no-los imprimisse a troco de nada, negociante que nos fornecesse papel grátis, livreiros que não exigissem nenhuma comissão para se encarregarem de distribuí-los, uma administração dos correios que os transportasse por filantropia, etc. Enquanto esperamos, e como não temos milhões para subvencionar esses encargos, somos obrigados a lhes dar um preço. (dezembro/1868)

97- Significa dizer que o devotamento consiste em tomar o bastão de viagem para ir pregar pelo mundo a toda a gente? Não, certamente; em qualquer lugar onde se esteja pode-se ser útil. O verdadeiro devotamento consiste em saber tirar o melhor partido de sua posição, pondo ao serviço da causa, o mais utilmente possível e com discernimento, as forças físicas e morais que a Providência distribuiu a cada um. (março/1869)